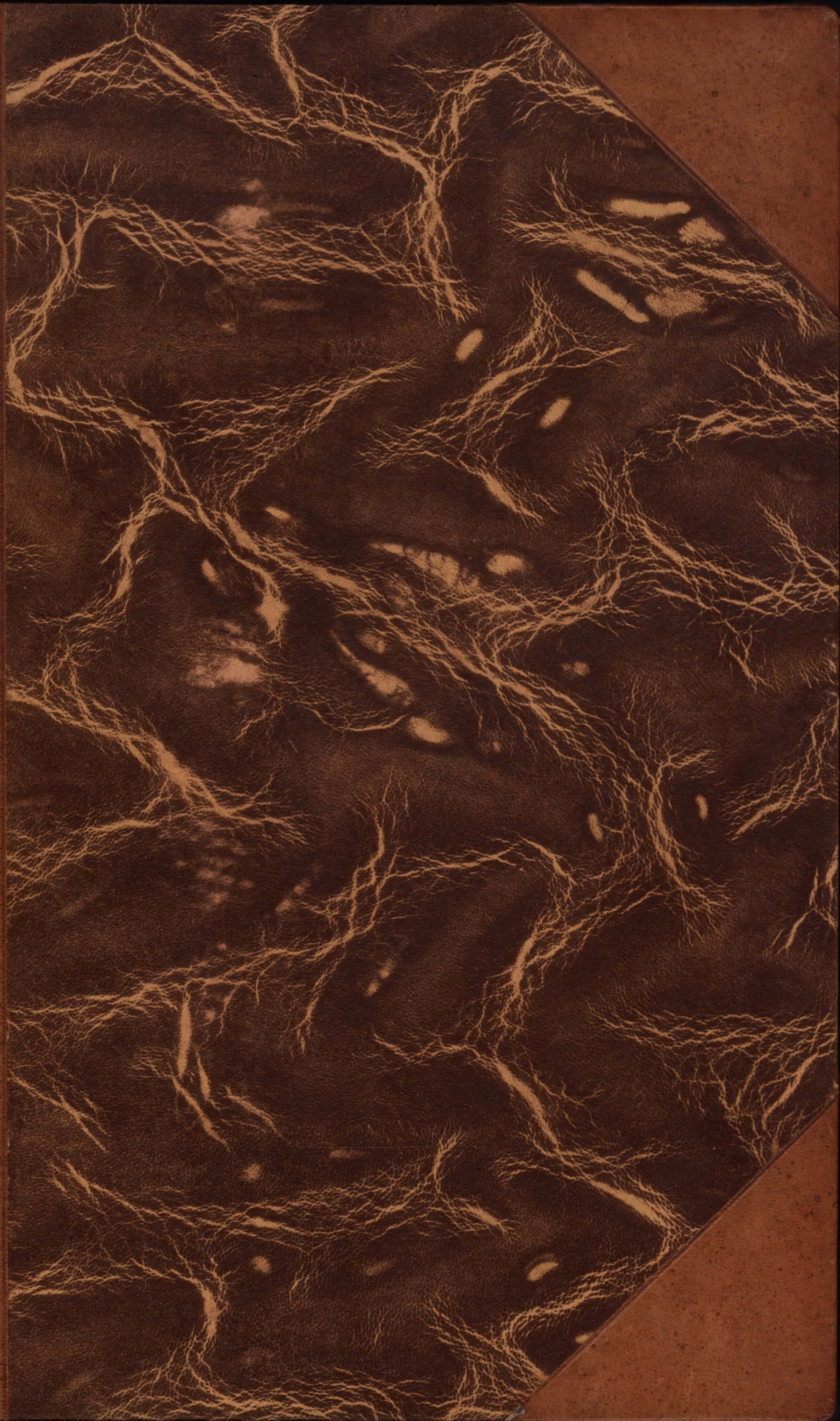
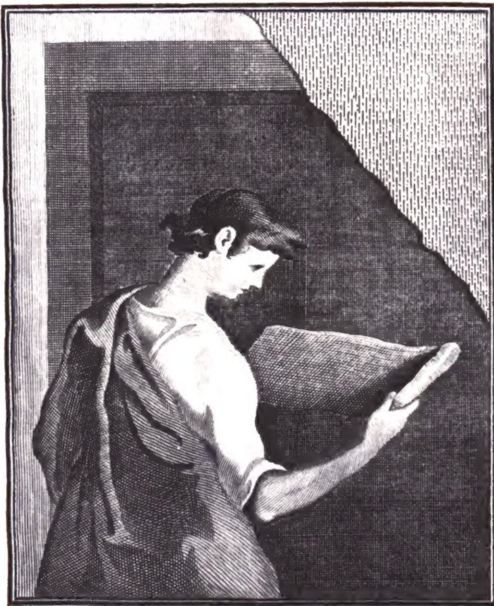
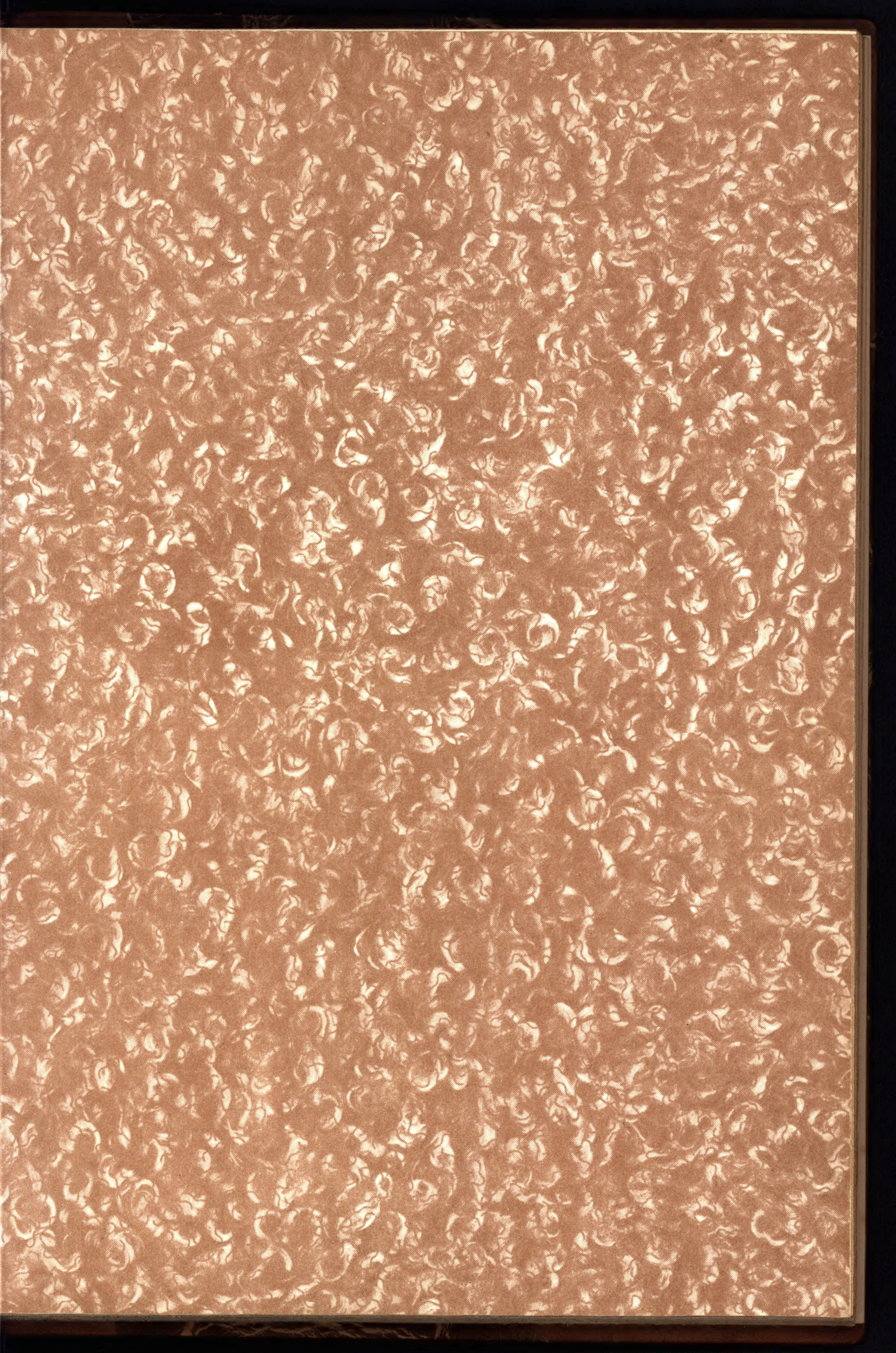






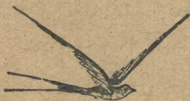
Anno II — N.º 1 Volume II

SERPA, Janeiro de 1900

A TRADIÇÃO

Revista mensal d'ethnographia portugueza, illustrada

«A TRADIÇÃO, de Serpa, pelo programma que se impoz e pela discreta diligencia com que procura desempenhar esse programma, representa, a meu vêr, o mais bello exemplo patrio de educação publica exercida pela imprensa.»



DIRECTORES:

Ladislau Piçarra
e M. Dias Nunes

Collaborador musical

F. VILLAS-BOAS

Collaborador artistico

M. BAPTISTA SALTA

CLICHÉS DE:

A. de Mello Breyner, F. Monteiro, F. Villas-Boas, J. Monteiro e J. V. Pessoa

SUMMARIO:

TEXTO

ILLUSTRAÇÕES

PREÇO DA ASSIGNATURA:

(Pagamento adeantado)

Em Portugal (continente), série de 12 numeros
1$200 réis

Para o ultramar e estrangeiro accresce o porte do correio

Numero avulso
100 réis

Toda a correspondencia deve ser dirigida á redacção e administração de

"A TRADIÇÃO"
Serpa (Portugal)

Venda avulso d'esta revista.
LISBOA, Galeria Monaco, Rocio.
PORTO, Livraria Moreira, Praça de D. Pedro, 42 e 44.
COIMBRA, Livraria França Amado.

AOS SENHORES ASSIGNANTES D'«A TRADIÇÃO»

A revista *A Tradição*, que projectavamos e annunciámos ao publico em fins de 98, por 600 réis o anno ou série de 12 numeros, era uma publicação in-8.º, impressa no papel commum de jornaes, e sem illustrações. Depois, á ultima hora, e verdadeiramente «por amor da arte», resolvémos apresentar a revista em maior formato, in-4.º, impressa em bom papel e adornada de estampas e trechos musicaes — tal como sahiu.

Claro está que as despezas augmentaram de modo consideravel; elevaram-se, mesmo, a uma cifra muito superior ao dobro da que haviamos calculado primitivamente.

Como, porém, antes ainda do 1.º numero vir a lume, nos tivessem enviado a importancia de bastas assignaturas, á razão de 600 réis, dominou-nos o escrupulo de augmentar o preço annunciado — embora esse augmento fosse bem justificado, e não obstante a certeza adquirida, do enorme prejuizo que a publicação devia dar, e realmente deu, no anno proximo passado.

«A Empreza da *Tradição*» não é uma empreza commercial, isto é, não aspira a proventos; mas o que não póde é continuar a perder grandes quantias. E por isso se vê obrigada a alterar o preço da revista, a qual, d'or'ávante, passa a custar 1$200 réis por anno ou série de 12 numeros. Só assim lograremos custear — e muito á justa, rez-vez — as despezas materiaes da publicação.

Escrevêmos propositadamente «despezas materiaes», porque nenhum dos collaboradores do nosso humilde mensario percebe a minima remuneração: todos aqui trabalham exclusivamente por amor da Patria e por amor da Sciencia.

De resto, o preço agora estabelecido é ainda, sem contestação, um preço barato, vistos os melhoramentos que a *Tradição* apresenta.

Concluindo, cumprimos o grato dever de testemunhar o nosso reconhecimento aos senhores assignantes, pelo valioso auxilio que se dignam prestar a esta revista essencialmente portugueza e fundamentalmente patriotica.

A Empreza d'A TRADIÇÃO.

A TRADIÇÃO

A TRADIÇÃO

Revista mensal d'ethnographia portugueza, illustrada

Directores: LADISLAU PIÇARRA e M. DIAS NUNES



«A TRADIÇÃO, de Serpa, pelo programma que se impoz e pela discreta diligencia com que procura desempenhar esse programma, representa a meu ver, o mais bello exemplo patriotico de educação publica exercida pela imprensa.»

Ramalho Ortigão.



Segundo anno

1900

COLLABORADO POR:

Alberto Pimentel, filho (Dr.), Alfredo de Pratt, Alvares Pinto, Antonio Alexandrino,
A. de Mello Breyner, Arronches Junqueiro,
Athaide d'Oliveira (Dr.),
Conde de Ficalho, Dias Nunes, Fazenda Junior,
Gonçalves Pereira, João Varella (Dr.),
Ladislau Piçarra (Dr.), D. Margarida de Sequeira, Pedro A. d'Azevedo, Pedro Cóvas, R.,
Souza Viterbo (Dr.),
Thomas, Thomaz Pires, Trindade Coelho, (Dr.)

Collaboração artistica de M. Baptista Salta
Collaboração musical de F. Villas-Boas e G. Valladas
Clichés de A. de Mello Breyner, F. Monteiro, F. Villas-Boas,
J. Monteiro e J. V. Pessoa



LISBOA
Typ. Adolpho de Mendonça
46, R. do Corpo Santo, 48
1900

Anno II — N.º 1 SERPA, Janeiro de 1900 **Volume II**

Editor-administrador, *José Jeronymo da Costa Bravo de Negreiros*, Rua Larga, 2 e 4 — SERPA
Typ. de *Adolpho de Mendonça & Duarte*, Rua do Corpo Santo, 46 e 48 — LISBOA

A TRADIÇÃO

Revista mensal d'Ethnographia Portugueza, Illustrada

Directores: — LADISLAU PIÇARRA e M. DIAS NUNES

NOTAS HISTORICAS ÁCERCA DE SERPA[1]

I

Se D. Affonso Henriques veio a Serpa no anno de 1145?

SERPA, Moura e os seus campos, em geral esta pequena parte do territorio portuguez, situada nà margem esquerda do Guadiana, parece ter ficado sob o dominio permanente dos moiros durante quatro seculos e meio. Tomada sem duvida logo depois do anno de 711, quando o amir d'Africa, Muça-ibn-Noceir, conquistada Sevilha, se dirigiu para estes nossos lados occidentaes e se apoderou de Mertola e de Béja[2], esta parte do territorio só voltou á posse dos christãos no de 1166, e ainda então provisoriamente.

No decurso d'este longo periodo, alguns principes christãos, Affonso o Casto, Affonso o Magno e outros, desceram varias vezes das regiões do norte em dilatadas correrias pelas terras de moiros; mas sem nunca chegarem tanto ao sul. Noticias vagas de conquistas christans n'estas partes meridionaes, que encontramos em escriptores relativamete recentes, não devem passar de simples phantasia. Ordonho de Leão, por exemplo, em uma das mais profundas entradas que se fizeram, transpoz o Tejo superior e chegou ao Guadiana; mas não veio alem de Merida, donde voltou aos seus estados. E é bem sabido, como muito depois o grande rei de Castella e Leão, Affonso VI, conquistou Santarem, Lisboa e Cintra, e fixou por algum tempo as suas fronteiras por este nosso lado occidental no curso inferior do Tejo. Para o sul d'este rio, porém, tudo quanto hoje pertence a Portugal, as vastas planicies do Alemtejo, as serras e littoral do Algarve, tudo ficou sendo terra de moiros, incontestada e quasi não inquietada.

Assim o sentiam e diziam os escriptores do tempo. A *Chronica Gothorum*, dando conta da expedição de Affonso Henriques no anno de 1139 até *Aulic* (Ourique), accrescenta:

[1] N'estas simples notas, escriptas expressamente para a *Tradição*, não póde haver a mais leve ideia de esclarecer pontos obscuros ou citar documentos e factos novos. Sendo tiradas de livros conhecidos, unicamente tendem a grupar de uma maneira mais comprehensivel alguns acontecimentos sabidos, que se relacionam com a nossa terra; e mais ou menos directamente com as origens do povo d'estas provincias do sul, com os seus habitos e as suas tradições.

[2] A occupação d'estas nossas terras teve logar entre os annos de 711 e 715, e por Muça ou por seu filho Abd-al-Aziz. Digo occupação e não conquista, porque as povoações godas se entregaram na maior parte por capitulação e sem combate.

tunc cor terre Sarracenorum, que então era o coração, o centro, o amago das terras dos sarracenos. Esta mesma expedição de Ourique não teve, nem podia ter de momento resultados materiaes sensiveis. Sem discutirmos agora a importancia da celebre batalha, tão acremente debatida em tempos modernos, é licito julgar que foi moralmente muito grande. A expedição havia sido levada com uma rapidez fulminante e uma audacia inaudita até ao coração da terra dos moiros. Por um lado, dava aos cavalleiros e homens d'armas portuguezes uma grande confiança em si e no seu chefe. Por outro, firmava entre os mussulmanos a reputação do terrivel filho do conde D. Henrique, aquelle Ibn-Errink, cujo nome os encheu depois de profundo terror. O effeito moral foi grande; mas os resultados materiaes não podiam deixar de ser quasi nullos.

A expedição não passava de uma correria por terras dos inimigos, como então christãos e moiros faziam periodicamente, quasi annualmente. Os moiros chamavam-lhes *algaras*, os portuguezes *fossados;* e *fossado* chamou a esta o proprio D. Affonso Henriques em um documento official. [1] Dada a batalha, e mesmo brilhantemente ganha como foi, o principe portuguez era obrigado a voltar aos seus estados e á sua côrte de Coimbra. Não tinha nos campos abertos do Alemtejo um unico apoio, que lhe permittisse fixar-se, ou mesmo demorar-se. As povoações fortificadas dos moiros, Mertola, Beja, Evora, a celebre Alcacer, ficavam intactas e ameaçavam-no de todos os lados. Voltou, pois, deixando as coisas no estado em que antes estavam. As terras de alem Guadiana nem foram inquietadas; apenas das populações mussulmanas de Serpa e Moura, os alcaides com a gente armada dos seus districtos viriam encorporar-se nas fileiras do Islam, derrotadas na batalha. Por algum tempo ainda os campos do Alemtejo ficaram sendo o *coração* das terras dos sarracenos, sómente um coração já ferido.

Poucos annos depois, no de 1145, D. Affonso Henriques, segundo se diz, voltou ás proximidades de Serpa; e d'esta vez em circumstancias singulares — a pedido e como alliado de um chefe mussulmano.

Ahmed-ibn-Cassi [1], nascido em uma aldeia dos campos de Silves, pertencia, dizem, a uma familia de antiga origem chistan; mas tornada inteiramente moira pela religião e pela adoptada nacionalidade.[2] Meio sectario religioso, meio agitador politico, como é frequente encontrar entre islamitas, conseguio obter uma importancia consideravel n'este canto sud-occidental da Hespanha mussulmana. Revoltou-se contra o poder central dos Almoravides, e apoderou-se por surpreza do Castello de Mertola, considerado então um dos pontos mais importantes e bem fortificados d'esta nossa região. Senhor de Mertola, e augmen-

---

[1] Citado por Viterbo, *Elucidario,* I, 473 e II, 74.

[1] Adopto a fórma, dada por Slane na sua versão de Ibn-Khaldum. D. José Conde escreve este nome Aben Cosai; e Alexandre Herculano, seguindo D. Pascoal de Gayangos, Ibn Kasi. Conheço as regras de transcripção portugueza, propostas pelo sr. David Lopes (*Textos de Aljamia portugueza*, p. XVIII): mas essas regras, de facil applicação para quem lida com os textos em caracteres arabicos, são impraticaveis para quem, como eu, tem de se contentar com traducções. Não sendo infelizmente arabista tenho de me servir das fórmas que encontro, preferindo naturalmente as que me inspiram mais confiança.

[2] A origem christan da familia de Ibn-Cassi é affirmada pelos escriptores arabes, apontados por Gayangos, *The hist. of the Mah. Dyn. of Spain*, II, 518; e pelo Snr. F. Codera, *Decad. y desap. de los Almoravides*, livro que não consultei, e de que devo a indicação ao Snr. David Lopes. — Sendo exacta a noticia confirmaria a phrase de Conde, que serve de fundamento a toda esta nota, pois explicaria melhor o facto de aquelle moiro ter procurado o auxilio de um rei chistão.

GALERIA DE TYPOS POPULARES



Camponeza em trajo de gala (Serpa)

tando o numero dos seus partidarios, estendeu o seu dominio a todo o Algarve[1]; e, no anno de 1144, passou o Guadiana, foi tomar Huelba e Niebla, e chegou ás portas de Sevilha.

Embora no anno seguinte elle ja tivesse soffrido alguns revezes, os seus dominios, se dominios se lhe podem chamar, ainda deviam ser grandes. Tendo como centro Mertola, deveriam estender-se ás duas margens do Guadiana, tanto para baixo, como para cima d'aquelle castello. Na margem direita obedecia-lhe o Algarve oriental, porque a parte occidental seguio o governador de Silves, que antes fôra sua creatura e agora se rebellara contra elle; e obedecia-lhe uma parte do Alemtejo, na qual, no emtanto, se não incluia Beja. Na margem esquerda governava em uma faxa mais ou menos larga da actual provincia hespanhola de Huelba, desde o mar ao longo do Guadiana até ao Chança — e que então seria pouco menos de um deserto; e, para cima do Chança, nas terras de Serpa e Moura até talvez ao Ardilla.

Clarissimo está, que não pretendemos marcar os limites dos dominios de Ibn-Cassi; nem para isso temos elementos, nem realmente existiam taes limites. Afora uma ou outra povoação fortificada, e deviam ser raras, tudo o mais era vago, fluctuante, variando mez a mez, ou dia a dia, á mercê de repetidas correrias e *algaras*. Quanto a Serpa, é necessario dizer, que não possuimos uma unica prova de que lhe pertencesse; e simplesmente este facto nos parece natural. Ahmed-ibn-Cassi era um chefe de bastante importancia para que da Africa o novo imperador dos Almohades, Abd-al-Mumen, lhe mandasse a nomeação de wali do Gharb, e por esta palavra não se entendia o Algarve, mas todo o Occidente; e de bastante importancia para que D. Affonso Henriques acceitasse a sua alliança, como já vamos ver. D'elle diziam os escriptores arabes (versão de Conde); *que estaba apoderado de gran parte de aquella tierra*[1], *obedeciendo-le todos sus pueblos*. Sendo isto assim, e reparando na proximidade em que Serpa e mesmo Moura estão de Mertola, que foi sempre o seu centro de operações, parece-nos uma conjectura bastante plausivel e fundamentada, a de que estas povoações mussulmanas reconhecessem a sua auctoridade no anno de 1145.

As discordias constantes dos chefes mussulmanos entre si aggravavam-se no periodo de que vamos fallando pela lucta do poder agonisante dos Almoravides com o poder crescente dos Almohades, dos quaes Ahmed-ibn-Cassi foi um partidario decidido. E em virtude de manejos, rivalidades e ciumes, que seria longo contar, este achava-se em hostilidade aberta com o governador de Silves, e — caso mais serio — com o poderoso governador de Badajoz e de Beja, Seddrai-ibn-Uézir. Ambos o haviam auxiliado na revolta do anno anterior, e ambos marcharam agora contra elle.

Vendo-se em circumstancias apuradas, Ibn-Cassi lembrou-se de appellar para o auxilio do grande inimigo dos mussulmanos, o temido Senhor de Coimbra, como elles ainda chamavam ao novo rei de Portugal. E D. Affonso Henriques, impellido provavelmente pelo unico desejo de levar mais uma vez a devastação ás terras dos moiros, embora fosse como alliado de um d'elles, passou ao Alemtejo e marchou para Mertola em seu soccorro.[2] Não nos pode surprehen-

[1] Tomamos sempre a palavra Algarve, escripta por este modo, no sentido actual; o Al-Gharb dos arabes era coisa muito diversa.

[1] Em volta de *Calat Mertula*; o castello de Mertola.

[2] D. José Antonio Conde, *Hist. de la dom. de los arabes en España*, II, 307; Alexandre Herculano, *Hist. de Portugal*, I, 356. E' neces-

der esta liga do rei christão com o chefe mussulmano, porque na historia da Hespanha d'aquelles seculos temos frequentissimos exemplos de semelhantes allianças.

Juntos em Mertola, os dois novos alliados entraram nas terras dos inimigos: *y entraron juntos la tierra de Beja y de Merida, haciendo los christianos hartos estragos en aquellas tierras*. Esta phrase, extrahida por Conde dos livros arabes, dá a entender que fizeram não uma mas varias entradas, tanto mais, que depois falla no plural de *sangrientas escaramuzas* havidas com as tropas dos governadores de Badajoz e de Silves. Accresce a isto, que devendo a expedição, ou serie de expedições, começar no verão de 1145 como era habito quasi constante, só terminou na lua de Chaban do anno 540 da Hegira, que vinha a cair já em pleno inverno no principio do anno de 1146, prolongando-se, pois, bastantes mezes.

Uma ou mais d'estas entradas foram em *tierra de Merida*; não decerto até aquella cidade, que lhes ficava muito distante e era demasiado poderosa, mas na parte da actual Extremadura hespanhola, para as bandas onde hoje vemos as povoações do Frejenal, de Jerez de los caballeros, ou de Zafra. Sendo isto assim, o caminho natural, quasi obrigado, era pelos campos de Serpa. Os cavalleiros portuguezes e moiros reunidos, partindo de Mertola, passariam nos váus do Guadiana, que são numerosos para cima d'aquella povoação; e atravessariam de sudoeste a nordeste esta nossa região.

E', pois, perfeitamente admissivel, que D. Affonso Henriques passasse junto de Serpa, ou mesmo entrasse em Serpa n'aquelle anno de 1145. Entraria pacificamente, se — como temos por muito provavel — Serpa obedecia já antes ao seu momentaneo alliado, Ibn-Cassi.

Procuraremos talvez em outra nota dizer o pouquissimo que se póde apurar ou simplesmente conjecturar em relação ao estado de Serpa n'aquelle tempo, deixando apenas indicado desde já que deveria ter algumas fortificações, posto que provavelmente fracas. Mas, fortificada ou não, o olhar experimentado de D. Affonso Henriques via bem quanto seria facil collocar Serpa em estado de boa defeza.

A povoação assentava em uma collina bastante elevada, apenas dominada a distancia por outras collinas mais altas, o que para a arte da guerra d'aquelles tempos nenhum perigo offerecia. De sobre os muros de Serpa, se acaso então alli entrou, Affonso Henriques poude ver em volta uma vastissima extensão de terreno. Pelo norte, para alem do Guadiana, corriam as terras altas da serra de Portel até á actual Villa de Frades. Depois, a occidente, recortada mesmo na linha do horisonte, via-se a famosa Paca, como lhe chamavam os que ainda se lembravam do velho nome de Pax Julia, a famosa Beja como lhe chamavam os moiros. Depois, pelo sul, appareciam as serras de Alcaria e os outeiros mais e mais distantes a ligar com as montanhas do Al-Faghar, o nosso Algarve. Depois ainda, a oriente, por detraz da serra de Ficalho, os montes azulados, esfumados, apenas distinctos, na direcção da remota e grande Sevilha. Tudo em volta terra de moiros.

E' facil conceber o que então pensaria aquelle rei moço, que andava talhando o seu reino com o fio da sua

---

sario advertir que A. Herculano segue a auctoridade de Conde; e que a fidelidade das versões arabicas d'este é muito duvidosa, como tem notado todos os arabistas. No emtanto somos obrigados a seguil-o quando não encontramos melhor; mas sempre com muitas reservas. — Ibn-Khaldun, que Herculano cita pelas versões parciaes de Gayangos, mas hoje está integralmente traduzido (*Hist. des Berbéres*, tr. de l'arabe par le Baron de Slane) falla da lucta de Ibn-Cassi com Ibn-Uézir (II, 184) sem mencionar a intervenção dos portuguezes; mas isto não infirma o dito de Conde, porque Ibn-Khaldun, escrevendo ao longe e posteriormente, pode bem não ter conhecido aquella circumstancia.

espada. Por certo os seus planos já estavam formulados de longa data; mas alli, de pé sobre as fracas muralhas de Serpa, ao lado do seu *amigo* Ahmed-ibn-Cassi, olhando em volta e vendo tantas e tão boas terras de infieis, aquelles planos tornavam-se palpaveis, tomavam corpo e vida. E se o wali moiro poude penetrar o que se passava sob a fronte carregada do seu gigantesco companheiro, seguramente se arrependeu de ter pedido o auxilio do perigoso Ibn-Errink.

A alliança do rei portuguez com o chefe mussulmano durou pouco, tendo tido como unico resultado práctico o deixar mais devastadas as terras já devastadas dos moiros. Em virtude, segundo parece, de alguns revezes, voltaram a Mertola já no inverno, e alli se separaram. Ibn-Cassi estava ancioso por se libertar do seu imcommodo alliado. Os seus sequazes, islamitas fanaticos, viam com muito desagrado aquella união com os christãos malditos. E Affonso Henriques era por tal modo duro e imperioso, que o wali, apezar de todas as suas prosapias, nem pestanejava diante d'elle: havia-se na sua presença, dizem os escriptores arabes, *como un siervo que movia sus pestanas por las insinuaciones del otro*. Separaram-se, pois, dando Ibn-Cassi presentes de armas e cavallos aos fidalgos portuguezes.

D. Affonso Henriques retirou para o norte, d'onde só voltou a Serpa passados vinte annos.[1]

CONDE DE FICALHO.

[1] Depois de escripto e impresso o artigo veio-me ás mãos o livro recente do Snr. F. Codera. Fundado em noticias arabes, confirma a alliança do rei de Portugal com Ibn-Cassi; (p, 51) mas colloca-a em periodo um pouco divérso, e não falla da vinda dos portuguezes ao Alemtejo. Se esta noticia é difinitiva, estaria Conde em erro, o que não pode surprehender; e já antes me levara a collocar n'esta nota varios pontos de interrogação.

Artes & Industrias tradicionaes

A OLLARIA EM SERPA

Entre as diversas artes industriaes exercidas na vasta e uberrima provincia do Alemtejo, occupa a ollaria o mais distincto logar, mercê da captivante belleza aprimorada e suggestiva de seus variadissimos productos, todos marcados com o venerando sello da tradição nacional.

A descripção completa e minuciosa, pela palavra e pela imagem, da ollaria alemtejana — alem de preciosa fonte de inspiração artistica, constituiria um largo cabedal de inestimaveis subsidios para a historia geral da ceramica, e não menos para o estudo dos usos e costumes do povo portuguez, visto como a ceramica se liga estreitamente á vida da humanidade.

Contribuiria, ainda, a completa descripção da ollaria no Alemtejo, para enriquecer de numerosos vocabulos o patrio lexicon e quiçá para revigorar a propria ollaria[1] — uma das tradicionaes industrias populares cujo definhamento nós vimos lamentando com o Mestre glorioso que burilou as paginas d'oiro do *Culto da Arte em Portugal*.

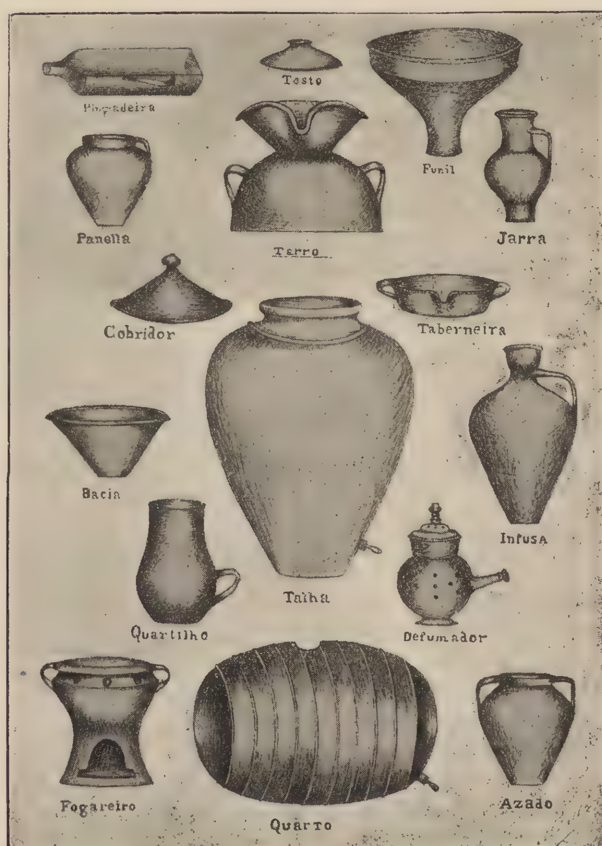
O singello esboço da ollaria em Serpa, que nos propomos tracejar, aspira a ser um pequenino trecho d'esse largo e benemerito trabalho descriptivo, que bem desejariamos vêr realisado na integra, em muito prol e para gloria e lustre da nossa bella e desditosa Patria.

***

Depois de Estremoz, a terra classica das formosas cantarinhas de fi-

[1] E' nossa convicção intima que, a venda de certos objectos da ollaria alemtejana, augmentaria consideravelmente desde que taes objectos se tornassem conhecidos a fóra da região onde são fabricados.

Productos da Ollaria Alemtejana



(SERPA)

nissima argilla, é Serpa — ao que nos consta — a povoação transtagana onde mais e melhor se tem cultivado o ramo inicial da arte ceramica.

Ha mesmo um afamado producto da ollaria local, que nunca se fabricou, segundo creio, na florescente villa de Estremoz, e Serpa tem exportado em grande escala para um sem numero de terras não só d'esta provincia como tambem da provincia do Algarve. Quero fallar das excellentes talhas para vinho e azeite, cuja fabricação, de importante que era, chegou a formar uma secção especial da ollaria serpense.

De resto, elaboram-se aqui ao torno do olleiro, com perfeição e mestria, todas as vasilhas de uso commum e domestico, desde a infusa e o tinor grosso e bojudo até ao mais delicado e gracioso cucharrinho.

E o mâis importante material de construcções, a telha e o tijolo, quanto se emprega nas obras concelhias, aqui se manufactura, tambem, muito habilmente.

A's talhas, louçaria commum e material de construcções (telha e tijollo) correspondem, na ollaria local, tres classes distinctas de productos.

Vamos occupar-nos de cada uma d'essas classes.

Antes, porém, trasladaremos, a titulo de nota historica, um interessante e curioso artigo das antigas «Posturas municipaes da notavel[3] villa de Serpa» (1686), artigo que reza assim (textualmente):

«*Oleiros & officiais de telha & tijollo*». «Todos os oleiros e oficiais de telha e tijollo serão examinados com juramento de fazerem verdade em seus oficios e não desenfornarão sua loussa sem ser vista pellos juizes de seus oficios que achando esta bem cosida e capás de se vender ao povo lhe darão suas licensas por escrito para venderem, e os ditos oleiros não mesturarão sinza com o barro de sua loussa e os cantaros e *talhas* que fizerem não serão de menos medida que de *almude* cada pessa de cantaro e *talha*[1] e os quartos de meio almude, a obra que venderem assim de loussa como de tijollo ou telha não será por mais da tacha que pella camara lhe for posta e o tijollo que se fizer para obras terá de meio covado de comprido e hua quarta de largo e meia sesma de vara de grosso tudo de medida da *craveira*, e a telha será do comprimento de duas sextas de craveira, para o que terão suas marcas providas e feridas pelo aferidor do conselho que nellas porá a marca das medidas de pao, do que tirarão seus registos ao principio da safra de cada anno e os officiais de telha e tijollo sob penna de uns e outros pagarem por qualquer d'estas cousas não compridas quinhentos réis, e só poderão os oficiaes de telha e tijollo fazer da marca mais pequena sómente para as pessoas que assim lho encomendarem, não usando d'elle para venderem senão a quem o quizer comprar, e assim mandarão se comprisse.»

*
* *

A talha — na definição de Moraes, e conforme a gravura que n'outro logar publicâmos, — é um «vaso de barro de grande bojo, bocca estreita e fundo conico».

Ha, porem, entre nós outros vasos, com a mesma configuração, a que se dá o nome de potes. A differença de nome está simplesmente

---

[1] Como é sabido, o Infante D. Pedro, quando regente e governador de Portugal, concedeu a Serpa os «privilegios de Villa notavel», por carta patente de 25 d'Agosto de 1674.

(Vide a *Memoria Historico-economica do Concelho de Serpa*, pelo Doutor Graça Affreixo.)

[1] As talhas, de medida não inferior a um almude, a que a postura se refere, seriam as mesmas vasilhas que hoje conhecêmos pelo nome de potes? Ou, acaso, a palavra «talha» estará alli empregada como synonimo de «infusa»?

nas dimensões do vaso: se este comporta vinte almudes, ou mais, designa-se por «talha»; se a capacidade é inferior áquella medida, denomina-se «pote».

As talhas são usadas para guardar vinho, azeite, aguardente e vinagre.

Havia outr'ora, e ha hoje ainda, grandes adegas, tanto de vinho como d'azeite, guarnecidas de numerosas talhas, maiores e menores, dispostas em filas ao longo das paredes.

Foram estas vasilhas, sempre, muitissimo apreciadas para depositar o vinho, especialmente, em razão do magnifico sabor e agradavel frescura que ao liquido communicam.

Em Serpa, e penso que em toda a margem esquerda do Guadiana, o público manifesta decidida predilecção pelo vinho «creado no barro».

Modernamente, a talha vae sendo substituida pelo tonél de madeira, para o vinho, e pelo pote de lata para o azeite.

Infeliz substituição!

Podem, as novas vasilhas, ser de maior duração e porventura mais economicas do que as antigas; mas a verdade é que, com isso, a arte perde e perde immenso. Sob o ponto de vista esthetico, a talha de barro, de fórmas curvilineas, elegante e magestosa, vale incomparavelmente mais do que o pote de lata, prosaico e charro, ou o tonél de madeira disforme e brutal.

Teem os potes de barro mui variado prestimo e serventia.

Aquelles de maior lotação são usados, assim como as talhas, para guardar vinho, azeite, vinagre, aguardente, e tambem farinha; outros, mais pequenos, servem para mel, agua, cal, azeitonas de conserva, etc., etc.

Aos potes e talhas andam annexas mais trés especies de vasilhas: quartos, tinos e salgadeiras. Tudo isto é classificado de «obra grossa» na terminologia do olleiro.

Os quartos são destinados a receber vinho, exclusivamente, e ha-os de medidas diversas, entre um e quinze almudes.

Cada um dos quartos costuma ser montado sobre um banco *ad hoc*, de quatro pés, a que se chama «burra».

O tino movel de barro [1], já quasi desapparecido, era muito adoptado nas pequenas distillações d'alcool. Hoje em dia, os tinos, fixos, são construidos de tijolo, cal e cimento.

Quanto ás salgadeiras, ainda em plena usança, são ellas tidas em alto apreço para depositar carnes salgadas, nomeadamente presuntos e brêas [2] de toucinho.

Pertencem egualmente á «obra grossa» os alguidares de quatro e seis alqueires, empregadas nas chacinas, na trasféga dos vinhos e nas grandes amassarias das herdades.

(Continúa.)

M. DIAS NUNES.



APPARIÇÕES

Foi a leitura do magistral artigo «Estatinga—Estantiga», recentemente inserto nesta revista, e devido á penna auctorisada da erudita escritora D. Carolina Michaëlis de Vasconcellos, que nos despertou o desejo de publicar desde já alguns casos d'apparições, que ha muito colhémos directamente. Essas historias, como o leitor verá, referem-se todas a factos passados nesta região, onde a crença no apparecimento de medos

[1] A continuação d'este artigo será acompanhada de vários desenhos elucidativos, entre os quaes, os desenhos do tino, da salgadeira e do alguidar. E como appendice indispensavel ao nosso modesto estudo, publicaremos um mappa de todos os objectos que mencionarmos, com as respectivas dimensões.

[2] Brêa = grande talhada. Sómente se usa o vocabulo, e com esta significação unica, no caso sujeito.

e almas do outro mundo se acha ainda muito espalhada.

Apesar das apparições se repetirem entre nós com extraordinaria frequencia, e poderem por conseguinte considerar-se como coisas banaes, a verdade é que em volta de cada caso se faz sempre enorme ruido, acompanhado dum grande panico. E' de notar tambem, que raramente se dá um facto isolado; em geral, uma apparição provoca outras apparições, e muitas vezes até no mesmo local da primeira. Deste modo s'explica, evidentemente, o haver em cada povoação certos sitios onde «apparecem medos».

As apparições representam ainda hoje, para a grande massa do publico, um fundo e negro mysterio; são, por assim dizer, a lugubre manifestação dum poder occulto, que todos temem e respeitam. O fenomeno, devéras interessante e curioso, dá-se realmente, mas o vulgo é que não sabe interpretá-lo.

Toda a apparição constitue indubitavelmente uma allucinação, e, como tal, o seu estudo pertence propriamente á pathologia mental. Parece-nos, todavia, que o assumpto em questão não é descabido numa revista d'ethnografia, pois que se trata duma crença popular profundamente arreigada, transmittindo-se atravez das gerações, desde tempos immemoriaes. E além d'isso, surge-nos, a proposito de cada apparição, um tal numero de circumstancias e praticas, que bem merecem ser registadas, como documentos vivos para a historia do povo. Ainda mais: trazendo a lume estas scenas intimas da vida vulgar, em que o espirito da multidão se encontra perfeitamente fotografado, pômos em relevo muitos erros e prejuisos, que é preciso destruir em nome duma boa hygiene psychica.

Eis porque entendemos ser util consignar aqui os alludidos casos, que passâmos a descrever.

I

A pequena historia que vamos narrar, primeira da nossa série, refere-se a uma mulher de Brinches, que designaremos por X. Esta mulher, de 25 annos d'edade, casada, nada accusa d'importante sob o ponto de vista hereditario. Mas o mesmo se se não póde já dizer com respeito á sua propria pessoa, pois é de constituição pouco robusta e soffre de tristezas e até d'ataques nervosos. Estes ataques declaram-se principalmente por occasião d'algum desgosto grande.

Conta X. que, ha proximamente seis annos, havendo-lhe fallecido um tio, Y., com quem vivia, experimentou em consequencia desse triste acontecimento um grande desgosto. Decorridos uns seis mezes, começou a apparecer-lhe o dito tio, de noite e quando ella se achava deitada.

Uma noite, pouco mais ou menos pela uma hora da madrugada, encontrando-se no leito com seu marido, pediu a este que acendesse um fosforo; e, sentando-se em seguida na cama, viu repentinamente diante de si Y., revelando-se com o seu natural aspecto. Neste momento, X., tomada d'enormissimo susto, soltou um grito e perdeu os sentidos. O marido, então, afflicto, correu a chamar uma tia da enferma, viuva do finado, que estava tambem deitada noutro quarto da mesma casa. Essa tia veiu immediatamente em soccorro da sobrinha e requereu o morto nos seguintes termos: «Se és alma do outro mundo, da parte de Deus te requeiro: Dize o que queres!». Ao mesmo tempo apertaram o dedo minimo da mão direita a X., a qual ouviu distinctamente o tio proferir estas palavras: «Mandem dizer dezaseis mil réis em missas, pelas santas almas». Este pedido, assim tão categoricamente formulado pela propria bôca do morto, foi religiosamente cumprido, á custa de não pequeno sacrificio pecuniario.

Com effeito, o parocho da freguezia foi solicitado a rezar, pelas san-

CANCIONEIRO MUSICAL

I

De noite batem á porta

(DESCANTE)

tas almas, dois trintarios de missas, mediante a retribuição de 16$000 rs., conforme ordenára Y. na occasião de ser requerido.

O prior, reconhecendo as precarias circumstancias daquella familia, ainda ponderou, «que era escusado dispenderem tanto dinheiro em missas, que bastava mandarem rezar um trintario; que não pensassem mais no apparecimento da alma do fallecido, porque se ella lhes apparecera, foi devido á fraqueza do sentido». Estas justas reflexões foram, porém, baldadas, porque a viuva insistiu nos dois trintarios, visto ter sido essa a vontade claramente expressa pelo morto.

Passaram, portanto, a dizer-se na parochial egreja de Brinches as referidas missas, até que, chegando-se á ultima, X. foi avisada — segundo é de preceito — para assistir a ella. Quando estava a celebrar-se a missa, diz X. que, olhando para a capella da Senhora do Rosario, que fica á esquerda da capella mór, ahi se lhe deparou novamente o tio, o qual, apenas findou o acto religioso, se dirigiu para ella a agradecer-lhe. O agradecimento fez-se pela fórma seguinte: Y., apertando com força a mão direita da sobrinha, disse-lhe ao ouvido, por tres vezes: «Deus te pague; seja pelo amor de Deus».

Ouvidas estas funebres palavras, X. desmaiou lógo, deixando profundamente emocionadas todas as pessoas, que acabavam de presenciar aquella tragica scena. Depois, X. recuperou os sentidos e regressou a casa com o espirito perfeitamente tranquillo, na intima convicção de que o tio não lhe reappareceria.

Effectivamente, ella propria me declarou que nunca mais viu Y., mas que anda sempre com muito medo dalguma nova apparição.

***

O caso que singélamente ahi fica descrito, representa, creio, nitidamente o typo duma nevrotica com allucinações da vista e do ouvido. A forma religiosa das suas allucinações explica-se admiravelmente, se nos lembrarmos que a doente foi creada numa atmosfera de completa beatice, visto que tanto o tio como a tia, com quem ella sempre viveu, eram extremamente devotos. Y., então, sentia pela confraria das almas, em Brinches, uma extraordinaria sympathia: além de ser o seu thesoureiro perpetuo, curava dos interesses della com o mais fervoroso zelo. Circumstancia esta, que vem elucidar-nos sobremaneira ácerca da allucinação verbal de X., no momento em que Y. foi requerido pela sua viuva.

Convém ainda tomar nota de certas particularidades que, em nosso humilde parecer, tornam este caso verdadeiramente interessante. Em primeiro logar, a manifestação simultanea na mesma pessoa de duas especies d'allucinações — verbaes e visuaes. Em segundo logar, terem-se dado egualmente essas allucinações na egreja — em plena luz do dia e perante varias pessoas. E finalmente, o poder sugestivo que a celebração das missas exerceu na doente, curando-a da sua *visão*.

E' necessario advertir, comtudo, que a acção curativa dos dois trintarios foi bastante restricta, pois que o *nevrosismo* de X. ficou subsistindo, e continua a traduzir-se nos mesmos symptomas anteriormente apontados, isto é, tristezas, ataques nervosos e receio de novas *apparições*. Fixemos bem este facto, para que se não confie demasiadamente na therapeutica mystica das *nevroses*.

LADISLAU PIÇARRA.



MODAS-ESTRIBILHOS ALEMTEJANAS

DE NOITE BATEM Á PORTA

De noite batem á porta:
O' filha, vae vêr quem é!
Se fôr teu amor primeiro,
Vae aquecer o café.

Vae aquecer o café,
Vae aquecer o ch'colate.
De noite batem á porta:
O' filha, vae vêr quem bate!

M. DIAS NUNES.



A caça no concelho de Serpa

Os terrenos do concelho de Serpa foram sempre muito abundantes em caça de differentes especies.

Tanto na grande serra do concelho, onde se encontravam os veados, os javalis, os corços, os lobos, os «gatos cravos» ou lynces, os coelhos e as perdizes, como nos terrenos mais ou menos limpos de matto e moitas, que constituiam as differentes herdades, annualmente lavradas e semeadas, e onde se vêem as lebres, as perdizes e os coelhos, a caça — excepto as rezes ou gado cervum (veados, cervas e corços), que desappareceu de todo — a caça abundava e ainda hoje abunda apesar do uso e abuso das várias armadilhas e outras causas de destruição. Entre estas causas, que são diversas, ha duas principaes. A primeira é o enorme vandalismo com que se queimam a eito, immensas extensões de mattagaes, na serra, morrendo assim, ou queimados ou asphyxiados, milhares de coelhos e perdizes, e extinguindo os acolheites da caça grossa nas grandes umbrias e manchas, devastadas pelo fogo. A segunda causa — não menos prejudicial, embora só affecte a caça miuda — está no emprego de armadilhas e mais fórmas de caçar com chamariz, e bem assim no cultivo aperfeiçoado dos cereaes, com especialidade nas mondas, que se fazem com esmero em todos os terrenos semeados. Mulher nenhuma, mondadeira ou ceifeira, resiste á tentação de tirar dos ninhos ou os ovos ou os caçapos.

Fallarei das differentes armadilhas quando tratar da caça em cada uma das suas especies.

Como já disse, os terrenos mais ferteis em caça eram, e ainda são, os da serra grande d'este concelho. Fica esta serra ao sul da villa de Serpa, n'uma facha que, d'oeste para este se prolonga desde o Guadiana até á raia de Hespanha, proximo ao Rozal de Christina e Ficalho, pegando alli com as serras do concelho de Moura, n'uma extensão de mais de 35 kilometros, e com uma largura não inferior a 25. Pelo lado sul confina a serra de Serpa com a de Mertola e com a ribeira de Chança, raia de Portugal com Hespanha, e onde tem principio a serra Morena, do reino visinho.

A serra de Serpa, extensissimo baldio muito accidentado e mattagoso, é de longe em longe habitada por algum casal que vive na malhada [1]. Os oiterios são muito altos e continuos e por isso, os corrêgos ou *córgos* (como aqui dizem) muito fundos.

Os valles, alguns, são devéras extensos. Aos córgos mais extensos chamam *córgas*, e quando formam corrente continua e mais funda, barrancos, ou *barrancadas*, se as ladeiras

[1] — Malhada — casa edificada na serra de Serpa, em meio de certa area de terreno onde existem cercas de colmeias. As malhadas denominavam-se antigamente «fabricas de cera e mel».

são fragosas, como acontece nas barrancadas de Beiçudos e Alfamar, onde ha sitios de admiravel braveza.

Quando a caça grossa começou a escassear entre nós, os caçadores, tanto os d'este concelho como os de Moura, costumavam ir caçar a Hespanha, onde a caça é abundante devido á existencia dos coitos. Para realisar a caçada no paiz visinho obtinha-se previamente uma licença ou tolerancia das auctoridades respectivas, bem como a permissão dos proprietarios dos terrenos. D'estes, os mais frequentados eram a Casa do Duque, serra do Granado, serra de Santa Barbara, Serrador, Penhas Mouras e Sirios. A Casa do Duque, principalmente, era d'uma fertilidade extraordinaria em coelhos e perdizes, como tivemos o prazer de algumas vezes verificar. No Granado vimos nós rebanhos de javalis, e veados. Na serra de Santa Barbara houve, em tempos, muitas rézes, e constanos que é o unico sitio onde se encontram ainda corços. As Penhas e os Sirios, as serras mais fragosas e accidentadas que se conhecem n'estes arredores, são muito abundantes em caça grossa.

Os caçadores teem nomes apropriados com que designam as diversas fórmas e accidentes do terreno. Ao prolongamento dos outeiros, chamam *pontal*, e quando o pontal tem as ladeiras de um ou ambos os lados muito a pique, *esguilhão.*

A' depressão do pontal formando como sella, isto é, ao sitio onde o pontal abaixa para depois levantar, chama-se *portella,* por ser logar adequado para collocar porta ou espera nas batidas de caça grossa; pois que naturalmente esta caça, quando foge espantada ou acossada pelos cães, procura os referidos sitios, por mais faceis de transpor.

(Contínúa.)

A. de MELLO BREYNER.



ADIVINHAS

O livro

Sou de longe, longe venho,
Não sou feio nem bonito,
Tudo quanto tenho dou,
Com tudo que tenho, fico.

O morcego

Diga, senhor secretario,
Que está na secretaría :
Qual o passaro que vôa
E dá leite quando cria ?

A luzerna

Nem vara vareta,
Nem verde, nem secca,
Nem do ar colhida,
Nem do chão nascida.

A quaresma

Sete irmãs são,
Uma é santa
E seis não.

Um jogo d'agulhas de meia

Somos cinco irmanzinhas,
E todas somos eguaes;
Anda uma sempre nua
P'ra vestir as outras mais.

O figo (*colhido da figueira*)

Se não passasse quem passou,
Passava quem não passou.

O moleiro

Quando não tenho agua, bebo agua;
Quando tenho agua, bebo vinho.

A laranja

Egrejinha vermelha
Sem porta nem têlha.

O ôvo

Egrejinha branca
Sem porta nem tranca.

A luz da candeia

O que é aquillo, que do tamanho d'uma bolota, — enche a casa até á porta ?

(Da tradíção oral, Brínches.)

(Contínúa.)

ANTONIO ALEXANDRINO.

BIBLIOGRAPHIA

Esta pequena secção, que por motivos alheios á nossa vontade, tivemos de suspender logo nos primeiros numeros do anno findo, será d'or'ávante mantida, ininterruptamente, nas paginas da *Tradição*.

Aqui faremos referencia ás diversas obras já recebidas e a todas as novas publicações que forem chegando a esta redacção.

Obras do Doutor Stanislau Prato.— Ao laureado publicista e professor italiano Senhor Doutor Stanislau Prato, devêmos a offerta gentil, que infinitamente nos penhora, dos seus notaveis trabalhos :

Le dodici parole della verità; Sonne, Mond und Sterne; Zwei Episoden aus zwvei tibetanischen Novelleu; Il carattere demoniaco del porco e del cinghiale nell'inferno dantesco, nell'egizio e nella tradizione popolare; Il Sole, la L una, le Stelle — immagini sinboliche di bellezza nelle lingue orientali; Saggio sopra gli érrori popolari degli antichi, di Giacomo Leopardi; *Inceputul Cintecelor populare rominesti; La scène de l'avocat et du berger; La beauté des femmes; Le menuisier, le tailleur e le sophta; Bibliographie des variantes de trois contes (les musiciens de Brême, les deus bossus & les nains, psyché); Vergleichende Mitheilungen zu Hans Sachs Fastnach htspiel.*

D'entre as obras mencionadas, todas ellas do mais subido valor scientifico, despertou em nós, a primeira, um interesse muito particular, não só pela natureza do assumpto, sobremaneira interessante, mas tambem porque nos falla de coisas portuguezas.

«Le dodici parole della verità», «As doze palavras da verdade», é uma lenda popular italiana (por signal bem engraçada) que o Doutor Prato nos apresenta de par com numerosas variantes, de procedencias e nacionalidades diversas, entre as quaes a reza lusitana «Oração do Anjo Custodio» (dialogo d'um Anjo e do Diabo). Em todo um largo volume de cêrca de 200 paginas, são essas curiosas versões examinadas, comparadas, annotadas e interpretadas com superior criterio e profunda erudição, concluindo o sabio ethnologista e phillologo italiano por lhes determinar a sua remota e commum origem.

Litterature orale de l'Auvergue por Paul Sébillot. — O incançavel investigador das tradições populares da França, Mr. Paul Sébillot, prosador e poeta festejado, publicou ha tempo um elegante volume, com cuja offerta nos distinguiu, subordinado á epigraphe — *Litterature orale de l'Auvergne.*

Divide-se em duas partes o precioso livro. Comprehende a primeira cincoenta e quatro lendas e quinze deliciosos contos infantis, vibrantes de côr local; e a segunda contem doze canções e algumas adivinhas.

Todo este copioso material ethnographico foi recolhido e coordenado com inteira proficiencia, e constitue uma verdadeira joia da litteratura popular franceza.

A Mr. Sébillot, o escriptor illustre que nos deu os *Contes des Marins* e os *Contes Espagnols*, os mais intimos agradecimentos por tão mimosa e delicada offerta.

(Continúa.)

M. DIAS NUNES.

BULLETIN POUR L'ÉTRANGER

LA TRADITION

Revue mensuelle illustrée d'ethnographie portugaise

DIRECTEURS

Ladislau Piçarra et Dias Nunes

REDACTION ET ADMINISTRATION

À SERPA (PORTUGAL)

Le *Bulletin*, que nous avons le plaisir de publier aujourd'hui pour la première fois, est destiné tout simplement à creér et resserrer les relations intellectuelles des folkloristes et ethnographes portugais avec nos collègues de l'étranger.

Tous ceux qui se consacrent au genre d'ouvrage, auquel la *Tradition* s'adonne, rereconnaissent certainement, sans plus d'explications, l'importance de ces relations.

BULLETIN FOR ABROAD

THE TRADITION

Monthly illustrated review of portuguese ethnography

DIRECTORS

Ladislau Piçarra and Dias Nunes

OFFICES

SERPA (PORTUGAL)

The *Bulletin*, which we have the pleasure of publishing to day for the first time is expressly meant to promote the intellectual relations between the portuguese ethnographers and folklorers and our colleagues of other nations.

All who dedicate tehmselves to this kind of work to which the *Tradition* is consecrated recognise the importance of these relations, without further explanations.

Pour atteindre le but que nous avons en vue, nous publierons régulièrement dans cette section :

1.° Le sommaire de notre revue et notes explicatives ;

2.° Compte-rendu du mouvement ethnographique portugais ; renseignements plus au moins développés selon l'espace dont nous pourrons disposer.

Sommaire de le présent numéro de la Tradition

Texte : — Notes historiques sur Serpa. (1) D. Affonso Henriques (2) est-il venu à Serpa en 1145? par le *Comte de Ficalho*;
Arts et industries traditionnelles : La Poterie à Serpa, par *M. Dias Nunes ;*
Revenants, par *Ladislau Piçarra (Dr.) ;*
La chasse dans le district de Serpa, par *A. de Mello Breyner ;*
Chansons et refrains populaires de l'Alemtejo (3) : La nuit on frappe à la porte, par *M Dias Nunes ;*
Devinetes, par *Antonio Alexandrino ;*
Bibliographie, par *M. Dias Nunes.*
Illustrations : — Galerie de costumes populaires : Paysanne en habits de fête. Produits de la poterie de l'Alemtejo. Recueil de chansons : La nuit on frappe à la porte (musique).

MOUVEMENT ETHNOGRAPHIQUE PORTUGAIS

Nous devons parler de la publication de quatre ouvrages importants offerts l'année dernière à cette rédaction. Le dernier publié, **Bohême de Coimbra**, nous fait lire une description parfaite de la vie académique à Coimbra, ville célèbre, siège de l'Université portugaise. Cet ouvrage est dû à la plume brillante d'un de nos modernes écrivains de grand talent, M. Alfred Pratt.

Les autres sont :

Chansons populaires de Beira : magnifique recueil de chansons et refrains populaires, recueillis et réunis par l'illustre folkloriste M. Pedro Fernandes Thomaz.

Les maures enchantées et les enchantements en Algarve : ouvrage appréciable, d'une importance toute particulière pour les études ethnographiques, par notre distingué collaborateur M. le Dr. Athaide d'Oliveira.

Portugalia : luxueuse revue trimestrelle de caractère archéologique et ethnographique, publiée sous la direction de MM. Ricardo Severo, Rocha Peixoto, Fonseca Cardoso. Seul le premier numéro est publié.

R.

(1) Serpa, où est publieé notre revue, est une des plus anciennes et des plus importantes villes du Portugal.
(2) D. Affonso Henriques, surnommé le Conquérant, a été le premier roi du Portugal
(3) Alemtejo — vaste et riche province du sud du Portugal.

Obeying therefore the aim we have in view we will publish regularly in this section :

1.st The summary of our review accompanied with explicative notes ;

2.nd An account of the portuguese ethnographical movement, more or less ample, according to the space which we can dispose of.

Summary of the present number of the Tradition

Text : — Historical notes on Serpa. (1) If D. Affonso Henriques (2) visited Serpa in the year 1145? by *Conde de Ficalho* ;
Traditionnel arts and industries: The pottery in Serpa, by *M. Dias Nunes ;*
Apparitions, by *Ladislau Piçarra (Dr.)*;
The shooting in the Serpa district, by *A. de Mello Breyner ;*
Popular songs from Alemtejo: (3) At night they knock at the door, by *M. Dias Nunes ;*
Riddles, by *Antonio Alexandrino ;*
Bibliography, by *M. Dias Nunes.*
Illustrations : — Galery of popular costumes : Peasant woman in sunday costume. Products from the pottery of Alemtejo. Musical collection : At night they knock at the door (Refrain).

THE PORTUGUESE ETHNOGRAPHICAL MOVEMENT

We have to register the publishing of four important volumes, that last year were offered to this office. The last published entitled **Bohemia of Coimbra** contains a perfect description of the academic life of Coimbra, celebrated town where is the portuguese University. The book in question was written by a new author of great talent M. Alfredo de Pratt

The other volumes are:

Popular songs of Beira, a splendid collection of popular songs and refrains, compiled by the celebrated folklorer M. Pedro Fernandes Thomaz.

The enchanted moors and the enchantements of Algarve, litterary work to be greatly appreciated by those interested in the study of ethnography by one of ours distinguished collaborators Dr. Athaide d'Oliveira.

Portugalia, magnificent quarterly review of an archeological and ethnographical character published under the direction of M.essrs Ricardo Severo, Rocha Peixoto and Fonseca Cordoso. Up to the present date only the first number has been issued.

R.

(1) Serpa, the birth-place of this review, is one of the oldest and most important of portuguese towns.
(2) D. Affonso Henriques, surnamed the Conqueror, was the first King of Portugal·
(3) Alemtejo, a vast and rich province in the south of Portugal.

Anno II — N.º 2 Volume II

SERPA, Fevereiro de 1900

A TRADIÇÃO

Revista mensal d'ethnographia portugueza, illustrada

«A TRADIÇÃO, de Serpa, pelo programma que se impoz e pela discreta diligencia com que procura desempenhar esse programma, representa, a meu vêr, o mais bello exemplo patriotico de educação publica exercida pela imprensa».

Ramalho Ortigão.



DIRECTORES:

Ladislau Piçarra
e M. Dias Nunes

Collaborador musical
F. VILLAS-BOAS

Collaborador artistico
M. BAPTISTA SALTA

CLICHÉS DE:
A. de Mello Breyner,
F. Monteiro, F. Villas-Boas,
J. Monteiro
e J. V. Pessoa

SUMMARIO:

TEXTO

PREÇO DA ASSIGNATURA:

(Pagamento adeantado)

Em Portugal (continente), série de 12 numeros

1$200 réis

Para o ultramar e estrangeiro accresce o porte do correio

Numero avulso
100 réis

Toda a correspondencia deve ser dirigida à redacção e administração de

"A TRADIÇÃO"
SERPA
(Portugal)

Venda avulso d'esta revista.
LISBOA, Galeria Monaco, Rocio.
PORTO, Livraria Moreira, Praça de D. Pedro, 42 e 44.
COIMBRA, Livraria França Amado.

AOS SENHORES ASSIGNANTES D'«A TRADIÇÃO»

A revista *A Tradição*, que projectavamos e annunciámos ao publico em fins de 98, por 600 réis o anno ou série de 12 numeros, era uma publicação in-8.º, impressa no papel commum de jornaes, e sem illustrações. Depois, á ultima hora, e verdadeiramente «por amor da arte», resolvêmos apresentar a revista em maior formato, in-4.º, impressa em bom papel e adornada de estampas e trechos musicaes — tal como sahiu.

Claro está que as despezas augmentaram de modo consideravel; elevaram-se, mesmo, a uma cifra muito superior ao dobro da que haviamos calculado primitivamente.

Como, porém, antes ainda do 1.º numero vir a lume, nos tivessem enviado a importancia de bastas assignaturas, á razão de 600 réis, dominou-nos o escrupulo de augmentar o preço annunciado — embora esse augmento fosse bem justificado, e não obstante a certeza adquirida, do enorme prejuizo que a publicação devia dar, e realmente deu, no anno proximo passado.

«A Empreza da *Tradição*» não é uma empreza commercial, isto é, não aspira a proventos; mas o que não póde é continuar a perder grandes quantias. E por isso se vê obrigada a alterar o preço da revista, a qual, d'or'ávante, passa a custar 1$200 réis por anno ou série de 12 numeros. Só assim lograremos custear — e muito á justa, rez-vez — as despezas materiaes da publicação.

Escrevêmos propositadamente «despezas materiaes», porque nenhum dos collaboradores do nosso humilde mensario percebe a minima remuneração: todos aqui trabalham exclusivamente por amor da Patria e por amor da Sciencia.

De resto, o preço agora estabelecido é ainda, sem contestação, um preço barato, vistos os melhoramentos que a *Tradição* apresenta.

Concluindo, cumprimos o grato dever de testemunhar o nosso reconhecimento aos senhores assignantes, pelo valioso auxilio que se dignam prestar a esta revista essencialmente portugueza e fundamentalmente patriotica.

A Empreza d'A TRADIÇÃO.

Anno II — N.º 2 SERPA, Fevereiro de 1900 Volume II

Editor-administrador, *José Jeronymo da Costa Bravo de Negreiros*, Rua Larga, 2 e 4 — SERPA
Typ. de *Adolpho de Mendonça & Duarte*, Rua do Corpo Santo, 46 e 48 — LISBOA

A TRADIÇÃO

Revista mensal d'Ethnographia Portugueza, Illustrada

Directores: — LADISLAU PIÇARRA e M. DIAS NUNES

O SANDEU DA RETORTA

(Capitulo para a historia da dança)

Em 1490 a cidade de Evora, uma das mais prezadas e frequentadas pelos reis da segunda dynastia, assistia a um espectaculo deslumbrante como outro tão apparatoso jámais tornaria a vêr. Realisavam-se as bodas do principe D. Affonso com a princesa D. Isabel de Castella, e D. João II quiz dar á solemnidade do casamento de seu filho a maior pompa e luzimento possivel. Foram estraordinarios os gastos que então se fizeram por conta da fazenda real, sendo talvez escassos os cem mil cruzados que os tres estados do reino, pouco antes convocados, haviam generosamente concedido para este effeito. El-rei fez grandes apercebimentos, tanto no reino como no extrangeiro, das mais variadas mercadorias, mandando vir da Italia, das Flandres, de Inglaterra, de França, das feiras de Castella, tapeçarias, sedas, pannos, armas, cavallos, prata em barra e outra infinidade de objectos, que haviam de servir de adereço. E apesar d'el-rei repartir dadivosamente d'estas cousas pela nobresa da sua côrte, ainda assim não foram poucos os fidalgos que se arruinaram para competir em gentilesa e galhardia com os mais opulentos.

Uma infinidade de extrangeiros affluiu á historica cidade do Alemtejo, onde as tradições da grandesa romana ostentavam, a esse tempo, uma formosa vetustez monumental. Muitos d'esses forasteiros vinham simplesmente por especulação mercantil, outros para mero recreio da vista, a fim de assistir ás festas; outros para tomarem parte n'ellas, attrahidos pelo espirito de curiosidade e de aventura, desejosos de mostrar a sua pericia e a riqueza das suas armas e trajos nos torneios que promettiam ser tão solemnes. Os artistas e artifices, empregados na azafama de tantas obras concorreram em abundancia e até a culinaria exotica forneceu os officiaes mais habeis na arte de Vatel. Os banquetes pantagruelicos effectuaram-se ao som da musica, entre cantos e danças, entremeados de momos e de representações apparatosas e grotescas, e por isso não admira que viessem tambem de fóra muitos charamellas e menestreis para envolver n'uma fascinação artistica, os alvoroçados convivas.

Foi no domingo 27 de novembro que a princeza entrou em Evora e desde então, durante uns poucos de dias, as festas succederam-se e encadearam-se como perolas e joias nas tranças d'uma sultana. Os banquetes, os serões, os momos, as danças, as justas, não deixavam um momento de

descanço. Garcia de Rezende dá-nos na sua *Chronica de D. João 2.º* a lente atravez da qual podemos observar, gostosa e deslumbradamente, todo este ciclorama real.

Logo na terça feira á noite se realisou uma ceia opipara, em que havia regalos para todos os sentidos. Se na mesa appareciam os pratos mais phantasticos e graciosos, em volta d'ella não eram menos engenhosas as invenções, que enchiam de pasmo os alegres convivas. A grande salla de madeira, expressamente edificada para este fim, ricamente adornada de lambeis e tapeçarias, fazia lembrar o scenario de um palacio encantado. A imaginação dos poetas não seria mais fertil e por certo se confessaria vencida deante da frequencia e abundancia das galas e artificios.

Ha todavia um episodio do banquete que é o que mais particularmente nos interessa agora. A par d'uma representação figurando um rei gentio, acompanhado de tres gigantes de quarenta palmos de altura, «entrou uma muy grande e rica *mourisca retorta*, em que vinham duzentos homens tintos de negro, muito grandes bailadores, todos cheios de grossas manilhas pellos braços e pernas, douradas, que cuidavão que erão douro, e cheios de cascaveis dourados, e muito bem concertados, cousa muito bem feita e de muito custo por seren tantos e em que se gastou muita seda e ouro e fazião tamanho roido com os muitos cascaveis que trazião, que se não ouvião com elles, e assi houve outras representações e depois da cea muitas danças e outras muitas festas, que quasi toda a noute durarão, cousa certa para vêr.»

Transcrevemos este quadrosinho, tão cheio de movimento, como se n'elle revolteassem ao vivo as danças, da respectiva *Chronica*, onde está pendente do final do capitulo 124.

Que maravilhoso corpo de baile! Quem havia de dizer que D. João II, o *homem*, o taciturno, o assassino do duque de Vizeu, o perseguido, nas suas insomnias e allucinações, pelos espectros das suas victimas, dava um tão surprehendente emprezario de festas! Que bello director para uma Grande-Opera ou para o theatro wagneriano de Beyruth!

Garcia de Resende, na descripção d'estas festas é bastante minucioso e se elle julgou que se tornaria enfadonho, descendo a mais meudos pormenores, enganou-se, pois podia miniaturar á vontade, que muito agradecidos lhe ficariamos por isso. Que materia vasta não tinha a *reportagem* moderna e como ella nos descreveria, com superfluos accessorios, todos os recantos do scenario, todos os movimentos dos actores, por mais insignificantes que fossem! No entanto é de justiça dizer que o painel de Garcia de Resende é traçado por mão de mestre e se ha n'elle muita cousa ligeiramente esboçada, a nossa phantasia, fortemente suggestionada, não lhe custa a completar o resto.

A maior lacuna que sentimos em Garcia de Resende é de não ter apontado o nome dos artistas e artifices — dos principaes ao menos — que collaboram em todas as obras executadas, algumas d'ellas com pouco vulgar magnificencia, e que tanto cooperaram para o brilhantismo das festas. Que falta para a historia da arte e dos artistas em Portugal! Como nós lhe ficariamos hoje agradecidos se elle tivesse tido a lembrança de nos fornecer esses preciosos elementos, que tão anciosamente procuramos e que muito parcellarmente vamos encontrando, fragmentos d'um collar, que seria a mais rica joia d'um Museu archeologico e artistico!

Do sandeu, isto é, do bôbo ou do gracioso da retorta, tivemos nós a felicidade de encontrar os vestigios historicos em mais de um documento official. Chamava-se elle Guilhelme Thomaz e era creado de Briobris de Basto. D. João II, em 7 de novembro de 1490, o nomeou requeredor dos paços da madeira de Lisboa, em attenção aos serviços que elle prestava

GALERIA DE TYPOS POPULARES



Campaniço (trabalhador rural do termo de Mertola)

como *sandeu da mourisca que ora se faz nestas festas do casamento do principe, meu sobre todos muito prezado e amado filho.*

Eis o interessante documento na sua integra:

«Dom J.º etc. A quantos esta nosa carta virem fazemos saber que cõfiãdo nos da bondade e discrição de Gilelme Tomas, criado de Briobris, sandeu da mourisca que se ora faz nestas festas do casamento do principe meu sobre todos muito prezado e amado filho, e que nos servira bem e como a noso serviço cõpre, e querẽdolhe fazer graça merce, temos por bem e ho damos por requeredor do paço da madeira da nosa cidade de Lisboa, asy e pela gisa que ho ate quy foy J.º Velho, que o dito oficio de nos por nosa carta tynha e se ora finou, com ho quall oficio (falta terá) mill bij^c rs de mãtimento por anno a rezã de cem rs por mercees (sic).

E porem mandamos &c em forma. Dada em Evora a bij dias do mes de novẽbro ElRey ho mandou por dom Martinho de Castell branco do sseu conselho e veador de sua fazenda — Pero da Mota e fez anno do nascimẽto de noso Sor Jhuu x.º de mil e iiij^c e noventa.» [1]

Quem era este Gilhelme ou Guilhelme Thomaz? Pelo documento que acabamos de transcrever ficamos sabendo apenas duas particularidades da sua vida — que era criado de Briobris de Basto e sandeu da retorta. Seria acaso mouro forro ou indigena africano, fôrro tambem? O nome de Guilhelme, n'aquella epoca designa vulgarmente procedencia estrangeira e o nome do patrão, Briobis, parece tambem não ter cunho nacional.

Chegando ao reinado de D. Manuel achamos outra vez novas do nosso *sandeu.* Havia-se elle embarcado para a Guiné, e segundo constava, lançara-se com os negros da terra. Era então um costume frequente. Os portuguezes, ou talvez antes os escravos forros e descendentes d'elles, tinham uma grande tendencia para se familiarisar com o gentio africano, tomando os seus costumes, n'um atavismo selvagem, n'uma regressão á vida primitiva. Os factos eram nume osos e tanto que se legislara sobre o caso. D. Manuel, como o Guilhelme havia dous annos que não voltara, lhe tirou o logar de requeredor dos paços da madeira e o deu a Gonçalo Ferreira, morador na cidade de Lisboa. A respectiva carta, de 30 de agosto de 1500, é do theor seguinte:

«Dom Manuell &c A quamtos esta nosa carta virem ffazemos saber que a nos disseram ora que huu Guylhellme, criado de Brecbrys do Basto e requeredor que era do nosso paço da madeira desta cidade, passava de dous annos que fora pera Guyne e se lançara com os negros sem numqua mais tornar a servir o dito oficio e que por ello o perdia e o podiamos dar a quem nossa merce fosse, polla quall razam, se asy he como a nos disseram, querendo fazer graça e merçe a Gonçallo Ferreira, morador na dita cidade, temos por bem e lhe fazemos merce do dito oficio de requeredor da cassa do dito paço da madeira quanto a nos de direito pertence e lho dar podemos. E porem mandamos ao nosso comtador.... Dada em a nossa cidade de Lixboa aos xxx dias dagosto — EllRey o mandou per dom Martinho de Castel Branco senhor de Villa Nova de Portimaão, do seu conselho e veador da sua fazenda — Francisco de Matos a fez — anno do nascimento de nosso Sõr Ihuu xpo de mill e quinhentos annos.» [1]

Resta-nos agora dizer duas palavras acerca de Briobis de Basto. Era

---

[1] T. do Tombo, chro. de D. João 2.º, L. 16, fl. 110. Parece que o copista que registou o documento se enganou, pois o ordenado a cem rs por mez, devia dar por anno mil xij (mil e duzentos) e não mil e bjj^c (mil e setecentos).

[1] T. do Tombo, chanc. de D. Manuel, L.º 12, folh. 45.

cavalleiro da casa real e bom cavalleiro, ao que parece. Acompanhou D. Affonso V em todas as suas campanhas e trabalhos bellicos e foi por certo um dos combatentes da batalha de Castro Queimado, mais conhecida pelo nome de Touxo. Foi n'esta cidade, a 15 de março de 1476 que D. Affonso V assignou a carta, pela qual, em satisfação de seus serviços e casamento, lhe fazia mercê da tença de 22 mil reaes brancos. Em 1496, em carta de 12 de março, passada em Montemór-o-Novo, D. Manuel lhe confirmara o cargo de escrivão da portagem de Lisboa, que D. João II, lhe tinha dado.

Lisboa 27 de Fevereiro de 1900.

SOUSA VITERBO.



SETUBAL

Crenças, superstições e usos tradicionaes

I

LOBIS-HOMENS E BRUXAS

Na vastissima cohorte de seres mysteriosos que povoam a imaginação do vulgo, estão em primeiro logar os lobis-homens e bruxas.

Sendo geral, por assim dizer, esta crença, varía comtudo na fórma, d'uma para outra localidade.

Descrevo-a portanto tal como aqui se crê e conta, na ideia de que, embora repise qualquer outra tradição, sempre haja alguma particularidade interessante e inedita.

Isto dito, entremos nas regiões maravilhosas e nevoentas da crença popular.

*
* *

Quando um casal tem sete filhos do mesmo sexo, o ultimo que nasceu é lobis-homem ou bruxa, conforme a serie é de rapazes ou de raparigas; e só poderá livrar-se do triste condão, se o primogenito fôr padrinho do baptismo do seu infeliz irmão, ao qual tratará sempre por afilhado.

Se a criança fôr baptisada sem esta cerimonia, nada já pode obstar a que siga o seu destino, até que alguma alma corajosa, lhe *quebre o fado fazendo-lhe sangue.*

Digamos em que consiste esse *fado* na imaginação dos crentes.

O lobis-homem vive de dia como qualquer *alma christã* [1] e só se differença dos homens em ter uma callosidade na palma das mãos, vestigio indelevel das suas excursões nocturnas.

Quando são horas de repouso, começa elle o seu fadario.

Sae de casa debaixo de chuvas e ventos (porque quanto mais tempestuosa é a noite mais o *fado* o impelle a sair).

Uma vez na rua, vae em busca de um *espojadouro* onde se *espoja* até adquirir a fórma de jumento de côr preta; e n'essa nova phase investe contra tudo o que encontra, pisa as searas, e, corrido pelo canto dos gallos, percorre, em vertiginosa carreira, *sete vilas acasteladas*, até ao romper da aurora, que é quando torna ao *espojadouro* para readquirir a forma humana, e na outra noite tornar a percorrer o cyclo do seu fadario.

Se durante as desordenadas carreiras (porque corre como o pensamento) (sic) algum mortal o ferir, ainda que ligeiramente, retoma logo a fórma humana e acaba o *fado.*

E' crença, porém, que vive pouco tempo depois de liberto.

No dia seguinte á correria o individuo que é lobis-homem, sente um grande cançasso, do qual não conhece a causa.

O maior inimigo do lobis-homem é o gallo.

Presente-o e denuncía-o immediatamente.

---

[1] Assim chamam no campo aos seres humanos.

Quando se ouve um gallo cantar fóra das horas habituaes, isto é, antes da meia noite, é certo que nas proximidades anda retouçando algum lobis-homem ou bruxa, que só fugirá d'ali ao seu terceiro canto.

A côr do gallo influe poderosamente no poder esconjurativo do animal.

E' preferido em primeiro lugar o de côr preta; todos os outros lhe são inferiores em virtude, sendo o branco o que menos poder possue, chegando muitas vezes a não ter força para afastar do sitio o lobis-homem.

*
* *

As bruxas tendo a mesma origem, como fica dito, a sua missão é outra, não tão violenta e agitada, mas mais perniciosa e fatal.

Logo depois do pôr-de-sol, quando a Noite começa a descer sobre a Terra que adormece, as bruxas transformam-se n'uns seres invisiveis e começam as suas depredações.

Entram nas casas *pelo buraco da fechadura*, sujam as creanças e adultos, reduzindo-os a quasi esqueletos, e tão tristes, que nunca mais a luz d'um riso vem purpurear-lhe os labios.

E' *bruxedo*, diz o povo ingenuo e crente.

Pelas noites sombrias reunem-se as bruxas nas encruzilhadas das ruas ou das estradas, para ahi fazerem as suas sessões.

Ouvem-se então gritos sinistros, gargalhadas fatidicas, e outras coisas tétricas e lugubres.

Outras vezes entretêm-se a desnortear o aldeão que anda toda a santa noite perdido pelas serras que elle conhece pedra a pedra, moita a moita, e ao vel-o assim as bruxas soltam gargalhadas d'escarneo!

Eis a *bruxa* da crença popular, que reina por estes sitios.

Uma especie de tigre que óra lambe a preza, óra a despedaça nas garras.

Para muitos a bruxa é synonymo de feiticeira.

Aqui, porém, parece fazer-se distinção.

A feiticeira é uma mulher que dispõe de *mau olhado* e está iniciada nas praticas misteriosas dos *quebrantos*.

A bruxa, como acabâmos de ver, é um ser impalpavel e invisivel, nem sempre de funestas consequencias como o attesta a narração popular.

Ha varias receitas e operações para afastar as bruxas, assim como para curar os seus maleficios.

A persignação é tida como um dos melhores remedios.

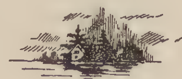
Quando uma criança boceja, ouve-se logo a mãe ou qualquer outra pessoa aconselhar:

—«Faze uma cruz na boquinha por causa das bruxas»—.

Tambem quando nos succede qualquer coisa desagradavel, é costume dizer:—«Parece que não me benzi hoje!»

Como preservativos usa-se a *figa*, o *cornicho*, e outros objectos de que faremos descripção, quando tratarmos dos amuletos populares.

ARRONCHES JUNQUEIRO.



A caça no concelho de Serpa

(Continuado de pag. 14)

QUANDO alguem passa d'um córgo para outro, atravez das portellas, diz-se que *aportilhou*. A' depressão que se oberva no extremo do pontal, ou *focinho*, dá-se o nome de «porta baixa», e dá-se egualmente este nome á depressão existente entre dois outeiros de pequenas dimensões.

Umbria é a ladeira mais sombria, por ficar virada ao norte ou a este, e onde o matto cresce com enorme

vigor; chamando-se á ladeira opposta *soalheira*. Ha umbrias de matto tão velho e tão espesso e alto, que é quasi impossivel atravessar. As barrancadas, essas então não é possivel atravessal-as, nem mesmo os mais experimentados. Até os cães difficilmente alli podem caçar.

Os valles, largos e limpos de matto na sua maior parte, são, como todos sabem, o leito ou berço d'estes terrenos. *Malhadal* é o sitio quasi plano ao lado dos pontaes ou outeiros, em ponto elevado, onde os guardadores de gado fazem malhada ou dormida, ao abrigo dos ventos tempestuosos. N'estes logares deixa de crescer o matto; e em consequencia dos estrumes que o gado alli deposita, cresce a erva, que os coelhos depois veem comer.

Os outeiros, que sobresáem d'outrôs que os cercam, denominam-se *ataláias*; e quando havia rezes, serviam elles para *atalaiar*, como ao diante se dirá quando tratarmos da caça grossa. Algumas d'estas atalaias foram escolhidas para a collocação de pyramides no levantamento da carta geodesica.

Chama-se *mancha* a uma porção de terreno formado de umbrias e córgas, ordinariamente cobertas de matto, basto e crescido, onde a caça costuma acolher-se. E' á mancha que os caçadores circumscrevem a batida.

Quando a caça se abriga em matto, que melhor a defende do caçador e dos cães, diz-se que se *emmanchou*.

Verdugal é o nome dado ao matto delgado, crescido, basto e muito verde.

Machieiros são môitas de urze branca — *urso*, como aqui lhe chamam todos os homens do campo e os caçadores.

Algarejos: pequenos algares ou furnas onde o matto cresce muito. São geralmente formados pelas fragas e depressões bruscas do terreno. *Manantio* é o mesmo que manancial. Os javalis procuram, para se rebocarem, os manantios sempre cheios de juncos, matto crescido, machieiros e carrasqueiros.

Os mattos, que mais se encontram na serra de Serpa, são os seguintes: estevas, sargaços, medronheiros, lentiscos, carrasqueiros de azinho e sôbro, adérnos, *sanguinhos* (arbusto, cuja madeira, d'um amarello vivo, dá tinta da côr do sangue), tojos, alecrim, rosmaninhos, o chamado *matto do ar*, e a erva arcal, muito usada pela gente do campo para medicamentações.

Nos terrenos de caça miuda, como charnecas, o matto é curto. Nos barros ou herdades vêem-se moitas, poucas, de piorno, rosella e outras ervas; e nos montados, alguns carrasqueiros, rosellas e sargaços.

*
* *

N'outros tempos, caçava se mais e melhor. A caça era o exercicio e distracção dos remediados da fortuna, dos *ricos*, (como o povo aqui designa os que vivem dos seus rendimentos) e constituia a diversão dos que trabalhavam ou viviam do seu trabalho. Para outros era um dever do cargo que exerciam e n'este caso estavam os coiteiros, os malhadeiros e os guardas ruraes.

Hoje tambem se caça, mas d'outro feitio.

Toda a gente tem espingarda e vae caçar, umas vezes por outras; mas quem mais caça são os pobres, que fazem d'isso, alguns, modo de vida.

O que é rarissimo, hoje, é fazerem-se as boas e luzidas caçadas d'outros tempos, e ajuntarem-se regularmente todos os sabbados, para irem caçar, as grandes *joldas* ou ranchos de caçadores. Antigamente realisavam-se, em diversas epochas do anno, caçarias á caça grossa e á caça miuda, as quaes eram organisadas com especial feição, conforme ao depois direi.

As herdades d'este concelho, na sua maior parte, conheci-as ainda cheias de carrascaes e piornaes onde a caça ia acoitar-se. E a serra estava

coberta de cerrados matagaes, formando compridas manchas, muito ferteis em caça grossa. Hoje, as herdades estão inteiramente limpas de mattos e moitas, e a serra devastada pelas queimas. Esta circumstancia, mas talvez mais a facilidade das viagens e várias outras distracções accessiveis aos que podem dispôr de meios de fortuna, é certamente a causa de não se organisarem já, como outr'ora, as esplendidas caçadas, em que durante dias e semanas os caçadores se divertiam.

Aquellas boas e grandes caçadas que eu conheci, e de que tantas saudades tenho, enrijavam os musculos no exercicio de longas marchas e davam a promptidão e a destreza no manejo da espingarda, que se disparava com a certeza de attingir o alvo.

O caçador tem geralmente bons pulmões e perna rija; é sobrio; gosa saude; e habitua-se a soffrer a fome e a sêde, por longas horas, e a dormir em qualquer parte. Respirando, á farta, o magnifico ar puro dos campos, tão cheio do aroma das flores e dos arbustos, o caçador come bem, e digere optimamente devido ás finissimas aguas da serra, muitas das quaes são ferreas.

Com a espingarda, em que plenamente confia, posta ao hombro,—polvarinhos bem aprovisionados,—um pouco de pão com qualquer conducto dentro da mochila,—e acompanhado do seu cão, fiel companheiro,—o caçador não teme nada! Percorre sem medo as grandes serranias, parecendo-lhe ser o rei d'estas paragens, e dorme sem a mais leve preoccupação em qualquer ponto dos extensos mattagaes.

N'estes sitios, onde não havia nem ainda ha escolas de gymnastica, nem de tiro, a caça substituia esses exercicios e creio que com vantagem, principalmente na mocidade, sendo aliás muito proveitosa para a saude em todas as edades.

(Contínúa.)

A. de MELLO BREYNER.

OS AVEJÕES

Estamos chegados á época do anno em que elles apparecem, os avejões... Em que elles apparecem é um modo de dizer, porque os avejões, conforme o povo os imagina, nunca apparecem, nem apparecerão jamais. No entanto ha sempre quem os *veja*, quem lhes fuja, quem succumba *ouvindo* os seus rugidos mysteriosos, quem fique extáctico *perante* os lampejos da sua chamma, outras vezes *perante* o seu aspecto horrendo e tragico;—mas tudo isso, resultado d'uma illusão ruim, d'uma espécie d'insania devida ao *meio* imbecilisador em que essa pobre gente vive...

—Aqui é um bando de cretinos, estarrecidos de medo porque todas as noites, á mesma hora, vêem passar uma enorme figura alvejante, que arremessa pedregulhos como uma funda; além é um bairro inteiro alarmado porque todas as noites passam gemendo, sobre os telhados das casas, duas brancas figuras esguias... talvez dois homens gigantescos e magros, vestidos de branco, ou em *roupas menores;* acolá é uma familia inteira, afflictissima, por fim definhada e cadaverica, porque todas as noites o predio lhe abana como em occasião de terramoto, ameaçando cahir, submergindo a todos debaixo das suas temerosas ruinas... E muitos casos mais, que não vale a pena enumerar—sombra espessa da tradição insciente, resquicios d'uma educação criminosa, producto venenoso d'um passado sombrio!

E vejam isto, que é o que mais espanta: Pessoas engravatadas e decentes frequentam estas diversões, quero dizer, accorrem a estes espectaculos tristissimos e symptomaticos, não aconselhando juizo aos ludibriados, mas incorporando-se como auxiliares *sinceros*—aqui para evitarem as pedradas da funda... que nunca existiu; além para darem á prisão os homens—phantasmas que passeiam,

CANCIONEIRO MUSICAL

II

Carmesita, Carmesita

(DESCANTE)

gemendo, sobre os tectos das casas... sem quebra d'uma unica telha; acolá para ampararem os predios sacudidos por mão desconhecida... e tão desconhecida que ninguem jamais a sentiu ou a enxergou; finalmente «para *verem* com os seus proprios olhos» dizem elles... que tanto pode a acção deleteria do *meio*!

O' tradição, tradição! com que preciso cuidado tem de ser feita a tua escripta (ja não digo — escolha) — mescla de trigo e joio que dá vida, e mata, conforme o exemplo é levantado ou baixo, verdadeiro ou falso, decoroso ou vil! Mineiros d'este minerio que se não cava; benemeritos d'esta campanha intellectual que tem por fim resuscitar o passado para o comparar com o presente: muito cuidado, pois! Não occulteis nada...

Saber, saber — eis o grande anceio das almas! Portanto — criterio, opinião individualista, isto é, a consciencia do escriptor — que não fique no fundo do tinteiro... E na maneira de dizer é que está, muitas vezes, tudo: a luz ou a treva, o bem ou o mal, a verdade ou o erro.

Quando eu era rapaz e que frequentava de noite a rua em pergunta d'amôres... tantas vezes apenas imaginados! um modesto chale-manta que eu tinha, claro como a tradicional vestidura dos avejões, fez-me protagonista de scenas hilariantes, e alguns sustos me acarretou tambem, a pobre cobertura inoffensiva, quasi tão branca como a consciencia d'um justo: Umas vezes eram os habitantes do sitio, amedrontados, fechando estrepitosamente as portas, ou os postigos, das respectivas casas d'habitação; outras, gente fugindo e gritando: «Além vem elle! além vem elle!»; muitas outras, sentindo que corriam para mim alguns homens armados, com espingardas ou espadas em posições ameaçadoras, bradando roucos de cólera e medo: — que fizesse alto, que fizesse alto! Recordo o seguinte caso comico, succedido comigo ha annos, que dá bem a idéa do que por aqui vai ainda, ácêrca da tal patacoáda dos avejões:

Era meia noite... (*e o sól raiava*, não!) e a lua, deslisando no azul do ceu, espalhava uma doce claridade toda cheia de mysterio, que até, parece, fazia sonhar a gente... Noite d'amores! Por isto talvez, por odio talvez, cães ladravam e mordiam-se, de pêllo hirsuto e dentadura hostil, produzindo um d'esses sussurros de tom sinistro, que, a horas mortas, faz sobresaltar as almas dos máus e dos ingénuos. Eu passava; e como nunca, até hoje, a minha consciencia me mandou precaver contra o desconhecido, passava, como sempre, sem arma de fogo para aggredir, sem um pedaço de ferro para me defender; por outra — como ia munido, apenas, da minha bengalita e me vi diante d'aquella canzoada de queixo á solta, recorri a um pedregulho qualquer em que topei, e arremessei-o ao primeiro digitigrado que, furiosamente, se me atirou ás pernas...

Que fui eu fazer?

Era em uma praça da povoação, extensa e arborisada. Uma das suas faces lateraes era constituida pela frontaria d'enorme predio, e respectivo quintal; e, adiante das paredes d'este, como que pondo uma nódoa de demarcação no bello recinto da praça, um velho alpendre de ferrador. Em o primeiro andar do predio fôra installada uma sociedade philarmonica. Pois foi rente da porta d'entrada d'este edificio, que passou, zumbindo e aos galões pela calçada, o pedregulho atraz referido. Estavamos então no apogêu d'uma ridicula nevróse do medo dos avejões... E parece que vinha a sair um dos musicos que, possuido de susto preconcebido, e tambem da realidade palpavel da pedra faiscante, recuou e fugiu pela escada acima, alarmando 15 ou 20 socios com os seus gritos sinceros e mais ainda com a pallidez do seu rosto apavorado. Não havia dúvida: d'esta vez era *elle!*

Correram todos ás janellas para se desenganarem. «Lá 'stá, la 'stá!» diziam. Depois fechavam estrepitosamente! tornavam a abrir! tornavam a fechar... Doidos varridos! -- Note-se: eu ainda não tinha comprehendido. Esperei mais uns segundos, e marchei ao meu destino, sem saber explicar a mim mesmo, é certo, o alvorôço que notára e os gritos abafados que ouvira...

— Ao outro dia... era um fallatório de mil diabos! Numa repartição publica, em que entrei, fui recebido por estas exclamações *triumphantes*: «Então, não lhe diziamos nós? Ainda negará? ainda duvidará? Viu-se hontem! Muita gente o viu! Ninguem se atreva a negal-o, agora! Era meia noite em ponto... As pedras *ferviam* naquellas janellas da sociedade. Ha la buracos que lhe cabem punhos! E sumiu-se como por encanto! Parece que se abriu o chão com elle».

Eu nem pestanejava.

Mais calmos, contaram-me então que o velho continuo, á frente da mocidade frequentadora da associação — aquelle de clavina, e estes munidos de toda a sorte d'armas, desde a pistola mais ferrugenta até á espada mais ingloria — se dirigiram ao sitio onde eu estivéra, gastando quartos d'hora nessa *arriscada* pesquisa, e acabando por assaltar o alpendre, onde suppunham o avejão deitado ao comprido atraz do banco de ferrador... Ainda se lhes arrepiavam os cabellos ao contarem isto!

(Conclúe.)

Vidigueira.

PEDRO CÓVAS.



RIMAS POPULARES

— Licença peço, menina,
Licença vos peço inteira
Para colher uma rosa
D'essa tão fresca roseira.

— A licença, eu vol-a dou
Mais a Senhora da Guia.
Dizei-me, senhor mancebo,
Veio por alguma via?

— A via por que aqui venho
Eu lh'a digo na verdade:
Venho para passar tempo,
Que é coisa da mocidade.

— Se é coisa da mocidade,
Dizei-me, amor do bem qu'rer:
Sabe cantar ou tocar?
Sabe ler ou escrever?

— Não sei ler nem escrever,
E nem sei tocar viola,
Mas espero de apprender,
Menina, na vossa escola.

— Escola, se é qu'eu a tenho,
N'ella não ha-de apprender;
Não tem senso nem memoria
Para n'ella saber ler.

— Eu cuidei, minha menina,
Que vós me quizesseis mais.
— Muito vos quero, mancebo,
Mas é bom que já *marchais*.

— Tenho-vos querido immenso,
Com alma e do coração,
Mas a rosa que aqui está
Não lhe haveis de pol-a mão.

— Se lhe não pozer a mão
Não hei-de viver comvosco;
Mas em 'star á vossa vista,
Menina, tenho bom gôsto!

— Se tendes esse bom gôsto,
Desgostai, por vida nossa;
Esta rosa que aqui está
E' d'outro, que não é vossa.

— Se é d'outro, que não é minha,
Talvez não tenha de o ser...
... Menina, diga a seus paes
Que a mandem *arreceber*.

— Isso é que eu lhe não direi,
Eram razões escusadas;
Meninas de quinze annos
Não sabem governar casa.

— Meninas de quinze annos
Governam casa e marido.
Assim fareis vós, menina.
Quando *casares* commigo·

— 'Stá bem dita essa razão,
Vós, mancebo, a dissesteis;
Mas alem 'stá o caminho,
Voltae pelo que viesteis.

— O caminho que alem 'stá,
Bem o estou vendo d'aqui,
Mas por elle nunca irei
Sem a rosa a par de mim,

— A rosa não levará
Porque ella não quererá;
Mas vinde cá outra vez,
Que a resposta levará.

— Outra vez é que eu não venho
A gastar solas de balde;
Não quero amores á força
Nem contra a sua vontade.

— Vinde, amorinhos humanos:
Namorei os vossos olhos
Da edade de quinze annos.

— Vinde, amor da caridade:
Namorei os vossos olhos
Sendo elles da mesma edade.

(Da tradição oral, em Serpa).

JOÃO VARELLA.



MODAS-ESTRIBILHOS ALEMTEJANAS

CÁRMESITA, CARMESITA

Carmesita, Carmesita,
Carmesita da lembrança!
Anda, vem dançar ao meio
Uma linda contradança!

Uma linda contradança,
Anda, vem dançar ao meio!
Carmesita, Carmesita,
Dança, não tenhas receio.

M. DIAS NUNES.

LENDAS & ROMANCES

(Recolhidos da tradição oral na provincia do Alemtejo)

D. LEONARDA

(1.ª variante do romance *Bella Infanta*) [1]

Estando D. Leonarda,
No seu jardim assentada,
Penteando o seu cabello
Com pentes d'ouro e prata,
Deitou os olhos ao mar
E viu vir uma grande armada.
O capitão que vem n'ella
Tral-a muito bem guiada.
— Dizei-me lá, capitanos,
Dizei-me pela vossa alma,
Se esses amores que eu tinha
Veem lá na vossa armada.
— Esses amores, senhora,
La os vi morrer na guerra,
A mais pequena facada
Era a cabeça cortada.
— Ai de mim! triste viuva!
Triste viuva, coitada!
— O que déras, vós, senhora,
A quem v'l'o trouxera aqui?
— As telhas do meu telhado
Que são de ouro e marfim.
— Não quero as vossas telhas,
Não as pretendo p'ra mim,
Sou soldado, vou á guerra,
Não pretendo o estar aqui.
— De tres moinhos que tenho
Dar-vos-hei o mais gentil:
Um móe cravo, outro cannela,
Outro moe trigo anafil.
— Não quero os vossos moinhos,
Não os pretendo p'ra mim,
Sou soldado, vou á guerra,
Não pretendo estar aqui.
O que déras vós, senhora,
A quem v'l'o trouxera aqui?
— De tres filhas que tenho
Dar-vos-hei a mais gentil,
Uma *metterei-a* freira,
Outra fica para mim.
— Não quero as vossas filhas,
Não as pretendo p'ra mim,
Sou soldado, vou á guerra,
Não pretendo o estar aqui.
O que déras, vós, senhora,
A quem v'l'o trouxera aqui?
— Não tenho mais que vos dar,
Nem vós mais que me pedir.
— Senhora, podieis dar
Esse corpo tão gentil.
— Cavalleiro que isso pede
Precisa ser arrastado
Ao rabo do meu cavallo,
Em redór do meu jardim;

[1] O romance *Bella Infanta* foi publicado no ultimo numero da TRADIÇÃO de 99.

Desçam criados abaixo,
Venham fazel-o assim.
— Deixem-se estar lá, criados,
Não sejam tão bem mandados,
Que esse pão que estão comendo
Eu bem lh'o tenho ganhado.
Lembrae-vos ó vós, senhora,
Quem comvosco repartiu
Um annel de sete pedras?
Mostrae-me a vossa ametade,
Que a minha, eil-a aqui.

Villa Boim.

AI, TRISTE DE MIM, VIUVA...

(2.ª variante do romance *Bella Infanta*)

— Onde vaes, ó Isabel,
Onde vaes assim, viuvada?
— Vou contar á Virgem Santa
Minha vida malfadada;
Ai, triste de mim, viuva,
Ai, triste de mim, coitada!
Com tres filhas que eu tenho,
Sem nenhuma ser casada!
Virgem Santa, Virgem Santa,
Gavião que appareceu,
As tres filhas me roubou,
As tres filhas me perdeu...
Ai, triste de mim, viuva,
Ai, triste de mim, coitada!
De tres filhas que eu tenho,
E nenhuma bem casada!
O marido me abalou,
E na guerra me morreu...
Estas noticias me trouxe
Um compadre d'elle e meu.
Ai, triste de mim, viuva,
Ai, triste de mim, coitada!
Marido e filhas que tinha,
Agora estou desamparada!
— Ouça lá, comadre minha,
Ouça lá, minha comadre,
Desamparada não está,
Acceite a mão do seu compadre;
Ai, triste de ti, viuva,
Ai, triste de ti, coitada!
Inda tão nova e tão linda,
E por todos desprezada.
— Vae-te d'aqui tentador,
Vae-te *ávem* de mau agoiro,
Zunes em redor de mim,
Como se fosses um besoiro.
Ai, triste de mim, viuva,
Ai, triste de mim, coitada!
Nem ao pé da Virgem Santa
Por este homem sou respeitada!
— Esse homem hade-te respeitar!
O' minha mulher querida,
Trago-te aqui tuas filhas
A quem deste alma e vida;
Eu nas guerras não morri,
Esse homem é que mentiu,
P'ra te render a ser d'elle
Com tuas filhas fugiu.
— Bemdita e louvada seja
A Virgem Santa Maria,
Que me dá os meus amores
E me enche d'alegria;
Bemdita e louvada seja
A Virgem Santa Maria.

Elvas.

A. THOMAZ PIRES.



CONTOS ALEMTEJANOS

O Zé-Valente

Era uma vez uma viuva, que tinha um filho tão corajoso que contando já dezasete annos d'edade, ainda não tinha encontrado coisa nenhuma que lhe mettesse mêdo. Por isso, na aldeia só era conhecido pelo nome de Zé-Valente.

Este rapaz era afilhado dum padre, a quem elle ajudava á missa. Além disso tocava os sinos e fazia outros serviços.

O padre e padrinho, d'uma occasião, querendo experimentar até onde chegava a valentia do afilhado, arranjou dois bonecos de palha de centeio, vestiu-os de branco e poz um na torre da egreja, agarrado ao badalo do sino, fingindo que estava tocando ás almas[1], o outro, no meio da escada da torre. E elle, embrulhado num lençol, poz-se á porta da egreja, mas do lado de dentro.

O rapaz quando viu que eram horas d'ir tocar ás almas, foi para a egreja; e assim que abriu a porta viu logo um vulto branco. Olhou para o vulto branco e disse-lhe: «O' amigo! desvia-te para o lado, que eu quero passar, para ir tocar ás almas.»

---

[1] *Toque d'almas:* consiste em nove badaládas, dadas no sino da freguezia, ás 8 horas da noite, d'inverno, e ás 9 horas da noite, de verão.

O vulto não respondeu nem se mecheu. O rapaz tornou a dizer-lhe que se disviasse, para elle passar; mas o vulto continuou na mesma. O rapaz então, pregou-lhe uma valente cacheirada, com uma cacheira de ferro, que elle nunca deixava, deitando o vulto a terra. Depois de derrubar o vulto, subiu pela torre. Quando chegou ao meio das escadas, viu outro vulto branco, e, cuidando que era o mesmo que elle tinha derrubado á porta da egreja, disse-lhe: «O' ladrão! já tu aqui estás?!» E immediatamente deu-lhe outra cacheirada. Depois continuou a subir até chegar ao cimo da escada. Ahi, vendo um outro vulto, e suppondo que era ainda o mesmo, já não lhe disse nada: pegou-lhe nas pernas e deitou-o da torre para baixo. Em seguida, tocou ás almas e voltou para casa. No outro dia foi a casa do padrinho para ir a algum mandado, mas o padre assim que o viu, disse-lhe: «põe-te na rua, tratante, e não tornes mais a esta casa». O rapaz ficou muito admirado, e, desconfiando que tinha sido o padrinho que lhe tinha querido metter mêdo, foi para casa e contou á mãe tudo o que lhe tinha acontecido. Depois disse: «Mãe, eu vou correr mundo e só volto quando tiver encontrado uma coisa, que me metta medo». E antes que a mãe dissesse qualquer coisa, pegou na cacheira e saiu.

Havia já uns poucos de dias que elle tinha saido de casa, quando uma tarde, quasi ao pôr do sol, chegou a um monte onde pediu agasálho. Mas o lavrador, como não lh'o podia dar, disse-lhe:

—«O' rapaz! tu vês aquelle monte, que está naquella altura, no meio das brênhas?»

—«Vêjo, sim senhor» — respondeu o rapaz.

—«Pois bem, eu não posso dar-te o que me pedes, e se não queres dormir ao frio, vai para além». Mas acautela-te, porque dizem, que quem lá vai, não torna.»

—«Pois fez bem em me dizer isso, porque agora, ainda que me deixasse aqui ficar, já eu não queria.» O lavrador disse depois á mulhér, que desse ao rapaz um pão, um pedaço de toucinho, uma linguiça e uma tigéla de fogo, para elle fazer a ceia. A mulhér do lavrador assim fez, e o Zé Valente, logo que chegou ao monte, arranjou um braçado de lenha, acendeu o lume, e tratou de fazer uma *friginada* (fritada) com a carne que levava. Assim que poz a ceia ao lume, quando elle ouve uma voz vinda de cima da chaminé, dizendo: «ái que caio... ái que caio...» Zé Valente, ouvindo isto, pegou logo na cacheira; olhou para cima e disse: «cái á vontade, mas não me caias em cima da friginada.» Assim que estas palavras foram ditas, caiu um par de pernas, a que Zé Valente não deu cavaco, continuando a dar voltas á carne, que estava dentro da tigéla. D'ahi a bocadinho, ouviu a mesma voz dizendo outra vez: «ái que cáio... ái que cáio...» Deu a mesma resposta, e viu cair um corpo sem cabeça (tronco), que se uniu ás pernas. Zé Valente, então, disse: «Ora se tu has de cair todo, porque não caes logo duma vez?» Dito isto, caiu a cabeça, que foi unir-se ao corpo, transformando-se este num gigante!

O gigante, encostando os cotovêllos aos joelhos e a cabeça ás mãos, disse para o Zé Valente: «Olha, eu sou uma *alma penada*, que só tinha entrada no ceu, quando encontrasse uma pessoa que não tivesse medo de mim; e como tu és essa pessoa, quero recompensar-te o serviço que me fizeste. Além, naquelle canto, está enterrado um azado cheio de peças de dez mil reis; cava com esse enxadão e leva-o.»

(Continúa.)

(Da tradição oral — Brinches)

ANTONIO ALEXANDRINO.



BIBLIOGRAPHIA

Bohemia de Coimbra, por Alfredo de Pratt. — De ha muito que a vida academica coimbrã deveria ter sido estudada e descripta, sobretudo no seu aspecto bohemio, tão original e tão portuguez.

Parece incrivel, até, que similhante trabalho estivesse por fazer, depois do extraordinario incremento que em toda a parte tomou, no ultimo quartel do seculo XIX, a pormenorisada investigação dos velhos usos e costumes tradicionaes subsistentes, e quando é certo haverem cruzado a *Porta ferrea* centenas e centenas de bachareis formados!

Foi o nosso bom amigo Alfredo de Pratt— que não é bacharel, mas que é um distincto escriptor da pleiade dos *novos* — quem, afinal, veio preencher tão extranhavel lacuna, avolumando os materiaes da ethnographia nacional com a publicação da *Bohemia de Coimbra.*

Em quasi tresentas laudas d'uma prosa fluente e castiça, adoravel de simplicidade, descreve-nos Alfredo de Pratt o meio coimbrão e a vida academica com todas as suas engraçadas peripecias, os seus casos burlescos, os seus episodios divertidos, e as suas remotas praxes escolasticas.

A *Bohemia de Coimbra* é, a todos os respeitos, um livro apreciabilissimo, que se lê do principio ao fim com o maior agrado.

Um affectuoso aperto de mão ao seu auctor, o poeta gentil das *Orvalhadas.*

Schweizerisches Archiv für Volesksknnde. — Temos recebido com toda a regularidade esta importante revista trimestral, superiormente dirigida pelo notavel professor da Universidade de Zurich, o Senhor Doutor Ed. Hoffmann-Krayer, a quem endereçâmos a expressão cordial do nosso agradecimento.

Revue des traditions populaires. — Assim se intitula o orgão da *Société des traditions populaires*, de Paris, estabelecida no grandioso *Museu d'ethnographia do Trocadéro.*

A esplendida revista, por cuja recepção nos confessâmos muito gratos, publica-se mensalmente e tem como director o insigne homem de lettras Mr. Paul Sébillot.

The Journal of American Folk-lore. — Graças á amabilidade de Mr. William Wells Newell, reputado ethnologo norte-americano, secretario perpetuo da *American-Folk-lore Society*, somos tambem visitados pela excellente publicação cujo titulo encima estas linhas.

Mil agradecimentos.

Bulletin de Folk-lore.—Becebêmos, no anno findo, um fasciculo do interessante boletim publicado pela *Société belge de Folk-lore* e sob a conspicua direcção do erudito professor da Universidade de Bruxellas, o Senhor Doutor Eugène Monseur.

Agradecendo, ficâmos esperando, com verdadeiro interesse, nova visita de tão brilhante archivo de tradições populares.

Le Pays Poitevin. — E' a mais bella e a mais completa de todas as revistas ethnographicas que chegam á nossa mão.

Nitidamente impresso em optimo papel assetinado, *Le Pays Poitevin* insere substanciosos artigos sobre usos, costumes, archeologia, historia, litteratura e arte popular; intercalando no texto, que occupa 24 paginas de grande formato, finissimas estampas e trechos musicaes.

Acceite Mr. Gustave Boucher, preclaro director da encantadora revista, enthusiasticos emboras, d'envolta com o testemunho da nossa admiração.

Wallonia.— Desde os principios do anno preterito que vimos trocando a nossa humilde revista com a revista belga *Wallonia.*

Das publicações ethnographicas de maior apreço, foi *Wallonia*, a que primeiro nos honrou com a sua visita.

Todo o nosso reconhecimento para o seu illustrado director, Mr. O Colson.

Jadis. — A Mr. Amé Demeuldre, eminente publicista e homem de sciencia belga, agradecêmos muito penhorados a fineza que nos dispensa permutando com a *Tradição* o seu instructivo *Jadis*, valioso mensario d'archeologia e historia.

Mélusine. — Julgâmos ser esta uma das mais antigas revistas d'ethnographia, pois já hoje conta 23 annos de existencia.

A *Mélusine*, fundada por Mrs. H. Gaidoz e E. Rolland, dois ethnologos de grande reputação, occupa-se em especial de assumptos mythologicos, litteratura popular, tradições e usos. E vê a luz em Paris, tendo por director Mr. Henri Gaidoz, professor na «Ecole Libre des Sciences Politiques» e director da «Ecole des Hautes Etudes».

M. DIAS NUNES.



ADIVINHAS

Uma cabeça d'alho

O que é aquillo, que tem dentes e não come, e tem barbas e não é homem?

Uma estrada

Qual é a coisa que sóbe e désce oiteiros, e está sempre no mesmo sitio?

Um buraco

O que é aquillo, que quanto maior é, menos pésa?

(Da tradição oral, Brinches.)

ANTONIO ALEXANDRINO.

BULLETIN POUR L'ÉTRANGER

LA TRADITION

Revue mensuelle illustrée d'ethnographie portugaise

DIRECTEURS

Ladislau Piçarra et Dias Nunes

REDACTION ET ADMINISTRATION

À SERPA (PORTUGAL)

Sommaire du présent numéro de la Tradition

Texte: — Le fou de la cornue, par *Sousa Viterbo (Dr.)*; Setubal — Croyances, superstitions et usages: loups-garons et sourcières, par *Arronches Junqueiro;* La chasse dans le district de Serpa (suite), par *A. de Mello Breyner;* Les fantômes, par *Pedro Cóvas;* Rimes populaires, par *João Varella (Dr.);* Chansons, refrains de l'Alemtejo: Carmesita, Carmesita, par *M. Dias Nunes;* Légendes et romans, par *A. Thomaz Pires;* Histoires de l'Alemtejo: o Zé-Valente, par *Antonio Alexandrino;* Bibliographie, par *M. Dias Nunes.*

Illustrations: — Galerie de coutumes populaires: Campaniço (ouvrier rural des alentours de Mertola). — Recueil de chansons: Carmesita, Carmesita (musique).

MOUVEMENT ETHNOGRAPHIQUE PORTUGAIS

Histoire du culte de Notre-Dame en Portugal, par Alberto Pimentel. — La *Tradition* est très-heureuse de pouvoir faire part de la publication du *Culte de Notre-Dame en Portugal*, ouvrage grandiose — tout ethnographique — du célèbre écrivain Mr. Alberto Pimentel, homme de lettres très renommé. L'ouvrage, dont nous parlons, profondement investigateur, — ouvrage étendu et complexe, ouvrage de longue haleine, ouvrage de Maitre — est, selon ce que son auteur lui même a dit, «l'histoire du pays dans ses rapports avec les croyances nationales. C'est l'étude de l'âme portugaise, à partir de la formation de la nationalité jusqu'à nos jours, dans son aspiration vers cet idéal de chasteté et suavité suprêmes, personifiées dans la Sainte Vierge, comme c'etait tout naturel chez un peuple si aventurier et entrepreneur, si habitué aux malheurs, si éprouvé par de terribles et pénibles coups.»

L'*Histoire du Culte de Notre-Dame en Portugal* est en train d'être édité par les importants éditeurs Mrs. Guimarães, Libanio & C.ie, de Lisbonne.

R.

BULLETIN FOR ABROAD

THE TRADITION

Monthly illustrated review of portuguese ethnography

DIRECTORS

Ladislau Piçarra and Dias Nunes

OFFICES

SERPA (PORTUGAL)

Summary of the present number of the Tradition

Text: — The fool of the retort, by *Sousa Viterbo (Dr.);* Setubal — Legends, superstitions and traditional usages: Were-wolves and witches, by *Arronches Junqueiro;* The shooting in the Serpa district (continuation), by *A. de Mello Breyner;* The ghosts, by *Pedro Cóvas;* Popular rhymes, by *João Varella (Dr.);* Songs refrains from the Alemtejo: Carmesita, Carmesita, by *M. Dias Nunes;* Legends and romances, by *A. Thomaz Pires;* Tales from the Alemtejo: O Zé-Valente, by *Antonio Alexandrino;* Bibliography, by *M. Dias Nunes.*

Illustrations: — Campaniço (rural worker of the district of Mertola). — Musical collection: Carmesita, Carmesita (music).

THE PORTUGUESE ETHNOGRAPHICAL MOVEMENT

History of the worship of the Blessed Virgen Mary in Portugal, by Alberto Pimentel. — The *Tradition* regards with the greatest pleasure the publishing of the *History of the worship of the Blessed Virgen Mary in Portugal*, a new and grand work — essentially ethnographical — by the celebrated writer Alberto Pimentel, remarkable ornement of the portuguese litterature. The work, of which we speak, is a profound investigation, — long and complex, of great importance, work of a Master, — being as its author has written: «the hystory of the country relative to its national faith. It is the study of the portuguese soul, since the formation of the nation up to the present day, in aspiring to this ideal of supreme chastity and siweetness, which are personifical in the Blessed Virgen Mary, as would naturally happen to such an adventurous and enterprising people, so visited by misfortune and terrible hardships.»

The *History of the worship of the Blessed Virgen Mary* is being edited by the important Firm of M.ers Guimarães, Libanio and C.o, at Lisbon.

R.

Anno II — N.º 3 Volume II

SERPA, Março de 1900

A TRADIÇÃO

Revista mensal d'ethnographia portugueza, illustrada

«A TRADIÇÃO, de Serpa, pelo programma que se impoz e pela discreta diligencia com que procura desempenhar esse programma, representa, a meu vêr, o mais bello exemplo patriotico de educação publica exercida pela imprensa».

Ramalho Ortigão.

DIRECTORES:

Ladislau Piçarra
e M. Dias Nunes

Collaborador musical
F. VILLAS-BOAS

Collaborador artistico
M. BAPTISTA SALTA

CLICHÉS DE:
A. de Mello Breyner
F. [illegible], A. Villas-Boas,
J. [illegible]
e J. V. [illegible]

SUMMARIO:

TEXTO

ILLUSTRAÇÕES

[illegible] NATURA:

(Pagamento adeantado)

1$200 réis

Numero avulso

Toda a correspondencia deve ser dirigida á redacção e administração de "A TRADIÇÃO" SERPA (Portugal)

Venda avulso d'esta revista:
LISBOA, Galeria Monaco, Rocio.
PORTO, Livraria Moreira, Praça de D. Pedro, 42 e 44.
COIMBRA, Livraria França Amado.

Anno II — N.º 3 SERPA, Março de 1900 Volume II

Editor-administrador, *José Jeronymo da Costa Bravo de Negreiros*, Rua Larga, 2 e 4 — SERPA
Typ. de *Adolpho de Mendonça & Duarte*, Rua do Corpo Santo, 46 e 48 — LISBOA

A TRADIÇÃO

Revista mensal d'Ethnographia Portugueza, Illustrada

Directores: — LADISLAU PIÇARRA e M. DIAS NUNES

NOTAS HISTORICAS ÁCERCA DE SERPA

II

A primeira conquista de Serpa

QUANDO D. Affonso Henriques voltou a esta nossa parte do Alemtejo, as circumstancias eram bem diversas do que haviam sido nos já velhos tempos do *fossado* de Ourique, ou da passageira alliança com o moiro Ahmed-ibn-Cassi. Os vinte annos decorridos tinham sido bem aproveitados.

Pouco a pouco, passo a passo, mas firmando cuidadosamente cada um dos seus passos, elle alargara constantemente as suas fronteiras para o sul. Havia tomado Santarem, no anno de 1147, por um assalto nocturno de tal maneira atrevido, que poderia parecer uma creação da lenda se algumas fontes historicas não viessem abonar as suas circumstancias; e havia no mesmo anno cercado e tomado Lisboa, com o auxilio dos Cruzados do norte. Tomada Lisboa, e rendida Cintra sem combate, ficava senhor de toda a margem direita do Tejo; restabelecia as fronteiras, que já muitos annos antes, mas provisoriamente, estabelecera o seu avô, Affonso VI.

Do outro lado do Tejo, Almada e Palmella entregaram-se com facilidade. Alcacer resistiu mais. Era uma povoação celebre entre os moiros desde tempos antigos pela sua riqueza, pela fertilidade dos seus campos, pelo seu commercio, pela força do seu castello, e tanto que lhe chamavam o castello por excellencia, Al-Caçr. Como tal estava bem guardada. Resistiu a um golpe de mão similhante ao de Santarem; mas mal succedido, e no qual D. Affonso Henriques foi ferido e correu um grande risco pessoal. Resistiu a dois cercos, nos quaes, como no de Lisboa, tomaram parte os cavalleiros cruzados. Mas a final rendeu-se aos portuguezes no anno de 1158.

Rendida Alcacer, Affonso Henriques não parou, nem isso estava nos seus habitos. Parece, que logo no anno seguinte avançou para o sul e foi tomar Evora e Beja. Havia contado demasiado com as suas forças; e não só as guarnições que ali deixou foram obrigadas a retirar passado pouco tempo, como elle proprio soffreu nos campos do Alemtejo, e ás mãos dos cavalleiros almohades, um dos maiores revezes de toda a sua longa existencia militar.

Apezar da batalha perdida no anno de 1161, o impulso estava dado, e as conquistas continuaram. Circumstancia notavel, não eram unicamente o rei com os seus costumados e aguerridos companheiros de armas que proseguiam n'estas conquistas; todas

as classes tomavam agora parte na expansão do novo reino christão. No anno de 1162 e na noite de Santo André apostolo, um tal Fernando Gonçalves, seguido por um corpo de burgueses e homens do povo, *Fernando gunsaluis et quibusdam aliis plebeis militibus*, assaltou e valentemente tomou Beja aos moiros. No anno de 1166, um capitão de ladrões com a sua quadrilha, *et latronibus sociis eius*, tomou Evora tambem por surpreza. Não é talvez justo chamar a Geraldo Sempavor um simples capitão de ladrões. Seria o chefe de uma companhia franca, formada de gente sem muitos escrupulos, vivendo fóra da lei, *outlaws* como tantos havia por toda essa Europa da Idade-média; mas conservando não só a valentia, como o brio de verdadeiros homens de armas. As circumstancias da tomada de Evora devem pertencer á lenda; mas o facto de haver sido realisada por Geraldo Sempavor é historico, e assim o considerou Alexandre Herculano, tão escrupuloso em taes assumptos.[1]

Estas conquistas mudavam completamente a situação, como antes dissémos, e tornavam possivel o que nos tempos de Ourique teria sido irrealisavel. O Alemtejo já não era o coração da terra dos Sarracenos.

As armas christans podiam expandir-se com mais desafogo; e effectivamente no mesmo anno em que Evora foi tomada, Serpa e Moura caíram nas mãos do proprio D. Affonso Henriques. Esta conquista teve-se decerto na conta de importante, pois todos os nossos mais antigos monumentos historicos, o Livro de Noa, a Chronica dos Godos, o pequenino Chronicon de Lamego, todos a mencionam; e não esqueceu tambem no Livro chamado do Conde D. Pedro, onde se diz: «Na era de mill e duzentos e quatro annos (anno de 1166) filhou (tomou) a cidade d'Evora e Moura e Serpa.»

Mas, se aquelles antigos registos dos mais importantes successos são concordes no facto e na data, são tambem deploravelmente laconicos. A Chronica dos Godos, a mais explicita, depois de mencionar a tomada de Evora por Geraldo Sempavor, continua: *et post paululum ipse Rex cepit Mauram, Serpam, et Alconchel, et Coluchi castrum mandauit reedificari*...— e o proprio Rei tomou Moura, Serpa e Alconchel, e mandou restaurar o castello de Coruche: de feito Coruche já fôra tomado alguns annos antes. Entregues unicamente a este texto, deveriamos suppor, que Affonso Henriques marchou a travez do Alemtejo, passou o Guadiana e tomou aquellas povoa-

[1] Alexandre Herculano acceitou a façanha de Geraldo Sempavor com certa reluctancia (*Hist. de Port.*, I, 424), e na fé unicamente da *Chronica Gothorum*. Não conhecia a menção de Geraldo pelos escriptores arabicos, porque a versão de Gayangos, unica de que se podia servir, estava deploravelmente errada n'esta parte. Ibn-Khaldun diz, que no cerco posterior de Badajoz, quando Ibn-er-Renk (Affonso Henriques) foi preso, Ibn-Djeranda o gallego *(le galicien)* fugiu para o seu castello *(Hist. des Berbéres*, II, 198). O traductor, De Slane (l. c.), identifica com muita perspicacia este Ibn-Djeranda com Geraldo; a palavra *galicien* significava simplesmente portuguez, porque os arabes chamaram sempre *Galicia* ao Portugal do norte. Esta identificação de Slane e o dito de Ibn-Khaldun são plenamente confirmados por duas menções dos nossos velhos *Chronicons*, que até hoje escaparam — creio — á attenção de todos os investigadores. O *Chronicon conimbricense* diz: *In era MCCVI. quinto nonas maii intrauit alcaide giraldus badalouzi*. O *Chronicon lamecense* diz: *Geraldus alcaide intrauit badalloucium VI nonas maii. Era MCCVII*. Ha apenas uma leve discrepancia de data; e o cerco parece ter sido no anno de 1169, como diz o *Lamecense* — Temos pois, pelas fontes christans e mussulmanas concordes: que Geraldo é um personagem real e historico: que era alcaide, seguramente de Evora, o que já diziam os velhos historiadores portuguezes; que foi a Badajoz com D. Affonso Henriques, facto até agora não indicado. Seria interessante discutir este ponto, e a luz que pode lançar sobre o cerco de Badajoz; mas fica apenas apontado, pois não diz respeito a Serpa.

GALERIA DE TYPOS POPULARES



Aguadeiro alemtejano (Serpa)

ções. Os livros arabes, já habilmente interpretados por Alexandre Herculano, lançam, porém, outra luz sobre o successo.

Ibn-Çahibi-ç-Çalat, escriptor arabe contemporaneo ou quasi, diz que o rei de Portugal surprehendeu Truxillo em abril ou maio do anno de 1165; Evora em setembro ou outubro do mesmo anno; Caceres em janeiro de 1166; e depois o castello de Muntajech, e as povoações de Sheberina e Jelmanyah durante a primavera, sendo Sheberina tomada na entrada do mez de abril.[1]

Ibn-Khaldum confirma em globo estas noticias. Segundo elle conta, o khalifa Abu-Yacub[2] recebeu em Africa novas assustadoras da Hespanha; avisaram-n'o de que o *inimigo maldito* tinha surprehendido successivamente as povoações de Truxillo, Evora, a fortaleza de Chebrîna, a de Djelmania em face de Badajoz, e a propria Badajoz. Depois explica, que a noticia era falsa em relação a Badajoz, pois apenas fôra cercada, mas não tomada.[3] Como se vê, os dois escriptores arabes concordam nos factos principaes; e devem ser exactos, advirtindo, que elles conheciam a tomada de Evora, mas não as suas circumstancias, e portanto a attribuiam ao proprio rei, como era natural. Vejamos agora o que seriam as outras povoações.

Truxillo e Caceres são bem conhecidas, e nenhuma explicação é necessaria a seu respeito. Jelmanyah ou Djelmania[4] identifica-se seguramente com Juromenha; pois o nome Jurismenia tomaria esta forma na bocca dos moiros; e a phrase de Ibn-Khaldum «em face de Badajoz» se explica bem, no sentido de ficar no lado opposto do Guadiana, embora um pouco para baixo. Muntajech identifica-se tambem com toda a certeza com o castello de Montanches, entre Caceres e o Guadiana.[1] E Sheberina ou Chebrina identifica-se satisfactoriamente com Serpa. A tomada de Serpa, segundo os documentos christãos, concorda plenamente com a de Chebrina segundo os arabes; e os dois nomes não são tão diversos como á primeira vista poderia parecer.[2] Daremos, pois, como assente, que a fortaleza de Chebrina era Serpa.

Posto isto, podemos, apoiados em documentos christãos e mussulmanos, reconstruir com um certo gráu de clareza a campanha de D. Affonso Henriques, que foi muitissimo mais importante do que deixariam suspeitar as laconicas referencias das nossas velhas historias.

Passando pelo alto Alemtejo, ao norte de Badajoz, a hoste portugueza fez uma profundissima entrada até Truxillo, pelas terras de entre Tejo e Guadiana. Truxillo era uma povoa-

---

[1] Versão de Gayangos em *The hist. of the Mohamedam dynasties of Spain*, II, 522; veja-se tambem Herculano, *Hist. de Portugal*, I, 425.

[2] Abd-al-Mumen, o primeiro khalifa almohade, tinha morrido poucos annos antes, e succedera-lhe seu filho Yucef-Abu-Yacub.

[3] *Hist. des Berbéres*, II, 198.

[4] Estas diversas fórmas não significam, que os nomes estivessem diversamente escriptos nos dois livros arabes; mas podem unicamente provir de o systema de translitteração dos dois traductores ser diverso, e preferimos o de Slane ao de Gayangos.

[1] Alexandre Herculano parece identificar Muntajech com Alconchel (I, 426) o que é um simples lapso, porque a identificação com Montanches é segura, e de resto já tinha sido feita por Gayangos.

[2] A palavra *Serpa*, adoptada pelos arabes, dava naturalmente *Cherba*: primeiro porque o *s* inicial é frequentes vezes representado pelo *chin*, como em *Chantarin* de Santarem, em *Chant-iacub* de Sant-Iago; segundo, porque o *p* falta no alphabeto arabe e é substituido pelo *b*. De *Cherba* teriamos *Chebra* por uma simples transposição de consoantes, habitual entre moiros pouco lettrados. Nos tempos antigos, a palavra tomava muitas vezes entre os christãos a forma *Serpia*, que encontramos por exemplo na inscripção do Marmelal do principio do XIV seculo, e em varios documentos anteriores; e esta forma daria em arabe *Chebria*, bem proximo já de *Chebrina*. Indicamos apenas as semelhanças, deixando aos arabistas o cuidado de resolver mais scientificamente este ponto.

ção forte, cercada de boas muralhas, e habitada por gente perfida mas valente, vivendo principalmente de roubos e algaras em terras dos christãos [1]. Foi tomada, e occupada durante alguns mezes [2]. D'ali, seguiram a Caceres, cujos moradores não gosavam de muito melhor reputação, e que teve a mesma sorte. Em Caceres a demora foi pequena; e D. Affonso Henriques, descendo para o sul e tomando no caminho o castello de Montanches, veiu, segundo parece, passar atrevidamente o Guadiana entre Badajoz e Merida. Caminhando agora mais na direcção sudoeste, tomou Alconchel, Moura e depois Serpa, ponto extremo meridional da sua expedição. E' possivel, que os emissarios de Geraldo Sempavor lhe viessem sair ao caminho, dizendo-lhe como Evora ficava tomada e posta á sua obediencia, e pedindo-lhe ao mesmo tempo perdão das passadas culpas. Isto completava o triumpho do rei, e dava-lhe mais segurança por aquelle lado. Passando, pois, de novo o Guadiana, veiu um pouco ao norte tomar Juromenha ou Djelmanïa, que segundo uma das narrativas arabes parece ter sido a ultima conquista.

Truxillo, Caceres e Montanches foram sem duvida abandonadas depois de tomadas, nem era possivel pensar em as conservar a tanta distancia; mas Alconchel, Moura, Serpa e Juromenha ficaram por então na posse dos portugueses.

Tomando a expedição em globo, vê-se que traçou um enorme semicirculo em volta de Badajoz. E' licito imaginar, que o plano de se apoderar d'aquella praça já estava delineado no animo do rei; e que esta campanha foi como um reconhecimento em força, uma tentativa para de algum modo isolar a poderosa capital do Gharb mussulmano.

Procurámos dar ideia das operações de guerra, em que foi envolvida a conquista de Serpa. O que se pode ter como certo, é que no anno de 1166, logo em abril segundo os arabes, o pendão do fundador da Monarchia foi hasteado sobre os muros da fortaleza de Serpa ou Chebrîna [1].

Quanto tempo esteve Serpa na posse dos portugueses, é ponto sobre o qual não temos — ou pelo menos eu não conheço — noticia alguma segura. Persuadem-nos, porém, os acontecimentos posteriores, que esse periodo foi curto — provavelmente alguns annos, mas poucos [2].

Tres annos depois da tomada de Serpa teve logar o desgraçado cerco de Badajoz, no qual, como todos sabem, Affonso Henriques quebrou a perna e ficou prisioneiro de seu genro, Fernando II de Leão. Este desastre physico e moral abateu profundamente o grande homem. Difficilmente depois podia montar a cavallo; e o

[1] Informações de Edrisi na sua *Geographia*. D'esta Geographia, e das versões que existem ao diante falaremos detidamente.

[2] Isto deduz-se das datas: tomada de Truxillo em abril-maio, de Caceres em janeiro do anno seguinte. E, como as duas localidades são bastante proximas, segue-se que houve na primeira uma demora de mezes.

[1] As datas arabes e christans podem suscitar algumas duvidas. Assim o escriptor arabe colloca a tomada de Evora no anno de 1165, e os nossos unanimemente no de 1166. Alexandre Herculano propoz um systema de conciliação que me não parece provavel, e prefiro suppor n'esta parte um erro do arabe. Quanto á tomada de Serpa em abril e *depois* da de Evora, parece-me o facto acceitavel. Desconhecemos a data exacta da tomada de Evora, e apenas por um documento particular (citado no *Elucidario*) se sabe, que já estava na posse dos christãos em maio de 1166. Admittindo que teve logar em janeiro ou fevereiro, seria a de Serpa pouco depois, *post paululum* como diz a Chronica dos Godos.

[2] Em alguns livros modernos se diz, que Serpa foi tomada, e logo abandonada; mas não sei em que auctoridade esta noticia se funda. Pelo contrario, sabendo nós que Alconchel estava ainda na posse dos christãos no anno de 1171; é natural que estes conservassem tambem Moura e Serpa, pelo menos durante aquelles cinco annos.

seu animoso espirito não recuperou o vigor e elasticidade dos tempos anteriores. Faltou, pois, aos portuguezes a firme vontade que os guiava, e o braço forte que lhes deu sempre o exemplo nas occasiões de maior risco. De outro lado, o poder dos mussulmanos augmentou. A auctoridade dos khalifas da seita almohade havia sopeado um pouco a anarchia e indisciplina dos moiros da Hespanha, dando-lhes mais unidade de acção. De ambos os factos resultou, que nos ultimos annos do reinado de D. Affonso Henriques as fronteiras de Portugal no Alemtejo não só se não alargaram, como se restringiram sensivelmente.

Houve, na verdade, um glorioso clarão — a expedição, mais brilhante talvez que util, mas incontestavelmente muito brilhante, do herdeiro do throno até Sevilha. No anno de 1178, o moço D. Sancho atravessou a Hespanha, cortou pelos desfiladeiros da Serra Morena, e foi ás portas de Sevilha tomar o arrabalde então, e ainda hoje, chamado Triana. D'ali, não sendo possivel nem tentar a entrada de Sevilha, parece ter voltado por Niebla, vindo passar aos váus do Guadiana em direcção a Beja [1]. Passou, pois, não longe de Serpa, que então ainda seria de christãos [2], ou talvez já tivesse voltado á posse dos moiros.

De facto, antes da expedição do infante D. Sancho, houve uma grande entrada de moiros nas terras de Portugal. No anno de 1171, o khalifa Abu-Yacub veiu pôr cerco a Santarem, onde estava o velho D. Affonso Henriques, e para onde marchou em seu soccorro o rei de Leão, obrigando os moiros a retirar [1]. E' perfeitamente possivel que logo n'este anno, na marcha do exercito mussulmano a travez do Alemtejo, alguns dos castellos e povoações ultimamente tomados pelos portuguezes, entre elles talvez Serpa, voltassem ao poder dos moiros.

No de 1180 [2], estando o khalifa em Africa, um dos seus generaes, chamado Mohammed-ibn-Yucef-ibn-Uanudin, veiu de Sevilha cercar Evora. Esta praça resistiu pela força das suas muralhas e da sua alcaçova; e ainda mais talvez pela valentia dos freires de Evora — depois chamados de Aviz — que a guarneciam. Os moiros retiraram, tendo devastado os campos em volta, «e tomado de assalto alguns castellos da visinhança» [3]. E' n'este anno, que, a meu ver, se pode collocar com mais segurança a perda de Serpa Aquelles castellos seriam alguns dos ultimamente conquistados, Juromenha, Moura, Serpa, talvez Beja, que estavam em condições muito diversas de Evora, mal fortificados, mal guarnecidos, e incapazes de grande resistencia. Relativamente a Moura e Serpa o facto torna-se tanto mais provavel, quanto estas povoações estavam exactamente no caminho de Sevilha para Evora; e quanto os moiros se

---

[1] *Terceira parte da Monarchia Lusitana*, L.º XI, cap. 27.º

[2] Digo expressamente de christãos, e não de portuguezes, porque sobre isto pode haver algumas duvidas. No concerto celebrado, depois do desastre de Badajoz, entre Affonso I de Portugal e Fernando II de Leão, foram restituidos a este alguns castellos do norte; e alguns dos tomados ultimamente na margem esquerda do Guadiana. Isto é claro relativamente a Alconchel, pois Fernando II e sua mulher D. Urraca (a filha de Affonso Henriques) doaram aquelle castello á ordem de Santiago e ao seu mestre D. Pedro Fernandes no anno de 1171. (A. Herculano, *Hist. de Porttugal*, I, 436; Salazar y Castro, *Hist. de la casa de Lara*, L. XVI, cap, 2). Teria Serpa a mesma sorte e passaria tambem para Leão? Persuado-me que não, por motivos que talvez ao deante tenham cabimento n'estas notas. Em todo o caso a duvida ahi fica exposta.

[1] Este facto consta sobretudo das historias christans; veja-se A. Herculano, *Hist. de Portugal*, I, 439.

[2] Ou de 1179; o escriptor arabe só diz, que isto se passou pouco antes de 1181.

[3] Palavras de Ibn-Khaldun, *Hist. des Berbéres*, II, 204.

haviam então solidamente estabelecido nas proximidades [1].

Finalmente, no anno de 1184, o khalifa voltou á Hespanha com um colossal exercito africano; juntou-lhe em Sevilha as tropas andaluzas; e foi segunda vez passar o Tejo e cercar Santarem, onde morreu, como é sabido. Se alguma pequena povoação ficava ainda na posse dos portugueses por este nosso lado, seguramente se perderia então.

Em resumo, devemos collocar a perda de Serpa n'aquelle periodo (1171-1184), e com mais probabilidade no anno de 1180. Tomada por Affonso Henriques no de 1166, e reconquistada passados quatorze annos por Ibn-Uanudin, ou talvez mesmo antes, a nossa villa apenas passou pelas mãos dos portugueses, que mal teriam tempo para a modificar.

Torna se assim pouco acceitavel a opinião corrente, de que o primeiro rei de Portugal mandasse construir alguma parte das muralhas actuaes. Como ao deante veremos, essas muralhas, mesmo a parte mais antiga d'ellas, devem ser bastante posteriores.

CONDE DE FICALHO.

[1] O castello de Mertola, que já antes era muito forte, foi augmentado com uma grande torre por este tempo, acabando-se a obra no anno de 1171, sob a direcção do alcaide Abu-Bekr, e por ordem de Abu-Hafs; Conde, Parte III, cap, 48.º



O SENHOR SETE

Começo a dar hoje n'estas doces paginas da *Tradição* tudo quanto a minha paciencia para coisas do povo tem colligido,— aqui, alem, acolá—*em que entre o algarismo* 7, que é, como se sabe, muito do agrado popular. Começarei pelas quadras que estão n'esse caso, incluindo, está bem de vêr, as que se referem ao *setestrello;* —passarei depois aos dictados, rifões, parlendas e phrases feitas, em que esse algarismo figure tambem;— aos responsos, esconjuros, orações e adivinhas, em que o mesmo se dê; e por ultimo (e quem sabe lá se o mundo se não acabará primeiro!) ao que tambem respiguei de *setes* na litteratura popular já colligida:—xacaras, romances, soláos, contos, etc., etc.

Vamos lá, pois, com Deus, que temos muito que andar,—e o que vale é que não pode o caminho ser mais bonito!

Comecemos pelas quadras:

Lá te mandei um raminho
De sete rosas iguaes,
No meio ia um suspiro
Do muito que me lembraes.

*

Escrevi-te sete cartas
Com letra miuda e grave,[1]
Para que os nossos intentos
Se aviem com brevidade.

*

Passei rente ao alecrim,
Sete folhas lhe colhi,
Eram os sete sentidos[2]
Que eu tinha postos em ti.

*

Abana, casaca, abana,
Abana, não tenhas dó;
Sete casacas eu tenho
Em casa da minha avó.

[1] *Letra grave*, quer dizer letra fina, delicada, bem feita. Na minha terra, que é Mogadouro na provincia de Traz-os-Montes, diz-se de um homem bem trajado — «um senhor grave»:

— Esta ali um senhor grave!

E tambem ha o «fallar grave», —que é como quem diz, o fallar á moda das cidades:

—Falla grave!

Opposto a «fallar charro» — que é o fallar cerrado e grosseiro de certas aldeias Lá a palavra *charro* tambem significa simples, facil, comesinho:

—Isso é charro! Isso mette-se pelos olhos!

[2] A's vezes, como aqui, o Senhor Sete gosta de metter a sua foice em ceara alheia .. Os sentidos toda a gente sabe que são cinco: ver, ouvir, cheirar, gostar e apalpar. Ha quem tenha um sexto — *o do bello* —mas isso é raro. Tambem as obras de Misericordia diz a Cartilha que são quatorze (duas vezes sete: sete *corporaes* e sete *espirituaes*); mas foi Julio Diniz, se me não engano, que disse que havia mais uma: — Casar os que se amam.

... E essa então, é a rainha das Obras de Misericordia!

Eu tenho sete casacas,
Todas ellas de filó,
Fechadas a sete chaves
Em casa da minha avó.

*

Eu tenho sete casacas
Em casa da minha avó;
Abana, casaca, abana,
Abana não tenhas dó.

*

Quatro com mais tres são sete,
Meu amor, já sei contar,
Já me enganaste uma vez,
Não me tornas a enganar.

*

Sete silvas em meu peito
Fizeram 'ma sociedade,
Todas sete me prenderam,
Só uma foi de vontade.

*

Eu tenho sete lencinhos,
Todos sete são de linho;
Eu possuo sete amores,
Mas só um é o meu bemsinho.

*

Algum dia por te vêr
Saltava sete quintaes,
Agora por te não vêr
Salto vinte, que são mais.

*

Eu tenho sete coletes
Todos elles bem talhados,
Eu possuo sete amores
E trago seis enganados.

*

Sete e sete são quatorze,
São duas contas iguaes,
As mocinhas de servir
São tão bôas como as mais.

*

Marianna diz que tem
Sete saias de balão,
Que lhe deu um caixeirinho
Da gaveta do patrão.

*

Marianna diz que tem
Sete saias de cambraia,
Marianna mentirosa
Que não tem nenhuma saia!

*

Marianna diz que tem
Sete saias de velludo,
Rompe, rompe, Marianna,
Que o dinheiro paga tudo.

Marianna diz que tem
Sete saias de filó,
Marianna mentirosa
Que não tens nenhuma só!

*

Marianna diz que tem
Sete saias de setim,
Que lh'as deu um caixeirinho
A' saida do jardim.

*

Sete palavras me deste,
Outras sete me quer's dar;
Com ellas tu me enganaste,
Com ellas me quer's enganar.

*

Tres vezes nove vinte-sete,
Mais amores tenho eu,
Se mais quizesse mais tinha,
Foi fado que Deus me deu.

*

Algum dia por te ver
Saltava sete quintaes,
Agora nem um nem dois,
Nem uma passada a mais.

*

E's sete vezes ingrato,
Ingrato e enganador,
Sete vezes me enganaste
Com palavrinhas d'amor.

*

Sete raios tem o sol,
Heide-me lá ir sentar,
Para de lá perceber
A quem tu queres amar.

*

Eu tenho no meu jardim
Sete rosas em botão,
Para dar ao meu amor
Quando fôr ao dar da mão.

*

Em sete pontas do céo
Hei-de mandar escrever:
Só ás estrellas confio
Amisade e bem-querer.

*

A morte tem sete anneis,
Que a todo o mundo brindou,
E foi sempre tão cruel,
Que até a Christo matou.

*

Fui a sete juramentos,
Sempre jurei a verdade,
Se eu te quero bem ou não,
Deus do céo é quem no sabe.

CANCIONEIRO MUSICAL

III

Mariannita vem commigo

And.te Mod.o

Maria-ni-ta, vem commigo! A e-gre já dar a mão! A e-
gre já dar a mão, A e-gre já dar o sim. Maria-
ni-ta, vem commigo Pas-se-ar ao meu jar-dim. Pas-se-
ar ao meu jar-dim, Pas-se-ar ao meu quin-tal. Maria-
ni-ta, vem commigo! É men-ti-ra, não ha tal!

(CHOREOGRAPHICA)

Não te quero para mim,
D'ahi podes descançar,
Nem que tu dês sete voltas
Comigo has-de casar.

*

Sou a mãe de sete rosas
Que tenho no meu caixão;
Escolhe entre ellas todas,
Tens agora occasião.

*

Eu tenho sete laranjas
Escondidas n'um bahu,
Para dar ao meu amor,
Queira Deus não sejas tu.

*

Sete flor's de qualidade
Eu tenho no meu jardim,
A mais linda d'ellas todas
Tenho-a guardada p'ra ti.

*

Sete penas, doce encanto,
Por ti soffre o meu degredo,
Ainda que a morte venha
Hei-de-te amar sem ter medo.

*

Dizeis que não pode ser
Ter o amor repartido,
Eu bebo em sete fontes,
Só n'uma tenho o sentido.

*

As grades do limoeiro
São sete, que eu as contei,
Tres de ferro, tres de bronze
E uma d'oiro, que é do rei.

*

Sete vezes fui casado,
Sete mulher's conheci;
Pois, amor da minha alma,
Inda estou como nasci.

*

Quem me dera vêr meu bem,
Trinta dias cada mez,
Sete dias na semana,
A cada instante uma vez.

*

Já me davam dez moedas
E sete almudes d'azeite,
P'ra casar com uma donzella
Que ha dez annos que dá leite.

(Continúa)

TRINDADE COELHO.



AS BOAS-FESTAS

As festividades do Natal e Paschoa foram as unicas entre nós que receberam o qualificativo de *boas*, de que se conserva ainda hoje um resto na phrase *boas-festas*, não só no sentido de as desejar ou dar mas tambem na denominação dos presentes que se offerecem naquelles dois periodos do anno. Não pode, ser precisado donde veiu aquella denominação, que é innegavelmente antiga, no emtanto a sexta feira de paixão e o sabbado de alleluia são expressos nalguns documentos não-portuguezes respectivamente por: *feria bona sexta* e *feria bona septima*[1].

2. Dar boas-festas é uma expressão similar á de dar as janeiras, os reis ou as feiras; assim como se dão ou desejam simplesmente as boas-festas por occasião das celebrações annuaes do nascimento e morte de Christo *(festa paschalia)*, tambem no 1.º de janeiro se dão as *janeiras*, em 6 do mesmo mez os *reis*, e por occasião de certos mercados annuaes dão os padrinhos aos seus afilhados as feiras. E quando ha esquecimento, os pretendentes fazem-se muitas vezes lembrar. E' o que se diz pedir as janeiras, os reis, as feiras e, principalmente nas cidades, as boas-festas.

Modernamente e nos grandes centros é o uso de dar boas-festas uma convenção graciosa. A pessoa que pretende obsequiar outra com uma offerta por qualquer razão, espera até estes tempos para, acobertada pelo costume corrente, agradecer assim um favor ou insinuar-se no animo de alguem mais ou menos insensivelmente. Quando não ha razão de maior peso para offerecimento re-

[1] Tambem se denomina o novo anno *Anno bom* e se desejam *bons-annos* e dão, mas n'este ultimo caso é de uso não lhes juntar presente. Está popularmente confundido com as janeiras.

corre-se ao symbolismo de um bilhete, muitas vezes chromolithographado, mórmente entre senhoras e creanças.

3. Tanto pelo natal como paschoa percorrem as ruas de Lisboa bandos famelicos de perus guardados por individuos vindos de dezenas de leguas unicamente para offerecer á venda publica nos largos algum casal d'aquellas aves, E' este habitualmente o presente de boas-festas que manos esforço do pensamento exige. Offerecer perus pelas festas mencionadas não é uso contemporaneo, já no seculo XVIII e talvez no XVII existia como adeante veremos.

4. E' nestas epochas que ha no nosso povo, especialmente das cidades, uma explosão terrivel do seu vicio fundamental, o da mendicidade mais ou menos elegante. Não ha meio que não empregue qualquer classe trabalhadora para obter um *quantum* de esportulas. Os barbeiros adquirem caixas de musica com que destemperam os tympanos dos pacientes a quem vão desbravando as faces, os distribuidores dos jornaes envião versos lamuriosos impressos em papel de côr, e os carteiros, telegraphistas e guardas-nocturnos egualmente se não esquecem tanto de entregar o seu proprio cartão desejando muito respeitosamente boas-festas, como tambem de pedir insistentemente a conveniente resposta.

5. No pouco que vou referindo encontram-se elementos de origem muito diversa e de differentes periodos chronologicos. Destrinçar estes elementos e determinar a proveniencia respectiva delles a fim de encontrar o mais primitivo é tarefa interessante e ardua. O melhor methodo seria classificar em diversas rubricas os usos e os costumes observados ainda hoje nestas festas e por meio de documentos antigos chegar-lhes quanto possivel á origem. O resultado desse trabalho deveria ser um tomo volumoso, motivo pelo que o leitor poderá prever não encontrar neste artigo mais do que alguns apontamentos lançados no ar.

6. Em dia dos Reis (6 de janeiro) era de uso o monarcha conceder mercês.

Assim succedeu em 1673 (*Monstrvosidades do tempo e da fortvna. Diario.—... divulgado por Graça Barreto, pag. 206)*,

No *dies indulgentiae* (6.ª feira de paixão ou de enduenças conforme a etymologia da sr.ª D. Carolina M. de Vasconcellos na Rev. Lusitana III, 150) o monarcha perdoava aos criminosos e perdoa» em memoria das sacratissimas paixão e morte de Nosso Senhor Jesus Christo, solemnisadas pela igreja n'este dia de Sexta Feira Maior», conformando-se o rei com a «antiga pratica seguida n'estes reinos, de usar da minha clemencia por occasião da Semana Santa». O que fica transcripto vem no decreto de 13 de abril de 1900, que está publicado no *Diario do Governo* do dia seguinte, sabbado de alleluia.

7. Pelas quatro paschoas do anno[1] é costume inalteravel o fabrico, compra ou troca de bolos que variam de nome e talvez de composição de terra para terra. Seria interessante formar um indice geographico da distribuição destes nomes. O Natal tem as brôas, as filhoses e os coscorões, a Paschoa os cabritos, as amendoas con-feitas *(confeitos* é o termo empregado) e os bolos com um ovo no interior, emparelhando com o bolo de dia dos Reis de origem extranha provavelmente.

8. E' costume nas aldeias o parocho pela paschoa correr as habitações das suas ovelhas recebendo por as abençoar um ovo, ou o que a riqueza do proprietario permittir dar de folar. E' costume, pois, este antigo. O dr. João Pedro Ribeiro, al-

---

[1] Havia 4 paschoas: a propriamente dita, a do Pentecoste, a da Epiphania (Reis), e a do natal. Ofr. *Mappa de Portugal* de Castro III, 169, (anno 1763), n.º 15 da Descripção da Capella Real.

cunhado pelo padre José Agostinho de Macedo, o *Doutor Caruncho* ou o *Pergaminho velho*, inclue nas suas Dissertações I, 305 (1.ª edição) um documento do anno de 1357 em que se demonstra a prepotencia dos raçoeiros (beneficiados) de S. Tiago de Coimbra, que andavam na judaria ou judiaria daquella cidade com cruz e agua benta a pedir ovos aos judeus. Na Allemanha (assim como em todo o norte) é muito popular o *Osterei* (ovo da paschoa).

(Continúa.)

PEDRO A. D'AZEVEDO.



A caça no concelho de Serpa

(Continuado de pag. 24)

O trajo do caçador é, alem da roupa que habitualmente veste,—a jaqueta (se de ordinario a não usa), sapatos grossos com polainas de coiro, ou então botas altas e cardadas, çafões de pelle de cabra cortida em casca de sobro ou d'azinho, polvarinhos e mochila.

Os polvarinhos vão suspensos de correias, postas a tiracollo. O da polvora é feito de um chifre de boi ou vacca, vasado e cortado, tendo na parte mais larga uma tampa de madeira ou cortiça, e na mais estreita, da grossura de um lapis, approximadamente, um pequeno espicho, que serve para dar saída á polvora.

Da mesma correia do polvarinho, e presos por outras correias muito delgadas, pendem um sacatrapo de arame, uma agulheta, e mais a *carga* com que se mede a polvora, de chifre ou de madeira e trabalhada a tôrno ou a canivete.

O chumbeiro, comprehendido na designação de polvarinhos, é uma bolsa de coiro, ou pelle cortida de qualquer animal, ás vezes de texugo, na qual vae o chumbo miudo, dentro de um saquinho, e á solta algumas balas e *cortadilhos*, as buchas e a caixa das escorvas ou fulminantes.

As buchas são feitas de fazenda de lan já usada, como de calças ou jaquetas velhas, que se cortam ou rasgam em bocaditos adequados. Estas buchas de lan teem, sobre as de cartão, a vantagem da elasticidade; pelo que nunca produzem o attrito no cano da espingarda, evitando assim as explosões e os incendios.

O caçador tambem tem os seus agoiros, e um d'elles é, que, se a bucha fôr de fazenda, que serviu em vestido de mulher, o enguiço fará com que não acerte na caça.

As mochilas — uns saccos quadrilongos, á medida ou um pouco maiores do que as costas do caçador — são feitas em geral de panno de estopa ou de linho; as dos cabreiros, porém, são todas de pelle de cabra. Aos quatro cantos de cada mochila estão cosidas umas correias que passam, duas, por cima dos hombros e duas por baixo dos braços, indo cruzar-se no peito do caçador, que d'este modo conserva toda a liberdade de movimentos para manejar a espingarda. Na mochila, que é melhor do que as bolsas de rede usadas em quasi todo o paiz, se conduz o farnel, um copo de lata ou caldeirinha para beber, e a caça que se mata.

No tempo em que havia na serra mais caça grossa, e tambem algumas guerrilhas, usava-se muito a cartucheira com cartuchos de polvora embalados em papel. Rasgavam-se estes cartuchos n'uma das extremidades, derramando-se a polvora no cano da espingarda e empregando-se o papel como bucha junto da bala. Era um processo rapido de atacar.

As balas trazidas á solta na bolsa do chumbo, servem, em caso de necessidade, para *correr* (uma ou duas) á espingarda, mesmo por cima do chumbo miudo. E quando a coisa é urgente e não ha tempo de metter bucha que segure as balas, molham-

se estas na bocca a fim de que, pela humidade, vão pegar-se á bucha do chumbo. Esta operação, executada á pressa e sem cuidado, é sempre muito arriscada; porque, se as balas não ficam bem assentes uma sobre a outra, e ambas sobre a bucha do chumbo, é mais do que certo rebentar a espingarda.

(Contínua.)

A. de MELLO BREYNER.



MODAS-ESTRIBILHOS ALEMTEJANAS

MARIANNITA VEM COMMIGO

Mariannita vem commigo
A' egreja a dar a mão!
A' egreja a dar a mão,
A' egreja a dar o sim...
Mariannita vem commigo
Passear ao meu jardim!

Passear ao meu jardim,
Passear ao meu quintal...
Mariannita vem commigo!
É mentira, não ha tal!

M. DIAS NUNES.



CONTOS ALEMTEJANOS

O Zé-Valente

(Continuado de pag. 30 — Conclusão)

Zé-Valente depois d'ouvir isto, levantou a cacheira e disse: «O' amigo! cava lá tu, que tens muito melhor corpo do que eu.» O gigante, em vista d'esta ameaça, pegou no enxadão e desatou a cavar até descobrir o azado. O Zé Valente, assim que viu o azado, disse para o gigante: «Bom, agora já te pódes ir embora, que já não me fazes falta». O gigante desappareceu, e o Zé Valente deitou-se a dormir muito descançadamente.

No outro dia, de madrugada, como era costume, o padre, o sacristão e mais quatro homens que levavam a tumba, foram buscar o defuncto da «alma penada». Mas o padre, assim que entrou, levou uma valente cacheirada, e o sacristão e os homens que levavam a tumba fugiram, imaginando que tinha sido a «alma do outro mundo» que tinha batido no padre.

Nesse mesmo dia, quando o Zé Valente viu que eram horas, marchou, e á tarde encontrou no meio duma serra muito fragosa, um palacio com a porta aberta. Bradou, e, como ninguem lhe respondesse, entrou, indo dar a uma sala, onde estava uma mesa posta com tres talhéres, tres copos, tres garrafas com vinho e tres guardanapos. Como elle estava farto d'andar, chegou-se á mesa e bebeu um copo de vinho de cada garrafa. E disse depois comsigo: «Deixa-me ver se encontro para aqui alguma cama para descançar um pedaço». E, desaldrabando uma porta, viu um quarto com tres camas e tres lavatorios, e cada lavatorio com a sua toalha. As bacias eram muito finas e as toalhas muito brancas.

Zé Valente lavou as mãos nas tres bacias e limpou-se a todas as toalhas, e deitou-se tambem nas tres camas.

Ao fim de pouco tempo do Zé Valente se ter deitado, entraram tres individuos no palacio, e chegando a casa do jantar, diz um delles: «Na minha garrafa falta um copo de vinho!» Diz outro: «Na minha, falta outro copo!» Diz o terceiro: «E na minha, tambem falta!» Foram depois para o quarto, e diz um: «Na minha bacia lavou-se gente!» Diz logo ou-

tro: «Na minha tambem se lavou gente!» Diz o terceiro: «E na minha, tambem!» Quando foram deitar-se, diz um delles: «Na minha cama esteve gente deitada!» Diz outro: «Na minha, tambem!» Respondeu então o Zé Valente: «E nesta cá estou eu. Se alguem quizer dormir commigo, durma, porque eu é que já daqui me não levanto.»

Os homens, admirados de tanta ousadia, perguntaram-lhe quem era elle. Zé Valente respondeu simplesmente, que andava a ver se encontrava alguma coisa, neste mundo, que lhe mettesse medo. Os individuos depois disseram-lhe que elles eram tres principes, que andavam em guerra e que matavam muita gente, mas quando voltavam, já encontravam tudo vivo, outra vez! Zé Valente, ouvindo isto, respondeu: «Pois bem. A'manhã tambem eu vou para ver o que isso é!»

No outro dia quizeram dar-lhe uma espada, mas elle não a acceitou, dizendo, que tinha bastante com a sua cacheirinha. E marcharam todos para o sitio da guerra. Assim que lá chegaram, começaram a peleja. Nesse dia mataram muita gente, e voltaram os quatro muito mais cedo para o palacio.

No outro dia, levantaram-se e foram outra vez para a guerra, e quando lá chegaram não viram ninguem morto! Diz, então, o Zé Valente: «Olhem, eu hoje não vou para o palacio, quero ver o que isto e!...» Depois da peleja e do inimigo fugir, fizeram uma méda de cadaveres, e Zé Valente ficou de guarda, em observação. Ahi por volta das dez ou onze horas da noite, viu elle aproximar-se uma velha com uma panella na mão. Avelha chegou-se á méda, puxou por um cadaver, untou-lhe o pescoço com o que levava dentro da panella e uniu a cabeça ao corpo, e o corpo poz-se de pé. Zé Valente deixou a velha fazer esta operação a mais dois ou tres cadaveres, depois deu-lhe uma valente pancada, matou-a e pegou na panella. E voltou para o palacio, chegando lá ainda antes de romper a manhã.

No outro dia os principes ainda queriam ir para a guerra, mas o Zé Valente disse-lhes: «Não é preciso, porque está tudo morto. Quem dava vida aos cadaveres era a velhaca duma velha, que lhes untava os pescoços com o unto que está aqui nesta panella. E para verem se é ou não verdade, cortem-me lá as guélas». Os principes não queriam, mas elle teimou tanto, que por fim fizeram-lhe a vontade. Mas, depois, quando lhe foram untar o pescoço, com a atrapalhação em que estavam, em logar de lhe porem a cara para a frente, puzeram-lh'a para traz. Quando elle se viu assim, disse: «Bem. Agora já encontrei uma coisa de que tenho medo; por conseguinte, ponham-me lá a cara ás direitas, para ir para casa da minha mãe, porque fiquei de voltar logo que encontrasse uma coisa de que eu tivesse medo».

Os principes puzeram-lhe a cara ás direitas, e Zé Valente voltou para casa da mãe, passando pelo monte onde lhe apparecera a *alma penada*, para levar o dinheiro que estava dentro do azado.

(Da tradição oral—Brinches).

ANTONIO ALEXANDRINO.



ADIVINHAS

Uma rêde

O que é aquillo que quanto mais rôto está, menos buracos tem?

Uma trempe

O que é aquillo que tem corôa e não diz missa, e tem pernas e não anda?

(Da tradição oral — Brinches)

ANTONIO ALEXANDRINO.

BIBLIOGRAPHIA

La Tradition.— Com este titulo vê a luz em Paris uma importante revista mensal de folklore e sciencias correlativas. Fundador-director—Mr. Henry Carnoy, erudito homem de lettras e notavel ethnologo francez, que é tambem o director dos «Grandes diccionarios encyclopedicos internacionaes, illustrados» e da «Collecção internacional da *Tradição*».

Outro ethnologo francez, não menos distincto, Mr. de Beaurepaire-Froment, é quem está á frente da redacção da famosa revista, que ha já 14 annos se publica com o valioso concurso dos principaes folkloristas dos Dois Mundos.

Os quatro numeros da *Tradition* que nos foram enviados, relativos aos mezes de Janeiro a Abril do corrente anno, inserem curiosos artigos sobre diversos ramos da ethnographia. E n'uma interessante secção intitulada «Galeria tradicionista», dá-nos o esplendido mensario os retratos, com as respectivas notas biographicas, dos eminentes ethnologos senhores Frederico Ortoli, Thomaz Davidson, Doutor Estanislau Prato e Augusto Hoch.

A *Tradição* portugueza saúda affectuosamente a *Tradition* de Paris.

Revista de Educação e Ensino.— Vae já no XV anno da sua existencia esta excellente e bem conhecida publicação scientifica, de caracter pedagogico, que tem prestado os mais relevantes serviços á causa da instrucção em Portugal.

Oxalá a benemerita revista continue por dilatados annos na gloriosa missão civilisadora que vem desempenhando sob a proficiente direcção do abalisado professor e publicista senhor Doutor Ferreira Deusdado.

Ao nosso illustre amigo Senhor Doutor Bethencourt Ferreira agradecêmos a honrosa permuta da *Revista*, de cuja redacção é secretario este distincto medico e naturalista habilissimo.

Folklore de Constantinople, por Henry Carnoy e Jean Nicolaïdès.— Faz parte da «Collecção internacional da *Tradição*» a elegante brochura *Folklore de Constantinople*, que ha tempo recebêmos de Paris com amavel dedicatoria. N'esta obra, especialmente consagrada ás lendas de Constantinopla, continuam os seus auctores a publicação de ricos materiaes ethnographicos, recolhidos n'um aturado inquerito aos velhos usos, costumes, crenças e superstições do imperio ottomano. Ao longo de 206 paginas in-16.º, impressas em optimo papel, se desdobra a narração de 55 lendas bysantinas, caracteristicas, qual d'ellas mais singular e divertida.

Profundos agradecimentos e parabens ao insigne litterato e folklorista eximio que é Mr. Henry Carnoy.

Violettes éparses (versos), por Madame Louise Vassal.— *Violetas dispersas!* Que lindo nome! e que deliciosos versos são essas *douces fleurettes bien aimées* que constituem o formoso livro!

Madame Louise Vassal possue um talento poetico de rara malleabilidade, brilhante e superior. Quer ella celebre as galas da natureza, ou cante da vida os asperos abrolhos; divinisando o amor maternal ou exaltando a memoria dos grandes genios,—a sua lyra harmoniosa e doce vibra sempre, nos mais variados accordes, com a mesma espontaneidade, a mesma graça, o mesmo encanto, o mesmo sentimento delicado e communicativo.

Foi esta, em synthese, a impressão que nos deixou uma rapida leitura das *Violettes éparses*, em cujas mimosas composições se allia radiosamente á elevação dos conceitos a belleza impeccavel da fórma.

Madame Louise Vassal—uma poetisa de raça, a quem os escriptores do Norte conferiram unanimemente os dois primeiros premios de poesia no concurso litterario dos Rosati, em França—Madame Vassal é a festejada auctora de *Ma Goute d'Eau*, outro volume de perfumados cantos, que obteve em Paris um verdadeiro successo.

As *Violettes éparses* são acompanhadas de uma carta-prefacio do nosso illustre collega da *Tradition*, Mr. Henry Carnoy, a quem devêmos a captivante offerta do exemplar recebido.

Mittheilungen und Umfragen zur bayerischen Volkskunde.— Tal é a denominação de uma revista, magistralmente redigida, que se publica em Wurzburg sob a conspicua direcção do sabio professor Doutor Oscar Brenner. Occupa-se exclusivamente de communicações e perguntas sobre a ethnologia da Baviera. Os numeros que recebêmos, correspondentes aos annos de 95 a 99, encerram substanciosos artigos firmados pelos Doutores Oscar Brenner, Robert Petsch, J. Schmidkontz, Anton Englort, R. Spriegel, etc.

Fördert die bayerische Volkskunde! (Abdruk und Verbreitung erwünscht.) — São as instrucções, fornecidas pela «Sociedade bavara das tradições populares», para os estudos tradicionistas na Baviera.

Da sociedade a que alludi, e que hoje conta 550 socios, é presidente o Doutor Oscar Brenner, lente da Universidade de Wurzburg, e secretario geral o Doutor Robert Petsch. A este laureado ethnologo allemão, que teve a gentileza de endereçar ao nosso companheiro Doutor Piçarra uma larga carta de felicitação, escripta em portuguez, protestâmos o mais vivo reconhecimento pelos altos favores dispensados á *Tradição*.

M. DIAS NUNES.

BULLETIN POUR L'ÉTRANGER

LA TRADITION

Revue mensuelle illustrée d'ethnographie portugaise

DIRECTEURS

Ladislau Piçarra et Dias Nunes

REDACTION ET ADMINISTRATION

À SERPA (PORTUGAL)

Sommaire du présent numéro de la Tradition

Texte: — Notes historiques sur Serpa: La première conquête de Serpa, par le *Comte de Ficalho;* Monsieur Sept, par *Trindade Coelho (Dr.)*; Les Bonnes-fêtes, par *Pedro A. d'Azevedo;* La chasse dans le district de Serpa (suite), par *A. de Mello Breyner;* Chansons, refrains de l'Alemtejo: Marianette viens avec moi, par *M. Dias Nunes;* Histoire de l'Alemtejo: o Zé-Valente (conclusion), par *Antonio Alexandrino;* Bibliographie, par *M. Dias Nunes.*

Illustrations: — Galerie de costumes populaires: Porteur d'eau, de l'Alemtejo.—Recueil de chansons: Marianette viens avec moi, (Danse).

MOUVEMENT ETHNOGRAPHIQUE PORTUGAÎS

La Tradition (1899) — Nous venons de publier en deuxième édition la première année de notre revue. C'est un beau volume de plus de 200 pages, in-4.°, imprimé sur de magnifique papier satiné, illustré de très bonnes gravures de costumes populaires et enrichi de chansons avec musique.

La partie littéraire se compose de:

La morte et l'hiver, par *Adolpho Coelho (Dr.).*

Andar ás vozes[1], par *Alberto Pimentel.*

L'empereur d'Eiras, par *Alfredo de Pratt.*

Legendes—La procession de cendres, par *Alvaro de Castro.*

Nouvelles de Minho, par *Alvaro Pinheiro.*

La fête du Sacrement, par *Alves Tavares.*

Histoires de l'Alemtejo, par *Antonio Alexandrino.*

Histoires de l'Algarve—Prières superstitieuses, par *Athaide d'Oliveira (Dr.).*

Divinettes—Proverbes et locutions, par *Castor.*

L'élement arabe dans le langage des bergers de l'Alemtejo, par le *Comte de Ficalho.*

Antiquités portugaises, par *C. Cabral.*

(A' conclure).

R.

[1] La locution «Andar ás vozes» se rapporte à une personne qui se promène dans les rues écoutant ce que les autres disent, pour tirer augure de ce que l'on dira. Et, selon ce qu'elle entendra, elle échouera ou réussira dans l'affaire qui lui occupe la pensée.

BULLETIN FOR ABROAD

THE TRADITION

Monthly illustrated review of portuguese ethnography

DIRECTORS

Ladislau Piçarra and Dias Nunes

OFFICES

SERPA (PORTUGAL)

Summary of the present number of the Tradition

Text: — Historical notes about Serpa: The first conquest of Serpa, by *Conde de Ficalho;* Mister Seven, by *Trindade Coelho (Dr.);* Happy Christmas, by *Pedro A. d'Azevedo;* The shooting in the Serpa district (continuation), by *A. de Mello Breyner;* Songs and refrains from the Alemtejo: Mariannita, come with me, by *M. Dias Nunes;* Tales from the Alemtejo: o Zé-Valente (conclusion), by *Antonio Alexandrino;* Bibliography, by *M. Dias Nunes.*

Illustrations: — Gallery of popular costumes: Water carrier from the Alemtejo.—Musical collection: Mariannita, come whit me (dance).

THE PORTUGUESE ETHNOGRAPHICAL MOVEMENT

The Tradition (1899).—We have published in second edition, the first year of our review. It is a splendid volume of more than 200 pages, in-4.°, printed in magnific satin paper and profusely illustrated with very good engravings from popular costumes and musical songs.

The text is what follows:

The death and the winter, by *Adolpho Coelho (Dr.).*

Andar ás vozes[1], by *Alberto Pimentel.*

The emperor of Eiras, by *Alfredo de Pratt.*

Legends—On ash-wednesday, by *Alvaro de Castro.*

Novels from the Minho, by *Alvaro Pinheiro.*

The Sacrament feast, by *Alves Tavares.*

Tales from the Alemtejo, by *Antonio Alexandrino.*

Tales from the Algarve—Superstitions prayers, by *Athaide d'Oliveira (Dr.).*

Proverbs and words—Riddles, by *Castor.*

The arabian element in the language of the shepherds from the Alemtejo, by the *Conde de Ficalho.*

Portuguese antiquitcs, by *C. Cabral.*

(To be finished).

R.

[1] The phrase «Andar ás vozes» is said from a person who walks in the streets to hear what the others said. And, according by to what he hear, he will succed or not in the thing he has the intention to do

Natal, Anno-Bom e Reis, Danças populares do Baixo-Alemtejo, Modas-estribilhos alemtejanas, Na Quaresma, A festa da Guadalupe, A procissão do Corpo de Deus, O S. João em Serpa, As taboas de Moysés, Bibliographia, por **M. Dias Nunes.**

Vidigueira e as suas tradições, A serração da velha, O touro de S. Marcos, Penitencias nocturnas, por **Fazenda Junior.**

Bichos uterinos, Bruxas e feiticeiras, Bruxas e bruxedos, por **Filomatico.**

Rimas populares, pelo Doutor **João Varella.**

Jogos populares, O banho da alma, O carnaval, Therapeutica mystica, Medicina empirica, pelo Doutor **Ladislau Piçarra.**

Habitaçãó, por **Lopes Piçarra.**

Estatinga-Estantiga?, por **D. Carolina Michaëlis de Vasconcellos** (Dr.ª)

A corrida da vacca das cordas em Ponte de Lima, por **Miguel de Lemos.**

Cancioneiro de musicas populares, Povos da Yberia, por **Paulo Osorio.**

Superstições dos criminosos, A festa de S. Marcos proximo de Serpa, por **Pedro A. d'Azevedo.**

Os virtuosos, por **Pedro Cóvas.**

A Tradição, por **Ramalho Ortigãó.**

Botanica popular, por **D. Sophia da Silva** (Dr.ª)

O Doutor da mula ruça, pelo Doutor **Sousa Viterbo.**

Serração da velha, pelo Doutor **Theophilo Braga.**

Lendas & Romances, por **A. Thomaz Pires.**

Preço do volume brochado 1$200 réis

Anno II — N.º 4 Volume II
SERPA, Abril de 1900

A TRADIÇÃO

Revista mensal d'ethnographia portugueza, illustrada

«A TRADIÇÃO, de Serpa, pelo programma que se impoz e pela discreta diligencia com que procura desempenhar esse programma, representa, a meu vêr, o mais bello exemplo patriotico de educação publica exercida pela imprensa».

Ramalho Ortigão.

DIRECTORES:
Ladislau Piçarra
e M. Dias Nunes

Collaborador musical
F. VILLAS-BOAS

Collaborador artistico
M. BAPTISTA SALTA

Clichés de:
A. de Mello Breyner,
F. Monteiro, F. Villas-Boas,
J. Monteiro
e J. V. Pessoa

SUMMARIO:

TEXTO

ILLUSTRAÇÕES

PREÇO DA ASSIGNATURA
(Pagamento adeantado)
Em Portugal (continente), série de 12 numeros
1$200 réis
Para o ultramar e estrangeiro accresce o porte do correio.

Numero avulso
100 réis

Toda a correspondencia deve ser dirigida á redacção e administração de
"A TRADIÇÃO"
SERPA (Portugal)

Venda avulso d'esta revista.
LISBOA, Galeria Monaco, Rocio.
PORTO, Livraria Moreira, Praça de D. Pedro, 42 e 44.
COIMBRA, Livraria França Amado.

Anno II — N.º 4 SERPA, Abril de 1900 **Volume II**

Editor-administrador, *Jose Jeronymo da Costa Bravo de Negreiros*; Rua Larga, 2 e 4 — SERPA
Typ. de *Adolpho de Mendonça & Duarte*, Rua do Corpo Santo, 46 e 48 — LISBOA

A TRADIÇÃO

Revista mensal d'Ethnographia Portugueza, Illustrada

Directores: — LADISLAU PIÇARRA e M. DIAS NUNES

NOTAS HISTORICAS ÁCERCA DE SERPA

III

Situação de Serpa nas circumscripções da Hespanha mussulmana

TENDO visto, na nota precedente, a occasião e circumstancias em que teve logar a primeira conquista de Serpa pelos portuguezes, seria interessante procurar qual era o estado e importancia d'esta nossa villa n'aquelle momento. Há, porém, uma falta absoluta de noticias directas a tal respeito; e unicamente é licito fazer algumas conjecturas, fundadas em informações muito geraes, e relativas a toda a região em que Serpa se acha collocada.

A occupação da Hespanha pelos mussulmanos foi extraordinariamente rapida. Em poucos annos todo este grande paiz estava nas suas mãos; tinham desapparecido quasi por completo os vestigios da monarchia Goda que durára seculos; e os anteriores habitantes achavam-se, ou reduzidos á condição de *mosarabes*, vivendo sob o governo dos conquistadores, ou reprezentados por um punhado de valentes, acolhido a um canto das Asturias.

A' sua rica e facil conquista chamaram os arabes o Paiz Andalús, ou a Peninsula do Andalús, porque alargaram a toda a Hespanha o nome da parte onde desembarcaram ao chegarem da Africa, e primeiro conheceram.[1]

No Andalús começaram desde logo a distinguir a região para o lado do oriente, Ach-Charc, d'aquella que ficava para o occidente, Al-Gharb. Seria, porém, um erro imaginarmos, que estas divisões abrangiam toda a Peninsula, e entre ellas existia fronteira ou coisa parecida. Pelo contrario, havia vastos territorios intermedios, que não pertenciam propriamente, nem a uma, nem á outra. Ach-Charc e Al-Gharb eram expressões um tanto vagas, como quando hoje dizemos o lado oriental e o lado occidental da Peninsula.

O Gharb, ou Al-Gharb, que unicamente nos interessa agora, corria ao longo do Atlantico, desde o Algarve a que o nome ficou, por tudo quanto hoje é Portugal e Galliza, até ás costas do norte. Não queremos com isto dizer, que os limites orientaes do Gharb coincidissem com os de Portugal; a expressão era, como já dissémos, lata e muito mais vasta; e Badajoz, Merida, outras terras do in-

[1] Sobre este nome Andalús, ou Andalos, que parece prender-se ao dos antigos Vandalos, veja-se R. Dozy, *Recherches sur l'Hist. et la Litt. de l'Espagne*, I., 340, 2.de édition.

terior, consideraram-se sempre como pertencendo ao Gharb.

Diz-se, que alguns annos depois da conquista, um amir da Hespanha, um certo Yucef-ibn-Abd-ar-Rhaman, dividiu toda a Peninsula para fins administrativos e militares em cinco grandes provincias, realmente quatro, porque a quinta caia já em terras de França. [1] Estas provincias coincidiam até certo ponto nos limites, e até certo ponto tambem ainda nos nomes, com as antigas divisões romanas. Vagamente conservadas pelos godos, [2] aquellas divisões foram ainda conservadas em globo pelos arabes dos primeiros tempos. Das quatro provincias arabes, duas apenas temos a mencionar. Uma d'ellas parece ter ainda conservado ás vezes entre os arabes o nome de Lusitania; mas chamava-se mais frequentemente a provincia de Merida, sua capital. Partindo do actual Algarve, e limitada ali pelo Guadiana, abrangia toda a Lusitania antiga, mas não terminava no Douro, incluia tambem toda a Galliza até á costa do norte. Do mesmo modo que a Lusitania, alargava-se acima de Badajoz muito para o interior. Se por ali os limites da provincia de Merida dos arabes coincidiam com os da Lusitania dos romanos é o que não saberemos dizer, porque nem uns nem outros são bem conhecidos.

[1] Conde, Parte I, cap. 37.º—Já sabemos quanto as affirmações de Conde merecem pouca fé. No emtanto parece-me demasiado radical a opinião do sr. Codera, de que, os que não são arabistas *no deben hacer uso de tal obra*. Continuaremos, pois, a cital-a; mas com todas as devidas reservas.

[2] Acerca da conservação das divisões romanas em tempo dos godos, e do conhecimento que d'ellas havia no primeiro periodo da restauração christan, principalmente na sua relação com as circumscripções ecclesiasticas, pode ver-se o *Chronicon* do monge de Silos; ou melhor o curioso *Chronicon Emilianense*, tambem chamado *Abeldense*.—Cito por Berganza, *Antiguedade de España;* mas foram tambem depois publicados na *España sagrada.*

A outra provincia arabe, que nos interessa, chamava-se propriamente Andalusia; teve por capital umas vezes Cordova e outras Sevilha; e correspondia pouco mais ou menos á Betica dos romanos. Limitada ao norte pelo fio da Serra Morena, abrangia todo o valle do Guadalquivir, e vinha até ao Guadiana, que lhe formava a linha de fronteira por occidente, desde um pouco abaixo de Badajoz até ao mar.

Deve notar-se uma circumstancia interessante, porque influiu depois em varios factos historicos, e é, que estas provincias dividiam muito desigualmente o territorio que actualmente constitue o nosso paiz. A sua quasi totalidade pertencia á provincia de Merida; e apenas a pequena região onde hoje vemos Mourão, Barrancos, Moura, Serpa e Ficalho fazia parte da Andalusia.

Com o andar dos tempos vieram a subdividir-se as grandes provincias em mais pequenas regiões, tendo nomes especiaes; ou que tal divisão fosse superiormente determinada, ou, o que parece mais provavel, que pouco a pouco se introduzisse no uso corrente dos povos. Devemos o conhecimento d'estas regiões principalmente ao geographo arabe Edrisi, cujo livro é interessantissimo, porque nos dá o estado da Hespanha mussulmana nos tempos de D. Affonso Henriques, de quem elle foi contemporaneo. [1]

Começando pelo sul, havia a região de Al-Faghar, correspondendo ao nosso Algarve; mas um pouco maior, porque chegava a Mertola. No Al-Faghar ou Chenchir, [2] Edrisi enu-

[1] *Géographie d'Édrisi*, trad. de l'arabe par Amedée Jaubert. Sirvo-me d'esta edição que possuo, comquanto conheça a versão posterior de R. Dozy e J. de Goeje, muito mais correcta e á qual recorrerei por vezes. Em geral a de Jaubert é sufficiente para o nosso assumpto.

[2] Em algumas phrases de Edrisi, Al-Faghar e Chenchir podem parecer dois nomes da mesma região; mas de outras passagens



A notavel villa de Serpa, *vista do noroeste*

mera, entre outras, as povoações de Chant-Maria ibn-Harun (Santa Maria de Faro),[1] de Chelb (Silves) e de Mertola, notavel pelo seu forte castello. Toda a zona do Chenchir parece ter sido já então densamente povoada e bem cultivada, sendo conhecida pelo muito e bom figo, e pela muita e boa uva que produzia. Estendia-se da foz do Uad-Iana ou rio Iana (Guadiana) até á igreja chamada al-Ghorab (dos Corvos), situada no promontorio estremo (o cabo S. Vicente). Era uma igreja de christãos, respeitada pelos mussulmanos, e sobre a qual se dizia estarem sempre dez corvos poisados.[2]

Ao norte do Al-Faghar começava a grande região de Al-Caçr, ou Al-Caçr Abu-Danes (Alcacer), na qual Edrisi enumera Iabora (Evora),[3] Badajoz, Chericha (Jerez de los caballeros?), Merida, Alcantara e Coria. Como se vê, era vasta, alargava se muito para o oriente, e pelo norte chegava ao Tejo.

Além do Tejo, na região de Belatha, ficavam as cidades[4] de Lisboa e Santarem, e o castello de Chintra (Cintra). Mais para o norte era já terra de christãos no tempo de Edrisi, e nem elle continua por ali a sua enumeração, nem que o fizesse nos interessava.

Voltemos ao sul, e á parte mais do nosso assumpto. Ao occidente de Sevilha e do Guadalquivir, Edrisi colloca uma região, chamada Ach-Charf, cujo nome parece derivar-se de ser formada de terras altas e montanhosas. Começava perto e para cá de Sevilha, vinha ao sul pelo mar, e incluia Hicn-al-Caçr (Hasnalcasar),[1] Lebla (Niebla) no rio Tinto, o porto de Uelba (Huelba) na confluencia do Tinto com o Odiel, a ilha de Saltis, e Djebel-Oiun ou o monte das nascentes (Gibraleon). Edrisi é pouco explicito e um tanto confuso quanto aos limites occidentaes do Charf; mas este devia chegar á foz do Guadiana, onde entestava com o Al-Faghar, e, subindo sempre pelo rio, incluir a parte da Serra Morena por Aracena e Arôche, e as terras hoje portuguezas de Serpa e Moura. Leva-nos a crer isto, o facto de se não mencionar nenhuma outra região por estes lados, e de o Ach Charf ser uma subdivisão da Andalusia, que evidentemente incluia as nossas terras.

Quanto ao limite entre a parte do Al-Caçr á esquerda do Guadiana e o Ach-Charf, é muito difficil de fixar, e tanto mais, quanto a Serra Morena, que o formava, diminue e se perde ao chegar ao valle do Guadiana. E' possivel, que Serpa e ainda Moura, com Arôche e Aracena, pertencessem ao Ach-Charf; e Mourão com Jerez já ao Al-Caçr.[2]

---

parece deduzir-se, que Al-Faghar era o nome de toda a região, incluindo a serra, e Chenchir mais propriamente o do littoral.

[1] Os arabes conservaram-lhe o nome christão de Santa Maria, que tinha no tempo dos Godos; e para a distinguir da outra Santa Maria no centro da Hespanha, accrescentaram-lhe o de um dos seus reis ou chefes, Ibn-Harun. Depois, os portuguezes, mudando o *h* aspirado em *f*, disseram, como encontramos em um documento de D. Affonso III, *S. Mariam de Faraon*, d'ahi Farão e Faro.

[2] E' muito interessante esta confirmação, dada por um livro mussulmano ao que dizem os nossos velhos documentos; veja-se fr. Antonio Brandão, *Mon. Lusitana;* e melhor *Translatio et Miracula S. Vicenti*, nos *Port. mon. hist.*, *Scriptores*, p. 95.

[3] E' notavel, que Edrisi se esqueça de Beja, mencionando povoações menos importantes.

[4] E' claro, que estas expressões cidade ou villa são empregadas por simples facilidade de redacção, sem nenhuma referencia á sua importancia n'aquelle tempo. Lisboa, por exemplo, era menos importante que Santarem, e muito menos talvez que Silves.

[1] Na tradução de Jaubert, Hçn-el-Caçr identifica-se com Castro Marim o que é um erro manifesto. Castro Marim fica no Al-Faghar e muito longe de Sevilha; alem d'isso parece ser de fundação mais moderna. Hasnalcasar é nos campos de Sevilha, a baixo de S. Lucar la mayor, como já advertiram Dozy e Goeje, na sua versão do Edrisi.

[2] Alex. Herculano (*Hist. de Port.*, I, 322), em uma rapida enumeração, colloca Juro-

Sendo da Andaluzia, o que é incontestavel, e do Ach-Charf, o que é provavel, Serpa foi mais ou menos em tempo dos moiros uma dependencia de Sevilha, e isto decerto influiu na sua historia.

Basta reparar na sua situação geographica, para ver que deveria manter as suas relações principalmente com as terras do lado oriental. O Guadiana formava não só uma fronteira natural, como uma linha de defeza, boa em todos os tempos, excellente em tempo de inverno e de aguas altas, linha que a separava do Al-Caçr. Poderia excepcionalmente estar sujeita aos senhores de Beja, ou, como já vimos, aos senhores de Mertola; mas em regra estaria ligada a Sevilha ao nascente, ou a Badajoz ao norte; a uma ou a outra conforme uma ou outra preponderava.

Deixando de parte as questões de ter sido fundada pelos turdulos, como diz mestre André de Resende, ou de ali ter sido enterrada a romana Fabia Prisca, questões mais ou menos conhecidas, e mais ou menos nebulosas, fica o facto seguro, de que Serpa *existia* e *tinha o nome* que *ainda* hoje tem, quando sobreveiu a invasão mussulmana. Os arabes não lhe deram um nome novo, tirado da sua lingua, como fizeram com tantas povoações por elles fundadas no Alemtejo, com as Alcaçovas por exemplo, com Almodovar, ou com a aldeia de Safara na nossa margem esquerda; conservaram-lhe o mesmo nome, apenas modificado em Chebrina pelas exigencias da sua pronuncia e da sua escripta. E os mais velhos *Chronicons* portuguezes dão-lhe sem hesitar o nome de *Serpa*, como tendo ficado bem conhecido.

Na invasão geral da Hespanha em principios do VIII seculo, os moiros tomaram esta antiga povoação; e, com o andar dos tempos, fortificaram-na, ou concertando algumas muralhas antigas, porventura de origem romana, ou construindo-as de novo. Que era fortificada, resulta claramente de Ibn-Khaldun lhe chamar fortaleza.[1] Que não era de grande valor militar, pode inferir-se de Edrisi a não mencionar, fallando repetidas vezes do forte castello de Mertola nas visinhanças, e mesmo de outros muito menos importantes, como o de Cacella na costa do Algarve. Que não era tambem muito insignificante, deduz-se de que logo os moiros mandaram noticia para Africa da sua perda, como diz Ibn-Khaldun; e deduz se egualmente da unanimidade e apparente satisfação com que os velhos *Chronicons* portugueses registam a sua conquista. Seria, pois, uma povoação mediana, cercada de muralhas capazes de resistirem a um golpe de mão; e rodeada ao longe das pequenas torres de vigia, a que os moiros e depois os christãos chamaram atalayas.[2]

Estaria sujeita a um Cáid ou Alcaide, que governava em volta toda

---

menha e Serpa no Al-Caçr; a collocação é segura quanto a Juromenha, mas muito duvidosa quanto a Serpa. — O nome do Ach-Charf foi conhecido dos nossos portuguezes em tempos antigos. Um documento de Tarouca (*Mon. Lus.*, L. XI, cap. 27), dando conta da ida de um fr. Bernardo com o infante D. Sancho á expedição de Sevilha, diz, que o infante teve uma victoria no *Anaxaraphe*. No tempo de Felipe II ainda se empregava a palavra na fôrma *Axarfe* (D. Pablo Espinosa, *Hist. y grand. de Sevilla*, II, 100 v.º); mas limitava-se então ás serras perto de Sevilha, e distinguia-se das serras de Aracena e de Arôche.

---

[1] Hiçn Chebrina; *la forteresse de Chebrîna*, traduziu de Slane, *Hist. des Berbères*, II, 198.

[2] Os moiros chamavam propriamente *attalia* aos homens de guarda; depois o nome passou ás torres isoladas onde estavam de vigia.—Ha nos campos de Serpa um grande numero de atalayas, que, pelo menos nas fundações, devem ser dos moiros. E' especialmente interessante a linha de atalayas, de S. Gens ou Sr.ª de Guadalupe, do Pexoto e de S. Braz. Estavam á vista umas das outras, e claramente dispostas para vigiar as passagens do Guadiana na curva que faz das Melrinas até aos Bogalhos; e toda a depressão de terreno desde os Barretos, pela

a taifa ou districto;[1] e tinha sob o seu mando a pequena guarnição moira do Castello e das atalayas; e os habitantes da villa, das aldeias, e de algumas casas dispersas pelos campos, que, attentando na pouca segurança d'aquelles tempos, não seriam muito numerosas.

Esta população devia ser bastante complexa, e o seu exame pode constituir o assumpto de uma Nota á parte.

CONDE DE FICALHO.



SETUBAL

Crenças, superstições e usos tradicionaes

II

SONHOS E AGOUROS

Na imaginação ainda embryonaria do homem d'outros tempos, devia produzir-se uma impressão fórte, ao recordar as diversas peripecias de um sonho.

Depois das rudes fadigas a que o homem primitivo se entregava, ia repousar; e dormindo, sabia que tinha cortadas todas as relações com a vida usual, e com o mundo exterior.

Era então que vinha o sonho.

Coisas phantasticas, mas na apparencia tão reaes, lhe povoavam o cerebro, que era com verdadeiro assombro que via, depois de acordado, a falsidade d'essas scenas.

Então sentiu em si duas vidas; a do Dia e a da Noite.

A primeira julgava elle subordinar á sua vontade; a segunda não.

Este facto levou-o a crer que a vida nocturna lhe era imposta e dirigida por um ser extranho a si; e como sentia não poder influir nos sonhos d'outrem, calculou que nenhum *homem* influiría nos seus; portanto esse ser era invisivel e tão poderoso que elle, déstro e fórte na lucta pela vida, sentia-se impotente e completamente desarmado para reagir.

Creado o ser sobrenatural e poderoso a dirigir-lhe a vida nocturna, é logico que tomasse os sonhos por preságios, e tentasse estudar a sua linguagem mysteriosa, nas phantasticas e caprichosas evoluções do sonho.

E seculos não bastaram para desfazer essa crença que ainda vive entre nós, e tem crentes em todas as classes sociaes.

Se o sonho não tem hoje a importancia que tinha n'essas epocas longiquas, comtudo ha quem fique incommodado, e á espera de dissabores, porque sonhou com uma ave qualquer.

Sonhar com pennas traz desgosto.

Ha tantos e tão acerrimos crentes, que ainda hoje, ao desabar o seculo dezenove, se publicam *diccionários de sonhos.*

A linguagem dos sonhos é figurada, é como um enygma que o individuo pretende decifrar.

Podem dividir-se em três especies; a inversa, a dedutiva e a convencional.

Sonhar com riquezas é miseria. Sonhar com imundicies, riqueza. Sonhar com a morte, signal de vida, etc., pertencem á forma inversa.

No sentido dedutivo temos: *Sonhar com agua*—lagrimas. *Sonhar com pennas*—pezares (penas). *Com agulhas*—intrigas.

E é pensamento convencional quando se diz:

Sonhar que se tira um dente é morte de parente.

Quando se sonha com uma pessoa

Junqueira, Val-queimado, e Carreira, que era um dos caminhos naturaes para Serpa. —A atalaya da Torre é mais moderna; e deve ter sido construida ou reconstruida ao mesmo tempo que as actuaes muralhas.

[1] *Cáid* era o governador de uma *taha* ou pequeno districto; adoptada a palavra pelos christãos, Alcaide passou a designar mais especialmente o governador de um Castello.

GALERIA DE TYPOS POPULARES



O ganhão (Serpa)

já fallecida, é signal de que a sua alma não está na gloria, e anda a pedir orações aos seus parentes e conhecidos d'outrora.

E' mistér resar, logo que se acorde, um Padre Nosso e uma Ave Maria por *intenção* do morto.

A lista das decifrações é extensissima, como todos sabem pelos livros que tratam da especialidade, e para o presente caso, nenhum interesse offerecem, pois todos teem por base a classificação já apontada.

*
* *

Filia-se nos sonhos a crença nos agouros. Tiveram a mesma origem e juntas atravessaram seculos até nossos dias.

Ao ver algumas vezes transportados para a luz do sol varios episodios observados durante o sonho, nada mais natural do que attribuir-lhes a mesma origem, e crêl-os tambem verdadeiros vaticinios.

São vulgares e numerosos os agouros, e tambem atingem todas as classes.

A *terça* e *sexta* são dias aziagos para muita gente; e ha quem n'esses dias não encete trabalho nem negocio algum.

O azeite entornado, um vidro que se parta, um bezoiro que entra zumbindo pela janela, são maus preságios.

A entrada em qualquer parte deve efectuar-se com o pé direito, sob pena de mau exito.

A vista, em jejum, de um estrabico, é tambem um mau agouro.

Lavar-se na mesma agua, prenuncía desavenças.

Ha um verdadeiro horror pelo numero treze.

Um jantar de treze talheres é fatidico, pois crê-se que essas pessoas nunca mais se juntarão, em memoria da ceia de Christo.

Um cão a uivar, uma coruja piando, são funestos preságios.

Galinha que canta como o galo pede a morte para o dono, e só se desfaz o agouro matando-a e... comendo-a!

Quando se sente uma orelha mais quente é indicio de que *estão a falar da pessoa.*

Se é a orelha direita estão a *dizer mal*, se é a esquerda estão a *dizer bem.*

Quando acontece cahir qualquer coisa que se vá comer, é signal de que alguem nos quer falar e não póde.

Varrer as casas á noite é tido como um mau habito; e deitar o lixo fóra, crê-se que é o mais pernicioso possivel *porque se deita a fortuna pela porta fóra.*

A andorinha ninguem aqui persegue de qualquer fórma. Respeitam-lhes os ninhos, e chegam até a abrir buracos nas portas, ou deixal-as abertas até noite fechada para as andorinhas terem ocasião de recolher-se.

E' a ave consagrada á Virgem. Não póde ser feliz quem matar uma andorinha.

Ha tambem a crença de que *quem mata um gato anda sete annos para traz.* Esta crença, muito conhecida aqui, não é tão respeitada como a das andorinhas.

A entrada da *mosca varejeira* (sarcophaga carnaria h) é signal de proxima visita ou presente.

O algarismo sete tem na imaginação supersticiosa do povo o seu tanto ou quanto de mysterioso.

O raio enterra-se 7 braças e reaparece á superficie da terra ao fim de 7 annos.

Havendo 7 filhos, o ultimo é lobishomem.

Emquanto houver arco-iris *(arco da velha* ou *da aliança), ha ainda 7 annos de mundo.*

O que mata um gato *anda 7 annos para traz.*

Eis em resumo os principaes agouros que povoam os cerebros, atormentando os espiritos mais ou menos esclarecidos que lhes dão credito.

ARRONCHES JUNQUEIRO.

O GANHÃO

E' o gallucho, o soldado raso da campanha agricola. De «moço do monte» passou a ganhão — ahi pelos 15 annos.

Elle leva a semana inteira no monte ou na herdade do amo; e emquanto trabalha, atraz do arado, vae-se exercitando na *moda-nova* e nas cantigas que, ao sabbado á noite, quando vier á villa, ha-de cantar pela rua onde mora a namorada. Ella tambem — nas aceifas, nas mondas, ou no apanho da azeitona — suspira de vez em quando

Tomára já cá
Sabbado á noite
Para vêr meu bem
Que ha-de vir do monte.

Quando, ao sabbado, o feitor dá o *louvado*, o ganhão solta depressa a junta, arruma em logar certo a apeiragem, e de manta ás costas, e bordão, elle ahi vêm a caminho da villa. E n'essa noite é certo o mancebo rondar a casa da sua namorada, cantando-lhe em altas vozes, ao som da *moda-nova*, as lindas quadras que aprendeu durante a semana.

Ella, por seu lado, no rancho onde trabalha, não deixa de entoar

Mais vale um ganhão
Sem manta nem nada,
Que trinta *sovinas*
De bota engraxada.

Mais vale um ganhão
Rôto e sem camisa,
Que trinta *sovinas*
De marrafa lisa.

No domingo á tarde, vestida a roupa lavada, e convenientemente arremendado, lá volta o nosso heroe para «a sua obrigação».

(Serpa.)

A. de MELLO BREYNER.



OS AVEJÕES

(Continuado de pag. 27)

CABE aqui uma observação.

E' verdadeiro o que tenho relatado; mas não vá ninguem suppôr que a Vidigueira é uma terra de supersticiósos, que nisso engana-se redondamente. A Vidigueira — ápart-te alguns ingenuos crentes no sobrenatural — é uma das terras que eu conheço mais livres de prejuizos. Entre o povo mais simples é que ainda se crê em: *almas do outro mundo*, *virtuosos, avejões, encommendas ao homem morto a ferro*, *benzeduras*, *bruxedos*, *feitiços*, *lobis-homens*, etc. Mas os incredulos, que constituem o grande numero, não raro matam pelo ridiculo a imaginação creadora dos allucinados, descobrindo a *causa* da illusão que faz temer e vêr phantasmas; pois que nem sempre é pura invenção a scena dos avejões.

Duvidam? Ouçam este caso:

Uma noite... noite silenciosa e de luar (sempre o luar!) sería uma para duas horas, comecei de ouvir, cortando estridulamente o silencio nocturno, uns gritos de mulher, impertinentes e quasi ininterruptos, que, á primeira audição, nada tinham d'extraordinario, mas que me despertaram curiosidade pela insistencia e por um certo tremor de voz que, mesmo a distancia, julguei notar.

A mulher bradava: «O' mano Antonio! O' mano Antonio!» E este brado, bem simples, afinal, ouvi eu, centos de vezes repetido, a ponto de me fazer marchar para o sitio d'onde o brado partia, aguilhoado pela curiosidade. No caminho juntou-se a mim um outro curioso e fomos os dois ver o que aquillo era... Os gritos partiam d'uma casa situada quasi no extremo norte da povoação — o largo de S. Francisco. O *mano Antonio*, a que a voz se referia, pernoitára em umas eiras pouco distantes, e não dava parte de si, o dorminhoco. Nós chegámos ao largo, e, pouco

depois, abriu-se um postigo e outro e outro, e pudémos emfim saber o que se passava.

Passava-se isto: Todas as noites aquella gente, estando a gosar o fresco ás portas, como é d'uso para aqui, tinha de se recolher precipitadamente e morta de susto porque lhe surgia inopinadamente, e vindo do adro murádo da proxima egreja, uma figura que se arrastava, uma «especie de enorme gafanhoto» diziam, que percorria o largo silenciosamente, vagarosamente, e que, passados alguns minutos, tornava ao mesmo adro, desapparecendo como por encanto... Um homem são e forte, um trabalhador dos campos, estava a contar-nos isto, tremulo de medo, e ao postigo da porta que ainda se não atrevêra a abrir, quando a dos brados ao *mano Antonio* — a mais foita de toda aquella gente, porque ao menos co servava energias na voz, veio ao nosso encontro a dizer-nos: «que lá estava, ainda, elle! que lá estava elle!»

Olhámos, e pareceu-nos distinguir um vulto, junto á porta da egreja, estendido no chão. Avançámos para o adro, que tem duas entradas, eu pela mais proxima e o meu companheiro pela outra. O desventurado *phantasma*, não vendo outro remedio, pois que era um *phantasma* inoffensivo, atirou-se para o lado do meu companheiro antes d'este lhe tomar a sahida, e precipitou-se numa carreira vertiginosa, dando ás de Villa Diogo em direcção a uma azinhaga proxima, como um ligeiro *phantasma* que era. Corremos os dois, tambem, e coube a gloria ao meu companheiro de ser o primeiro que poude deitar-lhe a mão.

Pobre *phantasma*... mettia dó! Em ceroulas e com ellas regaçadas, descalço, e com um gabanito ás costas, tremulo, indignado, e gaguejante, tartamudeava, entre medroso e fulo: «que era porque elle q'ria! que era porque elle q'ria!»

Do largo da egreja — isso sim! ninguem se atrevêra a seguir-nos.

Nós voltámos lá, depois do pacifico ajuste de contas com o desastrado, a descançar aquella pobre gente.

A coisa era esta: O homem chegava ao adro pela entrada por onde nos fugira: do largo esta abertura é pouco visivel. *Preparava-se*, como atraz fica dito, e avançava com os dois cotovellos e os dois joelhos em terra, fazendo salientar os braços e as pernas de modo que dava, segundo os medrosos, a idea do tal *enorme gafanhoto* caminhando mysteriosamente. Passeava assim, triumphante e sinistro, o tempo que elle entendia, e recolhia-se depois a bastidores para, na seguinte noite, continuar a singular penitencia... Que era uma penitencia, aquillo! E porquê, santo Deus? Porque um inimigo (e era um parente proximo!) cujos paes queriam passar por pimpões, não conseguira, apesar dos *empenhos*, livrar-se do serviço activo do exercito!

A penitencia foi, até certo ponto, cumprida religiosamente (pobre religião, em que tão mal se comprehende Deus!); mas o resto, isto é — o rabo é que foi peor d'esfolar... Soube-se do caso, e o *avejão* apanhou, do primo soldado e dos irmãos d'este, uma bôa data de marmelleiro que, dizem, lhe soube a tamaras!

—

Por estes factos já podem avaliar que a tradição dos *avejões* tem por aqui os seus adeptos, e que, sem todos acreditarmos na parte sobrenatural do assumpto, se crê geralmente que este é digno da attenção dos Vidigueirenses... apesar de fazer dormir — e bem hajam! — os ajuizados leitores da sympathica revista «A Tradição».

Vidigueira.

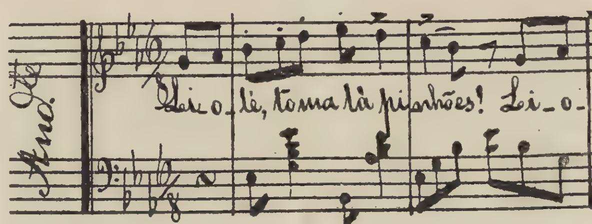
PEDRO CÓVAS.

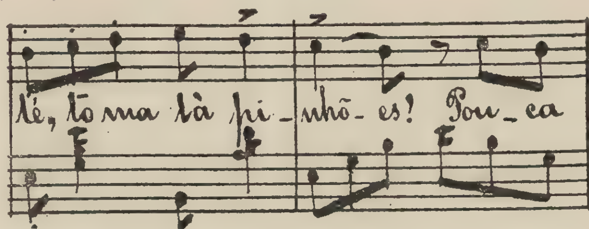


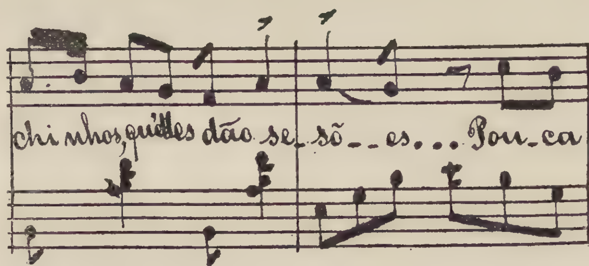
CANCIONEIRO MUSICAL

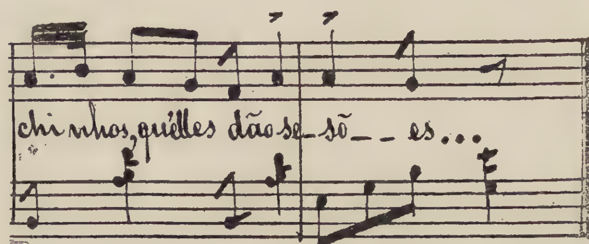
IV

Os pinhões









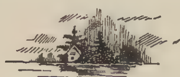
(CHOREOGRAPHICA)

MODAS-ESTRIBILHOS ALEMTEJANAS

OS PINHÕES

Li-olé, toma lá pinhões!
Li-olé, toma lá pinhões!
Poucochinhos, que elles dão sezões...
Poucochinhos, que elles dão sezões...

M. DIAS NUNES.



A caça no concelho de Serpa

(Continuado de pag. 45)

A cama do caçador varía com as condições d'este. A dos *ricos* consiste n'uma sacca de linhagem, grande, que se enche de palha ou rama de matto, no proprio logar onde se dorme, mettendo-se do lado da cabeceira e por baixo do improvisado colchão, *uma pedra ou um madeiro*, o que primeiro se encontra. Duas mantas alemtejanas, que se põem uma por baixo e outra por cima do corpo, servem de cobertura e abrigo ao caçador *rico*.

Esta é a cama tradicional, porque hoje em dia vão-se adoptando as modernas camas portateis.

Os homens do campo fazem a cama exclusivamente de matto, colhido em grande abundancia, e tapam-se com a manta de lan que sempre levam sobre a mochila.

Quando, no verão ou na primavera, algum rancho é surprehendido por trovoadas em descampado, usa fazer-se o seguinte: Procuram-se umas seis ou oito varas, compridas, de medronheiro, esteva, ou outro qualquer arbusto, (o que não é difficil de encontrar) e tancham-se no chão, ao longo da cama, d'um e d'outro lado. As extremidades livres das varas que ficam d'um lado, são unidas ás do lado opposto, formando arcos, que depois são cobertos por uma ou duas mantas, bem esticadas, á maneira d'um toldo de carro. Para que a cama não seja encharcada pela agua, colloca-se a sacca sobre uma bôa camada de matto.

Ha quem, em vez do toldo descripto, adopte barracas especiaes.

*
* *

Os caçadores, principalmente homens do campo, usam ainda as espingardas d'um só cano, por serem mais baratas. Todavia ha quem podendo usar espingardas de dois canos, prefere as primeiras. Por exemplo, o meu particular amigo e mestre Francisco Louzeiro, que tendo meios e possuindo boas espingardas de dois canos, caçava sempre com as d'um só cano quando se tratava de caça grossa.

Havia várias especies de canos: uns compridos a que chamavam francezes; outros (mas poucos) curtos d'origem ingleza, chamados *rifles;* os canos de trés setes — 777 —, cuja procedencia ignoro, e ainda outros sem marca nem distinctivo.

A' medida que as espingardas de dois canos foram apparecendo no mercado, e o seu preço barateandó, começou a diminuir o uso de espingardas d'um cano, sem que, como já disse, desapparecessem de todo.

Vieram ultimamente as espingardas de fogo central, mas estas não se teem generalisado tanto, porque, além de serem muito mais caras, não são tão certeiras, sobretudo nos tiros de chumbo e quando se desfecha a grandes distancias.

As espingardas do novo systema teem ainda, para os caçadores, o inconveniente de que os seus canos estrangulados não servem para bala; e os de bala não servem para chumbo. E o caçador não póde trazer atraz de si um creado com differentes mo-

delos de espingardas para se servir d'aquelle que precise a cada momento. Occorre-me ainda outro inconveniente das espingardas em questão, e vem a ser que, disparando-se muitos tiros na caça miuda, e especialmente no verão, é preciso diminuir a pouco e pouco a carga de polvora e o aperto das buxas, o que sómente póde fazer-se com as espingardas de atacar pela bocca.

E' pena que assim succeda, pois que, a par dos inconvenientes apontados, teem as espingardas de fogo central vantagens muito apreciaveis, como são o aceio e a promptidão no desfechar e na mudança de cartuxos.

Ao caçador a valer, o que lhe convem é uma arma bôa, que elle conheça e saiba bem o que vale ; é ella a sua companheira de todas as horas, na qual confia para se defender e matar a caça.

*

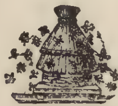
* *

Ha duas epochas em que, principalmente, todos os caçadores sahem a campo: são as semanas que precedem o Natal e o Carnaval (semana de comadres). N'esta ultima, costumam os caçadores, organisados em ranchos ou *joldas*, ir caçar para a serra ou nos arredores da villa e das aldeias. N'outros tempos mais do que hoje.

Havia tambem, antigamente, o costume — que hoje se conserva, apenas, nas aldeias — de, todos os sabbados, se reunirem em *jolda* os caçadores para caçarem n'esse dia.

(Continúa.)

A. DE MELLO BREYNER.



CONTOS ALGARVIOS

O REI SABIO E CEGO

Havia um rei e tinha uma filha. Esta andava de amores com um rico negociante, rapaz solteiro. O rei foi avisado destes amores e espreitou a filha. Succedeu que o negociante, tendo de ausentar-se, subiu por uma escada de seda e foi falar á princeza. O rei esteve de espreita e ouviu toda a conversação de ambos, deduzindo que a filha estava pejada. Ora o negociante dirigia-se ao seu destino por mar.

Nessa noite o rei deu ordem que fosse preparado um navio com alguns marinheiros, dando-se a estes as devidas instrucções. Assim foi resolvido. No dia seguinte disse o rei á filha:

— Falou comigo o teu namorado e confessou-me que estavas pejada. Resolvi que o acompanhasses no seu barco e lá fóra se casassem. Prepara, pois, os bahus e leva toda a tua roupa e valores que te pertençam.

A princeza ficou surprehendida e fez o que o pai lhe mandou fazer. Dirigiu-se para a praia, e logo encontrou uns homens, que pegaram n'ella e a metteram no navio. Então se convenceu de que o pai lhe destinava algum castigo. Chegando o navio a uma ilha que os marinheiros julgaram deserta, desembarcaram a princeza na praia e os seus bahus, e levantaram ferro, não obstante as lagrimas da exilada. Conservou-se por algum tempo na praia até perder de vista o navio. Era noite, e foi-se acolher a uma lapa proxima, onde não havia feras. No dia seguinte, comeu fructos silvestres e bebeu agua das fontes. E assim se conservou por alguns mezes até que deu á luz uma creança do sexo masculino. O menino cresceu a olhos vistos: quando tinha um mez parecia ter um anno. Era de uma pasmosa agilidade e quasi apanhava a caça na carreira. Em uma occasião foi o menino surprehendido com a

presença de um homem; poz-se a correr e veiu esconder-se junto da mãi na lapa. O homem approximou-se e chamou pelo menino; ninguem lhe respondeu.

— Não me respondem, vou dar fogo á lapa — disse em voz alta.

Então sairam mãi e filho da lapa, disendo aquella que seu filho estava por batisar, occultando porém a sua qualidade de filha de um rei. O homem instou que deixasse ella ir o menino com elle para ser batisado, e afinal a mãi cedeu

A criança tinha então oito annos e parecia ter vinte. Era reforçado e muito agil. Acompanhou pois o homem e foi batisado, sendo seu padrinho o desconhecido. Depois pediu licença ao padrinho para ir onde estava sua mãi, mas o padrinho pediu-lhe que ficasse até ao dia seguinte, pois havia na terra uma feira. O menino ficou. As informações que o padrinho deu acerca do modo por que tinha encontrado a criança, fizeram que todos o conhecessem pelo *menino da lapa.*

Na feira viu o menino um cavallo muito bravo e que ninguem ousava montar.

— Compre-me aquelle cavallo — disse para o padrinho.

— E' um cavallo muito bravo, ainda não foi montado. Tu não o poderás montar, mas se a tanto ousas, compro-t'o.

O *menino da lapa* deu um salto sobre o cavallo, e n'uma correria chegou ao logar onde sua mãi anciosamente o esperava. D'ahi em deante saía todos os dias á caça montado no cavallo bravo. Em um dia foi dar a uns palacios arruinados, onde encontrou um gigante que se atirou a elle no intuito de o matar. O menino, porém, deu-lhe tamanha pancada, que o gigante caiu com uma ferida enorme.

— Deus prometteu-me que se alguem me ferisse, não me matasse, mas me prendesse no alçapão do palacio — disse o gigante.

Então foi o gigante levado para o alçapão, sendo ali fechado á chave, que o menino guardou. Foi elle ver as diversas salas do palacio e pasmou de ver reunidas tão grandes riquezas. Montou logo no cavallo e foi buscar sua mãi. Ora a mãi pensou que a sua fraqueza, cedendo ao seu amante, era causa da sua desgraça, e por isso já não tratava o filho com o carinho de mãi. Logo que se viu possuidora de tantas riquezas ficou satisfeita.

— Minha mãe pode servir-se de todas as chaves do palacio e abrir todas as portas, menos da chave que está no meu quarto e que abre um alçapão, onde minha mãi nunca deve entrar — disse-lhe o filho.

A mãi assim prometteu.

No dia seguinte, quando o filho foi para a caça, dirigiu-se ao quarto do filho, tirou a chave e foi abrir o alçapão. Então chegaram aos seus ouvidos uns gemidos. Aproximou-se e viu o gigante. Taes lamurias fez, e tão boas palavras lhe deu, que a mulher, por conselhos do gigante, foi a um armario buscar um frasco de oleo, esfregou-o com elle, e o gigante ficou completamente curado. Não ficou porém só aqui: apaixonaram-se um do outro. O gigante subiu aos aposentos superiores e ali com ella combinaram descartar-se do menino.

— Só ha um meio — disse o gigante.

— Qual? interrogou ella.

— Fingir-se doente de uma dôr e dizer ao seu filho que passou por aqui um medico que a aconselhou a lavar-se com a agua de uma fonte no bico do serro, a duas leguas de aqui. Elle vai buscar a agua á fonte, sempre cercada de enormes bichos, que promptamente o devoram.

E assim succedeu. Logo que o filho viu a mãi doente e soube que só podia ser curada com a agua da tal fonte, montou no seu cavallo e para lá se dirigiu.

A certa distancia do serro rinchou o cavallo e logo viu proximo um palacio e á janella um velho.

— Vem ali o menino da lapa — disse o velho para as suas tres filhas — a mais nova trata-lhe do cavallo, a do meio prepara-lhe a comida e a mais velha arranja-lhe a cama.

(Continúa.)
(Loulé.) **ATHAIDE D'OLIVEIRA.**



Questionario sobre as crenças relativas aos animaes[1]

O eminente scientista Mr. N. W. Thomaz tem em preparação uma obra de extraordinaria importancia, qual é o estudo comparado de todas as crenças relativas aos animaes nos diversos paizes da Europa.

Para levar a cabo o seu trabalho colossal, dirigiu-se o sabio ethnologo allemão a varios tradicionistas europeus pedindo instantemente que o secundassem n'uma empreza tão arrojada e ardua.

Pela nossa parte accedêmos da melhor bôa vontade ao honroso convite que, em lisongeira carta, foi endereçado á *Tradição*. E assim, temos o prazer de inserir abaixo — livremente traduzido — o questionario ou base de inquerito que Mr. Thomaz nos mandou.

Aos nossos distinctos collaboradores rogâmos, com o mais vivo empenho, a incomparavel fineza de enviarem para esta redacção todas as informações que possam ministrar-nos sobre o assumpto de que se trata.

As respostas a um ou mais numeros do questionario irão sendo publicadas na *Tradição* pela ordem por que as formos recebendo. E' indispensavel que os nossos presados collaboradores se não esqueçam de mencionar a proveniencia de cada uma das crenças ou superstições que se dignarem referir-nos. As respostas aos n.os 14 e 22 do questionario devem vir acompanhadas (sendo possivel) de photographias ou desenhos elucidativos dos objectos a que nos mesmos numeros se allude.

1. — Quaes são, na crença popular, os animaes (aves, insectos, etc.) que trazem on felicidade ou desgraça a quem os vê ?

2. — Quaes são, na crença popular, os animaes que trazem ou felicidade ou desgraça á casa onde vivem ?

3. — Quaes são, na crença popular, os animaes que presagiam a morte ?

4. — Quaes são, na crença popular, os animaes que presagiam as colheitas ?

5. — Conhecem-se as ultimas espigas pelo nome d'algum animal? Diz-se que algum animal atravessa os campos quando o trigo se inclina á mercê d'alguma rajada de vento ?

6. — Crê alguem poder assegurar-se da felicidade guardando em casa animaes, aves, etc. ? Crê alguem dever agarrar ou saúdar o primeiro animal, ave, etc., de cada especie, quando se vêem pela primeira vez na primavera ?

7. — Que importancia tem a côr dos animaes (na superstição) ?

8. — Ha animaes que gosam d'uma santidade local, isto é, que ninguem quer matar, nem comer, nem mesmo vêr, e cujo nome ordinario não se emprega ás vezes ?

9. — Ha animaes que apenas se comem uma vez por anno, ou que se comem uma vez por anno ritualmente ?

10. — Ha animaes que são caçados uma vez por anno ou que são mortos por occasião de festas populares ?

11. — Exhibem-se animaes, arcaboiços de fórma animal, ou homens vestidos de pelles d'animaes para fazerem peditorios ?

12. — Crê alguem poder ganhar o poder magico de curar as doenças comendo a carne de certos animaes, deixando-os morrer na mão, ou tocando-lhes ?

13. — Que animaes são usados na medicina popular, ou na magia, e com que intenção? Crê-se que os poderes magicos variam consoante a estação em que o animal é morto?

14. — Pelo Natal, etc., fazem-se bôlos aos quaes se dá o nome ou a fórma d'algum animal ?

15. — Acredita-se que os mortos apparecem em fórma d'animal ?

16. — Acredita-se que as feiticeiras teem o poder de se transformar em animal ?

17. — Quaes sãs os animaes que se julga comprehenderem a linguagem humana ?

18. — Que animaes se julga que sejam homens n'outros paizes ?

19. — Segundo a crença popular, quaes são os animaes que levam as creancinhas ?

20. — Contam-se lendas de raparigas (ou rapazes) que apparecem ordinariamente sob a fórma d'um animal, e que para casarem é necessario que se lhes arranque a pelle ?

21. — Ha cerimonias por occasião do nascimento, do casamento e da morte nas quaes se faz uso d'um animal, da sua pelle, etc. ?

22. — São as casas, as médas, etc., encimadas por um craneo, uma cabeça d'animal (de madeira ou d'outra natureza), ou encontram-se aquelles objectos ao redor dos campos ?

23. — Que animaes são usados como signal de estalagem ?

24. — Ha jogos de creanças ou cerimonias nas quaes se imita os animaes ou se põe uma mascara, ou aos quaes jogos se dá um nome d'animal ?

25. — Ha animaes que são enterrados por causas supersticiosas ?

A REDACÇÃO.

[1] Para dar publicidade ao presente artigo somos obrigados a retirar a *Bibliographia*.

BULLETIN POUR L'ÉTRANGER

LA TRADITION

Revue mensuelle illustrée d'ethnographie portugaise

DIRECTEURS

Ladislau Piçarra et Dias Nunes

REDACTION ET ADMINISTRATION

À SERPA (PORTUGAL)

Sommaire du présent numéro de la Tradition

Texte : — Notes historiques sur Serpa : La situation de Serpa dans les circonscriptions de l'Espagne musulmane, par le *Comte de Ficalho;* Setubal—croyances, superstitions et usages (suite), par *Arronches Junqueiro;* Le «ganhão» (garçon de charrue), par *A. de Mello Breyner;* Les fantômes (conclusion), par *Pedro Covas:* Chansons, refrains de l'Alemtejo: Les pommes de pin, par *M. Dias Nunes;* La chasse dans le district de Serpa (suite), par *A. de Mello Breyner;* Histoire de l'Algarve: Le roi savant et aveugle, par *Athaíde d Oliveira (Dr.);* Questionnaire sur les croyances relatives aux animaux, par la *Redaction.*

Illustrations : — La remarquable ville de Serpa, vue du nordouest.—Galerie de costumes populaires : Le «ganhão» (garçon de charrue).—Recueil de chansons: Les pommes de pin (musique).

MOUVEMENT ETHNOGRAPHIQUE PORTUGAIS

La Tradition, de 1899 (conclusion). — Noël, Nouvelle-Année, Jour de Rois—Danses populaires—Chansons, refrains—En Carême—La fête de la Guadeloupe—La procession de Corpus Christi—Le jour de Saint-Jean à Serpa—Les tables de Moïse—Bibliographie, par *M. Dias Nunes.*

Vidigueira et ses traditions—La Mi-Carême—Le taureau de Saint Marc—Pénitences nocturnes, par *Fazenda Junior.*

Vers utérins—Fées et sorcières—Sorcières et ensorcellement, par *Filomatico.*

Rimes populaires, par *João Varella (Dr.)*

Jeux populaires—Le bain de l'âme—Le Carnaval—Prières superstitieuses—Médecine empirique, par *Ladislau Piçarra (Dr.).*

Habitations, par *Lopes Piçarra.*

Estatinga-Estantiga, par *Madame Michaëlis de Vasconcellos.*

La course de la vache aux cordes à Ponte de Lima, par *Miguel de Lemos.*

Recueil de chansons populaires—Les habitants de la peninsule iberique, par *Paulo Osorio.*

Les superstitions des criminels—Les fêtes de Saint-Marc près de Serpa, par *Pedro A. d'Azevedo.*

Les charlatans, par *Pedro Cóvas.*

La Tradition, par *Ramalho Ortigão.*

Botanique populaire, par *M.elle Sophia da Silva (Dr.e).*

Le médecin de la moule russe, par *Souza Viterbo (Dr.).*

La Mi-Carème, par *Theophilo Braga (Dr.)*

Légendes et romans, par *Thomaz Pires.*

Prix du volume broché, 5 fr.

R.

BULLETIN FOR ABROAD

THE TRADITION

Monthly illustrated review of portuguese ethnography

DIRECTORS

Ladislau Piçarra and Dias Nunes

OFFICES

SERPA (PORTUGAL)

Summary of the present number of the Tradition

Text : — Historical notes about Serpa: Serpa's situation in the circumscriptions of Musulman Spain, by *Conde de Ficalho;* Setubal Legends, superstitions and traditional usages (continuation), by *Arronches Junqueiro;* The «ganhão» (farm servant), by *A de Mello Breyner;* The ghast (conclusion) by *Pedro Cóvas;* Songs, refrains from Alemtejo: The kernels, by *M. Dias Nunes;* The shooting in the Serpa district (continuation), by *A. de Mello Breyner;* Tales from the Algarve: The wise and blind King, by *Athaide d'Oliveira (Dr.);* Questionary about the beliefs relative to animals, by the Editors.

Illustrations:—The remarkable Serpa seen from northwest.—Galery of popular costumes: O «ganhão» (farm servant) —Musical collection: The kernels (dance)

THE PORTUGUESE ETHNOGRAPHICAL MOVEMENT

The Tradition, of 1899 (conclusion)—Christmas, New-Year and the day of Kings —Popular dances — Songs, refrains — On Lent — The feast of the Guadalupe — The procession of Corpus-Christi — The St. John day in Serpa — The tables from Moses — Bibliography, by *Dias Nunes.*

Vidigueira and its traditions — Mi Carême — The bull of St. Marcus — Nocturn penitences, by *Fazenda Junior.*

Uterin vermins — Witches and hags — Witches and soresies, by *Filomatico.*

Popular rhymes, by *João Varella (Dr.)*

Popular games — The bath of the soul — The Carnival — Superstitions prayers — Empirical medicine, by *Ladislau Piçarra (Dr.).*

Habitations, by *Lopes Piçarra.*

Estatinga-Estantiga, by *M.rs Michaëlis de Vasconcellos.*

The course of the cow with the ropes at Ponte de Lima, by *Miguel de Lemos.*

Colletion of popular songs—Habitants of Iberia, by *Paulo Osorio.*

Superstitions from the criminouses—The feast of St. Marcus near Serpa, by *Pedro A. d'Azevedo.*

The charlatans, by *Pedro Cóvas.*

The Tradition, by *Ramalho Ortigão.*

Popular Botany, by *Miss Sophia da Silva.*

The doctor with the reddish mule, by *Souza Viterbo (Dr.).*

Mi-Carême, by *Theophilo Braga (Dr.).*

Legends and romances, by *Thomaz Pires.*

Price of the volume stitched — 5 fr.

R.

Natal, Anno-Bom e Reis, Danças populares do Baixo-Alemtejo, Modas-estribilhos alemtejanas, Na Quaresma, A festa da Guadalupe, A procissão do Corpo de Deus, O S. João em Serpa, As taboas de Moysés, Bibliographia, por **M. Dias Nunes.**

Vidigueira e as suas tradições, A serração da velha, O touro de S. Marcos, Penitencias nocturnas, por **Fazenda Junior.**

Bichos uterinos, Bruxas e feiticeiras, Bruxas e bruxedos, por **Filomatico.**

Rimas populares, pelo Doutor **João Varella.**

Jogos populares, O banho da alma, O carnaval, Therapeutica mystica, Medicina empirica, pelo Doutor **Ladislau Piçarra.**

Habitação, por **Lopes Piçarra.**

Estatinga-Estantiga?, por **D. Carolina Michaëlis de Vasconcellos** (Dr.ª)

A corrida da vacca das cordas em Ponte de Lima, por **Miguel de Lemos.**

Cancioneiro de musicas populares, Povos da Yberia, por **Paulo Osorio.**

Superstições dos criminosos, A festa de S. Marcos proximo de Serpa, por **Pedro A. d'Azevedo.**

Os virtuosos, por **Pedro Cóvas.**

A Tradição, por **Ramalho Ortigão.**

Botanica popular, por **D. Sophia da Silva** (Dr.ª)

O Doutor da mula ruça, pelo Doutor **Sousa Viterbo.**

Serração da velha, pelo Doutor **Theophilo Braga.**

Lendas & Romances, por **A. Thomaz Pires.**

Preço do volume brochado 1$200 réis

Á venda em: LISBOA: — "Galeria Monaco" — Rocio.
PORTO: — Livraria Moreira — Praça de D. Pedro, 42 e 44
COIMBRA: — Livraria França Amado

Anno II — N.º 5 Volume II

SERPA, Maio de 1900

A TRADIÇÃO

Revista mensal d'ethnographia portugueza, illustrada

«A TRADIÇÃO, de Serpa, pelo programma que se impoz e pela discreta diligencia com que procura desempenhar esse programma, representa, a meu vêr, o mais bello exemplo patriotico de educação publica exercida pela imprensa».

Ramalho Ortigão.

DIRECTORES:

Ladislau Piçarra

e M. Dias Nunes

Collaborador musical

F. VILLAS-BOAS

Collaborador artistico

M. BAPTISTA SALTA

CLICHÉS DE:

A. de Mello Breyner, F. Monteiro, F. Villas-Boas, J. Monteiro e J. V. Pessoa

SUMMARIO:

TEXTO

ILLUSTRAÇÕES

PREÇO DA ASSIGNATURA

(Pagamento adeantado)

Em Portugal (continente), série de 12 numeros

1$200 réis

Para o ultramar e estrangeiro accresce o porte do correio

Numero avulso

100 réis

Toda a correspondencia deve ser dirigida á redacção e administração de

"A TRADIÇÃO"

SERPA (Portugal)

Venda avulso d'esta revista.

LISBOA, Galeria Monaco, Rocio.

PORTO, Livraria Moreira, Praça de D. Pedro, 42 e 44.

COIMBRA, Livraria França Amado.

Anno II — N.º 5 SERPA, Maio de 1900 Volume II

Editor-administrador, *Jose Jeronymo da Costa Bravo de Negreiros*, Rua Larga, 2 e 4 — SERPA
Typ. de *Adolpho de Mendonça*, Rua do Corpo Santo, 46 e 48 — LISBOA

A TRADIÇÃO

Revista mensal d'Ethnographia Portugueza, Illustrada

Directores: — LADISLAU PIÇARRA e M. DIAS NUNES

Os proverbios e a medicina

I

(*Pancadinhas d'amor não fazem doer... Mate-me Deus com os meus... As sezões veem a cavallo e vão-se embora a pé... Uma pilula a tempo poupa nove... Ao menino e ao borracho põe-lhes Deus a mão por baixo...*)

O povo tem uma intuição medica de primeira ordem, o que não importa estranheza. Uma das phases da medicina, a primeira, foi popular e só depois de fixada pelo instincto, a arte de curar passou dos *caminhos* para os *templos*, então monopolisada por classes mais illustradas.

Ha verdades scientificas crystallisadas toscamente em proverbios e locuções populares, as quaes, se houvessemos de trocal-as em meudos, encherião grossos volumes. E' a explicação medica de alguns proverbios e locuções populares que me proponho dar, neste e em subsequentes artigos, caso v. ex.as estejam de pachorra para aturar as caturreiras de um pobre clinico d'aldêia.

Não ponho ordem no meu trabalho, que não me parece merecel-a. Escolherei ao acaso e irei *desfiando* a philosophia medica de alguns proverbios, consoante me venham á memoria.

* * *

Seja o primeiro este: *pancadinhas d'amor não fazem doer...*

Toda uma psychopathia sexual a resaltar deste proverbio. Não fazem doer as pancadinhas d'amor, não: que o digam os *masochistas*...

Estam hoje em moda as psychopathias sexuaes. Estudou as Krafft-Ebing, o famoso psychiatra de Vienna. E, todavia, o povo já de ha muito condensara uma d'ellas no proverbio citado. As perversões sexuaes melhor estudadas são tres: o *sadismo*, o *fetichismo*, e o *masochismo*, sendo esta ultima que importa para o nosso caso.

No *masochismo*, as sensações voluptuosas são despertadas pela ideia de rebaixamento perante o ente amado, ou pelos soffrimentos physicos que esse mesmo ente possa infligir a quem o ama. E' uma impulsão a que taes doentes não podem resistir, por preverem com voluptuosidade essa situação.

Sem já fallarmos do rebaixamento sexual a que alguns se sujeitam, impellidos pelo *masochismo*, mesmo porque esse facto não entra na verdade esboçada no proverbio que ora destrinço, certo é havel-os que precisam ser *flagellados* por aquelles a quem amam.

Umas vezes, essa flagellação con-

stitue um meio preparatorio para o acto capital do amor; outras, um adjuvante para o accentuar, podendo ainda chegar, o que é mais curioso, a equivaler o proprio acto sexual. Para os *masochistas* não ha amor sem maus trátos, sem humilhações. Gostam de ser açoutados, numa palavra...

Quer-me parecer esta a verdade scientifica que o proverbio encerra. Começou o povo por observal-a: passou depois a dizel-a maliciosamente.

*

* *

E já outro me ocorre: *mate-me Deus com os meus*...

Ora ahi está uma locução a que podemos precisar a época de sua origem: data de 1569.

Não contém, propriamente, a essencia de algum facto medico, mas refere-se a uma das paginas de epidemiologia portugueza. Por isso encerra a sua philosophia medica.

1569! Anno tenebroso, devastador, o anno da *peste grande!* Só em Lisboa, orçou o numero das victimas por sessenta mil.

Ficou-nos noticia do quadro tenebroso que a capital então offerecia, desolada pela peste e pela fome — irmã gemea da primeira. Bastam as palavras que seguem, escriptas pelo padre Balthasar Telles, para nol-o fazerem vêr: «... as ruas estavam cheyas de erva crescida, mais pareciam campos desertos, que estradas seguidas...»

Do receio então infundido, dão-nos ideia as medidas adoptadas. El-rei D. Sebastião, o *desejado* — com mais razão devera dizer-se o *degenerado*[1] — lembrou-se de mandar vir para Lisboa alguns medicos de Sevilha, por mais educados na prophylaxia do morbo.

Offereceu-lhes larga retribuição. Vieram, com effeito; e ainda hoje nos são conhecidos os seus nomes: Thomaz Alvares e Garcia de Salzedo Coronel. Fez-se então *a primeira edição* da junta consultiva de saude...

Trabalharam os medicos de Sevilha d'accordo com os de Lisboa, mas como a discussão das medidas a adoptar fosse demorada, a epidemia galgou. O povo aterrorisou-se, pegou a desconfiar da sciencia dos sabios de Sevilha e desandou a gritar: *mate-me Deus com os meus*... medicos.

E a coisa pegou. E tanto pegou, que a repetimos mais tarde, em 1640, se bem que por motivos diversos...

*

* *

Salta-me outro proverbio já dos bicos da penna: *as sezões véem a cavallo e vão-se embora a pé.*

Uma grande verdade, afinal. Véem a cavallo, as sezões, porque pouco basta para as termos. Atravessando uma região pantanosa, podemos *agarra-las*, se bem que a inhalação do *hematozoario de Laveran,* seja a maneira menos commum de ter *maleitas*. Perigo verdadeiro, o da ingestão do hematozoario. Em egualdade de circumstancia se, de dois individuos, um tiver *respirado* apenas os *effluvios* de um pantano e o outro tiver bebido, sem prévia fervura, a agua do mesmo pantano, o segundo terá quasi com certeza as sezões, ao passo que o primeiro póde deixar de tel-as.

E a proposito de sezões, e por não ir fóra da indole do jornal para que tenho a honra de escrever, vou abrir um parenthesis. Revoltava-se o grande Souza Martins contra o uso que se faz da palavra *malaria*. como synonima de febres intermittentes palustres ou de sezões. Ha aqui uma confusão flagrante. Em italiano, chama-

[1] A prova scientifica da degenerescencia de D. Sebastião, deu-a brilhantemente o professor Manuel Bento de Souza. Foi um irresponsavel, aquelle pobre monarcha. *Quos Deus vult perdere, prius dementat.*

GALERIA DE TYPOS POPULARES



Tamborileiro alemtejano *(do concelho de Serpa)*

se *malaria* aos effluvios provenientes das *maremas*. Vem o vocabulo do latim *mala*, que significa lama ou o que se refere á lama. Não se póde rubricar com o termo *malaria* a doença que os effluvios dos pantanos produzem: o que é causa da doença, não póde servir para designar a propria doença. Dever-se-hia, portanto, dizer: *febre de malaria*.

Já que estou com as mãos na massa, vá lá outra observação, curta tambem e tambem frisada por Souza Martins. Na nossa linguagem medica corre a expressão *área cattiva*, na acepção do que se evolve de um pantano. De modo algum. *Área cattiva* é para os italianos, doutorados em sezões pela campina de Roma, todo o territorio que está sujeito ás emanações de um pantano, *toda a área onde chega a malaria*.

E, fechado o parentesis, volvamos ao proverbio. Podemos, pois, alcançar sezões quer ingerindo o seu agente especifico d'ellas, quer inhalando-o, seja pelos effluvios de um pantano ou pelo revolver de terrenos abandonados e incultos, aonde se haja acantonado o *miasma tellurico de Collin*.

O tudo está em nos vêrmos livres das sezões. São teimosas, de facto. Depois, os typos das febres intermittentes palustres ou telluricas, transformam-se com uma velhacaria inaudita. Uma quotidiana passa com facilidade a dupla terçã, e por fim, a terçã perfeita. A terçã demuda, ás vezes, para quartã ou para quotidiana e a propria quartã póde transformar-se em terçã. Um circulo vicioso...

A quartã! Teimosa até ali... Por isso, os latinos lançavam em rosto aos seus inimigos, a celebre imprecação: *Quartana te teneat*. Quartã te dê...

Entre nós, a imprecação refere-se á terçã: *terçã te dê*...

A proposito de sezões vem a pello outro dictado: *uma pilula a tempo, poupa nove*. Quem tiver algum dia exercido clinica rural, sabel-o-ha bem. O camponio, assaltado pelas maleitas, começa por ensaiar remedios caseiros, aconselhados pelas comadres ou pelo mestre ferrador: aguardente com canella, o cosimento d'eucalypto, as pilulas de teia d'aranha, o buxo, etc., e quejandas coisas. Mas as sezões vam ficando. Recorre então ao *boticairo* que, é de vêr, lhe começa a metter a quinina no corpo, estouvadamente, sem nexo. E, todavia, uma pilula a tempo poupa nove: tudo está na maneira de a ministrar.

E' que o camponio desconhece a vida do hematozoario...

Ministrava Torti a quinina em dose sufficiente, immediatamente antes do accesso. *E' o methodo romano*.

Dava-a Sydenham o mais longe possivel do acceso a vir, isto é, logo depois do acceso que passou. *E' o methodo inglez*.

Aconselham na os francezes 4 a 5 horas antes do accesso. *E' o methodo francez*.

Alguns, dam a dóse fraccionada em duas. A primeira, logo depois do accesso que passou; a segunda, 4 a 5 horas antes do accesso que ha de vir. *E' o methodo mixto*. O melhor, para mim. Que por esta fórma, a primeira dóse vae ainda *dar caça* aos hematozoarios que fiquem no sangue, após o accesso; a segunda, vae impregnar o sangue, para que, quando os parasitas hajam de invadil-o, encontrem meio hostil. E' uma guerra ao mesmo tempo offensiva e defensiva. *Medicus sufficiens ad morbum cognoscendum, sufficiens ad curandum*.

*

* *

Ao menino e ao borracho põe-lhes Deus a mão por baixo...

Estamol-o vêndo, a cada momento. Bebeu um homem a «sua conta». Sae da taberna, o olhar incendiado, a face congestionada. Alegre ou triste, se tem *bom vinho*; provocador ou colerico, se tem *mau vinho*. Pouco a pouco, por muito que queira apru-

mar-se, as pernas negam-se-lhe, vergam e ahi começa o borracho a andar *aos bordos*, *ás synaléphas*, como vulgarmente se diz, talvez porque, por comparação com a figura orthographica, haja supressão de passos: o borracho quer andar e logo recúa...

Insensivelmente, a alegria ou a colera esbatem-se. Ao afogueado da face succede a pallidez; o suor escorre em gottas frias, empastando-se nas temporas; o andar torna-se cada vez mais embrulhado. E assim, cheio de ancias, lá vae aos tropeções, cahindo aqui, tornando a cahir acolá.

Mas, coisa curiosa, as quédas dos ebrios não teem, em geral, sérias consequencias. E por uma razão muito simples. Passado o periodo da excitação alcoolica, vem a depressão. A anesthesia é então completa e completa a resolução muscular. Relaxados em extremo os musculos, os ossos á vontade fogem da causa vulnerante, acommodam-se a qualquer attitùde do corpo, por mais extravagante que seja a quéda do bebado. *Poz-lhe Deus a mão por baixo.*

Cahem as crianças em seus folguedos vezes e vezes, durante o dia, mas tambem não é muito frequente que sejam de maior gravidade essas quédas. As carnes flacidas das crianças, a sua pouca energia muscular, a sua acanhada estatura, attenuam de algum modo o traumatismo.

E' que Deus lhes põe a mão... no mesmo local dos borrachos.

Bucellas, 2-6-900.

ALBERTO PIMENTEL.
(Filho)



O SENHOR SETE

(Continuado de pag. 42)

COMECEMOS agora com as quadras ao «setestrello», palavra que eu prefiro ortographar assim, a decompôl-a como faz o *Diccionario Contemporaneo:* — «Sete-estrello».

De resto, rasão dá o *Diccionario*, com a sua ortographia etymologica, a entendermos que é ainda o Senhor Sete que improvisa em casa do Povo essas taes quadras...

E util recordar a algum leitor mais novo, que «setestrello» é o nome vulgar da constellação, ou melhor, do grupo das *Pleiades*, visinhas, na geographia celeste, de *Andromeda* e de *Perseu.*

As Pleiades eram as sete filhas d'Atlas, a saber: Maia, Electra, Taygeta, Asterope, Merope, Alcione e Celeno. A' excepção de Merope, que casou com Sisypho, as demais ou casaram com deuses, ou viveram com elles... *en faux ménage,* como dizem os francezes! Depois de mortas, as sete irmãs foram metamorphoseadas em estrellas, e teem no céo, como já disse, o nome de Pleiades, derivado de Pleione, uma das Oceanides, mamã das sete manas.

Outros dizem que a palavra vem do grego *pléô*, (se não havia de vir do grego!) que quer dizer *navegar*, — porque semelhante grupo é visivel n'uma epocha favoravel á navegação — no mez de maio.

Mas isso é lá com os sabios, e d'isso não quer saber o Senhor Sete.

Elle que começa...

*

O setestrello vae alto,
Mais alto vae o luar,
Mais alta vae a ventura
Que Deus tem para me dar.

*

Os setestrellos cahiram
No espelho da viola,
Lembre-se, minha menina,
D'este coração que a adora.

*

Os setestrellos vão altos,
A lua já embarcou,
Abra-me a porta, menina,
Que ha sete horas que aqui estou.[1]

---

[1] ... Bem diz o dictado que o Setestrello é magano!...

Os setestrellos vão altos,
Vão direitos á trindade,
Oh quem dormira um somninho,
No teu colo á liberdade!

*

Os setestrellos nasceram
Virados para o poente,
Oh quem dormira um somninho,
Comtigo, rosa innocente!

*

Os setestrellos cahiram
No meio do meu regaço,
Não faças caso de mim,
Que eu de ti já o não faço.

*

Setestrello que rondaes
Pelo céo a toda a hora,
Recolhei-vos, setestrellos,
Que eu quero rondar agora.

*

Os setestrellos vão altos
Na cobertura do céo,
Em tudo és do meu gosto,
Até no pôr do chapeu.

*

O' setestrello que andaes
De noite n'essas alturas,
Dae-me novas do meu bem,
Que eu d'elle não sei nenhumas.

*

Os setestrellos vão altos,
Vão altos, eu bem os ví,
Quando me fôr d'esta terra
Não me despeço de ti.

*

Eu hei-de me ir assentar
Nos setestrellos da lua,
Ella mesma vae dizendo:
Descança, amor, já sou tua.

*

Os setestrellos vão altos,
Menina, vá-se deitar,
Que eu já vou fazer o mesmo,
Pois temos que madrugar.

*

Setestrello vae em pino,
A lua já vae tombada;
As ovelhas do meu amo
Não querem tomar malhada.

O setestrello cahiu
Mesmo á beirinha do tanque,
Quem veio aqui p'ra te ver
Já te tem amor bastante.

*

Setestrello vae em pino,
E a lua já empinou:
Diga-me lá, ó menina,
A que horas se deitou.

*

Setestrello vae em pino,
A lua de banda em banda,
Quem me dera adivinhar
Quem no teu sentido anda.

*

O setestrello gabou-se
Que me havia de enganar
Nas noites de mais escuro
Ou nas noites de luar.

*

O setestrello cahiu
No espelho do taboado,
Desengane o seu amor,
Não o traga enganado.

*

Setestrello, setestrello,
Que passeias lá no céo,
Se te escondes, setestrello,
De paixão me mato eu.

*

Já o céo não tem estrellas,
Só tem sete a um cantinho:
E' a estrada do amor
Que não tem outro caminho.

*

Setestrello que rondaes
Lá por esse Douro fóra,
Recolhe-te, ó setestrello,
Que eu quero rondar agora.

*

O setestrello gabou-se
Que me enganou uma vez,
De noite pelo escuro:
Olha o milagre que fez!

*

O setestrello cahiu
No espelho da viola:
Compadeça se, menina,
D'este rapaz que a adora.

Perguntae ao setestrello
Que é magano e sabe lêr,
Em que pontos vae a lua
Quando quer amanhecer.

*

O setestrello tem sete,
Vós, menina, tendes duas,
Alumiam mais as vossas
Que o setestrello as suas. [1]

*

O setestrello cahiu
Na açucena do jardim,
Compadeça-se, menina,
De quem está ao pé de si.

*

O setestrello gabou-se
Que me havia-de enganar,
Logo que elle me avisou, [2]
Bem me posso acautelar..

*

Alto vae o setestrello
Mais alto vae o luar,
Mais alta vae a ventura
Que Deus tem para me dar.

*

Setestrello, vai em pino,
E o cajado vae virando,
As ovelhinhas de Deus,
A volta que vão levando. [3]

*

Perguntae ao setestrello,
Que é magano e sabe tudo,
Em que pontos vae a lua
Quando quer fazer escuro.

*

O setestrello cahiu
N'uma folha de giesta,
Cada vez te quero mais,
Olha que cegueira esta.

*

O setestrello cahiu
N'uma pedra, ficou coxo,
O lirio com saudade
Logo se vestiu de roxo.

O' setestrello que andaes
Lá no céo n'essas alturas,
Dai-me novas do meu bem,
Que eu d'ellas não sei nenhumas.

*

Setestrello setestrello,
Quem olha para ti cega;
Quando estou ao pé de ti
Não me lembra céo nem terra.

*

Hei de amar o setestrello,
Deixar o teu coração,
Setestrello não me deixa,
Deixas-me tu sem razão.

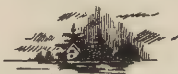
(Continúa.)

TRINDADE COELHO.

[1] Nunca se viu maneira mais ingenua de chamar aos olhos da rapariga duas estrellas...

[2] *Logo que*, expressão muito vulgar no sentido de — *visto que; pois que; uma vez que; já que.*

[3] E' uma bellesa! O cajado está bem de vêr que é a lua; as ovelhinhas de Deus são as estrellas. D'esta quadra disse João de Deus que era «linda como a cabeça de uma creança, simples como a vida dos campos, melancholica como as planicies do céo».



O TAMBORILEIRO

O HOMEM que toca tamboril e gaita, em todas as festas religiosas de arraial (cirios), chama-se tamborileiro.

Assim como n'outras partes do nosso paiz apparecem sempre, n'aquellas festividades, os tocadores de gaita de folles, e de sanfona, no Alemtejo é indispensavel o tamborileiro.

Creio que, n'alguns sitios, a musica do tamboril e gaita tem sido substituida pela dos clarinetes e trombones das philarmonicas, que hoje ha em toda a parte. Aqui, porém, ainda mesmo com a presença da philarmonica, o tamborileiro faz-se ouvir em todos os cirios, ou festas d'arraial, e romarias aos santos. Ganha «um quartinho e collete cheio», isto é: mil e duzentos réis e de comer — o mesmo que sempre ganhou. E' honesto o tamborileiro, porque não se tem valído das differenças de cambio, nem da carestia dos generos, para exigir augmento de salario; ou então tem receado a concorrencia das philarmonicas...

Os instrumentos que tóca, como

se vê da gravura, são: o tamboril, fabricado por elle proprio, e a frauta doce, ou tibia, que elle tambem fabríca e que é, não do sonoro buxo, mas do sabugueiro, cujas hastes compridas e sem miolo se facilitam a esse fim. Sopra-se a frauta por uma bocca, como a dos assobios e pifanos, aberta n'uma das extremidades. Na outra extremidade tem trés buracos para os dedos annullar, medio e index, e um outro buraco ainda, por baixo, para o pollegar; o dedo minimo segura o instrumento.

E' o mais rudimentar e primitivo de todos os instrumentos que conheço, a flauta — cantada por Virgilio e Camões, nas suas eclogas, e quiçá por muitos outros poetas. Por alguns é ella classificada de invento pastoril; e a sua musica, «prazer agreste do camponez», «som grato aos ouvidos dos Faunos e que desafia os amores pastoris».

Ser tamborileiro foi sempre de exclusiva competencia dos cabreiros.

Hoje são raros os tocadores de tão primitivos instrumentos, que decerto vão desapparecer dentro de breve tempo. O tamborileiro é um typo original que d'aqui a pouco acaba, mas que, mercê da *Tradição,* não será considerado como o mytho do deus Pan, ou como uma lenda phantasiada por poetas bucolicos.

N'outro tempo não se encontrava rebanho algum de cabras, nas extensas serranias d'este concelho, cujo pastor não tangesse uma d'essas frautas

«do pastoril rebanho doce allivio»;

hoje, nem um só pastor continúa a tradição.

O repertorio, aliás pequeno, do tamborileiro vae ser publicado nas paginas d'esta revista, devido á obsequiosa deferencia do meu amigo e distincto musico compositor, o Snr. Manuel de Jesus Gentil-Homem Valladas. O qual — apesar da vaidosa opinião d'um tamborileiro, de que nenhum musico tinha capacidade para imitar as suas variações (sic) — recolheu, n'uma rhapsodia de musicas populares d'aqui, os diversos toques da frauta, acompanhados a tamboril, que breve serão estampados na *Tradição.*

(Serpa).

A. DE MELLO BREYNER.



A LENDA DAS ARMAS DE ELVAS

O povo é useiro e vezeiro em deturpar muita cousa. Está-lhe na massa do sangue. Todavia, e talvez por isso mesmo, por que rejeita as origens vulgares, elle é depositario, o melhor depositario até, das cousas mais bellas e lindas. Amigo entranhado do maravilhoso, claro está que em tudo que cria na sua tão poetica imaginação, põe sempre o romanesco, se não o fabuloso, accommodado com a simplicidade.

A lenda das armas de Elvas é de estas criações engenhosas. Algo romanesca, com seu quê de tocante, ella conta, pelo menos, uns cinco seculos de existencia, e ainda não pôde derrubal-a a historia. E' que ás vezes, nas tradições populares, tambem ahi ha mais força de rasão que em velhos pergaminhos de certos historiadores. São cousas.

Ora, rezam as chronicas que quem deu a Elvas, ao tempo ainda villa, o brazão que possue, e que consta, como sabem ou podem saber, de um fidalgo a cavallo, empunhando um estandarte tremulante, foi D. Sancho II, o Capello, conquistador de essa terra aos mouros. Os proprios elvenses o pediram ao rei, á imitação de varios outros habitantes de muitas mais villas e cidades até. Nada mais natural. Tambem elles queriam illustrar sua terra com o luzimento de umas armas só suas. Por isso, D. Sancho, não só como em prova, que podemos chamar uma *prova real*, da

CANCIONEIRO MUSICAL

V

O toureiro novo

(CHOREOGRAPHICA)

muita attenção que ligára a tal pedido, mas ainda em evidente signal de entranhada sympathia para com a villa de Elvas, que lhe custára á ganhar, respondeu de este modo áquelles supplicantes, apresentando-se-lhes bellamente a cavallo e com a bandeira dos seus estados na mão:

— Por armas aqui me tendes a mim.

Vejam que requinte de galanteria! Se o marido de D. Anna Lopes de Ilaro e amante de Maria Paes merecia essa ameaça de feroz excommunhão que o IX Gregorio, representante de S. Pedro, ousou dirigir-lhe, sem dez réis de cortezia! Temos conversado. O que sua magestade quiz dar a entender bem alto e em bom som, foi que, além de se dignar dizer que sim ao pedido, até se offerecia, equipado e armado, para o modelo do referido brazão. Muito cortez! Pois se elle bem o disse e o deu a entender, os de Elvas melhor o fizeram.

Isto é um facto, é historico, real, mas a boa da tradição popular narra o caso de maneira differente. Quem conta *um conto, accrescenta-lhe um ponto*. Diz ella que em certa occasião um esforçado cavalleiro, cujo nome se perdeu, apostára com outros que no dia da procissão do Corpo de Deus, iria de Elvas á cidade de Badajoz arrebatar das mãos de quem quer que o levasse na procissão, o estandarte hespanhol, e que o traria para Elvas. Uma aposta dos diabos. Fosse, no emtanto, porque o houvesse jurado pela honra da sua linda dama, ou porque quizesse de tal arte proceder por amor da gloria, ou do premio, se o havia na aposta; o que é certo é que no dia marcado o esforçado cavalleiro, incapaz de faltar, montou o seu possante ginete. e partiu como um raio a caminho de Badajoz. Antes, porém de largar n'esse louco gallope acenou amoroso para um alto balcão, como quem se despede d'alguem. E alguem estava lá, com effeito, que de lá lhe respondeu, não menos amorosa, uma mão alva e bem torneada, agitando um lenço branco por entre as gelosias.

Devia ser de manhã. Na antiga muralha de Elvas, espalharam-se bastantes curiosos attrahidos por aquelle successo. O audaz cavalleiro lá ia. Elles viram-no desapparecer totalmente, e ficaram-se a esperal-o n'uma grande impaciencia. O caso não era para menos. Mas uma hora decorreu arrastada, depois outra hora, tres horas se foram, e não havia novas, nem mandados do heroe. Claro está que começavam a desesperar, duvidando-se até do bom exito da empreza. Quem espera, desespera. N'isto, felizmente, como não pequeno calmante para aquelles corações impacientes, distinguiu-se no azul do horisonte uma nuvem de poeira, nem grande nem pequena. Era um prenuncio de que alguma cousa vinha lá. Vinha. Todos os olhares se fixaram n'esse ponto, anciosos como peitos namorados, muito febris como almas nostalgicas; e não tardou muito que alguem affirmasse que era um guerreiro, um cavalleiro que lá vinha, por que á luz coruscante do sol se via dardejar-lhe a armadura polida. Tudo se agitou ainda mais. Foi um reboliço, um perfeito pandemonium. Mas d'ahi a pedaço, quando aquella multidão houve do facto a completa certeza, e viu toda ella, ainda que muito a distancia, não só o guerreiro, o cavalleiro portuguez, mas tambem o estandarte de Castella, que este trazia, conforme a aposta, então é que o tumulto tocou o seu auge. De todos os lados retumbaram vibrantes as acclamações de alegria e triumpho, e logo soaram atabales e trompas. Até as gelosias de aquelle balcão para onde o cavalleiro, cujo nome se perdeu, disséra o adeus amoroso, se entreabriram de novo nevroticamente, e a mesma mão alva e bem torneada agitou outra vez o seu lenço côr de neve.

(Continúa)

ALFREDO DE PRATT.



AS BOAS-FESTAS

(Continuado de pag. 44)

O ENTRUDO *(introituo)* com os seus tres dias gordos (domingo, segunda e terça) é o periodo livre que fica antes da quaresma, (quadragesima) após os quarentas dias da qual começa a semana dos perdões *(hebdomada indulgentiae)*, um dos nomes porque é conhecida a semana santa. O periodo quadragesimal com o seu tabu polynesio applicado pela igreja á carne e seus derivados era na verdade para os crentes *gourmets* tempo amargo de expiação. Não facilmente se illudiam os preceitos ecclesiasticos, porque, alem do que a intriga e o escrupulo religioso bolsavam nos confessionarios, que vinham a ser os melhores fornecedores do tribunal do santo officio, os contractos dos açougues publicos principiavam em dia de paschoa e terminavam em terça feira gorda do anno seguinte. Pelo que os nossos antepassados faziam provisão dos prazeres da carne que lhes havia de faltar durante 40 largos dias. Verdade é que os enterros do gallo e do bacalhau e a serração da velha não passavão e em parte não passam de uma continuação das loucuras do entrudo ou carnaval (carne vale ?).

Hoje o entrudo tem aspecto um pouco diverso do que antes era em virtude do augmento de diversões. As laranjadas, prohibidas severamente por decretos reaes, ainda hoje teem raizes, as farelladas ou sujar o fato com pós (farinha), representando um rito primitivo, ainda não terminaram. A estas diabruras usadas no entrudo tem successivamente acrescido o emprego de mascaras, danças, carros enfeitados e outras cousas usadas em festas populares religiosas, e que tem vindo abrigar-se gradualmente debaixo do estandarte do carnaval. Demorei-me a considerar o entrudo unicamente para demonstrar superficialmente que elle é uma festa popular produzida como reacção contra as severidades quaresmaes; e, como tal reacção, o uso do alimento tornava-se immoderado perfilhando certos typos de comida que ainda hoje são conservados nas *boas festas*. O sr. Adolfo Coelho na Rev. d'Ethnol. e de Glott., pag. 57, transcreve um soneto attribuido a Serrão de Castro (ainda vivo em 1683) donde podemos aproveitar o seguinte :

Filhós, fatias, sonhos, mal assadas
Gallinhas, porco, vacca e mais carneiro,
Os perus em poder do pasteleiro,
Esguichar, deitar pulhas, laranjadas;

. ...

Não perdoar arroz, nem cuscuz quente,
Despejar pratos, e alimpar tijellas,
Estas as festas são do gordo entrudo.

10. Os aforamentos em prazos de tres vidas impunham aos emphyteutas a obrigação de effectuarem os pagamentos em certos dias. A escolha desses dias não era arbitraria, pois os mais notaveis na igreja recebiam ao mesmo tempo consagração nos actos civis. Como os senhorios directos dos predios erão na maior parte das vezes as communidades ou dignidades ecclesiasticas que para commodo seu tinham perfilhado aquelle systema economico, que as dispensava dos mil cuidados de que a agricultura carece, não é de extranhar que os dias festivos do calendario catholico fossem os preferidos e adoptados nos usos seculares. Quem sabe, porém, quantas festas não forão impostas á igreja? O natal de Christo foi escolhido em 24 de dezembro (á meia-noite) para occultar festas pagans, festas substituidas não só pela serie do dia de natal ao dia dos Reis *(dodecameron*, 12 dias*)* mas tambem pelas especiaes de S. Nicolau (6 de dezembro), S. Gregorio (24 de dezembro), S. Estevão, festejado com a eleição dum bispo a 26 de dezembro, (segundo documentos que áinda não pu-

bliquei) e dos Innocentes[1] (28 de dezembro). Tudo isto são festas infantis que symbolisão tanto o augmento dos dias como o definhamento das noites. A noite do natal era chamada, pelo seu tamanho e pelo facto que recordava, *mater noctium*. Voltando, porem, ao nosso ponto de vista temos entre outros dias principaes para o pagamento das pensões os seguintes: S. João (24 de junho), S. Maria de agosto (15), S. Miguel de setembro (29), S. Martinho (11 de novembro), natal e finalmente a paschoa[1].

Com o intuito de mostrar a analogia dos actuaes presentes das boas festas com o que se dava de pensão antigamente, transcrevo aqui na orthographia corrente (conservando as formas da lingua), parte dum documento de 6 de setembro de 1371, pertencente ao cartorio de S. Vicente de Fóra de Lisboa e que hoje se conserva no Archivo Nacional, Caixa 100 da *Collecção Especial*. «Dedes a nós de renda e pensam em cada um anno por o dito Casal, dous moios de pam meiado de dez e seis alqueires o quarteiro, bôo pam, recebondo, limpo da paa e da vasoira, em na eira do dito casal, por dia de santa Maria d'agosto. E outrosi dardes em cada um anno de foro um carneiro e um par de cabritos e uma duzia d'ovos e uma duzia de bollos alvos e uma duzia de queixadas (queijadas) por dia de paschoa de Resurreiçom, e fazerdes as pagas de todo por esta guisa convem a saber: o pam por dia de santa Maria d'agosto, esta primeira que vem, e os cabritos e carneiros e bollos e queixadas e ovos por dia de pascoa de Resurreiçom logo seguinte, e assi d'ahi em deante em cada um dos outros annos por os ditos dias, como dito é.»

(Conclue.)

PEDRO A. D'AZEVEDO.

[1] E' o que se chamava *episcopatus puerorum*.

A caça no concelho de Serpa

(Continuado de pag. 61)

O caçador precisa do cão. O cão foi sempre o amigo fiel do homem; e para o caçador, alem de amigo e fiel companheiro, é de absoluta necessidade.

Procura-lhe a caça, levantando-a dos seus acolheites; *cobra-a* quando vae ferida, e traz-lh'a á mão muito satisfeito, se conseguiu apanhal-a; ou, quando se trata de caça grossa, chama o caçador com repetidos *ladros* para que venha acabar de matar o animal perseguido e afinal acuado.

E' o cão o animal mais amigo de seu dono: segue-o e defende-o em todas as occasiões, e quando o perde de vista, procura-o pelo rasto até encontral-o: e se por qualquer circumstancia o não encontra, lamenta-se uivando. Anima o caçador dando-lhe signaes certos da proximidade da caça; arrisca-se a tudo, quando seu dono o manda e o incita a acommetter, e volta humilde e alegre quando é chamado.

Ha cães com o olfacto apuradissimo. O grande caçador alemtejano Senhor José Paulo de Mira, no seu folheto sobre a caça ao javali, impresso na typographia do Governo Civil d'Evora em 1874, diz, a pag. 20: «Ha cães mestres com tanta precisão e olfato que chegam a ir cobrar de ferido de um até trés dias. O cão mestre, quando se deita um guizo ou chocalho, já conhece o fim da caçada a que vae; já tenho visto caçador tendo um só cão, e com elle caçar a toda a qualidade de caça; andando pois na caça miuda e encontrando qualquer rasto de porco que o dono queira seguir, logo que pega no chocalho para lh'o pôr ao pescoço, empina-se o cão ao dono, dando lhe todos os signaes de contentamento e segue logo no rasto do porco sem mais se lhe im-

portar a caça miuda, se esta por acaso lhe salta adiante.»

Isto mesmo, todos os caçadores que tenham frequentado a caça terão observado. Os meus cães, bastava ouvirem mexer nos chocalhos, á sahida para a caça grossa, para desde logo darem signaes de contentamento e não se lhes importar a caça miuda.

Como as differentes especies de caça se encontram simultaneamente em quasi todos os terrenos do concelho, resulta, que os caçadores, que na maioria não podem sustentar muitos cães, preferem os que servem para todos os terrenos e especies de caça. Por esta rasão, não se apuram as castas e preferem-se os mestiços de raças diversas.

Na caça miuda, a gente do campo emprega muito os cães pequenos — gósos de varios feitios, mestiços de qualquer especie; procurando todavia que sejam filhos de cães bons, em obediencia á maxima de que — quem quer bons cães de caça, busca-lhe a raça.

N'este genero, os malhadeiros e os coiteiros teem cães de muito merecimento. Quando eu comecei a caçar — ha uns cincoenta annos — conheci aqui uma raça de cães que se tornou celebre por sahirem todos bons. Eram baixos, de pernas curtas e um tanto arqueadas, e tinham o corpo desproporcionalmente comprido. Esta raça tornou-se notavel, e aindahojesefalla n'ella. N'uma das malhadas do concelho habitou um casal de velhos que, por sua avançada edade, não podiam já trabalhar activamente para angariarem os meios de subsistencia. A providencia, porém, deparou-lhes uma cadella, que elles tinham creado sem o intuito da caça, mas que sahiu tão bôa, que os ajudou a viver por muitos annos. Quando precisavam de comprar qualquer coisa, a velha, com a sua roca á cintura e um boccado de pão no regaço, chamava a cadella e dirigia-se a qualquer eminencia mais proxima da malhada. Chegada lá, atirava com uma pedra para o matto e *aferidava*[1] a cadella, que logo ia procurar os coelhos, apanhando todos os que se lhe levantavam e levando-os em seguida á dona, a qual retribuía o animal com um pouco de pão, levado para esse fim.

Isto repetia-se tantas vezes quantas a malhadeira considerava necessarias para, com o producto da venda dos coelhos, occorrer ás suas precisões.

Divulgadas as qualidades da cadella, todos os caçadores quizeram possuir cães d'aquella raça; disputava-se a posse de quantos filhos a cadella tinha, pagando-os logo á nascença por um pinto ou cruzado novo —480 réis—e ainda com a circumstancia de ser preciso ama para os crear.

Muitos outros cães conheci depois, com qualidades apreciaveis, tanto para a caça grossa como para a caça miuda. Uma cadella tive eu, tão boa e tão amiga de caçar, que, d'uma vez, e apesar de recentemente parida, não foi possivel obstar a que ella me seguisse n'uma caçada, realisada durante a semana de comadres, aqui na serra. Eu mandara-a fechar n'uma casa, antes da partida; mas logo que a soltaram, muito tempo depois, a cadella procurou o rasto dos outros cães e ainda foi juntar-se-nos antes de havermos chegado ao nosso destino, que ficava a tres ou quatro leguas de distancia. E todos os dias, invariavelmente, á hora em que começavamos a caçar lá se achava a cadella ao lado dos outros cães.

Por isto julgava eu que os cachorros tivessem morrido de fome, abandonados pela mãe. Mas não. Ao regressar, soubemos com grande espanto que a cadella, percorrendo uma distancia immensa, vinha todas as noites ao monte e alli se conservava até de madrugada amamentando os filhos; retirando-se a tempo de se achar sempre no seu posto á hora precisa!

---

[1] *Aferidar* — dar com certa intimativa a voz de — fe-ri-do!

A vários malhadeiros conheci gosos, que apanhavam todos os coelhos que se lhes levantavam, perseguindo-os até se renderem.

Alguns caçadores teem tido perdigueiros bons e podengos de apuradas castas, como ao diante direi. Tambem sempre aqui tem havido quem possua galgos, mas não para fazer as caçadas proprias d'estes cães—caçadas a cavallo com bons cavallos, saltando vallas e barrancos, como n'outras partes se faz. Ha quem se sirva d'elles para levantarem as lebres, que depois são mortas á espingarda. O Exmo Conde de Ficalho sempre tem tido na sua casa de Serpa alguns galgos bons, especialisando um galgo preto com que nós muito caçámos quando ainda não tinhamos licença de usar espingarda.

Para a caça grossa, e principalmente para a dos javalis, nem todos os cães *pegam;* os melhores são os rafeiros alemtejanos ou os mestiços de rafeiro e podengo, e ainda os sabujos (cruzamento de diversas raças). Os cães pequenos, poucos sahem bons para esta caça; entretanto, alguns conheci de primeira ordem.

(Contínua.)

A. de MELLO BREYNER.



MODAS-ESTRIBILHOS ALEMTEJANAS

O TOUREIRO NOVO

O' toureiro novo
Lá de Montemór!
Dizem n'os de Beja
Que o nosso é melhor.

Que o nosso é melhor,
Sempre tem ganhado;
Vá o touro á praça
Para ser picado!

Para ser picado
Sem pena nem dôr.
Dizem n'os de Beja
—Viv'ó picador!

M. DIAS NUNES.



CONTOS ALGARVIOS

O REI SABIO E CEGO

(Continuado de pag. 63)

Logo que o menino se approximou do palacio, sairam-lhe ao encontro as tres meninas e pozeram-se ás suas ordens. Neste momento chegou um velho cego, que lhe falou amavelmente. Contou-lhe o menino o motivo da sua jornada, e então o velho aconselhou-o que ficasse alli todo o dia, e só no dia seguinte entre as onze e dôze horas fosse buscar a agua em duas garrafas, que elle lhe offereceu.

No dia seguinte, á hora designada pelo velho, foi o mancebo buscar a agoa nas duas garrafas, com tanta felicidade que os bichos tinham desapparecido, correndo depois atraz d'elle, mas não o alcançando. O velho, logo que sentiu o trotar do cavallo, disse para as filhas:

—Troquem, sem elle perceber, as duas garrafas de agua, por outras com agua commum.

E assim succedeu.

Quando o menino saiu, disse-lhe o velho—«se em algum dia fôr ferido de morte, peça em nome de Deus, que depois de morto o dividam em quatro quartos e que os ponham sobre o seu cavallo, mandando-o partir.» Estavam, o gigante e a princeza, á janella do palacio. quando aquelle avistou o mancebo no seu cavallo.

—Lá vem elle, vou esconder-me no alçapão.

— E' o diabo que o traz, respondeu ella, deitando-se na cama e fingindo-se com a dôr.

(Conclue.)

ATHAIDE D'OLIVEIRA.



BIBLIOGRAPHIA

Reflexos (poesias), por J. Ramos Coelho. — Só hoje — devido á exiguidade do espaço a que temos de limitar o registro bibliographico — podêmos fazer menção do precioso volume cujo titulo nos serve de epigraphe, e com o qual distinguiu a *Tradição*, ha já longo tempo, o seu illustre auctor.

O novo livro de versos do Senhor Ramos Coelho — versos lyricos, muito doces, muito sentidos, e d'um agradabilissimo sabor classico — compõe-se de 55 peças, finamente cinzeladas, afóra uma rica collecção de bonitas quadras imitando as populares.

Com a publicação dos *Reflexos* completou o laureado academico — que foi discipulo querido do grande Castilho — a luminosa trilogia iniciada com os *Lampejos* e depois continuada nos *Cambiantes*.

Profundos agradecimentos.

Miserias da carne, por Julio de Lemos. — O primoroso estylista da *Myosotis*, e das *Campesinas*, Julio de Lemos, deu ultimamente á estampa, em gracioso opusculo, um conto realista — *Miserias da carne* (anatomia social). E' um esplendido trabalho de observação e analyse, bem pensado, bem urdido, e admiravelmente escripto n'aquella linguagem aprimorada e vernacula que caracterisa todas as composições do elegante prosador.

Parabens ao Julio de Lemos.

Subsídios pâra um diccionário geográphico, pelo Doutor Candido de Figueiredo.—Lémos attentamente o valioso opusculo em que o Senhor Doutor Candido de Figueiredo colligiu—extrahidos do seu monumental *Novo Diccionario da Lingua Portuguêsa*—numemerosos vocabulos «que andam adulterados ou incorrectamente reproduzidos na linguagem oral e escripta e ainda outros, cuja fórma offerece variantes mais ou menos admissiveis».

Dada a superior competencia do auctor, e o seu nome justamente aureolado, desnecessario se torna encarecer o merito de tão util livrinho, que muito penhoradamente agradecêmos.

Aprovèito o ensejo para testemunhar ao erudito philologo, e infatigavel cultor das lettras patrias, o meu reconhecimento pela antiga offerta do seu mimoso e captivante *Arminho*.

Tratado pratico de therapeutica moderna, pelos Doutores Oliveira Castro e Cardia Pires.—Dos abalisados clinicos e talentosos escriptores Senhores Doutores Oliveira Castro e Cardia Pires, recebêmos um exemplar do seu livro *Tratado pratico de therapeutica moderna*, que tantos e tão rasgados elogios tem merecido da imprensa e das mais consideradas auctoridades medicas do nosso paiz.

O substancioso volume, que contém perto de 800 paginas in-8.º, foi distinctamente editado pela acreditada «Empreza litteraria e typographica» do Porto, e custa 1$500 réis.

Em nome do nosso collega de redacção, o Doutor Ladislau Piçarra, agradecêmos reconhecidos a gentileza do offerecimento.

L'Humanité Nouvelle. — Honrou-nos com a sua visita esta conhecida revista internacional, illustrada, de sciencias, artes e lettras, que se publíca em Paris sob a direcção scientifica do Doutor Hamon, o celebre professor da Universidade Livre de Bruxellas, e sob a direcção litteraria de Mr. V. Emile-Michelet — dois insignes publicistas, universalmente conhecidos e apreciados, cujos nomes constituem segura garantia do altissimo valor de *l'Humanité Nouvelle*.

Como é sabido, a esplendorosa revista apparece mensalmente em volumes de cerca de 150 paginas cada um, in-8.º, inserindo conceituosos artigos—firmados por notabilissimos escriptores de todos os paizes—sobre assumptos diversos: sciencias mathematicas, physicas, geographicas e biologicas; lettras; artes; sociologia; philosophia, religião etc., etc.

Em troca do afamado mensario enviâmos, com muitos agradecimentos, a nossa modesta *Tradição*.

Para as creanças.— Prosegue brilhantemente em sua gloriosa carreira a magnifica publicação *Para as creanças* que, com toda a proficiencia, a Senhora D. Anna de Castro Osorio redige. O proximo numero 7, relativo ao mez de maio do presente anno, inicia já a 7.ª série d'esses mimosos livrinhos de contos e historias, que são o maior e mais vivo encanto dos ingenuos espiritos infantis.

Nós que professâmos pelas tradições populares da nossa terra, a mais funda veneração e o mais fervoroso affecto, e que, por isso, fomos dos primeiros a applaudir com enthusiasmo, na imprensa, ha já tres ou quatro annos, a arrojada iniciativa da scintillante escriptora,—congratulamo-nos muito intimamente pelo exito extraordinario da benemerita publicação, que não tem rival na peninsula.

Infinitos emboras á inspirada contista da *Alma Infantil*.

Société scientifique de Chevtchenko. — A esta illustre sociedade austriaca, de Lemberg, devêmos a remessa, em permuta com a *Tradição*, de varios tomos do seu importante boletim, contendo apreciaveis estudos, realisados pela secção ethnographica d'aquella academia.

M. DIAS NUNES.

BULLETIN POUR L'ÉTRANGER

LA TRADITION

Revue mensuelle illustrée d'ethnographie portugaise

DIRECTEURS

Ladislau Piçarra et *Dias Nunes*

REDACTION ET ADMINISTRATION

À SERPA (PORTUGAL)

Sommaire du présent numéro de la Tradition

Texte : — Les proverbes et la médecine, par *Alberto Pimentel*, filho (Dr.);

Monsieur Sept (suite), par *Trindade Coelho* (Dr.);

Le tambourineur, par *A. de Mello Breyner;*

La légende des armes d'Elvas, par *Alfredo de Pratt;*

Les Bonnes-fêtes (suite), par *Pedro A. d'Azevedo;*

La chassé dans le district de Serpa (suite), par *A. de Mello Breyner;*

Chansons, refrains de l'Alemtejo : Le «toureiro» (combattant des taureaux) nouveau, par *M. Dias Nunes;*

Histoires de l'Algarve : Le roi savant et aveugle (suite), par *Athaide d'Oliveira* (Dr.);

Bibliographie, par *M. Dias Nunes.*

Illustrations :— Galerie de costumes populaires : Tambourineur de l'Alemtejo.

Recueil de chansons : «Le toureiro» (combattant de taureaux) nouveau (musique).

R.

BULLETIN FOR ABROAD

THE TRADITION

Monthly illustrated review of portuguese ethnography

DIRECTORS

Ladislau Piçarra and *Dias Nunes*

OFFICES

SERPA (PORTUGAL)

Summary of the present number of the Tradition

Text : — The proverbs and the medicine, by *Alberto Pimentel,* filho (Dr.);

Mister Seven (continuation), by *Trindade Coelho* (Dr.);

The tabourer, by *A. de Mello Breyner;*

The Elvas' legend of arms, by *Alfredo de Pratt;*

Happy Christmas (continuation), by *Pedro A. d'Azevedo.*

The sohoting in the Serpa district (continuation), by *A. de Mello Breyner;*

Songs and refrains from the Alemtejo : The new bull-fighter, by *M. Dias Nunes;*

Tales from the Alemtejo : The wise and the blind king (continuation), by *Athaide d'Oliveira* (Dr.);

Bibliography, by *M. Dias Nunes;*

Illustrations :— Gallery of popular costumes : Tabourer from the Alemtejo.

Musical collection : The new bull-fighter (dance).

R.

Natal, Anno-Bom e Reis, Danças populares do Baixo-Alemtejo, Modas-estribilhos alemtejanas, Na Quaresma, A festa da Guadalupe, A procissão do Corpo de Deus, O S. João em Serpa, As taboas de Moysés, Bibliographia, por **M. Dias Nunes.**

Vidigueira e as suas tradições, A serração da velha, O touro de S. Marcos, Penitencias nocturnas, por **Fazenda Junior.**

Bichos uterinos, Bruxas e feiticeiras, Bruxas e bruxedos, por **Filomatico.**

Rimas populares, pelo Doutor **João Varella.**

Jogos populares, O banho da alma, O carnaval, Therapeutica mystica, Medicina empirica, pelo Doutor **Ladislau Piçarra.**

Habitação, por **Lopes Piçarra.**

Estatinga-Estantiga?, por **D. Carolina Michaëlis de Vasconcellos** (Dr.ª)

A corrida da vacca das cordas em Ponte de Lima, por **Miguel de Lemos.**

Cancioneiro de musicas populares, Povos da Yberia, por **Paulo Osorio.**

Superstições dos criminosos, A festa de S. Marcos proximo de Serpa, por **Pedro A. d'Azevedo.**

Os virtuosos, por **Pedro Cóvas.**

A Tradição, por **Ramalho Ortigão.**

Botanica popular, por **D. Sophia da Silva** (Dr.ª)

O Doutor da mula ruça, pelo Doutor **Sousa Viterbo.**

Serração da velha, pelo Doutor **Theophilo Braga.**

Lendas & Romances, por **A. Thomaz Pires.**

Anno II — N.º 6 Volume II

SERPA, Junho de 1900

A TRADIÇÃO

Revista mensal d'ethnographia portugueza, illustrada

«A TRADIÇÃO, de Serpa, pelo programma que se impoz e pela discreta diligencia com que procura desempenhar esse programma, representa, a meu vêr, o mais bello exemplo patriotico de educação publica exercida pela imprensa».

Ramalho Ortigão.

DIRECTORES:

Ladislau Piçarra

e M. Dias Nunes

Collaborador musical

F. VILLAS-BOAS

Collaborador artistico

M. BAPTISTA SALTA

CLICHÉS DE:

A. de Mello Breyner,

F. Monteiro, F. Villas-Boas,

J. Monteiro

e J. V. Pessoa

SUMMARIO:

TEXTO

ILLUSTRAÇÕES

PREÇO DA ASSIGNATURA:

(Pagamento adeantado)

Em Portugal (continente), série de 12 numeros

1$200 réis

Para o ultramar e estrangeiro accresce o porte do correio

Numero avulso

100 réis

Toda a correspondencia deve ser dirigida á redacção e administração de

"A TRADIÇÃO"

(Portugal)

SERPA

Venda avulso d'esta revista:

LISBOA, Galeria Monaco, Rocio.

PORTO, Livraria Moreira, Praça de D. Pedro, 42 e 44.

COIMBRA, Livraria França Amado.

Anno II — N.º 6 SERPA, Junho de 1900 **Volume II**

Editor-administrador, *José Jeronymo da Costa Bravo de Negreiros*, Rua Larga, 2 e 4 — SERPA
Typ. de *Adolpho de Mendonça*, Rua do Corpo Santo, 46 e 48 — LISBOA

A TRADIÇÃO

Revista mensal d'Ethnographia Portugueza, Illustrada

Directores: — LADISLAU PIÇARRA e M. DIAS NUNES

NOTAS HISTORICAS ÁCERCA DE SERPA

IV

População de Serpa em tempo dos moiros

No momento da invasão mussulmana, Serpa — como toda a Peninsula — era habitada pelos hispano-godos. Haveria talvez entre estes algumas familias mais nobres, nas quaes predominava o sangue godo ou germanico; e havia a gente do povo de sangue hispano-romano, se por esta expressão designarmos o producto da fusão de todas as velhas raças, unidas e caldeadas sob o dominio dos romanos.

Nobres e povo seguiam egualmente a religião christan e catholica. E' bem sabido, como o Christianismo teve uma larga expansão na Hespanha, logo nos primeiros seculos da Igreja e durante o dominio romano[1]; e por outro lado, os visigodos haviam abandonado a heresia ariana e adoptado o catholicismo pouco antes da entrada dos moiros. Serpa era, pois, uma povoação christan e catholica, tanto nas altas como nas baixas classes.

No principio do VIII seculo, os mussulmanos, vindos da Africa, occuparam toda a Andalusia e portanto Serpa. E' provavel, que algumas das familias principaes e mais ricas da povoação fugissem deante da invasão; mas é certo, que uma grande parte do povo ficou, acceitando o dominio dos moiros, contra o qual, em consequencia da sua humildade e pobreza, não podia protestar, nem pelas armas, nem mesmo pela fuga. Ficou assim uma base da antiga população christan, subordinada aos moiros, privada das suas propriedades, que foram distribuidas aos soldados dos exercitos invasores, e constituida por simples operarios ou trabalhadores ruraes — estes eram os chamados *mo-*

[1] Vem a proposito recordar uma tradição, relativa á christandade de Serpa em tempos romanos. Diz-se, que S. Proculo, e S.to Hilarião seu sobrinho, habitavam umas casas terreas e pobres no bairro do Castello Velho, quer dizer, na parte alta da villa, entre o que é hoje o adro de S.ta Maria, e o que é hoje a Porta Nova, porque o castello agora chamado Castello Velho evidentemente não existia. Eram ambos catholicos zelosos, e em tempo do imperador Trajano, governando n'esta parte da Peninsula Marco Aurelio Maximo, soffreram martyrio pela fé em um sitio fóra da villa, junto á horta, hoje chamada Horta dos Banhos. Toda a historia vem longamente contada por D. Antonio Caetano de Sousa, no seu *Agiologio Lusitano*, IV, p. 128 a 133. — E' necessario advirtir, que outros auctores collocam muito longe d'aqui o sitio da naturalidade e do martyrio d'estes santos, o que contradiz o mencionado Caetano de Sousa com a sua habitual erudição. Seja como fôr, a tradição fica mencionada.

sarabes.[1] Sujeitos aos moiros, misturados com elles, obrigados a aprender o bastante da lingua arabe para se entenderem com os seus senhores, adoptaram uma grande parte dos habitos mussulmanos. Podemos calcular quanto aquelle trabalho de assimilação seria completo, se pensarmos que durou n'esta nossa região perto de cinco seculos, e se fez pelo contacto, pela educação, e pelos casamentos.[2] O que nos pode surprehender, é que a assimilação não fosse mais completa do que realmente foi.

Effectivamente, não se fez em dois campos, ambos essencialissimos. Um d'elles foi a lingua. Adoptaram-se dezenas e centenas de palavras arabes; mas a grammatica e a generalidade do vocabulario ficaram sendo latino-rusticas. Esta lingua de origem latina, em que estamos escrevendo, resistiu aos tres seculos de dominação germanica e aos quatro ou cinco de dominação arabe. Vê-se, pois, que os pobres e humildes *mosarabes* continuaram sempre a usar entre si, e no interior das suas familias, o velho, rude, e imperfeito dialecto romance, derivado do latim.

O outro campo, foi o da religião. E' certo, que alguns hispano-godos, mesmo de familias nobres, adoptaram o islamismo, e este exemplo seria seguido no povo.[3] Em regra, porém, os mosarabes ficaram fieis ás suas crenças christans; e praticaram a religião catholica, mais ou menos occultamente, mais ou menos abertamente, conforme a intolerancia dos seus chefes e senhores augmentava ou diminuia. Deve-se dizer em abono dos moiros, que, á parte alguns periodos especiaes, elles foram menos intolerantes do que deixariam suppor as lamentações das Chronicas christans. Sabemos de varias igrejas que ficaram abertas e tacitamente consentidas.[1] E' possivel, que mesmo na pequena Serpa, alguma igreja humilde, alguma capella modesta servisse de ponto de reunião aos christãos; e o alcaide moiro fechasse os olhos. Pobres, reduzidos ás condições de simples trabalhadores, sem nenhuma influencia politica, mas tendo a *sua* lingua e a *sua* religião, os mosarabes conservavam os dois mais poderosos laços que podem unir um povo. Assim, elles foram dominados, nunca completamente absorvidos pelos moiros.

Pelo seu lado, os moiros estavam bem longe de constituir um todo homogeneo. Nos exercitos e nas immigrações, que passaram o Estreito e se fixaram na Peninsula, vieram raças muito diversas. Vieram arabes da propria Arabia; veiu gente da Persia, da Syria, da Palestina e do Egypto; veiu uma multidão das tribus africanas, conhecidas em globo pelo nome de berbéres. Os christãos da Peninsula chamaram-lhes sem distincção sarracenos, que parece ser a corrupção de uma palavra arabe, significando *orientaes*; ou moiros, que era o antigo nome latino, *mauri*, *mauros,* dos habitantes da Africa septemtrional. Os mais cultos, por exemplo os

[1] Corrupção de *mostarib*, nome dado pelos arabes aos estrangeiros que viviam entre elles.

[2] Quando os maiores principes, como Affonso VI, casavam com moiras, ou — o que é mais — não hesitavam em darem as suas filhas em casamento ao hajib Al-Mansur, é certo que as uniões legitimas ou illegitimas entre as duas raças, deviam ser muito frequentes no povo.

[3] Ahmed-ibn-Cassi, de quem fallámos na primeira nota, pertencia a uma familia christan, tornada moira. No Aragão havia uns Beni-Casi, muito poderosos, que pertenciam tambem a uma nobre familia goda, a qual abjurára o christianismo (Dozy, *Recherches*). Se entre os Beni-Casi do Aragão e os Beni-Cassi do Algarve existia algum parentesco, é o que não saberei dizer. Poderiamos dar mais exemplos.

[1] Uma das mais conhecidas ficava junto a Granada, fóra da porta de Elvira; construida antes da conquista, ao que parece por um nobre godo chamado Gudila, só foi destruida seculos depois, no anno de 1099. Da egreja christan do Cabo de S. Vicente já antes falámos; e é claro que havia muitas mais.

GALERIA DE TYPOS POPULARES



Pescador (de Cezimbra)

frades que nos conventos do norte escreviam anno a anno os seus *Chronicons*, usaram com frequencia a expressão sarracenos; mas o nome mais geral foi o de mouros ou moiros, o unico que se fixou e ainda vive na memoria do nosso povo. [1]

Entre estes moiros, os arabes exerceram um certo predominio intellectual e, nos primeiros seculos, politico, porque eram os mais civilisados, sobretudo porque a sua lingua, mais culta, acabou por absorver todas as outras e ser a unica usada pelos mussulmanos da Hespanha. Mas, por outro lado, os berbéres tiveram sempre um grande predominio numerico. Formavam a maioria do exercito de Tarik, e depois dos successivos exercitos e levas de immigrantes, que foram entrando na Peninsula. E com o andar dos tempos, passaram tambem a ter um grande predominio politico.

Entre estas raças variadas houve sempre rivalidades, e muitas vezes guerra aberta, sendo esta uma das causas da anarchia, que constantemente perturbou e enfraqueceu a Hespanha mussulmana. Para as aquietar, tentaram-se por vezes distribuições de terras, nas quaes se estabeleceram colonias dos differentes povos. D. José Conde — que citamos sempre com muitas reservas, mas não podemos deixar de citar algumas vezes — dá-nos noticia de uma d'estas tentativas, noticia que aproveitaremos na parte relativa ao nosso assumpto. Diz-nos, que o amir Huçam-ibn-Dhiraral-Kelebi deu terras no Al-Faghar e no districto de Beja aos arabes-proprios (arabes da Arabia)[2] e a alguns egypcios. Isto é confirmado quanto ao Algarve por Edrisi, o qual seculos depois assegura, que em Silves e seus campos havia uma colonia de arabes do Yémen, e ali se fallava a lingua com muita pureza e boa pronuncia. [1] Pela mesma occasião, o amir Huçam deu terras na comarca de Sevilha e na de Niebla á gente de Eméssa, a famosa cidade da Syria, situada entre Aleppo e Damasco. Estes syrios eram considerados tão importantes como os puros arabes, e tidos na conta de muito nobres. Serpa deve ter sido incluida nas concessões feitas em Beja, ou, o que nos parece muito mais provavel por tudo quanto temos dito, nas feitas em Sevilha e Niebla. [2]

Poderemos talvez agora, sem provas nem documentos, mas por conjecturas bastante plausiveis, reconstruir a população de Serpa: constava de alguns nobres senhores da Syria, proprietarios e influentes, os quaes recebiam o pesado imposto pago pelos christãos, e, com as suas familias, constituiam a aristocracia da terra; constava de bastantes berbéres, porque eram tão numerosos que os havia por toda a parte, e pelo andar dos tempos foram sempre augmentando; e constava dos christãos mosarabes de que já falámos. Tal deve ter sido a mistura de raças e de sangues, de que descende este nosso povo do Alemtejo; e se revela ainda em varios traços moraes e physicos — na altivez despreoccupada e fatalista, e na physionomia, mais berbére, a meu ver, do que puramente semitica.[3]

---

[1] Ninguem no povo sabe hoje que houve arabes ou sarracenos; mas todos sabem vagamente que houve *moiros;* e ha ruinas e muros do tempo dos *moiros;* e ha covas de *moiras encantadas*. A tendencia mesmo é para lhes attribuir todos os restos do passado — os dolmen são geralmente chamados *casas de moiros:*

[2] A expressão de Conde é «Arabes Veledies», e esta ultima palavra corresponde a *baladi*, que significa *do proprio paiz*, em opposição a *estrangeiro:* «Arabes Veledies» quer dizer arabes da Arabia.

[1] *Géographie*, II, 2[1].

[2] Conde, Part. I, cap. 33.º — O escriptor arabe, Ibn-al-Khatib, confirma plenamente esta noticia de Conde, quanto á localisação dos syrios de Eméssa em terras de Sevilha, e dos egypcios em terras de Beja (Dozy, *Rechérches*, I, p. 85 e 86). — Estes senhores syrios recebiam o terço do que produziam as terras, cultivadas pelos christãos *mosarabes*.

[3] O que se explica perfeitamente. Não só os berbéres eram muitissimo mais numero-

Occupando Serpa, os mussulmanos, e os mosarabes que lhes estavam subordinados, occupavam tambem e cultivavam os campos em volta, nos quaes deixaram a sua longa permanencia marcada em varias designações de localidades. [1]

Quando hoje pensamos nas guerras de devastação entre christãos e mussulmanos; nas luctas civis entre os proprios moiros; nas continuas algaras e fossados de lado a lado, somos levados a imaginar uma Peninsula assolada, talada, queimada, roubada e quasi deserta. Esta primeira impressão, prova-se, porém, ser falsa. Quanto ás guerras com os christãos, devemos reparar em que os seus effeitos foram sobretudo sensiveis nas terras por muito tempo fronteiriças, na Beira meridional, ou na Estremadura, por exemplo. Mas para estes lados do sul, o Algarve, Serpa e Moura, toda a região de Sevilha, ficaram por muito tempo longe de taes invasões. Do VIII ao XII seculo estiveram na posse incontestada dos moiros. E as algaras d'estes em terras uns dos outros eram menos devastadoras, e intercaladas de periodos mais ou menos longos de repouso. Em taes periodos, moiros e christãos trabalhavam e cultivavam assiduamente e com pericia. As noticias de Edrisi, escrevendo em tempo de D. Affonso Henriques, deixam-nos entrever uma certa prosperidade agricola em terras hoje portuguezas.

Diz-nos elle, que os campos de Belat entre Lisboa e Santarem, as actuaes lezirias pelos lados de Vallada, creavam o trigo em quarenta dias, e a sua produção era ás vezes de cento por um. [1] Dando o desconto a alguma exageração oriental, vê-se que aquellas terras, alem de ferteis, deviam estar bem cultivadas. Em volta de Alcacer creava-se muito gado, e havia abundancia de leite, de manteiga e de carne.[2] Nos campos de Evora faziam-se muitas culturas de trigo e outras plantas, e tambem muitas creações de gado. [3] O Algarve, como já dissémos, estava coberto de figueiraes e vinhas. Para os lados de Sevilha, a zona oriental do Charf até Niebla era um olival pegado; e o azeite constituia uma das principaes riquezas d'aquella parte da Andalusia. [4]

Melhor do que por estas succintas noticias de Edrisi, podemos calcular qual era a riqueza da Andalusia em volta de Sevilha, pela distribuição das terras dos moiros, que ali fez D. Affonso o Sabio, depois de tomada aquella cidade por seu pae D. Fernando o Santo. Deram-se terras a todos os principes, [5] ás ordens religiosas militares, a varios bispos, a um sobrinho do papa, a innumeros fidalgos, aos antigos creados de D. Fernando, a todos os soldados que serviram no cerco, besteiros, almogavares e outros. E estas doações foram largas e riquissimas. Comprehendiam hortas e pomares ás portas de Sevilha e ao longo do Guadalqui-

---

sos, como occupavam em regra posições modestas, pertenciam propriamente ao povo, e se misturaram livremente com os mosarabes. Os nobres semitas, da Arabia ou da Syria, conservavam-se mais afastados, e alliavam-se geralmente entre si.—As palavras adoptadas na nossa lingua são arabes, pela simples rasão, de que os proprios berbéres falavam arabe, e acabaram por esquecer a sua lingua. No emtanto algumas há berbéres, por exemplo zambugeiro, zambujo, que não é arabe e sim o berbére *zambudj*.

[1] O proprio nome do Guadiana é arabe, pelo menos na primeira parte. O nome da ribeira de Enxoé deve ser arabe; e o da ribeira de Alfamar tem claramente esta origem. Depois ha o sitio de Alcaria, nome arabe vulgarissimo por todas as nossas provincias; há os olivaes do Algodor; há as terras das Arôchas; ha as Azenhas no rio, a Azenha da Barca e a Azenha d'Ordem; ha a herdade de Benração, que deve vir da forma Benràcan ou Beni-rácan; e varios outros.

[1] Edrisi, *Géogr.*, II, 29.
[2] Edrisi, *Géogr.*, II, 23.
[3] Edrisi, *Géogr*; II, l. c.
[4] Edrisi, *Géogr.* II, 19.
[5] Um d'estes principes era D. Pedro, filho de D. Sancho I de Portugal. Teve á sua parte uma herdade com dez mil pés de olival e figueiral; e muitas terras de semeadura.

vir; grandes vinhas; extensas terras de pão, divididas agora em muitas *yugadas de año y vez*; enormes figueiraes, produzindo innumeras ceiras de figos; e sobretudo olivaes com os seus moinhos e lagares, e nos quaes os pés se contavam por muitas centenas de milhares. Todo o extenso e interessantissimo documento[1] nos mostra um alto grau de prosperidade agricola.

Claro está, que a nossa Serpa, muitissimo mais modesta, arredada para um canto remoto do Charf, assente em solo menos rico, não teria um gráu de prosperidade egual, nem mesmo parecido. E' certo, porém, que os seus campos seriam bem cultivados em tempo dos moiros, muito melhor provavelmente do que depois foram durante seculos em tempo dos portuguezes. Os proprietarios, oriundos da Syria, vinham de regiões prosperas e ferteis; sabiam aproveitar as aguas; encontravam um clima e uma vegetação similhantes aos da sua terra natal; podiam plantar as arvores fructiferas, que conheciam dos pomares e jardins em volta de Eméssa ou de Damasco. Alguns berbéres das montanhas da Africa do norte eram bons trabalhores, tinham a energia e o amor á terra, que ainda hoje distingue os Kabylas da Algeria, seus irmãos em raça.[2]

A agricultura rudimentar dos hispano-godos transformou-se. Crearam-se hortas, onde a agua dos poços, tirada pelos *alcatruzes* das *noras*, regava as *almastigas*[3] de plantas novas. Construiram-se no Guadiana e nas ribeiras *açudes*, que levavam a agua aos moinhos ou *azenhas*. Trataram-se melhor os gados, approveitando-se o leite e *almece* dos *alavões*. Lavraram-se e *alqueivaram-se* as terras, fazendo-se regularmente as *ceifas* ou *aceifas*. Enxertaram-se os *zambujeiros*, e construiram-se lagares com os seus *alguergues* para o fabrico do *azeite*.

Podemos mesmo admittir que ainda existam restos dos olivaes d'aquelles tempos. O que sabemos de physiologia vegetal, não se oppõe a acreditarmos, que algumas das actuaes e vélhissimas oliveiras da Carreira ou das encostas da Guadalupe fossem enxertadas por mãos dos moiros, e já dessem fructo quando D. Affonso Henriques tomou Serpa.

Tal, em resumo, nos parece ter sido o estado d'esta nossa villa durante o periodo do dominio moirisco — uma povoação de mediana importancia, situada na parte mais occidental da Andalusia e do Charf, fortificada mas sem grande valor militar, relativamente prospera e rodeada de campos bem cultivados.

CONDE DE FICALHO.

[1] *Repartimiento que hizo el-Rey Don Alonso el sabio* etc., tirado de *los Archivos del Cabildo desta muy noble y leal Ciudad*; publicado por D. Pablo Espinosa, *De la hist. y grandezas de la gran Ciudad de Sevilla*, Parte II, fol. 1 a fol. 26.

[2] Elisée Reclus, *Nouv. Géogr. Universelle*, XI, p. 450 e seguintes.

[3] Todas as palavras sublinhadas, ainda hoje de uso corrente, são de origem arabe — *almastiga* é a forma alemtejana de *almacega* e parece vir de *al-mascaba*, nome que se dava a um pequeno canteiro de terra, frequentemente regado; os outros nomes são bem cohecidos.



O SENHOR SETE

(Continuado de pag. 71)

O setestrello cahiu
Em cima da flor da giesta,
Cada vez te quero mais,
Olha que cegueira esta.

*

O setestrello cahiu
Em cima da flor do tojo,
Se algum dia te quiz bem
Agora mettes-me nojo.

*

Setestrello vae em pino,
Eu bem no vi empinar,
De cima da minha cama
Quando me estava a deitar.

Perguntae ao setestrello
Que é magano e sabe tudo
Em que pontos vae a lua
Quando quer fazer escuro.

*

O setestrello cahiu
N'uma folha de giesta,
Cada vez te quero mais,
Olha que cegueira esta.

*

Perguntae ao setestrello,
Bem no deve de saber,
Em que alturas vae a lua
Quando quer amanhecer.

*

O' setestrello airosinho,
Cortejado de Cupido,
Perguntae áquelle ingrato,
Porque não falla comigo.

*

O setestrello cahiu
N'uma pedra, ficou couxo,
O lirio com sentimento,
Logo se vestiu de roxo.

*
* *

Agora, mais estas, que não são ao Setestrello, mas que são muito do Senhor Sete:

Set'annos antes que eu morra,
Hei-de me ir passsear no adro,
Para ver a sepultura
Onde hei-de ser enterrado.

*

Sete com cinco são doze,
Para quinze faltam tres,
Se te faltei algum dia
Aqui me tens outra vez.

*

Annel de sete pedrinhas
Ninguem no tem senão eu,
Trouxe amor, foi-se o amor,
Torna annel a quem te deu.

*

Sete dias levou Deus
A fazer o mundo inteiro,
Tem de escolher sete annos
Quem quizer amor certeiro.

Já não ha estrellas no céo
Senão sete ao pé da lua,
Já não ha nem pode haver
Cara mais linda que a tua.

*

Sete estrellas no céo correm,
Todas n'uma carreirinha,
Tambem os amores correm
Da tua mão para a minha.

*

Sete e sete são quatroze,
Com mais quatro são desoito.
Todos teem os seus amores,
Só eu fiquei ás vint'oito. [1]

*

Sete e sete são quatorze,
Cada junta tem dois bois,
Quem me dera uns olhos negros
Como são aquelles dois.

*

Lá te mandei um raminho
De sete amoras, que é luto,
A do meio ia dizendo:
—*Meu amor, quero-te muito.*

*

Levantei-me de manhã
A varrer o meu balcão,
Encontrei Nossa Senhora
Com sete ramos na mão.

*

Sete mil vezes te eu quero,
Setecentas eu te adoro,
Setenta mil te venero,
Setecentas por ti morro.

*

Ha tres dias que não janto,
Ha cinco que não almóço,
Ha sete que te não fallo,
Meu amor, porque não posso.

*

Meu annel de sete pedras,
Salta fóra do meu dedo,
Que tu foste o causador,
De eu ter amores tão cedo.

---

(1) *Ficar ás vint'oito,* quer dizer... a zero! E' expressão muito uzual.

Annel de sete pedrinhas
Ao meu dedo não ha-de ir,
Que eu já ando difamada
Das creadas de servir.

*

Eu tenho sete coletes,
Todos sete bem forrados,
Tenho tambem sete amores,
Todos sete bem formados.

*

Eu tenho sete navios,
Todos sete com varandas,
Hei-de subir á mais alta
Para vêr onde tu andas.

*

Meu annel de sete pedras,
Meu annel de pedraria,
Onde o amor põe o ramo,
Não pode haver cobardia.

*

Sete voltas dei ao mundo
Para ir casar comtigo,
Lá ao fim das sete voltas
Dei um ai, dei um suspiro.[1]

*

Vão pelo céo sete nuvens,
Eu bem as vejo d'aqui,
Não te vejo ha sete annos
E ainda hontem te vi.

(Continúa.)

TRINDADE COELHO.



A LENDA DAS ARMAS DE ELVAS

(Continuado de pag. 74)

No entretanto, o audaz cavalleiro nunca affrouxando o desenfreado gallope, vinha já nas alturas de Caia. Mais longe, porém, ahi pelo mesmo sitio, pouco mais, pouco menos, onde primeiro se enxergára o heroico portador do estandarte, via-se agora outra nuvem de poeira, mais espessa e maior que a que este produzia com o seu bravo corcel, e que dava a perceber sem equivoco nenhum, que tambem de lá vinha na piugada do heroe um troço de cavallaria com as suas armas a scintillarem ao sol. Eram os castelhanos que queriam a sua bandeira. Mal se viu e percebeu tudo isto, tocou-se a rebate na praça de Elvas, os bésteiros correram ás ameias, e a municipalidade, tal qual como em pé de guerra, mandou levantar as pontes e fechar logo todas as portas. De sorte que o esforçado cavalleiro conseguindo finalmente chegar ás muralhas da sua terra, adoptiva ou natal, não pôde infelizmente trans pôl-as, e veiu a ser victima do seu heroismo. Chegára a Roma e não vira o papa! O pêor era achar-se perdido. Ainda assim, volteou por tres vezes em redondo das muralhas da villa, na esperança de que lhe abrissem uma porta pelo menos. Debalde. Elle, então, quasi ao alcance dos hespanhoes, mercê de tanto tempo perdido, parou o ginete arquejante, e alevantando a viseira de guerra, tudo isto n'um ápice, arremessou o estandarte por sobre as muralhas, ao mesmo tempo que exclamou para os de Elvas:

—Ahi o tendes, cobardes!

E tornou a calar a viseira. Acto continuo, e novamente a gallope, mas agora ao encontro dos que o perseguiam, desprendeu a sua acha de armas, que era talvez das mais alentadas. Audaz como sempre, heroe até alli, empunhou-a iracundo, fremente, e gritou de este modo aos do troço:

—Para vós esta, perros de Castella.

Palavras não eram ditas já elle com tal sanha a tinha regeitado á cara do cavalleiro castelhano que primeiro se lhe deparou, que o pobre diabo ficou logo por terra.

Feito isto, deu de esporas ao cavallo e partiu em direitura de Extre-

---

[1] Este, vê-se que é reminiscencia da xacara do *Generardo*, que a seu tempo darei com outras:

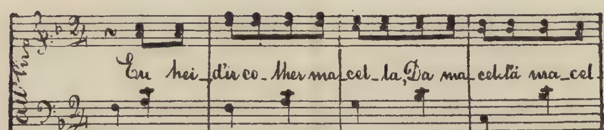
....
Sete voltas deu á torre,
Outras tantas ao postigo,
Lá ao fim das sete voltas,
Deu um ai, deu um suspiro.

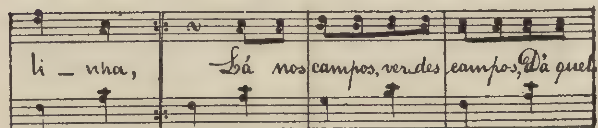
Nós veremos isso.

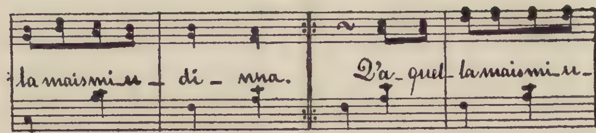
CANCIONEIRO MUSICAL

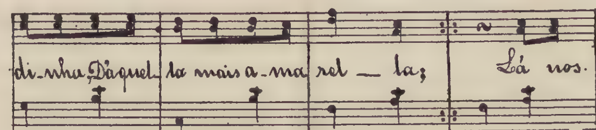
VI

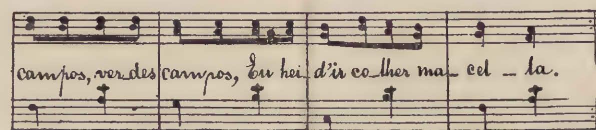
A macella











(CHOREOGRAPHICA)

moz. Os outros, em identico gallope, largaram sobre elle, ainda mais furibundos. Não gallopavam, voavam. Em menos de meia hora, portanto, chegaram a um lugar onde está actualmente o antigo convento de S. Francisco. Ahi, vendo-se ainda outra vez muito prestes a ser alcançado pelo troço inimigo, o cavalleiro portuguez, que não queria render-se, porque era valente, porque era portuguez, desembainhou a sua espada com o mais alto denodo, e tornou a fazer frente aos seus perseguidores. Deu-se então uma lucta renhida, um combate desegual de um só contra um bando de dôze, que este era o numero dos cavalleiros de Badajoz, e essa lucta renhida, esse combate desegual, presencearam-no os elvenses das muralhas da praça.

O audaz cavalleiro combatia triumphante. Subito, porém, o seu pulso de ferro, que tão de alma brandia uma espada de heroe, descahiu-lhe sem forças, quebrado de todo e logo a cabeça como se o elmo redobrasse de pezo e a fizesse por isso vergar, se lhe pendeu alquebrada sobre o pescoço do ginete! Era o reverso da medalha. N'este comenos, um dos cavalleiros castelhanos, descarregando o montante com toda a sua gana sobre os costados do heroico portuguez, deitou-o por terra e mais ao cavallo. Aquillo é que foi uma pranchada hespanhola! Em Elvas, viu-se isto, como se em Elvas succedera, e um grito agudissimo de prompto se ouviu, um ai doloroso se escôou tremulante, por detraz das gelosias do mysterioso balcão. A este ai pungentissimo, tão do intimo vibrado, o audaz cavalleiro, cujo nome se perdeu, ergueu-se de um impeto, como se o houvesse sentido, e, alem de sentido, fosse por elle impellido, tal como o Lazaro prostrado ao ouvir o «surge et ambula» não menos magnetico. Em seguida, agarrando a meio corpo o perro de Castella, que acabara de derrubal-o, deu com elle tão irado de ventas em terra, e em lucta tão feroz se envolveram alli, arca por arca, peito a peito, que nem um nem outro nunca mais se levantaram.

Foi assim que succumbiu o valente. Já era tempo. A lenda, porém, é que não fica por aqui, por que é muito prolixa, tão minuciosa, que até para remate, ou, seja, para fecho, tem ella nada menos que duas chaves de ouro. São duas versões diametralmente oppostas. Diz uma, de tetrica memoria, que os furibundos e damnados hespanhoes levaram para terras de Hespanha o moço cavalleiro ainda com alguma vida, e que lá o fritaram n'uma caldeira de azeite. A outra, muito menos laconica, affirma com auctoridade, que elles o deixaram onde deram cabo d'elle, ahi por esse sitio do convento de S. Francisco, e que horas depois, ao pardejar de essa tarde de sangue, quando de Elvas se foi recolher o cadaver do heroe, o acharam agarrado ao do perro de Castella com quem succumbira, segurando tambem ainda o cabo de um punhal, que com sanha lhe cravara na gorja. Mas não estava ahi altamente comprovado o bellico valor do exforçado cavalleiro. Mais sete cadaveres o attestavam ainda, para eterna memoria do seu pulso de ferro.

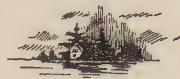
Elvas, de facto, nunca isto esqueceu. Tanto assim que para bem perpetuar tão soberba façanha, puramente portugueza, para nunca olvidar este feito glorioso, tomou por brazão essa effigie de fidalgo cavalleiro armado dos pés á cabeça e com a sobrecarga de um estandarte na mão.

Tal é a lenda, a tradição popular, que não anda, afinal, muito longe da historia, no tocante á façanha do exforçado cavalleiro.

Vamos a desfiar a meada.

(Conclúe.)

ALFREDO DE PRATT.



AS BOAS-FESTAS

(Continuado de pag. 76)

Darei agora aqui uma noticia alguma cousa extensa dos presentes que os frades de S. Agostinho de Lisboa, residentes no seu convento da Graça, costumavam offerecer em certos dias; noticia que é formada das verbas despendidas com a acquisição das cousas empregadas para o effeito acima dito. E' na verdade leitura curiosa o que se contem nos livros da receita e despeza. São apenas tres os existentes no Archivo Nacional relativos aos annos que vão de 1743 a 1830, pouco mais ou menos, e tem a seguinte collocação B—44—4 e 5 e B—46—3.

a.) Em 1806 gastou a provincia 2.880 reis na compra de 600 bilhetes de boas festas. Quando a provincia fazia esta orgia não é para admirar que o ex-graciano, o turbulento e irrespeitoso José Agostinho de Macedo em 24 de dezembro de 1828 na carta dirigida a Frei Joaquim da Cruz do mosteiro de Alcobaça diga o seguinte: «Ora ahi vão umas boas festas que se devem ler em casa do Ill.mo P.e Geral, a quem as desejo, e a todos esses senhores» [1] Pelo natal do anno seguinte escreve José Agostinho no meio de soffrimentos intoleraveis ao mesmo frade o seguinte: «Beijo a mão a V. Sr.a e lhe antecipo as boas festas, ao Ill.mo Esmoler-mor, e ao P.e Fr. Alvaro eu as não tenho para mim, e por isso estas que lhe annuncio não são dadas, são desejadas» [2]. José Agostinho doente e cheio de cuidados pecuniarios não podia celebrar as festas do natal, o que não obstava, porem, que as desejasse aos seus amigos.

[1] A paschoa, festa de origem hebraica adoptada pelo christianismo veiu a substituir outra qualquer indigena da primavera. Cfr. a etymologia da traducção allemã de paschoa *Ostern*.

[2] *Obras ineditas de J. A. de Macedo*, 1900, pag. 14.

b.) No natal de 1743 derão-se 480 reis (um pinto) aos criados do nuncio para «pagar a mancha», e a mesma quantia se entregou de *conçoadas* aos tres moços da provincia. Um porco que se entregou n'esta occasião ao *Guarda-Respostas* importou em 6000 reis. Em 1747 *em mancha do Natal e Pascoa do criado graue do Auditor* se despenderam 2160 reis. Dêmos agora um salto e vamos cair em 1807. Na propina (já se não diz *mancha*) dos criados do nuncio: 1600 reis; *a quem dá as cartas no Correio*: 480; a mesma quantia aos creados da provincia e ao guarda-portão do nuncio; aos correios da Secretaria de Estado: 1200 reis; e finalmente *para varios convites que o R.mo* (Provincial) fez pelo Natal 2400 reis de presente. Em 1808 importaram tres porcos para as propinas do natal do Letrado, Thesoureiro e Escrivão dos juros reaes em 54.700 réis. Em 1813 custou um casal de piruns *(sic)* para o Lara 6000 reis! Em 1817 o creado de certo Barbosa Araujo recebeu pelas festas do Natal 480 reis. Dois casaes de *piruns* que receberão por este natal o Lara (do Erario) e o Letrado Barbosa Araujo importaram só em 6200. Em 1822 receberam os creados da provincia de consoada do Natal 600 reis, e no da 1829 os correios do Secretario 3200 reis.

c.) O guarda-portão do nuncio recebeu na paschoa de 1807 480 reis, e os correios do Secretario de Estado guardaram 1200 reis. O letrado nesta mesma occasião foi presenteado com seis galinhas que ao preço de 700 reis custaram 4200. Em 1812 recebeu o Lara um casal de perús que tinham importado em 6400 [1]. E no anno seguinte as 6 galinhas que recebeu o o Letrado importaram em 4320.

d.) Por occasião da festa de S. Agostinho em 1743 dispendeu-se a quantia de 24.200 em Presentes ao

[1] Id. p. 53.

letrado, ao almoxarife e *outras dependencias.* Uma baneja pela mesma festa para o Procurador da Coroa importou em 6400 reis. Em 1744 foi adoçado o letrado pela festa do dito Padre com um prato de manjar branco que custou á provincia 2000 reis. Nesta mesma festa receberam o Guarda-Respostas, o escrivão do Guarda-Respostas, um desembargador qualquer e José Pinheiro de Azevedo, official do Conselho da Fazenda por fazer um beneficio á Provincia, cada um, seu prato de ovos a 2400 reis. Em 1745 foram entregues ao Guarda-Respostas uma vitella que tinha custado 4300 e quatro perús que ao preço de 625 montam a 2500 reis. Pela mesma festa receberam pratos de ovos que tinham custado cada um 1920 reis o desembargador Dionisio Esteves Negrão e o Corregedor do Civil Antonio Ferreira de Mendonça *de quem temos dependencias.* Em 1811 um prato de manjar real para o nuncio importou em 3860 reis. Logo no anno immediato um prato de doces para o nuncio e dois de arroz com fios de ovos para o Thesoureiro dos Ordenados e o Lara custaram 9970 reis. Meia duzia de caixas de escorcioneira [1] recebeu o secretario de Estado na festa de S. Agostinho no anno de 1817, no valôr de 15:000 reis.

e.) Os creados do paço e do nuncio receberam de propinas em 1806 por occasião da elleição do Provincial a somma total de 37.600 reis.

f.) O mosteiro da Graça teve uma demanda demorada com o mosteiro das Monicas, e para cair nas graças das pessoas que intervinhão no processo presenteava-as quer pelas festas, quer independente delles. Em 1817 foram dadas ao escrivão da causa das monicas seis galinhas ao preço de 600 réis cada uma, e as pessoas que intervierão ou concorreram para se receberem os embargos da causa das Monicas, forão presenteadas com 12 arrobas de presuntos cada uma ao preço de 6$400 réis, na totalidade de 76$800. No anno anterior de 1816 recebeu o fiel da causa das Monicas para não pedir os autos ao letrado por ser preciso demorar por elles 2$600 réis.

g). O correio da secretaria que trouxe a noticia do parto de sua Alteza Real (D. Carlota Joaquina) de 23 de dezembro de 1806 recebeu 2$400 réis (meia-moeda).

h). Em 1823 gastaram se 5$520 réis em *sejes* para o Provincial ir ao Beija-mão e dar as boas-festas.

12. O anno romano começava nas *Kalendas Januarii* ou como hoje dizemos no 1.º de janeiro. Neste dia davão-se *strenas,* palavra que corresponde phoneticamente á portugueza *estreias.* Ignoramos se algum dia estreias teve a significação que ainda hoje tem em França *étrennes.* Nalguns documentos medievaes ao primeiro domingo depois do 1.º de janeiro chamava-se *Dominica post Strenas.* Como acabei de dizer era costume entre os romanos distribuir presentes no dia das calendas de janeiro. De aqui muito facilmente passaram os povos a pedir as *Kalendas januarii.* Os castelhanos transformaram *calenda* em *aguinaldo* conforme a etymologia de Schuchardt. Na Provença o dia de natal, segundo alguns, tambem se chamava *festum Calendarum*, *les Calènes, lou Calendau.*

13. Quando o hespanhol diz *aguinaldo!* pede e canta o portuguez as *janeiras.* Estes dois termos fazem parte d'uma phrase. De aguinaldo já se fallou no § anterior, resta-me explicar a palavra janeiras. No latim da edade-media empregavam-se muitas vezes em logar de *kalendas januarii*, *fabruarii*, *maii*, etc. as formas *kalendas januarias*, *februarias*, *maias*, etc. O portuguez adoptou o segundo termo da phrase e ficou com *janeiras e maias.* As calendas de janeiro começavam a ser contadas 19

[1] Escorcioneira é uma planta de que se faz doce. Alemtejo.

dias antes do primeiro de janeiro, isto é desde 14 de dezembro. A igreja ainda com as suas novenas oitavas, etc., continua a usar este systema, que tem por base o desejo de conhecer quantos dias faltam para chegar a determinada festa[1].

PEDRO A. D'AZEVEDO.



MODAS-ESTRIBILHOS ALEMTEJANAS

A MACELLA[1]

Eu hei-de ir colher macella, } *bis*
Da macella a macellinha, }
Lá nos campos, verdes campos, } *bis*
D'aquella mais miudinha. }

D'aquella mais miudinha, } *bis*
D'aquella mais amarella, }
Lá nos campos, verdes campos, } *bis*
Eu hei-de ir colher macella. }

M. DIAS NUNES.



A caça no concelho de Serpa

(Continuado de pag. 78)

Ha caçadores e *caçarretas*, atiradores e *martelleiros*. Chama-se caçador, bom caçador, o que sabe caçar, o que conhece os usos da caça, bem como os terrenos e as fugidas da caça e as suas *crenças* ou sitios preferidos. Caçarreta é o que não sabe, ou pouco sabe caçar. Atirador é o certeiro, o que erra pouco, e se denomina aqui «uma bôa espingarda». Martelleiro é aquelle que raras vezes acerta.

O bom caçador é o mais competente para dirigir uma caçada, embora nem sempre essa qualidade se ache reunida com a de bom atirador.

Em geral, o homem que vive sempre no campo, e principalmente na serra, possue uma vista e um ouvido apuradissimos. Eu tenho observado, immensas vezes, alguns d'estes caçadores a seguirem o rasto d'um porco ou d'um veado por grandes distancias e em terrenos, como são os da nossa serra, duros e schistosos, parecendo impossivel conhecer-se qualquer vestigio ou pégada. Só o conhecêmos quando elles nos indicam os pequenos schistos voltados, uma hervasinha mal pisada, uma folha de arbusto recentemente cahida, e outros differentes mas quasi imperceptiveis indicios da passagem do animal que se procura.

Conheci muitos e bons atiradores e caçadores, e d'outros sei por tradição que o foram.

Se bem que eu tenha dito e me proponha dizer o que ainda sei sobre a caça no concelho de Serpa, seja-me permittido mencionar aqui alguns caçadores de fóra d'este concelho, os quaes merecem occupar um logar de honra na breve noticia que venho redigindo. Deixaram elles tal fama de si, que a tradição os ha-de memorar por muito tempo.

Entre todos os caçadores d'estes concelhos mais proximos, teve o primeiro logar — sem contestação alguma — o mestre Guerreiro, do Sobral da Adiça (concelho de Moura); foi o mestre dos mestres, o caçador, que matava a caça egualmente bem, fosse com chumbo ou fosse com bala. Conta se d'elle, que foi uma vez procurado por um bom atirador hespanhol e por este convidado para caçarem ao desafio. Mestre Guerreiro acceitou. No fim do dia, o hespanhol tinha atirado 23 tiros, matando 23 perdizes; e o mestre Guerreiro apenas

[1] Sobre a maior parte dos nomes latinos aqui empregados consulte-se *D'art de vérifier les dates*, I p. 52 a 60.

[1] O povo pronuncia *marcella*.

tinha matado 22 perdizes, com 24 tiros que disparára. Quando, porem, em vista d'isto, o hespanhol se vangloriava da sua superioridade, mestre Guerreiro fez examinar a caça d'um e a caça d'outro, notando-se então que as perdizes do hespanhol haviam sido mortas a chumbo, e as do nosso patricio, todas, á bala!

Por esse mesmo tempo viveu, tambem no Sobral, o João Faraústo, atirador de primeira ordem. Na Vera-Cruz houve o José Antonio, um dos bons atiradores da sua epocha. Foram muito conhecidos, e ainda hoje são muito lembrados, o Joaquim Batalha e mais o José Ordem, optimos caçadores, de Portel. José Paulo de Mira, de Evora, foi um excellente atirador, bom caçador, e um dos homens mais afeiçoados, que mais caçadas fez e dirigiu. Este snr., que muitos dos actuaes caçadores haviam de conhecer, escreveu uns folhetos interessantes sobre a caça. Um, a que já me referi, descreve a caçada aos javalis, outro descreve a caçada aos pombos; e outro ainda, que é um brado contra o cerco dos lobos — contra o cerco, pelo modo como costuma ser feito. O folheto da caçada aos pombos, acompanhado d'uma carta do meu amigo Snr. José Groot Pombo, tem muito bôas noções para se exercer este divertimento, e é muito util para os que quizerem caçar d'esta forma.

N'este concelho houve sempre excellentes espingardas e muito bons caçadores. Já não conheci, mas sei por tradição que houve, em Ficalho, um João Valente e o tio Matheus; em Aldeia Nova de S. Bento, o João dos Reis; em Brinches um José Bernardo e Bento Janeiro; e em Serpa, o tio Luiz da Neta, Matheus de Val-da-Casca, o tio Simão de Mideiros, o Vaz, e o velho Casaca — todos muito boas espingardas. Pessoalmente, conheci, de Brinches: Joaquim Poupinha, José Clemente, Manuel d'Ascenção, Antonio Ferreira, José Poupinha, e João Lopes Barbosa. De Ficalho: Sebastião Dias de Carvalho, que já não caçava, mas que todos diziam ter sido a melhor espingarda do seu tempo. Com o filho d'este, Francisco Dias de Carvalho, cacei eu muita vez. Conheci tambem o velho Estevens, excellente espingarda e intelligente caçador, e mais os filhos, um dos quaes ficou em Evora quando alli foi levar um cão que o Snr. Mira comprára em Ficalho. Aquelle Snr. gostou tanto do rapaz, e reconheceu-lhe tanta intelligencia para a caça, que lá o deixou ficar ao seu serviço.

Conheci ainda o Francisco Grillo, o José Antonio Sargento (de quem fui muito amigo) e o Lourenço José d'Oliveira, caçador tão habil quanto martelleiro.

D'Aldeia Nova de S. Bento, conheci: Francisco Laneiro, o Moraes, e o Valente Caçador — um colosso, que se acontecia matar um estaqueiro (veado d'anno), esfolava-o, limpava-o das tripas, *empiolava-o*, mettia-o dentro da pelle, e em seguida punha o animal ás costas e continuava a caçar!

Conheci egualmente e com elle cacei, o Manuel Dyonisio, da Córte-do-Pinto, e mais o velho Segurado, o Manuel do Cerro, os dois Calhegas, Diogo e Manuel, e o filho d'este, Sebastião, que chegou a matar 30 coelhos sem errar um só!

Foram muito das minhas relações: o meu mestre e particular amigo Francisco Manuel Louzeiro, atirador de primeira ordem (principalmente com bala e nas grandes distancias) e de vista tão apurada, que depois de disparar dizia com precisão o sitio do animal onde a bala tinha entrado. Francisco Rijo, um dos caçadores mais certeiros, tambem com bala; o mestre Domingos Rijo, com quem immensas vezes cacei, bom caçador e, ao mesmo tempo, contador de uma infinidade de historias de caça, de lobos, e de acontecimentos extraordinarios, passados na Serra de Serpa, a qual elle conhecia tão bem,

que poderia descrevel-a sem a maior exactidão, sem esquecer nenhum córgo, nem vereda, nem oiteiro.

Outros muitos e bons caçadores conheci ainda, entre os quaes: Antonio de Padua, João e Manuel d'Araujo, Jeronymo Vieira Gago de Negreiros, José Gomes Hydalgo, etc., etc.

(Contínúa.)

A. de MELLO BREYNER.



Rimas Populares

Decimas

Lá nos valles da Amoreira,
Ou monte do Alvarrão,
Abalou um rapagão
A fallar a uma roseira.
Disse de certa maneira,
E ella respondeu assim,
Mesmo lá no seu jardim:
«Eu não posso... porque estou,
Porque foi, porque tornou,
Porque tal e porque sim.»

Ó senhora Leonor,
Quer-me p'ra seu jardineiro?
Não venha algum passageiro
Que lhe offenda alguma flôr!
— Você sabe armar lavôr?
E uma horta sabe regar?
— Eu de tudo sei usar,
Eu sou um rapaz robusto;
Nem nós tratâmos de ajusto:
O que a senhora quizer dar.

Vivo suspenso no mundo!
Não sei quem será culpado
De eu viver agonisado,
...Paciencia, será tença...
Oh, meu Deus! oh, luz immensa!
Tende compaixão de mim!...
Já foi tempo em que eu *gosi*
Instantes afortunados;
Agora, por meus peccados,
Separado estou de ti!

Abalei de Santo Antão,
Fui dar ao Convento-novo;
Não vi convento nem povo
Onde haja tal devoção!
No altar de San João
Estão oitenta e uma luz,
Virgem-Mãe d'Ao-pé-da-Cruz,
E a Senhora do conforto,
Que em seus braços tinha morto
Seu altissimo Jesus.

Virgem-Mãe da Conceição,
Padroeira da Salvada,
Virgem pura, immaculada,
Livre da culpa de Adão;
Virgem-Mãe da Redempção,
Em que temos toda a esp'rança!
Quem espera, sempre alcança
Aquillo que Deus quizer. .
Viva a casa de Bragança!
E viva El-rei Don Miguel!

(Continúa.)
(Da tradição oral, em Serpa.)

JOÃO VARELLA.

Os mandamentos do amor

Vou-me a cantar uma cantiga
Toda pelos mandamentos.
Depois que os teus olhos vi
Tive varios pensamentos.

*

O primeiro é amar.
Não te amo como devo;
Depois que os teus olhos vi
Nunca mais tive socego.

*

O segundo é não jurar
O seu santo nome em vão.
Jurei de te não deixar:
Essa é a minha tenção.

*

O terceiro é guardar
Em teu peito minhas leis.
Deixa memorias passadas,
Que eu tambem já as deixei.

*

O quarto pertence á honra.
A honra é de quem n'a tem...
Faze tu da tua banda,
Não se te dê de ninguem.

*

O quinto é não matar...
Eu por ti é que ando morto!
Olha as delicias d'amor
Em que estado me tem posto!

(Continúa.)
(Da tradição oral em Serpa.)

M. DIAS NUNES.

BULLETIN POUR L'ÉTRANGER

LA TRADITION

Revue mensuelle illustrée d'ethnographie portugase

DIRECTEURS

Ladislau Piçarra et *Dias Nunes*

REDACTION ET ADMINISTRATION

À SERPA (PORTUGAL)

Sommaire du présent numéro de la Tradition

Texte : — Notes historiques sur Serpa : La population de Serpa au temps des maures, par le *Comte de Ficalho ;* Monsieur Sept (suite), par *Trindade Coelho* (Dr.);

La légende des armes d'Elvas (suite), par *Alfredo de Pratt;*

Les Bonnes-fêtes (conclusion), par *Pedro A. d'Azevedo;*

Chansons, refrains de l'Alemtejo : La camomille, par *M. Dias Nunes.*

La chasse dans le district de Serpa (suite), par *A. de Mello Breyner;*

Rimes populaires : Dizains, par *João Varella* (Dr.) ; les commandements de l'amour, par *M. Dias Nunes.*

Illustrations : — Galerie de costumes populaires : Pêcheur.

Recueil de chansons : La camonile (musique).

R.

BULLETIN FOR ABROAD

THE TRADITION

Monthly illustrated review of portuguese ethnography

DIRECTORS

Ladislau Piçarra and *Dias Nunes*

OFFICES

SERPA (PORTUGAL)

Summary of the present number of the Tradition

Text : — Historical notes about Serpa : Serpa's population in time of moors, by *Conde de Ficalho;*

Mister Seven (continuation), by *Trindade Coelho* (Dr.) ;

The Elvas' legend of arms (continuation), by *Alfredo de Pratt;*

Happy Christmas (conclusion), by *Pedro A. de Azevedo;*

Songs and refrains from the Alemtejo : The camomile, by *M. Dias Nunes;*

The shooting in the Serpa district (continuation), by *A. de Mello Breyner;*

Popular rhymes «Decimas» : (strophes of ten verses), by *João Varella* (Dr.); the commandments of love, by *M. Dias Nunes.*

Illustrations :— Gallery of popular costumes : Fisherman.

Musical collection : The camomile (dance).

R.

Preço do volume brochado 1$200 réis

Á venda em: LISBOA: — "Galeria Monaco" — Rocio.
PORTO: — Livraria Moreira — Praça de D. Pedro, 42 e 44
COIMBRA: — Livraria França Amado

Anno II — N.º 7 Volume II

SERPA, Julho de 1900

A TRADIÇÃO

Revista mensal d'ethnographia portugueza, illustrada

«A TRADIÇÃO, de Serpa, pelo programma que se impoz e pela discreta diligencia com que procura desempenhar esse programma, representa, a meu vêr, o mais bello exemplo patriotico de educação publica exercida pela imprensa».

Ramalho Ortigão.

DIRECTORES:

Ladislau Piçarra

e M. Dias Nunes

Collaborador musical

F. VILLAS-BOAS

Collaborador artistico

M. BAPTISTA-SALTA

CLICHÉS DE:

A. de Mello Breyner, F. Monteiro, F. Villas-Boas, J. Monteiro e J. V. Pessoa

SUMMARIO:

TEXTO

ILLUSTRAÇÕES

Toda a correspondencia deve ser dirigida á redacção e administração de

"A TRADIÇÃO"

SERPA

(Portugal)

PREÇO DA ASSIGNATURA:

(Pagamento adeantado)

Em Portugal (continente), série de 12 numeros

1$200 réis

Para o ultramar e estrangeiro accresce o porte do correio

Numero avulso

100 réis

Venda avulso d'esta revista.

LISBOA, Galeria Monaco, Rocio.

PORTO, Livraria Moreira, Praça de D. Pedro, 42 e 44.

COIMBRA, Livraria França Amado.

Anno II — N.º 7 SERPA, Julho de 1900 Volume II

Editor-administrador, *Jose Jeronymo da Costa Bravo de Negreiros*, Rua Larga, 2 e 4 — SERPA
Typ. de *Adolpho de Mendonça*, Rua do Corpo Santo, 46 e 48 — LISBOA

A TRADIÇÃO

Revista mensal d'Ethnographia Portugueza, Illustrada

Directores: — LADISLAU PIÇARRA e M. DIAS NUNES

O SENHOR SETE

(Continuado de pag. 88)

Setestrello que vaes alto
Por essas serras d'além,
Leva-me ao céo onde tenho
A alma de minha mãe.

*

Sou um triste marinheiro,
Nas ondas ando a lutar,
Vou pedir ao setestrello
Se elle me pode guiar.

*

Setestrello, vae andando,
Vae andando, que eu já vou,
Vae deitando a tua luz,
Que o luar já se acabou.

*

Você a mim não me leva [1]
A contar-me maravilhas;
Foi você quem engnou
Sete mães, quatorze filhas.

*

As nuvens no céo se tingem
N'um arco de sete cores,
São sete as dores de Maria [2],
São setenta as minhas dores.

[1] Não me convence; não me seduz; não me illude; não me engrola; não me engrampa...
[2] São sete, com effeito. Nós as contaremos a seu tempo.

A hortelã já nasceu,
A salsa está p'ra nascer,
N'estes setes que te eu faço
Bem me podes entender [1].

*

O nome do meu amor
Com sete letras se escreve,
A primeira é um A,
As outras ficam em breve [2].

*

Meu annel de sete pedras
Ninguem no tem senão eu.
Antes que meu pae me mate [3]
Hei-de amar a quem m'o deu.

*

Na cantiga das ruas, *Marianna Costureira*, a estrofe do Senhor Sete é esta:

Marianna diz que tem
Sete saias de balão
Que lhe deu um caixeirinho
A occultas do patrão,
Oh ai, oh ai,
Oh ai, amor,
Das ligas da Marianna
Nunca ninguem viu a côr.

*

Na cantarola *Oh fresca da ramalhada*, lá temos tambem o Senhor Sete:

Puz-me a contar pela lei
As pedras d'uma columna;

[1] Veremos quando fôr tempo o que vem a ser isso de *fazer o sete*.
[2] Qnando Deus quer, era Antonio!
[3] Antes que = ainda que.

Oh fresca da ramalhada,
As pedras d'uma columna;
Nove, oito, sete e seis
Cinco, quatro, tres, dois, uma.
Oh fresca da ramalhadas
Cinco, quatro tres, dois, uma.

*

E na passeata do *Zine pine pine*, cá o temos tambem:

Já dou de caras a Hespanha,
Já volto p'ra Portugal,
As mulheres teem mais manha
Que sete zorras n'um val'.

*

E na cantiga das ruas, *O lagarto*, elle cá está:

O lagarto. coitadinho,
Pó-pó-pó, ti-ro li-ro-li-ro-ló,
Já lá vae a enterrar,
Pó-pó-pó, pó-pó;
Quatro cães e sete gatos
Pó-pó-pó, ti-ro-li-ro-li-ro-ló
O foram acompanhar.

*

E na chula da *Gallinha*, que se canta muito nos Açores:

Tenho uma gallinha pinta
Que põe sete ovos ao dia,
Que põe sete ovos ao dia.
Ainda assim não me contento,
Cho p'ra fóra, cho p'ra dentro,
Cho gallinha p'r'o convento,
etc.

Faz-me lembrar isto a quadra de cá:

Tenho uma gallinha pinta
Que põe tres ovos ao dia,
Se ella me posera quatro
Melhor conta me faria.

Como quem diz: outro gallo me cantaria...

Mas já agora, vá lá mais isto, que ainda pertence á *Gallinha pinta* — mas á nossa:

A minha gallinha pinta
Põe tres ovos ao dia;
Se ella puzera quatro,
Que dinheiro não fazia!

Já me davam pela cabeça
Uma vaquinha moresca:
Já me davam pela crista
Uma vaquinha moirisca;
Já me davam pelo bico
A renda do senhor bispo;
Já me davam pela lingua
A cidade de Coimbra;
Já me davam pelo pescoço
Uma dama com seu moço;
Já me davam pelo papo
Raza e meia de tabaco;
Já me davam pela moela
Uma vaquinha moirela;
Já me davam pelo coração
A renda de S. João;
Já me davam pelas tripas
Duas feixadas de fitas;
Já me davam pelo rabo
Um cavallo enfreiado;
Já me davam pelas azas
Na ribeira umas casas;
Já me davam pelas pennas
Duas vaquinhas morenas;
Já me davam pelas pernas
Umas meias amarellas;
Já me davam pelas unhas
Cento e meio de agulhas;
Já me davam pelo corpo
Toda a cidade do Porto;
Já me davam pelo ril (rim)
Um *porrão* de *sahil*.

Gallinha que vale tanto
Vae-se levar ao convento,
Para que as freiras digam;
«Chô pr'a fóra... chô para dentro.»

*
* *

Mas aqui estou eu agora sem saber para onde me hei-de virar! Desfiado o rosario das quadras, mais o das cantigas ao Setestrello, que darei eu agora? Adivinhas? Jogos de prendas? Esconjuros? Philtros? Parlendas? Sentenças e proverbios? Romances? Xacaras? Contos em prosa? Anecdotas? Armadilhas? Responsos? Orações? Crendices e superstições? Phrases-feitas? Onomatopéas?

Que hei-de eu dar agora, pois que de tudo está fornecido o meu celeirinho?!

De tal modo tem esse querido Senhor Sete usado da hospitalidade do Povo, entretendo-lhe, sentado á lareira, os longos serões do inverno, que

GALERIA DE TYPOS POPULARES



Peixeira (de Estarreja)

não sei agora o que lhes deva referir d'essas conversas!

Vamos lá com Deus! Não darei por emquanto nada d'aquillo. Por agora, vamos a esse respigo avulso, quasi inclassificavel, de pequeninas coisas muito curiosas,— dispersas, verão, pela nossa memoria, mas que vão emfim encontrar-se junctas, formar serie — creio que pela primeira vez.

A ellas, a ellas! Vamos a isto!

*

— Sete cardadores para um saramago.

Saramago, é uma planta da familia das cruciferas. O rábano é da familia. Quererá dizer que eram 7 cardadores para comer um rábano? Ou haverá n'isto alguma *analogia*, e quererá antes dizer que os cardadores, como os alfaiates, são fracos homens para o trabalho, e pouco desembaraçados? Esta interpretação pode parecer abonada pela seguinte quadra:

Setecentos alfaiates,
Outros tantos cardadores
Para matarem a aranha
Foram chamar os pastores.

Gostaria que algum leitor me dissesse o que pensa a este respeito.

*

— Sete alfaiates para matar uma aranha.

Em verso são setecentos:

Setecentos alfaiates
Todos postos em campanha
Com agulhas e alfinetes
P'ra matarem uma aranha.

Esta embirração do povo pelo alfaiate, virá de não gostar de vêr um homem trabalhar de agulha? Creio que sim, mais de serem dados os alfaiates, pelo officio, um pouco á besbilhotice, — pois nas aldeias, lá cima, trabalham á geira em casa dos freguezes, e levam o tempo, elles e o mulherio da familia, a murmurar das vidas alheias...

Isso deve influir, — que não é nada viril, por certo, vêr um homem no meio de mulheres, puxando a agulha como ellas...

Mas será assim? [1]

De resto, as proprias mulheres parece que não engraçam tambem com os alfaiates! E' ouvir a cantiga do *Ldrão morreu* [2]:

O ladrão morreu
A comer tomates,
Meninas bonitas
Não são p'r' alfaiates.

Ai ai que me pica,
Ai ai que me arranha,
Ai ai que me ferra [3]
Aquella aranha [4]

O ladrão morreu
A comer castanhas,
Meninas bonitas
Não são p'r' aranhas.

---

[1] Eu escrevi *alfaiate* com–*i*–e não com *y*-e d'isso peço desculpa aos alfaites! Tenho notado que com os progressos da chamada Democracia (com D grande) a nomenclatura das artes e officios, e das industrias, tende... a aristocratisar-se! Assim, o typographo já não é typographo: é *graphico*; o padeiro mudou de nome: é *manipulador de pão*; o sapateiro, idem: é *manipulador de calçado;* o caixeiro, esse não ha já maneira de ser caixeiro: é *empregado do commercio;* o taberneiro, *vendedor de vinho a retalho*; o informador de jornaes, é *reporter* e até *jornalista*; o mercieiro, é *vendedor de viveres*; o barbeiro, esse é tudo menos barbeiro: *coiffeur*, *peluquero*, *raseur*, *cabelleireiro*; — e o alfaiate, não tendo modo de se aristocratisar d'outra forma, pregou com um–*y*– no officio: *Alfayte*!

Já se não apanha distico ou taboleta sem o tal–*y*–que sempre é letra grega, patricia de Homero...

Entretanto, a origem da palavra é arabe: *al Khaiath*; do verbo *Khaiata*, coser.

... Ora tomem os alfaiates, que aliás já deram o nome a um sôco e a uma manha: ao *sôco d'alfaite,* que é a pancada que se dá para o lado; e á *manha de alfaiate*, que é prometter e faltar; — e figuram em alguns anexins: *Alfaiate de encruzilhada põe as linhas de sua casa*; — *Alfaiate mal vertido, sapateiro mal calçado,* equivalente áquell' outro: *Casa de ferreiro*, *espeto de pau;* etc.

[2] A musica d'esta cantiga foi applicada por Castilho... ao seu methodo repentino de aprender a lêr!

[3] Ferra = morde.

[4] Aranha, isto é... alfaiate!

O ladrão morreu
Em comes e bebes,
Meninas bonitas
Não são p'r' algibebes[1]

E ainda cá tenho mais estas:

Setecentos alfaiates
Para matar uma aranha:
Fortes são os alfaiates
Que nem isso apanham!

Vinte cinco mil alfaiates
Todos postos em campanha,
Com as tesoiras abertas
Para matar uma aranha.

Setecentos alfaiates
E' tudo:—*farei, farei*:
Para matar uma aranha
Gritam:—*aqui d'el-rei!*

Aqui d'el-rei quem acode
Ao fogo de Santarem,
Acudam os alfaiates
Emquanto os homens não vem!

Bem digo eu que as mulheres nem reputam homens os alfaiates!

*

— *Fechar a sete chaves.*

E' o mesmo que fechar bem, fechar com cuidado e segurança, com proposito de esconder ou não deixar fugir:—«O pae tem-na fechada a sete chaves!» diz-se de alguns paes que aperreiam as filhas. O mesmo de alguns maridos com as mulheres.

Mas a mulher, nem fechada a sete chaves está segura! E' o caso do outro, (conta o Senhor Sete) que por ter de ir viajar fechou a mulher em sete caixas, umas dentro das outras, pregou a chave na tampa de cada uma, e atirou depois a caixa ao mar. Pois nem assim! A caixa foi dar a uma praia, foi aberta por D. João, foram abertas as interiores,—e... «ardeu Troya!», como dizia Camillo n'estes lances...

[1] Nos meus sitios, o alfaiate remendão chama-se *chastre*.—«Vae ao chaste que te *arremende!*»

— *As sete badaladas do parto.*

Lá cima, quando uma mulher está prestes a dar á luz, e ha receio de parto difficil, ou já se está debatendo n'elle, ha o costume de ir á torre ou ao campanario, e tocar sete badaladas, espaçadas... Sabe-se logo que é mulher de parto,—e cada qual encommenda-a como sabe aos santos e santas da sua devoção: á Senhora do Bom Successo, á Senhora da Boa Hora, a Nossa Senhora do Livramento.

Ha terras onde isto refina de pittoresco, porque quem vae tocar o sino são sete Marias, e puxam a corda... com os dentes! N'este particular, porém, não sei dizer se se exige nas sete Marias, como n'outros casos, o estado physiologico, real ou presumido, da virgindade...

*

— *Sete cães a um osso.*

Diz-se quando são muitos os pretendentes a uma coisa, disputando-a como sete cães se disputariam um osso.

No Porto, quando lá estudei, lembro-me que quando se via um homem atraz d'uma mulher, ou aferrado a ella a «dar-lhe paleio», havia sempre um que ladrava de longe:

—«Larga o osso!»

O que não queria dizer que as mulheres não fossem ás vezes umas matronaças, parece que só feitas de carne!

*

— *Fallar com sete pedras na mão.*

Diz-se do que falla arrenegado, com maus modos,—com palavras que parecem pedradas. — «Fallou-me com sete pedras na mão! Pouco faltou para correr comigo, e p'ra me impontar p'la porta fóra!» *Despostiçar*, lá cima, significa tambem a mesma ideia: despedir com violencia, arrenegado, e «com cara de poucos amigos», ou «com más ventas». E' o que se chama «correr com alguem».

— Os sete buracos que temos na cara.

E effectivamente: dois olhos, dois ouvidos; duas ventas, e então a bôcca. Sete. — «Não é mais que eu. Na cara temos ambos sete buracos; e d'ahi p'ra baixo, por dentro e por fóra, põe lá que somos iguaes!» Uma razão physiologica... de igualdade!

*

— Os sete folegos de gato.

Acho que ainda ninguem lh'os contou. Mas porque resistem a toda a avaria, e parecem feitos da pelle do diabo, entendeu o Senhor Sete, e muito bem, que deviam ser dotados d'aquelle numero de folegos! Um já eu vi cahir d'uma torre, ficar de pé como se nada fosse com elle, e orientado em menos de um segundo, largar a fugir que nem uma lebre!

Em Coimbra, na caça que os estudantes fazem aos gatos, de noite, alguns só por impostura se fazem atordoados; e lembro-me que para matar uma vez o da D. Amelia Janny, que repontara com os atacantes, foi preciso o Eloy, tenente de engenheria, rapar da espada, e furál-o de lado a lado!

Furado, ainda bufava!

*

— Estar com sete olhos...

E' como quem diz *cubiçar*. E outras vezes, *estar attento*; mas então *é estar com sete ouvidos.*

— «Ih! estava com sete olhos, que até parecia que lhe queriam estourar! O invejoso! Nunca o invejoso medrou, nem quem ao pé d'elle morou!» — «Estava ali que parecia encantado, com sete olhos pregados n'elle, e sete ouvidos, a escutál-o.»

... Algum petiz a ouvir uma *historia*, que na minha terra se chama *uma conta.* No feminino, que é mais docinho. Tambem riso não é riso: é *risa*:

— «Ai que risa!»

Quando os sete olhos se vão n'algum bocado de comida, dá-se um *cibo* (um bocadito) ao rapaz, não vá elle *ougar* (aguar):

— Toma, não ougues!

E alguns ha, coitaditos, que andam mesmo com cara de *ougados*! Mas a esses dá-se lhes atraz da porta um pouco de pão amassado em azeite, e entram logo a medrar e a ter boas côres.

Podéra, se tinham fome...

*

— Sete e sete são quatorze, sete p'ra deante e sete p'ra traz, fazem um alforge.

Quatorze... alforge... Isto parece que quer ser em verso:

Sete e sete são quatorze:
Sete p'ra deante,
Sete p'ra traz,
Fazem um alforge.

Talvez assim. Mas o que eu não sei é o que isso quer dizer! Dá-me apenas uma ideia vaga de *symetria*, e outras vezes, não sei porquê, de *indifferença*, mas não ausculto a phrase como desejava, e não sei, verdadeiramente, em que casos se mette na conversa... O leitor sabe?

Lá cima, a palavra *alforge* (e não *alforja*) nunca se uza no singular, e não é masculina. E' feminina e vae no plural. Já n'um livro que eu escrevi, o José Grillo diz p'r'a mulher:

— «Mette-me qualquer coisa *nas* alforges, que vou já aperelhar a egua.»

*

—D'uma formiguinha, um formigão; d'um formigão, um carapetão; d'um carapetão, sete poucas-vergonhas.

E' uma variante «aperfeiçoada» do «Quem conta um conto acrescenta um ponto.» — «D'um argueiro, um cavalleiro!» diz tambem o povo, dos que são dados ao exaggero: — «Faz d'um argueiro um cavalleiro!»

O Senhor Sete vae, porém, um pouco mais longe...

(Continúa).

TRINDADE COELHO.

A LENDA DAS ARMAS DE ELVAS

(Conclusão)

Esse caso, ainda hoje apregoado, é um facto real, muito cheio de verdade. Succedeu. O que não aconteceu, em boa hora o digamos, foi perder-se o bello nome do heroe. Chamava-se João Paes Gago. Ao que consta, era gago só de nome e nobre dos quatro costados, pois, além de cavalleiro de Christo, tinha ainda o titulo sobremodo pomposo de *fidalgo d'a par do rei*. A sua gloriosa façanha devia ter tido lugar ahi por meiados do seculo XV, o seculo das innovações. Por esse tempo, como em nenhuma outra epocha, a crença christã na peninsula iberica, era tão extensa, tão cheia de fervor, que as festividades de caracter religioso se exhibiam com a maxima pompa. Tanto luxo queria dizer devoção. Mas de entre taes festas, a que mais deslumbrava pelo seu luzimento e conjuncto espectaculoso, era, sem dúvida, a de Corpo de Deus. *Corpus Christi* se chamava em latim. Esperava-se por ella, com viva anciedade, e a ella se alliavam duas festas distinctas, quaes eram a propriamente da egreja e a profana que muitissimo varíava em cada provincia e até em cada terra.

Na visinha Hespanha, em Badajoz, por exemplo, consistia esta ultima festa n'uma especie de concurso entre varios cavalleiros, tanto de lá como do nosso paiz, a vêr qual d'elles, todos moços de uma canna, daria maior numero de voltas em certo circuito de não pequena extensão, com o pesado estandarte do municipio em punho.

Pelos modos, esta celebre bandeira era um traste que pezava quintaes. João Paes Gago tomou-lhe bem o pezo. Logo, o estandarte por elle arrebatado aos hespanhoes, não foi o de Castella, como a lenda nol-o diz, mas tão sómente, veridicamente, o do municipio de Badajoz. Isto faz sua differença.

Tambem o que moveu o esforçado cavalleiro a semelhante façanha, não foi nem o amor da gloria, nem, sequér, o de premio nenhum. Foi aquella accesa rivalidade que então existia entre Portugal e Castella, rivalidade instigada sobremodo no animo bellicoso de João Paes por um repto que lhe fizeram, sem mais quê, nem para quê, outros moços de provado valor. Não se pode dizer que isso fosse uma aposta. Desafio é que lhe devemos chamar. Era ir de Elvas até Badajoz no dia da festa do Corpo de Deus, empunhar o estandarte como para dar as taes voltas no circuito marcado; e, em vez de avançar uma pollegada, sequér, na arena do torneio, chegár os acicates ao corcel e trazer o estandarte para Elvas. Assim foi. Ora, os perros de Castella, ante audacia tamanha, não se ficaram, nem podiam ficar-se, de braços cruzados, como quaesquer cobardões. Seria demasiada fraqueza. Juraram, portanto, desde logo vingança, desaffronta, perseguição, e, juntando o seu dito ao seu feito, partiram á desfilada em possantes ginetes, na piugada de João Paes Gago.

Heroico João Paes! Se elles mais gallopavam, mais este voava. Era um furacão. Por isso, muito longe ainda se viam os hespanhoes, quando o perseguido chegou aos muros de Elvas. Elle vinha triumphante. Dirige-se, porém, a uma das portas da praça, e encontra essa porta fechada! Vae á segunda. Fechada tambem! Estavam todas fechadas e as pontes erguidas! Tal contratempo inesperado e traiçoeiro, deveu-o o cavalleiro de Christo e fidalgo *d'apar do rei* a um cobarde receio do governador de Elvas, D. Alvaro da Silva, chamado, mestre de campo e gentilhomem da camara de sua real senhoria, o qual «ordenára o encerramento das portas para evitar qualquer aggressão». Para evitar qualquer aggressão! Semelhante contraste de tão supina cobardia de tal governador, com o heroismo do esforçado cavalleiro, tambem deve ficar immortal.

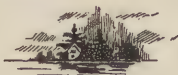
R giste-se, pois. Quanto a João Paes Gago, não era elle homem capaz de desanimo. Isso sim! Vendo-se ao alcance dos que o perseguiam e não podendo dar entrada em Elvas, arrojou o estandarte para dentro da praça, por de cima das altas muralhas, e soltou estas celebres palavras:

— Morra o homem e fique a fama.

A origem de este dito, provêm de tal facto. Em seguida o audaz cavalleiro esperou de peito feito as lanças hespanholas; mas, sendo-lhe impossivel vencer n'essa lucta desegual, pelejou quanto pôde e morreu como quem era, como um heroe.

Se os de Castella o frigiram ou não, isso agora é que está por apurar. Todavia, o que é certo e bem certo, é que ainda ha poucos annos, em dia de Corpo de Deus, tremulava nas muralhas elvenses, com vista aos habitantes de Badajoz, o pezado estandarte de aquelle municipio; e de lá, como em replica, mostravam aos de Elvas a decantada caldeira que fritára João Paes em azeite hespanhol.

ALFREDO DE PRATT.



MODAS-ESTRIBILHOS ALEMTEJANAS

ADEUS, MARIANNITA, ADEUS!

Adeus, Mariannita, adeus!
Já me despeço de ti,
Que eu vou p'ra Lourenço Marques,
Não sei que será de mim!...

Não sei que será de mim,
De mim não sei que ha-de ser!
Adeus, Mariannita, adeus!
Saúdinha, até mais vêr!

M. DIAS NUNES.

A caça no concelho de Serpa

(Continuado de pag. 95)

CHAMA-SE caça grossa, a que é morta á bala, como os javalis e os veados, e caça-se de differentes maneiras.

A caçada de batida, ou ás manchas, era a mais usada e fazia-se pela fórma que passo a descrever. Quando, na serra de Serpa, havia mattos crescidos onde a caça tinha os seus acolheites mais seguros, abundava a caça grossa, principalmente veados e cervas; e então realisavam-se frequentemente bôas e luzidas caçadas, organisadas não só pelos abastados, mas tambem pelos homens do campo e malhadeiros, caçadores. Nas d'estes ultimos, cada um levava de casa o que podia e lhe era necessario para comer durante os dias que por lá andava. Os abastados tomavam as providencias necessarias para que nada faltasse aos caçadores.

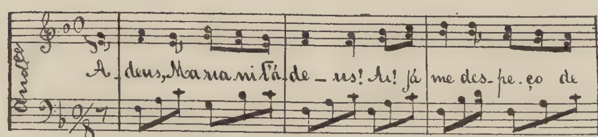
Quando havia noticia de que appareciam rezes ou porcos em qualquer sitio da serra, organisava-se logo a caçada. Chamava-se um ou mais caçadores, dos bons, e com elles se combinava o sitio onde se devia assentar o rancho, e os homens que eram precisos para se «fazer bem a terra», isto é — para occupar as *portas* ou esperas, cercando as manchas, e para bater estas devidamente. Assim era necessario para o bom exito das caçadas d'outros tempos. Porém, quando se tinha bons cães bastava que um homem, conhecedor do terreno, fosse bater, pondo-se tres ou quatro portas na frente e fazendo-se as manchas mais curtas, ou então collocando-se as portas em sitios d'onde podessem defender mais de uma sahida da caça[1]. Mas, para isto

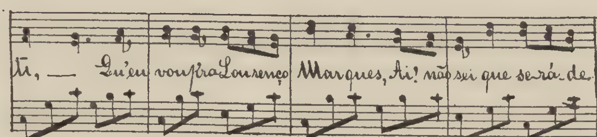
[1] Cacei muita vez assim, porque tinha um excellente caçador por meu creado, o meu velho e amigo Casaca, e bons cães, que, bastava leval-os pelas raias da comedías (sitios

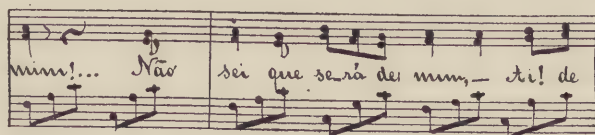
CANCIONEIRO MUSICAL

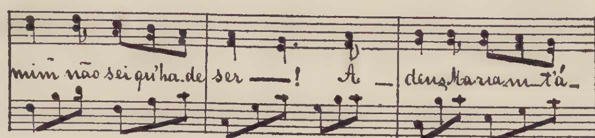
VII

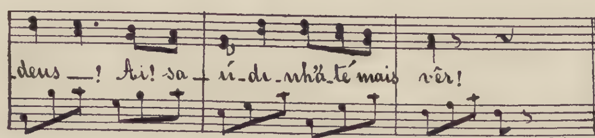
Adeus, Mariannita, adeus!











(CHOREOGRAPHICA)

se effectuar com bom resultado era preciso que todos soubessem bem o que tinham a fazer, conhecessem bem o terreno, e fossem desembaraçados, para opportunamente correrem aonde se fizesse mister.

Assentado o dia e o ponto de reunião, avisavam-se as pessoas que tinham de ir, incluindo n'esse numero os caçadores de mais confiança e os que tivessem cães bons, se os organisadores da caçada os não possuiam.

Quando a caçada era promovida por um só individuo, dava este as providencias para que não faltasse o que fosse necessario para comer e beber; pagava aos caçadores que recebiam salario; e convidava os seus amigos e mais pessoas, que deviam tomar parte na caçada. Quando a caçada era promovida por um grupo de caçadores, com meios de fortuna, um ou dois d'entre elles se encarregavam de tomar as providencias já mencionadas, sendo a despeza geral rateada por todos os promotores. Em qualquer dos casos, marchava-se em grupo, no dia e hora combinados, para o sitio escolhido, ou lá se reuniam todos, conforme o ajustado.

Se a reunião era a hora, que permittia ainda caçar n'esse mesmo dia, formava-se logo conselho, decidindo-se, em vista das informações dos malhadeiros — por onde devia começar a caçada, que manchas[1] se haviam de fazer e de que lado convinha bater (conforme o vento estivesse), e por ultimo, o local das portas.

(Continúa.)

A. de MELLO BREYNER.

---

onde os javalis comem de noite) para, logo que atravessavam o rasto, darem um ladro, de aviso de uns para outros, e saltarem a correr, obrigando a caça a sahir ás portas.

[1] Todas as manchas teem nome por que se designam e são geralmente conhecidas.

LENDAS & ROMANCES

(Recolhidas da tradição oral na provincia do **Alemtejo***)*

D. LEONARDA

(3.ª variante do romance *Bella Infanta)*

Estando a bella princeza
No seu jardim assentada,
Com pentes de *marafim*
Seus cabellos penteava;
Deitando os olhos ao largo,
Vendo o que bem descobria,
Descobriu 'ma grande armada.
Capitão que n'ella vinha
Tral-a muito bem guiada.
— Diz-me lá, ó capitão,
Diz-me lá, pela tua alma,
Se o marido que Deus me deu
Se o viste na grande armada.
— Senhora, eu não o vi,
Nem sei que signaes levava.
— Levava espada d'oiro,
Seu escudo de prata,
Na ponta da sua lança
Jesus-Christo levava.
— Senhora, eu lá o vi,
Com cento e uma estocada,
A mais pequena de todas
Era a cabeça cortada.
— Ai de mim, triste viuva!
Ai de mim, triste coitada!
Que de tres filhas que tenho
Sem nenhuma ser casada!
— O que daes, vós, senhora
A quem vol-o traga aqui?
— Dou-vos os meus tres moinhos,
Que são d'oiro e *marafim*.
— Não quero os vossos moinhos,
Que me não são dados a mim,
Sou capitão da guerra armada,
Não resido nem páro aqui;
O que daes, vós, senhora,
A quem vol-o traga aqui?
— Dou-vos a minha *amêtade*,
Toda t'a dou a ti.
— Não quero a vossa *amêtade*,
Que me não é dada a mim;
Sou capitão de guerra armada,
Não resido por aqui.
— Dou vos as minhas tres filhas,
Todas te dou a ti.
— Eu não quero as vossas filhas,
Que me não são dadas a mim;
Sou capitão de guerra armada,
Não resido por aqui.
— Não tenho mais que vos dar,
Nem vós mais que me pedir.
— Tendes sim, minha senhora,
O vosso corpo gentil.
— Capitão que tal pede,
Que tal ouza pedir,
Precisa ser arrastado
A' roda do meu jardim!
Andem, andem, meus criados,
Venham prendel-o aqui!

— Alto, alto, meus criados,
Que vós criados *são* de mim ;
Que é do annel de sete pedras,
Que eu comtigo reparti
Lá na noite de Natal
Quando eu te recebi ?
'Presenta a tua metade,
Pois a minha eil-a aqui.

Elvas

A. THOMAZ PIRES.



RIMAS POPULARES

Os mandamentos do amor

(Conclusão)

O sexto eu não declaro,
Bem me podes entender...
Acaba já de ser minha
Para mais allivio ter!

*

O setimo é não furtar.
O furtar não é peccado...
Eu, em furtar uma rosa,
Fico mais alliviado.

*

Oitavo, é não levantar
Nenhum testemunho falso.
Eu a ti não t'os levanto,
Só te desejo em meus braços.

*

O nono é não desejar...
Uma só coisa eu desejo:
Desejo lograr os olhos
Que diante de mim vejo.

*

Decimo, é não cubiçar
Os olhos d'uma menina.
Quem é mestre tambem erra,
Quem erra tambem se ensina.

*

Amor, os dez mandamentos
Em dois os vou encerrar:
Na praia d'esse teu peito
Inda espero navegar.

(Da tradição oral, em Serpa.)

M. DIAS NUNES.

CONTOS ALEMTEJANOS

Animaes fugindo á morte

ERA uma vez um gallo; e como elle sabia que estava em quinta-feira de comadres, receava não chegar á quarta-feira de cinza. Porisso deixou os companheiros, sem lhes dizer nada, e metteu-se por um caminho, para ver se assim se livrava da faca. Perto do caminho que o gallo levava, havia um monte (casa de campo), e ao pé d'esse monte andava um rebanho de patos. Um dos patos perguntou ao gallo:

—«O' compadre gallo, então para onde vai você, sósinho?»

Respondeu-lhe o gallo:

—«Oh! oh! então você não sabe em que altura do anno a gente está?»

—«Espere,»—disse o pato—«deixe-me cá fazer bem as contas...»

Depois de ter pensado um pedaço, olhou para o gallo e disse-lhe:

—«Estâmos em quinta-feira de comadres!»

—«Exacto,»—respondeu o gallo—«e como eu tenho muita vontade de cantar na quaresma, vou-me safando, ainda assim algum diabo não se lembre de me cortar as güélas.»

—«E eu vou com você, compadre, porque agora, no entrudo, tambem costuma morrer muita gente da minha familia.»

O gallo, contente com a resolução do pato, disse-lhe:

—«Pois venha, compadre, que a união faz a força.»

E marcharam ambos.

No outro dia, pela manhã, passaram por outro monte, onde andava um rebanho de perus, e um destes perguntou-lhes:

—«O' compadre gallo e compadre pato, então para onde vão logo de amanhecida?»

Respondeu o gallo:

—«Não ha que ver, isto para aqui está tudo parvo. Então você tambem não sabe em que altura do anno a gente está?»

O peru lá fez as suas contas, e respondeu:

—«Estâmos em sexta-feira de comadres!»

—«Exactamente,»—disse o gallo—«e eu mais aqui o compadre pato, como queremos chegar á quaresma, vâmos fugindo com as güélas á faca.»

—«E eu tambem vou, ainda assim...»—respondeu o peru.

E lá continuaram os tres a sua jornada. Mais adiante, encontraram outro monte, e, no monturo, estava um cão, que lhes perguntou:

—«O' compadre gallo, compadre pato e compadre peru, então para onde vão perdidos?»

—«Nós não vâmos perdidos, compadre, nós o que vâmos é fugindo com as güélas á faca, porque depois d'amanhã é domingo gordo.»

—«E eu tambem vou com vocês»—disse o cão—«porque ainda agora roubei um pão, e o pateiro [1] disse que me havia de partir o lombo com um cacête.»

Os outros, é claro, ficaram muito contentes, porque já levavam na companhia um defensor muito mais valente.

Mais adiante, encontraram um rebanho de carneiros, e um dos que andava de ponta perguntou:

—«O' compadre gallo, compadre pato, compadre peru e compadre cão, o que andam vocês fazendo aqui por estes campos?»

Responde o gallo:

—«Olhe, eu, o compadre pato e o compadre peru, vâmos fugindo com as güélas á faca, e o compadre cão com o lombo a um cacête.»

—«Pois olhem,»—diz o carneiro—«como na segunda-feira ha um casamento e eu não quero lá ir, quer dizer que vou com vocês, ainda assim não me obriguem a ir á funcção.»

E, juntando-se o carneiro aos outros animaes, puzeram-se de novo a caminho.

No dia seguinte, viram num outro monte um gato deitado á soalheira. O gato, apenas viu o cão, ouriçou-se todo, mas o gallo acudiu logo dizendo:

—«O' compadre gato, não tenha medo que o compadre cão não lhe faz mal. Bem basta o trabalho em que elle e nós estamos mettidos! Olhe, eu, o compadre pato, o compadre peru e o compadre carneiro, vamos fugindo com as güélas á faca; e elle com o lombo a um cacête.»

—«Se eu soubesse»—diz o gato—«que o compadre cão não me fazia nada, tambem ia, porque hontem roubei a carne do jantar, e o pateiro disse que havia de dar-me um tiro.»

O cão, ouvindo isto, disse para o gato:

—O' compadre, visto isso, póde vir foito, que não lhe faço mal.»

O gato, ouvindo falar o cão com tanta franqueza, metteu-se tambem na companhia, e lá continuaram todos a sua jornada.

Mais adiante, encontraram no caminho um alforge, e o gallo disse:

—«Oh diabo! como havemos nós agora de levar este alforge?»

Responde o carneiro:

—«Como eu sou o que tem mais força, ponham-no lá ás minhas costas, que eu o levo.»

Mais adiante encontraram uma cabeça de lobo, e diz o cão:

—«O' compadre carneiro! deixe lá metter esta cabeça ahi numa enxáca, porque isto póde servir-nos de muito.»

Effectivamente, ao chegarem a uma altura, viram uma matilha de lobos no meio dum valle. O carneiro, assim que avistou os lobos, ficou com muito medo, mas o cão, que era valente e esperto, disse-lhe:

—«O' compadre! não tenha medo. Você quer ver como elles fogem por essas chapadas (ladeiras) acima?»

Tirou a cabeça do alforge, deu dois latidos e mostrou-a aos lobos. Estes logo que viram a cabeça dum

[1] *Pateiro* = caseiro de monte.

seu similhante, desataram a correr, e desappareceram immediatamente.

Nesse dia, poz-se o sol, estando elles perto dum monte (casa) de ladrões; e, como não viram ninguem por ali, diz o gato:

—«O' compadres, isto é d'inverno, e como eu não estou acostumado a dormir ao relento, o melhor é entrarmos n'este monte».

A proposta do gato foi approvada, e os animaes resolveram-se todos a entrar. Diz logo o gato:

—«Eu deito-me além na borralheira.» Diz o carneiro: «E eu fico aqui atraz da porta.» Diz o gallo: «E eu vou além para aquelle puleiro.»

– «Nesse caso,» — disse o cão — «eu mais o compadre pato e o compadre peru vâmos para aquella casa.»

Mal elles tinham acabado d'occupar os seus logares, sentiram chegar uma data d'homens á porta. E ouviram dizer a um delles: «Eu vou ver se ainda ha para ali alguma brasa.»

E, dizendo isto, dirigiu-se logo para a lareira. O gato, assim que o ladrão lhe chegou ao pé, deitou-se a elle e arranhou-lhe a cara toda.

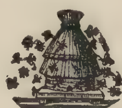
O ladrão, sentindo-se ferido, principiou a andar ás apalpadélas, a ver se encontrava alguma coisa com que podesse defender-se; mas como sentia nos olhos uns *algueiros* (argueiros), começou a esfregá-los. E o carneiro, vendo que elle não saía d'ali, deitou-se a elle ás *marrocadas* (marradas). O ladrão ainda conseguiu safar-se, mas depois de bem moido. Os outros ladrões, quando viram o companheiro todo ensanguentado, ficaram admirados, e o capitão perguntou-lhe:

—«Então o que foi isso?!»

—«Ih! Jesus! foi um ladrão dum cardador que me deu com as cardas na cara, deixando-me a escorrer sangue; e quando eu andava á busca dalguma coisa com que podesse defender-me, um diabo dum *alvanéo* (pedreiro) deitou-me uma colherada de cal para os olhos, que me ia cegando, e ainda não contentes com isto, salta de lá um malhador.... e já o diabo malhava bem! Se não encontro a porta tão depressa, matavam-me com certeza, porque estão lá uns poucos, e a um diabo dum hespanhol, só o que eu lhe entendia, era: grú grú grú... grú grú grú... Mas ainda assim, do que eu tinha mais medo, era d'outro diabo, que só o que dizia, era: tragam-m'o cá, tragam-m'o cá...»

(Da tradição oral — Brinches)

ANTONIO ALEXANDRINO.



CONTOS ALGARVIOS

O REI SABIO E CEGO

(Continuado de pag. 79 — Conclusão)

CHEGOU o filho, lavou a parte doente com a agua, e logo a mãe disse que estava boa. Ella nunca tinha estado com tal dôr!...

No dia seguinte, foi o mancebo para a caça. Logo sua mãi desceu o alçapão. O gigante combinou com ella fingir-se novamente enferma e dizer ao filho que o medico a aconselhou a untar-se com a banha de um porco espinho, muito bravo, que pasta n'um serro.

Logo que o mancebo chegou, viu a mãi doente, e ouviu o que o medico aconselhára, montou no seu cavallo e partiu a galope. Ao rinchar do cavallo, appareceu o velho, e mandou as tres filhas receber o mancebo, a mais nova para tratar do cavallo, a do meio preparar-lhe a comida, e a mais velha fazer-lhe a cama.

O menino foi estar com o velho e disse-lhe que ia em procura do porco espinho.

O velho aconselhou-o a que no dia seguinte pozesse um par de alforges ás costas e seguisse um certo cami-

nho até dar com uma casa, onde ao seu dono se offerecesse para guardar bois.

O rapaz isso fez. Offereceu-se ao dono da casa por criado dos bois, e foi recebido.

— A'manhã de manhã vai guardar os bois, mas não passes além de um sêsmo, pois que um porco espinho o guarda e é capaz de te matar e de comer os bois — ordenou-lhe o patrão.

No dia seguinte, saiu o mancebo com os bois e logo viu o sêsmo, bem como as pastagens abundantes, que estavam alem do mesmo sêsmo. Tocou nos bois e entrou dentro. Appareceu-lhe o porco espinho que luctou com o mancebo por muito tempo, ficando ambos muito cançados e feridos. Disse o porco:

— Ah pessoa humana, pessoa humana, se agarrasse aqui um refresco, eu te mataria pessoa humana!...

Respondeu o mancebo — por conselhos do velho:

— Ah porco espinho, porco espinho, se agora apanhasse um abraço, um beijo de uma donzella e um copo de vinho, eu te matava, porco espinho!...

E depois o rapaz saiu com os bois para casa do patrão. Nessa noite pediu elle á filhinha do patrão, menina de dez annos, uma tigela de vinagre. A pequena foi buscar o vinagre e foi espreitar o mancebo. Pelo buraco da fechadura viu que elle levava o corpo ensanguentado e notou que os bois estavam muito fartos. Foi contar o que vira ao pai, e este poz-se de atalaia.

No dia seguinte succedeu o mesmo que succedeu no dia antecedente, tendo o patrão avistado a lucta, escondido por detraz de uma arvore.

Ali chegaram as palavras do porco espinho e do criado. Nessa noite pediu o rapaz vinagre á filha do patrão. No dia seguinte, foi o mancebo com os bois para a pastagem. De longe caminhou o patrão e sua filhinha perfeitamente industriada. Logo que o porco e o rapaz entraram na lucta, terminando com as palavras do primeiro dia, a menina correu para elle, deu-lhe um abraço, um beijo e offereceu-lhe um copo de vinho. Então o rapaz matou o porco e arrancou-lhe as banhas.

— Adeus, patrão e minha menina, vou curar minha mãe; tomem posse dessas ricas pastagens e de todos estes terrenos.

E partiu para casa do velho. O cavallo sentiu os passos do dono e rinchou.

— Troquem as banhas por outras, e guardem as que elle traz — ordenou o velho ás filhas.

E assim fizeram.

No dia seguinte disse o velho:

— Quando te ferirem de morte, pede que dividam o teu cadaver em quatro partes e que as colloquem sobre o teu cavallo e o ponham a partir.

O gigante avistou o mancebo e disse para a princeza:

— Ahi vem, vou-me metter no alçapão, e tu finge-te doente.

— E' o diabo que o traz — respondeu ella.

Chegou o filho, untou os pontos em que a mãi disse sentir as dores, e ficou logo curada.

No dia seguinte, logo que o rapaz saiu para a caça, disse o gigante:

— Teu filho não morre ás unhas das feras, mas podes causar-lhe a morte. A sua força depende de um fio de cabello que lhe nasceu do umbigo e se enrosca muitas vezes á sua cintura. Não o deixes ir ámanhã á caça, amima-o, adormece-o no teu collo, e corta-lhe de um golpe o cabello. Eu estarei de espreita e o matarei.

A mãi seguiu á risca os conselhos do amante e o mancebo caiu no laço.

Quando o rapaz acordou ao golpe da thesoura, deu um grito e disse: — ai, minha mãe, que me matou!

A mãi deu uma gargalhada, o gigante appareceu e deu sobre o man-

cebo uma grande pancada que quasi o matou.

—Por Deus te peço que depois de me matares me dividas em quatro partes, colloques todos os meus membros sobre o meu cavallo e o deites a partir.

Por commiseração, o gigante fez o que o mancebo lhe pedira.

Logo que o cavallo se sentiu á solta tomou a direcção do palacio do velho cego, pois que era ali sempre bem tratado. Quando se approximou da casa, deu um rincho. O velho ouviu e disse:

—Vamos acudir ao *menino da lapa*.

O velho e suas filhas tiraram de cima do cavallo a golpelha onde vinha o cadaver do mancebo dividido em quatro partes.

—Vão buscar as duas garrafas de agua e as banhas do porco espínho —ordenou o velho ás filhas.

Appareceram as garrafas e as banhas, emquanto o velho tinha collocado todos os membros nos seus devidos logares. Em seguida lavou tudo com a agua das garrafas, untou as cicatrizes com as banhas e cobriu o cadaver com um lençol. Minutos depois estava o mancebo são e escorreito como d'antes era.

—Vou matar aquelle infame, gritou o rapaz erguendo-se da cama.

—Não, não vás. O gigante é muito forte. Eu sei qual é a sua força, pois me roubou as tres peras de ouro das minhas filhas e levou me os olhos que elle tem comsigo. Espera que te cresça novamente o cabello e vai exercitando as tuas forças em aquella mó, que está defronte da minha casa, e de que elle se servira em tempos nos seus brinquedos de forças.

O mancebo respeitou os conselhos do velho, e todos os dias ia brincar com a mó. Em um dia reconheceu que tinha recuperado todas as suas forças e pediu licença ao velho para ir luctar com o gigante.

—Vai, e, quando ferido de morte, te peço que o não mates, mas o tornes a metter no alçapão. Dize-lhe que o não matas sem te entregar as tres peras de ouro de minhas filhas. Elle te dirá que sim, e dar-teha tres peras parecidas, não as acceites, não são as mesmas. E o mesmo com respeito aos meus olhos. Depois de o matares, dá fogo ao palacio, de modo que não fique pedra sobre pedra, aproveitando-te sómente das riquezas, que elle roubou a toda a gente.

E assim succedeu, sem augmento de uma palavra.

O palacio foi queimado, e ali morreu a mãi, que para elle fôra uma fera.

Ficou o velho com os seus olhos e as filhas com as suas peras, legados de sua mãe. O menino casou com a filha mais nova do velho, porisso que o bom tratamento do seu cavallo, fizera que este voltasse a casa do velho, quando levou a golpelha com o seu cadaver.

Casaram e tiveram muitos filhos.

ATHAIDE D'OLIVEIRA.



ADIVINHAS

A escuridão

O que é aquillo que quanto maior é menos se vê?

A dobadoira

O que é aquillo que anda á róda e não dispõe?

O varejão

O que é aquillo que se aperta numa mão e não cabe num caixão?

ANTONIO ALEXANDRINO.



BULLETIN POUR L'ÉTRANGER

LA TRADITION

Revue mensuelle illustrée d'ethnographie portugaise

DIRECTEURS

Ladislau Piçarra et *Dias Nunes*

REDACTION ET ADMINISTRATION

À SERPA (PORTUGAL)

Sommaire du présent numéro de la Tradition

Texte: — Monsieur Sept (suite), par *Trindade Coelho* (Dr.);

La légende des armes d'Elvas (conclusion), par *Alfredo de Pratt;*

Chansons, refrains de l'Alemtejo: Adieu, Mariannette, adieu! par *M. Dias Nunes;*

La chasse dans le district de Serpa (suite), par *A. de Mello Breyner;*

Légendes et Romans: *D.* Leonarda, par *A. Thomaz Pires;*

Rimes populaires: les commandements de l'amour (conclusion), par *M. Dias Nunes.*

Histoires de l'Alemtejo: Animaux fuyant la mort, par *Antonio Alexandrino;*

Histoires de l'Algarve: Le roi savant et aveugle (conclusion), par *Athaíde dOliveira* (Dr.).

Illustrations: — Galerie de costumes populaires: Poissonnière.

Recueil de chansons: Adieu, Mariannete, adieu! (musique).

R.

BULLETIN FOR ABROAD

THE TRADITION

Monthly illustrated review of portuguese ethnography

DIRECTORS

Ladislau Piçarra and *Dias Nunes*

OFFICES

SERPA (PORTUGAL)

Summary of the present number of the Tradition

Text: — Mister Seven (continuation), by *Trindade Coelho* (Dr.);

The Elvas' legend of arms (conclusion), by *Alfredo de Pratt;*

Songs and refrains from the Alemtejo: Good-bye!, Mariannita, Good-bye!, by *M. Dias Nunes;*

The shooting in the Serpa district (continuation), by *A. de Mello Breyner;*

Legends and romances, by *A. Thomaz Pires;*

Popular rhymes: The commandements of love (conclusion), by *M. Dias Nunes;*

Tales from the Alemtejo:

Animals flying of death, by *Antonio Alexandrino;*

Tales from the Algarve: The wise and blind King (conclusion), by *Athaíde dOliveira* (Dr.).

Illustrations: — Gallery of popular costumes: Fish-woman.

Musical collection: Good-bye, Mariannita, Good-bye! (music).

R.

Natal, Anno-Bom e Reis, Danças populares do Baixo-Alemtejo, Modas-estribilhos alemtejanas, Na Quaresma, A festa da Guadalupe, A procissão do Corpo de Deus, O S. João em Serpa, As taboas de Moysés, Bibliographia, por **M. Dias Nunes.**

Vidigueira e as suas tradições, A serração da velha, O touro de S. Marcos, Penitencias nocturnas, por **Fazenda Junior.**

Bichos uterinos, Bruxas e feiticeiras, Bruxas e bruxedos, por **Filomatico.**

Rimas populares, pelo Doutor **João Varella.**

Jogos populares, O banho da alma, O carnaval, Therapeutica mystica, Medicina empirica, pelo Doutor **Ladislau Piçarra.**

Habitação, por **Lopes Piçarra.**

Estatinga-Estantiga?, por **D. Carolina Michaëlis de Vasconcellos** (Dr.ª)

A corrida da vacca das cordas em Ponte de Lima, por **Miguel de Lemos.**

Cancioneiro de musicas populares, Povos da Yberia, por **Paulo Osorio.**

Superstições dos criminosos, A festa de S. Marcos proximo de Serpa, por **Pedro A. d'Azevedo.**

Os virtuosos, por **Pedro Cóvas.**

A Tradição, por **Ramalho Ortigão.**

Botanica popular, por **D. Sophia da Silva** (Dr.ª)

O Doutor da mula ruça, pelo Doutor **Sousa Viterbo.**

Serração da velha, pelo Doutor **Theophilo Braga.**

Lendas & Romances, por **A. Thomaz Pires.**

Preço do volume brochado 1$200 réis

Á venda em: LISBOA: — "Galeria Monaco" — Rocio.
PORTO: — Livraria Moreira — Praça de D. Pedro, 42 e 44
COIMBRA: — Livraria França Amado

Anno II — N.º 8 Volume II

SERPA, Agosto de 1900

A TRADIÇÃO

Revista mensal d'ethnographia portugueza, illustrada

«A Tradição, de Serpa, pelo programma que se impoz e pela discreta diligencia com que procura desempenhar esse programma, representa, a meu vêr, o mais bello exemplo patriotico de educação publica exercida pela imprensa».

Ramalho Ortigão.

DIRECTORES:

Ladislau Piçarra
e M. Dias Nunes

Collaborador musical

F. VILLAS-BOAS

Collaborador artistico

M. BAPTISTA SALTA

CLICHÉS DE:

A. de Mello Breyner,
F. Monteiro, F. Villas-Boas,
J. Monteiro
e J. V. Pessoa

SUMMARIO:

TEXTO

ILLUSTRAÇÕES

PREÇO DA ASSIGNATURA

(Pagamento adeantado)

Em Portugal (continente), série de 12 numeros

1$200 réis

Para o ultramar e estrangeiro accresce o porte do correio

Numero avulso

100 réis

Toda a correspondencia deve ser dirigida á redacção e administração de

"A TRADIÇÃO"

SERPA (Portugal)

Venda avulso d'esta revista:

LISBOA, Galeria Monaco, Rocio.

PORTO, Livraria Moreira, Praça de D. Pedro, 42 e 44.

COIMBRA, Livraria França Amado.

A TRADIÇÃO

PRIMEIRO ANNO

1899

(2.ª EDIÇÃO)

Um esplendido volume de mais de duzentas paginas, in-4.º, impresso em excellente papel e profusamente adornado de bellas gravuras de typos populares e canções musicaes.

INDICE DAS MATERIAS:

Anno II — N.º 8 SERPA, Agosto de 1900 Volume II

Editor-administrador, *José Jeronymo da Costa Bravo de Negreiros*, Rua Larga, 2 e 4 — SERPA
Typ. de *Adolpho de Mendonça*, Rua do Corpo Santo, 46 e 48 — LISBOA

A TRADIÇÃO

Revista mensal d'Ethnographia Portugueza, Illustrada

Directores: — LADISLAU PIÇARRA e M. DIAS NUNES

NOTAS HISTORICAS ÁCERCA DE SERPA

V

Serpa no khalifado de Cordova e no reino de Sevilha

Clarissimo está, que não podemos ter a ideia de recordar a historia da Hespanha mussulmana a proposito da pequenissima Serpa. No emtanto, a primeira conquista de Serpa pelos portuguezes, a que já nos referimos, a segunda a que nos referiremos ao deante, e em geral a marcha das armas portuguezas no Alemtejo, de um e outro lado do Guadiana, mal se podem comprehender não tendo em vista os acontecimentos capitaes d'aquella historia. Indicaremos, pois, alguns muito brevemente; e só na parte que interessa esta nossa região de um modo mais ou menos directo.

A partir da conquista pelos arabes até ao meiado do VIII seculo, a Hespanha ficou sendo uma dependencia do enorme Khalifado do Oriente, governada por amires, nomeados e mandados pelo khalifa. N'este curto periodo de pouco mais de quarenta annos, os laços de disciplina afroixaram, porém, de tal modo, que nem já os amires obedeciam ao khalifa, nem os alcaides e governadores das provincias obedeciam ao amir. O estado de anarchia tornou-se intoleravel, e alguns senhores moiros, dos mais poderosos e influentes, reuniram-se secretamente em Cordova para se concertarem sobre o modo de lhe pôr termo. Diz-se, que entravam n'esta conjuração os principaes chefes da gente vinda da Syria, alguns de Damasco, outros de Eméssa, quer dizer, os que occupavam terras de Granada, e tambem — como já vimos — terras de Sevilha, Niebla e parte do Charf em que ficava Serpa. Combinaram declarar a Hespanha independente do khalifado do Oriente, e procurar para chefe um homem, que reunisse aos dotes pessoaes a auctoridade do nome e da raça.[1]

Andava então refugiado entre as tribus berbéres da Africa, um rapaz chamado Abd-ar-Rhaman, da familia de Omeya, a que pertenciam os anteriores khalifas, ultimamente desthronados. Mandaram-lhe emissarios, Abd-ar-Rhaman acceitou as propos-

[1] Mesmo n'estes acontecimentos mais importantes não é possivel ter a certeza de ser exacto; mas pode talvez dar-se uma impressão geral, que se aproxime da verdade. Sobre a impossibilidade de escrever hoje qualquer coisa definitiva a proposito dos mussulmanos da Hespanha, veja-se a Introducção do illustre cathedratico, o sr. Francisco Codera, ao seu livro recente; *Dec. y desap. de los Almoravides en España*, Zaragoza, 1899.

tas, passou o Estreito com alguns corpos de cavalleiros berbéres, uniram-se-lhe na Hespanha os seus partidarios, e ao cabo de poucos annos de lucta estava senhor de todo o paiz, assentando a sua capital em Cordova.

Fundou-se assim o reino ou amirado — depois khalifado — de Cordova. Este periodo da Hespanha mussulmana, independente e unida, durou perto de trez seculos, desde proximamente o anno de 760 até proximamente o de 1030. O ponto culminante do governo dos Omeyades no throno de Cordova foi, como é sabido, o longo e glorioso reinado de Abd ar-Rhaman III. Foi este principe, quem primeiro na Peninsula tomou os titulos de khalifa e de Amir-al-Mumenim ou *chefe dos crentes*, nome que os nossos velhos escriptores portuguezes mencionam varias vezes na fórma Miramamolim ou Miramolim. O brilho da côrte de Cordova nos reinados de Abd-ar-Rhaman e de seu filho Al-Hakem, o modo porque ali e em todo o paiz foram cultivadas artes, lettras e sciencias, são coisas tão geralmente conhecidas, que chega a ser impertinente mesmo só o recordal-as.

Sem que as guerras civis cessassem, porque nunca cessaram, sem que deixassem de se dar revoltas em varias cidades e frequentissimas sublevações em varias provincias, o periodo do governo de Cordova foi de relativo socego. Nas incertas e variaveis fronteiras dos estados christãos com o mussulmano a guerra continuava; mas no interior das terras dos moiros havia o que — comparado com outras epocas—se podia quasi chamar paz e ordem. A Andalusia e o Al-Gharb obedeceram mais ou menos fielmente ao governo central de Cordova, e Serpa seguiu a sorte da região a que pertencia.

Pela morte do khalifa Al-Hakem, succedeu-lhe o filho, que era uma creança, e alem d'isso de fraca intelligencia e vontade, ficando todo o poder real nas mãos do hajib ou primeiro ministro, celebre na historia pela sua alcunha de Al-Mansur. Parece ter sido um homem falso, perverso e cruel; mas dotado de grandes qualidades de governo e de um brilhantissimo valor militar. Nunca os reinos christãos da Peninsula tiveram, nem mais habil, nem mais activo inimigo. Em expedições repetidas e sempre victoriosas reduziu-os ao ultimo apuro. Muitas terras do norte, que depois da primeira conquista haviam sido pouco a pouco recuperadas pelos christãos, caíram de novo nas mãos dos moiros, e foram cruelmente arrazadas. Para citarmos apenas um exemplo, Coimbra foi tomada pelo hajib, e ficou de tal modo destruida, que permaneceu deserta durante sete annos. O escriptor, que mencionou o facto na Chronica dos Godos, ainda o ouvira contar aos velhos que d'isso se lembravam: *sicut á multis senibus audivimus*.

A final Al-Mansur morreu, de doença dizem os escriptores arabes, das feridas recebidas na batalha de Calatañazor dizem os christãos. O odio, que elle inspirava a estes, revela-se de uma maneira engraçada na phrase de um velho *Chronicon* da cathedral de Burgos, onde se dá conta da sua morte: *Era MXL, mortuus est Almanzor, et sepultus est in inferno.* Fosse ou não fosse sepultado no inferno, como diz o frade, o certo é que a sua morte foi o signal da decadencia do khalifado de Cordova. Agonisou ainda vinte ou trinta annos em sangrentas peripecias; e a final terminou, deixando a Hespanha dos moiros em um cahos politico difficil de conceber. Todos os governadores das provincias, das grandes e mesmo das pequenas cidades, se declararam independentes e soberanos. Muitos tomaram o titulo de reis. Ninguem obedecia a ninguem. Pouco a pouco este cahos organisou-se ligeiramente -- se é permttida a expressão— e formaram se com os fragmentos do khalifado de Cordova varios reinos, dos quaes

GALERIA DE TYPOS POPULARES



Caçador rustico (de Serpa)

dois nos interessam mais particularmente, como logo veremos.

A este periodo da Hespanha dividida chamam alguns escriptores o periodo do governo das Taifas [1]; e a esta divisão, que enfraqueceu os moiros, correspondeu naturalmente um glorioso impulso das armas christãs. O grande rei Fernando I, que governava por estes tempos Leão (1036 a 1065), alargou então muito os seus estados, tomando aos moiros, entre outras, as povoações de Vizeu, Lamego e Coimbra. E' quasi inutil observar, que estas nossas terras de Serpa ficavam muito longe e muito a coberto d'aquellas invasões dos christãos, e se conservaram quietamente na posse dos moiros.

Quietamente, é claro, quanto a ameaças dos leonezes; mas nada quietamente quanto a luctas dos moiros uns com outros. Ao terminar o khalifado, governava Sevilha em nome do khalifa de Cordova um certo Mohammed-ibn-Ismail-ibn-Abbad, homem habil, rico, e muito nobre, pois descendia — diziam — das primeiras familias, vindas de Eméssa na Syria. Declarou-se independente; e succedeu-lhe o filho e depois o neto, usando ambos o mesmo nome de Ibn-Abbad, e o titulo de reis de Sevilha.

Estes Beni-Abbad souberam constituir um dos mais fortes e mais vastos reinos da Hespanha dividida. Governavam naturalmente em Sevilha, que era a sua capital, e governavam para o lado de lá em Carmona e em Cordova. Para este nosso lado tinham Niebla, Huelba com todos os seus campos até ao Guadiana; e diz-se, que tambem lhes pertencia Beja, e parte do Algarve até Silves [2]. Acceitando estas noticias, torna-se bem evidente, que Serpa, situada entre Niebla e Beja, devia igualmente fazer parte do reino de Sevilha durante a dynastia dos Beni-Abbad. Não é, porém, absolutamente seguro, que lhe pertencesse sem alguma interrupção.

Ao norte de Serpa havia-se formado outro reino, tambem poderoso. No momento da desmembração do khalifado de Cordova, o governador de Badajoz, um africano de Mequinez, chamado Abd-Allah-ibn-al-Aftas, havia-se declarado independente e rei. E este reino de Badajoz, sujeito aos Beni-l-Aftas, abrangia quasi todo o Al-Caçr, quer dizer, uma grande parte do que é hoje a Extremadura hespanhola, e uma parte do nosso Alemtejo, por Evora, Elvas e Alcacer até ao Tejo. Como estes pequenos reis das Taifas andavam quasi constantemente em guerra uns com os outros, e as suas fronteiras variavam segundo a sorte das armas, é perfeitamente possivel, que Serpa pertencesse por algum tempo ao reino de Badajoz, comquanto seja mais provavel que durante todo aquelle periodo, ou pelo menos a maior parte d'elle, obedecesse a Sevilha.

No entretanto, o progresso das armas christans continuava. Fernando I tinha morrido; e seu filho Affonso, depois das contendas com os irmãos, bem conhecidas e que não vem ao nosso caso, havia succedido nos estados de seu pae, de Galliza, Leão e Castella, tomando mesmo o titulo de imperador. O poderoso Affonso VI, avô do nosso D. Affonso Henriques, alargou muito as conquistas christans, e entre estas avultou a da cidade de Toledo, tomada ao principe mussulmano, Yahia-ibn-Din-Nun. Toledo tinha, alem da sua importancia

[1] Da palavra arabe *taha*, que significa districto, região.

[2] O escriptôr arabe Al-Maccari diz, que Beja pertenceu ao reino de Sevilha em tempo dos Beni-Abbad; veja-se a versão de Gayangos (l. c., I, 60) — Conde diz, que tinham Oxanoba (sic) e Xilbe no Algarve (Parte III, cap. 5.º). E estas noticias de Conde, sempre duvidosas, parecem confirmar-se pelas relações de Niebla com o nosso Algarve, que se conservaram até muito depois.

real, a aureola de que a rodeava o facto de ter sido a capital da antiga monarchia visigothica. Quando os christãos a viram de novo capital dos seus estados, julgaram lavada a affronta, recebida seculos antes no tempo do rei Rodrigo. Alguns chronistas, ao fallarem de Affonso, accrescentam simplesmente «o que tomou Toledo», como se este só facto resumisse em si toda a sua historia.

Pelo seu lado, os reis moiros sentiram dolorosamente aquella perda[1]; assustaram-se com os rapidos progressos de Affonso VI; comprehenderam, que desunidos e sem auxilio estranho lhe não podiam resistir, e assim a causa do Islam na Peninsula se perdia sem remissão.

Tomou a iniciativa de os congregar o rei de Sevilha, que então era Mohammed-al-Mutamed-ibn-Abbad. Este rei de Sevilha havia sido durante annos um intimo amigo e um fiel alliado de Affonso VI — mais mesmo que alliado politico, pois lhe dera a sua filha Zaida, a qual o imperador christão, apezar de já casado com D. Constança de Borgonha, tomou por mulher ou quasi por mulher, *quasi pro uxore* como diz Lucas de Tuy[2]. Mas agora, o interesse e as affinidades de religião poderam mais que os vinculos de familia e elle collocou-se á frente dos pequenos reinos mussulmanos. A seu convite, reuniram-se os enviados d'aquelles reinos em Sevilha, os de Badajoz, os de Granada, os de Almeria e outros; e assentaram que, mesmo unidos, mal poderiam resistir ás forças christans, e lhes convinha pedir para Africa o auxilio do chefe dos Almoravides. O rei de Badajoz escreveu-lhe; e o rei de Sevilha passou o Estreito para se ir entender pessoalmente com elle.[1]

O enorme poder, que então tinham na Africa do norte os Almoravides, era de data muito recente. A tribu obscura de Lamtuna, do mais puro sangue berbére, d'aquellas que usavam o *litham*,[2] levava uma vida puramente nomada nos confins do Sahará e nos proprios oasis d'aquelle deserto. Sob a influencia de um reformador religioso, chamado Ibn-Yacin, formou se entre os lamtunitas, meio selvagens e convertidos pouco antes ao islamismo, uma associação de ascetas ou eremitas, a que o chefe denominou Al-morabetin,[3] nome corrompido depois em Almoravides.

O seu numero augmentou; tomaram as armas, porque os mussulmanos só assim comprehendem o proselytismo; e em um periodo estraordinariamente curto — trinta ou quarenta annos — estavam senhores de toda a Africa septemtrional, constituindo um forte imperio sob o mando de Iucef-ibn-Tachefin.

A este Iucef foram pedir auxilio os reis da Hespanha; e elle — limitando-nos a mencionar apenas os acontecimentos capitaes — passou o Estreito com um grande exercito de

---

[1] Um escriptor arabe do tempo chama a Toledo: «a perola collocada no meio do colar», a «torre mais alta do imperio na Peninsula.»

[2] Mulher ou quasi mulher, o certo é que a bella Zaida foi a mãe do infante D. Sancho, unico filho varão do imperador e considerado por elle seu herdeiro. Se o filho da moira Zaida não tivesse morrido em vida de seu pae na batalha de Uclés, teria succedido nas coroas de Castella e de Leão; e Portugal não se teria provavelmente constituido.

---

[1] Sem affirmar a exactidão de todas as circumstancias, as coisas devem-se ter passado pouco mais ou menos assim. Além de Conde, Part., III, cap. 9 e seguintes, pode ver-se o *Cartás*, na versão portugueza, de p. 157 em deante; Ibn-Khaldum, versão de Slane, II, p. 97 e seguintes; e Dozy no ensaio sobre a historia dos Beni-Çomadih de Almeria.

[2] O *litham* é um veu escuro, que cobre toda a parte inferior da cara. Adoptado sem duvida pelas tribus do deserto como defeza contra a reverberaçãs do sol nas areias, passou a ser um distinctivo de raça. Os tuareg ainda hoje o usam.

[3] Significava propriamente eremitas religiosos, veja-se Ibn-Khaldun, I. 83.

africanos, e veiu unir-se ás tropas andaluzas de Ibn-Abbad, Ibn-al-Aftas e outros. Reunidas as forças mussulmanas, encontraram-se com o exercito christão de Affonso VI nas proximidades de Badajoz, nos campos, que os moiros chamaram de Zallaca, e os christãos de Sacralias.

Ali se travou no dia 23 de outubro de 1086, uma das mais memoraveis batalhas, que se deram na Peninsula entre os soldados da Cruz e os do Crescente. Affonso VI foi derrotado, e a causa do Islam, antes quasi agonisante, ficou segura por mais alguns seculos.

Tal foi a occasião e o motivo da primeira entrada dos Almoravides em terras d'Hespanha. Como se fixaram n'estas nossas terras, e que resultados teve a sua vinda para os reinos christãos por um lado, para os pequenos reinos mussulmanos por outro, é o que examinaremos em outra nota. O que nos convem apontar desde já, é a coincidencia da sua entrada com as primeiras, incertas e vagas origens de Portugal. Estabeleceram-se na Peninsula nos fins do seculo XI e principios do XII, quando morria o velho Affonso VI, e os seus estados ficavam entregues a uma mulher, D. Urraca, enfraquecida ainda mais pelas contendas com o seu segundo marido, Affonso o Batalhador; e quando o conde D. Henrique procurava formar um reino independente com a herança pouco clara e pouco definida de sua mulher, D. Thereza.

CONDE DE FICALHO.



O SENHOR SETE

(Continuado de pag. 102)

— *Fazer o sete.*

Não sabem o que isto quer dizer! Pois quer dizer *namorar*. Mas namorar — *piscando o ôlho*. E agora já percebem aquella quadra:

A hortelã já nasceu,
A salsa está p'ra nascer,
N'estes setes que te eu faço
Bem me podes entender.

Ora isto vem de certos jogos, como a bisca, o chincalhão, etc, em que é costume os parceiros fazerem as cartas por signaes... Assim, uma piscadela do ôlho esquerdo, é signal de *sete d'oiros*. D'ahi, bulhas entre os jogadores:

— Piscou-lhe o ôlho, não vale!

— Fez-lhe d'além o sete d'oiros, não vale! Eu assim largo as cartas!

Etc.

D'ahi, quando um rapaz e uma rapariga se namoram, o dizer-se que fazem o sete, — porque em geral piscam o ôlho, que é, de toda a forma de correspondencia, a mais discreta, embora não deixe de ser tambem um pouco bregeira...

Lá diz a quadra:

Por cima se ceifa o trigo
Por baixo fica o restolho,
Quem namora sempre alcança
Uma piscadella d'ôlho.

Ao que a outra retruca:

Por cima se ceifa o pão,
Por baixo fica o restolho,
Raparigas não se fintam[1]
Em rapaz que empisca o ôlho.

Aviso aos rapazes... De resto não ha nada como pregar um par de olhos, bem immoveis, em cima de uma mulher, — e se fôr nos d'ella, melhor! Parece que é mesmo assim que o sapo namora a doninha...

E coitadinha, não lhe resiste!

*

— *Sete horas dorme o viajante.*

E é o que dorme mais, — depois do porco e... do morto!

---

[1] *Fintar*, — acreditar, dar credito, confiar. — «Bem me finto eu!» é como quem diz: — «Eu creio lá n'isso?!» Muito vulgar nos meus sitios.

Quatro horas dorme o Santo,
Cinco o que não é tanto,
Seis o estudante,
Sete o viajante,
Oito o porco,
Nove o que já é morto.

O que não diverge, afinal, d'aquelle preceito da escola de Salorno, que não concedia a ninguem oito horas de somno:

Sex horas dormire, sat est juvenique senique:
Vix septem aigris, nulli concedimus octo.

E como não é mau, ás vezes, prender a estas coisas certas curiosidades que se ligam com ellas, principal mente quando são uteis como lição, ahi vão estes versos de Panard, poeta francez que se parece muito, litterariamente, com La Fontaine:

Muito dormir enfraquece,
Muito barulho entontece,
Muito socego... indolencia,
Muito mexer... turbulencia,
Muito amor produz loucura,
Muita droga não nos cura,
Muita gracinha é sediça,
Muito rigor, crueldade,
Muito ousar, temeridade,
Muito poupar é cubiça,
Muito ter causa-nos peso,
Muita honra, é viver preso,
Muito prazer é mortal,
Muito espirito faz mal,
Muito crêr, traz desengano,
Muito falar faz-nos damno,
Muita bondade é fraqueza,
Muito brio é altiveza,
Muita humildade degrada,
Muita etiqueta é maçada!

*

— A raposa tem sete manhas, e a mulher tem manha de sete raposas.

Sete vezes sete são quarenta e nove. Pelas contas do Senhor Sete vem assim a mulher a ter quarenta e nove manhas, — o que, vamos lá, é já uma conta bem bonita...

De resto, comparado com o que teem dito da mulher tantos escriptores, e até santos e doutores da Egreja, aquillo do Senhor Sete não passa de uma brincadeira...

— A justiça tem sete mangas, e em cada manga sete manhas.

Não contesto, e o Senhor Sete que o diz é porque o sabe. Foi elle, provavelmente, quem ensinou ao povo aquelle provebio — «Boa demanda, má demanda, o escrivão da tua banda»; — e sabe de cór, com certesa, aquella phrase de Camillo n'uma das *Novellas do Minho*: — «Deve-se sempre pedir aos juizes, não vão elles pensar que se tem mais confiança na justiça do que n'elles...»

*

— Mula de padre, guarda um coice sete annos.

Diz que sim. Quem lh'as fizer, pagalh'as. Mas eu creio que o dictado quer antes affectar a propria pessoa d'alguns clerigos, e as senhoras suas amas, do que propriamente aquelles quadrupedes, que não teem, aliás, nada de sympathicos, salvante o serem valentes, e seguros. [1] Mas como

[1] Nos meus sitios, a mula como meio de locomoção é quasi exclusiva dos judeus. Por isso já dizia nas côrtes, *in illo tempore*, um deputado trasmontano — que de 10 em 10 annos se devia confiscar toda a fortuna dos judeus, e deixar só, a cada um, uma mula e 10 moedas. D'ahi a 10 annos voltavam outra vez a estar ricos, e ia-se-lhes para cima com novo confisco. Era um plano para matar o *deficit!* Esta antipathia pelo judeu está ainda hoje muito viva em Tras-os-Montes. Nos meus sitios, ha povoações quasi exclusivamente de judeus; e mais ou menos, ha judeus em todas as terras, e todos se governam... Referindo-se a um, dizia o José Lorna, personagem d'um conto meu:

— «Veio para ahi a pão pedir, e agora não fia a um pobre cinco réis! Lá fez já a sua casa nova, lá vae apanhando á roda aquillo que pode — hoje augmenta um palmo a uma parede, ámanhã augmenta outro, e não ha uma junta de parochia, uma camara, um diabo, que ponha côbro á ladroeira!

— «São todos assim! confirmou o Antonio. D'aqui a pouco tiram-nos os olhos; depois levam nos a camisa, e como vão medrando como os tortulhos, não ha-de tardar que se não vejam ahi senão judeus!»

Esta é a voz do povo, que d'esta vez bem pode ser a voz... do diabo! Não sei.

não deixam tambem de ser manhosas, as mulas, (mas isso tanto as dos padres como as dos leigos), pagam as favas as mulas dos padres... — que bem podem ser, repito, as suas *amas*...

Ama, é como se chama para os meus sitios á creada do padre; mas *creada*, como se usa no Minho, creio que é um euphemismo muito mal empregado... Elles e ellas lá se entendem. Fechada á noite a porta da residencia, vão lá saber.

Lembra-me agora a conta do outro, que em vez de uma creada de 50 annos, como o bispo lhe prescrevera, arranjou duas de 25:

— «Então, meu senhor?! 25 com 25 são 50...»

Para os meus sitios, a ama do padre anda em geral acavallo n'uma egua, e tem nas feiras e nos mercados, pelo modo por que anda arreiada — ella o bom fato de panno, ella o bom oiro, ella o seu lenço de seda, ella umas côres que nem uma romã, ella a sua *algibeira* sempre quente! — um typo que se não confunde!

Mas porque são manhosas e reservadas (e as mais d'ellas, no Minho, insidiosas) não deixa de ter sua razão o Senhor Sete, vamos lá...

Sublinhei ali acima a palavra algibeira muito de proposito. E' que na minha terra, a *algibeira* é só das mulheres; e é uma bolsinha chata, de pôr e tirar, atada com uma fita á roda da cinta, e que fica, immediatamente, por baixo do vestido de fóra, á direita. Umas vezes, o vestido tem uma abertura lateral, e a mão, enfiada por ali, vae logo ter á *algibeira*. Outras vezes, se o vestido (a saia) fecha atraz, é preciso levantál-o para ir á algibeira.

Muitas o fazem nas feiras, mesmo que o vestido tenha abertura, para mostrar por baixo a côr da barra e a do *saiote*, — e ás vezes, por garridice, a das meias...

(Continúa.)

TRINDADE COELHO.

MODAS-ESTRIBILHOS ALEMTEJANAS

AS COBRINHAS D'AGUA

As cobrinhas d'agua
São minhas comadres,
Quando lá passares
Dá-lhes saúdades.

Dá-lhes saúdades,
Saúdades minhas,
Quando lá passares
Ao pé das cobrinhas.

M. DIAS NUNES.



Os proverbios e a medicina

(Os mortos saiem dos vivos e os vivos saiem dos mortos. As culpas dos pais recaeem nos filhos. Diz-me com quem lidas, dir-te-hei as manhas que tens. Deus que o assignalou, algum defeito lhe notou.)

Os *mortos saiem dos vivos e os vivos saiem dos mortos*. Que de noções scientificas este proverbio encerra!

O que é a vida, senão uma eterna morte? Já Claude Bérnard fôra levado, pelos seus estudos physiologicos, a estabelecer esta verdade, á primeira vista tão extranha, tão paradoxal, verdade que elle condensou n'uma simples phrase: a morte é a vida...

O funccionamento physiologico do nosso organismo assenta sobre phenomenos successivos de assimilação e de desassimilação. A vida geral, a vida de *consensus*, é uma serie de mortes, de destruições parciaes. E, finda a consciencia da vida geral, continúa a vida parcial, toda uma escala de actos chimicos, transformando a

CANCIONEIRO MUSICAL[1]

VIII

As cobrinhas d'agua

All.o

As cobrinhas d'a - - gua São mi nhas co-

ma - dres —, Quando lá pas - sa - res dá - lhes sa - - ú -

da - — - des. Dá - lhes sa - ú - da - - - des, -

- Sa ú - da - des mi - nhas, — Quando lá pas -

sa — res Ao pé das co - bri - - nhas.

(CHOREOGRAPHICA)

[1] A canção musical publicada no ultimo numero *Adeus, Mariannita, adeus !*, não é choreographica, como por equivoco sahiu, mas sim descante.

materia. E' o dogma da hodierna chimica, firmado por Lavoisier: a materia não se cria nem se perde.

Mas a parte mais curiosa do proverbio diz respeito á heredetariedade. Comte escreveu: «os mortos, de cada vez imperam mais sobre os vivos.» Herdam-se os males, como se herdam os bens. E' uma lei biologica assente. Por um lado, a hereditariedade physiologica, imprimindo á humana especie todos os seus progressos intellectuaes; ao revez, a hereditariedade pathologica legando a essa mesma especie taras deprimentes e predisposições perigosas, rebaixando-a, degenerando-a progressivamente, destruindo-a, annullando-a.

Em outro proverbio portuguez resalta a mesma verdade, pelo que respeita ás heranças morbidas. E' n'este: *as culpas dos pais recaem nos filhos.* Os vicios, os desmandos, a crápula dos pais, convertendo-os em menos resistentes, reflectem-se nos filhos, predispondo os.

Ah! Que se fossem só as culpas dos pais... O peior é que o atavismo intervem igualmente. *A organisação e as particularidades physicas e intellectuaes pódem transmittir-se da primeira á terceira geração, sem que a segunda, que lhes é intermediaria, apresente os estigmas da primeira* (Krafft-Ebing).

Hêrdar dos ascendentes a mesma doença, trazel-a logo á nascença, é caso mais raro, mas algumas vezes se vê, como na loucura e na syphilis congenitas. O que se lega, na mór parte dos casos, é a predisposição, *o terreno*, aonde *a semente* germinará á vontade, caso a actuem *boas* causas adjuvantes. E, ainda n'esta hypothese, pouco frequente é que a doença seja a mesma dos ascendentes. Ha até uma grande modalidade dos typos clinicos, o que em linguagem medica se chama o *polymorphismo.*

Os vivos saiem, portanto, dos mortos, quer herdando-lhes os progressos ontogeneticos, fracções dos progressos phylogeneticos, quer herdando-lhes taras e predisposições doentias.

Vejam como a lei se confirma para trez doenças bem conhecidas no nosso Portugal, para não nos alongarmos, como o caso requeria. São ellas a tuberculose, a syphilis e o alcoolismo.

A tuberculose! Assumpto palpitante da hora actual, para nós preoccupação de uma rainha e de um povo. N'esta, a herança revela-se por uma de duas formas: ou pela *semente* ou pelo *terreno.* Esta ultima maneira de encarar a hereditariedade, pelo que toca á *bacillose*, é a mais acceita pelos medicos, quer nacionaes, quer extrangeiros.

«On ne nait pas tuberculeux, mais *tuberculisable*», escreveu o elegante e profundo Peter.

«Ce que les parents transmettent á leurs enfants, c'est la tuberculose en expectative et non en nature», disse o meticuloso e airosamente conciso Bouchard.

«On ne devient tuberculeux, que parce qu'on est dejà malade», affirmou, por seu turno, o abalisadissimo Potain.

Sem duvida. Mas a sciencia possue provas irrecusaveis de tuberculose congenita. Haja vista o que apuraram Landouzy e Martin, recordem-se as affirmações de Aviragnet e de Saticovici.

Póde-se surprehender a tuberculose em fetos de diversas idades e a inoculação do sangue de um feto, gerado por mãi phtisica, inoculação feita em cobayas, reproduziu a doença. Sem embargo, a predisposição, é a transmissão hereditaria mais frequente para a tuberculose.

Que negregada herança a da syphilis! Póde a doença ser congenita ou de tardio apparecimento. Intra-uterina, porque hoje se desconfia grandemente só da paterna influencia, do sexto ao setimo mez, dá-se o abôrto. Mas se a criança logra nascer com vida, de duas, uma: ou vem já ao mundo meia pôdre, lazarenta,

encarquilhada, a pelle de côr amarello-terrosa, cheia de papulas ou de placas, outros tantos sêllos de sua proxima morte; ou então, apóz as apparencias de uma boa saude, a syphilis tardia rebenta: mal formações osseas e dentarias, *cophose*, *Keratite diffusa*, epilepsia, cretinismo, etc.

A chamada triade heredo-syphilitica de Kutshinson, é então a lugubre tripeça aonde a morte se assenta, aguardando o pequenino cadaver...

O quadro não é menos adensado em côres para o alcoolismo, pelo que elle deixa em herança. E' de Morel o seguinte itinerario do triste legado:

1.ª geração. — Depravação moral; excessos alcoolicos.

2.ª geração. — Ebriedade; accessos maniacos; paralysia geral.

3.ª geração. — Hypochondria; melancolia; *toedium vitae;* impulsões homicidas.

4.ª geração. — Imbecilidade, idiotia, extincção de familia.

E' de confranger, na verdade. E assim continuará a ser, emquanto os homens persistirem em vêr no vinho, o vasto oceano aonde se quebra e atabafa a dôr humana.

*
* *

Dize-me com quem lidas, dir-te-hei as manhas que tens:

Vejam como o povo conhece bem as leis geraes que regem os factos pathologicos. Acabamos de reconhecer essa verdade para um proverbio, já agora topámos outro a confirmal-a.

Dize me com quem lidas dir-te-hei as manhas que tens...

Entre as causas psychicas que regem os desvios da vida nervosa, ha que ter em boa conta a influencia do convivio e da amizade. O que se aprende pelo convivio, o que se perde da feição propria!

Pois não é frequente ouvir dizer de alguem que deixou de seguir a linha recta do dever: foram as más companhias que o perderam? E ha mais verdade no conceito, do que poderá parecer.

Ponham uma criança em convivencia assidua com adultos, por exemplo. Essa convivencia, insinuará á criança desejos e paixões, com os quaes não póde arcar a sua tenra edade.

Por isso não ha psychiatra algum que deixe de não ter em conta essa influencia e, entre elles, citarei mais uma vez Krafft-Ebing, não por exclusivismo mas por ser elle, para mim o mais sensato, o mais profundo e *o menos litterato* de todos os psychiatras de hoje em dia.

Os prazeres sexuaes e os excessos antecipados, tantas vezes inveterados nas crianças só pelo facto da convivencia com gente adulta, fatigam-nas cedo, perturbando-lhes desgraçadamente o seu desenvolvimento physico e intellectual, d'ellas. Que de *manhas*, se alcançam por esta fórma!

Manhas e até doenças póde dal-as o contagio e a imitação. Quem desconhece, na hora actual, casos flagrantes de hysteria e de hypochondria, provenientes do convivio com portadores de similhares estados morbidos?

Ahi estão, para attestar, as epidemias das urselinas de Loudun, em 1634 e a de Saint-Médard, em 1727.

Não foi salientado, entre nós, um caso de contagio nervoso referente a Anthero do Quental, uma *neurasthenia a* dois? [1]

E' claro que, para que a convivencia possa ter maléfica influencia necessario é haver nos individuos que convivem com os desequilibrados, nma sufficiente predisposição morbida, ou herdada, ou adquirida. Quantos, assim, tratando os loucos, como seus enfe meiros, quer por dever de officio, quer em nome de laços de parentesco ou de amisade, se teem engolphado nas trevas da loucura.

---

[1] Sousa Martins: *Nosographia d'Anthero do Quental*, inserta na publicação «*In memoriam*».

Vezes ha, porém, em que os desmandos mentaes não são o producto, mas a propria causa da convivencia. «Os degenerados procuram-se», disse não sei quem. Estão n'este caso os bandos de assassinos e de ladrões, as seitas anarchistas (degenerados anti-sociaes) e ainda, posto que em grao muito menos deleterio, certas escolas litterarias, proclamando dogmas extranhos, cujo unico fim é abalar o mundo... com a clava da imbecilidade.

* * *

Deus que o assignalou algum defeito lhe notou.

Mais uma preciosa observação popular. Chega a gente a pasmar d'esta admiravel intuição da alma do povo, até mesmo para as questões mais delicadas e transcendentes da philosophia medica.

«*Mens sana in corpore sano*», diziam os latinos. D'onde colligir que, em corpo defeituoso ou enfermo, espirito tambem defeituoso ou enfermo.

Refere-se visivelmente o proverbio aos estigmas anatomicos da degenerescencia. De facto, assignalou a natureza os degenerados com desvios da configuração normal do corpo.

Que d'elles se teem notado e descripto! Asymetrias da face: o septo do naris desviado da linha mediana; os rebórdos orbitarios mais ou menos elevados em relação um ao outro; as orbitas mais ou menos rasgadas; um dos malares mais subido do que o outro; prognatismo dos maxillares; o *labio laparino;* os dentes em numero anormal, mal implantados, acavallados ou projectados para fóra; as orelhas muito obliquas, muito encostadas ao craneo, com o lobulo prezo á face ou marcadas com o tuberculo de Darwin; a abobada palatina muito alteada, muito apertada; a má configuração da cabeça; etc, etc.

Nos olhos o *nystagmus*, o *strabismo*, a asymetria das palpebras; nos pés e nas mãos alguns dedos pegados, unidos, dedos a mais (sexdigitismo); os braços muito compridos ou deseguaes respectivamente. Desvios da columna vertrebal; *spina bifida;* a *gynecomastia; a cryptorchidea; o hypospadeas;* o *épispadeas;* etc, etc.

Numa palavra, até o aspecto geral: de mulher, de criança, de macaco...

Ora é de vêr que em taes individuos, concorrem egualmente defeitos nervosos: a impulsividade morbida; a commotividade e a intellectualidade morbidas; a morbida vida sexual.

Os estigmas anatomicos são, pois, como o vulgo bem accentua, o *ferro* com que a natureza marca ou assignala os que teem defeitos moraes.

Bucellas 3-7-900

ALBERTO PIMENTEL.
(filho)



SETUBAL

Crenças, superstições e usos tradicionaes

III

AMULETOS

Investigando as mais remotas eras historicas até entrar no periodo nebuloso e phantasticamente afastado, dos tempos prehistoricos, encontra-se sempre o amuleto occupando lugar proeminente na vida de todos os povos.

Muito se tem escripto sobre este vastissimo assumpto, buscando origens, estabelecendo analogias, etc.; não vamos pois reeditar esses trabalhos, limitando-nos apenas a apontar umas noticias sobre alguns amuletos que ainda conservam *virtude* na crença d'estes sitios.

Ora escrevendo sobre os amuletos não posso deixar de mencionar em

primeiro lugar, esses instrumentos prehistoricos a que o vulgo chama *pedras de raio.*

E' crença geral de que o raio *(perigo,* como aqui lhe chamam) se enterra sete braças, e só aparece á superficie da terra passados sete annos, subindo portanto uma braça em cada anno.

Logo que encontram o objecto que julgam ser um raio, guardam-no cuidadosamente.

O local onde deve ser guardado varia muito.

Uns colocam-n'o no oratorio entre as imagens de santos, accendendo-lhe luzes de cera ou azeite, por ocasião de trovoada.

Outros põem-n'o na chaminé ou então n'um dos buracos que servem para pôr a tranca da porta.

Alguns preferem o telhado para deposito do seu talisman.

Apesar d'estas divergencias na escolha de local para depositar o amuleto, todos concordam nas suas virtudes e affirmam cheios de convicção: *«casa aonde ha uma pedra de raio não cae outro».*

Por esta razão ha uma grande dificuldade em obter aqui qualquer d'esses instrumentos, tal é a crença e fé que depositam n'elles!

O povo ao ouvir um trovão, ou ao ver rasgar se o ceu n'um relampago, tira, reverente e humilde, o seu barrete, e qualquer é capaz dos ultimos excessos contra a pessoa que afecte um ar de riso, ou diga alguma graça.

Nunca lhe chamam raio, mas sim *perigo.*

Na crença popular ha diversas especies de raios: o *perigo*, a *centelha*, e o *corisco.*

O menor de todos é a *centelha*, no dizer do povo.

Basta de divagações e entremos no nosso assumpto de hoje.

A figa

A *figa* tem a fórma da mão humana fechada de maneira que o pollegar saia entre o index e o medio.

Emprega-se no seu fabrico o *pau santo* (guaiacum officinalis), o buxo (buxus sempervirens), o marfim, o osso, o ébano, o coral, e o azeviche, sendo esta ultima substancia a mais estimada pelas suas virtudes.

Vae passando de amuleto o simples berloque.

As pequenas penduram-se ao pescoço, e as grandes põem-n'as nos berços para afugentar as bruxas e desfazer os *maus olhados.*

Estes *maus olhados* são ás vezes tão fortes, que a figa estala por não poder aguentar tão malevolo olhar, livrando assim a pessoa que a trás, de uma morte quasi fulminante.

O cornicho

Como o nome indica, é feito de pontas mais ou menos trabalhadas, tendo um furo na base para se poder pendurar.

Variam de tamanho, utilisando umas vezes sómente a ponta, outras a haste completa.

Os pequenos são usados pelos camponezes, atados aos cadilhos da cinta; os medios nas *cabeçadas* ou *cabrestos* dos animaes, e os grandes, nos curraes, cavalariças, estabulos, etc, onde guardem rezes ou sementes que queiram preservar de *maus olhados.*

Usam pôr no meio das searas viçosas o *cornicho* espetado n'um pau.

Este amuleto não gosa de todas as virtudes da *figa;* só serve para afastar os *maus olhados.*

O sino saimão *(sic)*

Figura geometrica composta de dois triangulos sobrepostos ao inverso um do outro.

E' privativo das crianças durante os primeiros annos.

Costumam associal-o á *figa*, da qual tem as mesmas virtudes e mais ainda a de afastar o *mal de lua*, nome que dão a uns ataques vulgares e frequentes em crianças durante a amamentação.

(Continúa.)

ARRONCHES JUNQUEIRO.

A caça no concelho de Serpa

(Continuado de pag. 106)

Depois de tudo isto combinádo, e tendo, o encarregado das portas, designado os homens precisos para as occupar, separam-se estes dos que tinham que bater, dirigindo-se cada grupo para o local que lhe competia.

Os batedores, chamando a si todos os cães, esperam que as portas estejam occupadas, para largarem depois os animaes, e entrarem no matto, seguindo na direcção das portas, que os batedores sabem onde estão.

Aos cães, antes de os largarem, põem seus donos colleiras com chocalhos, ou guizos grandes, a fim de saberem, tanto os batedores como as portas, quaes os sitios que os cães atravessam. D'esta fórma reconhecem, os batedores, se ficou algum córgo ou umbria por bater (e em tal caso, elles lá vão atirar pedras e fazer entrar os cães); e as portas reconhecem tambem os pontos em que a batida corre, obstando, muitas vezes, a que os cães atravessem a linha das esperas e entrem, em seguimento de rasto, na mancha immediata á que esta sendo batida, antes de postas nos seus logares as portas da nova mancha.

E' dever das portas ficarem na espera que lhes é indicada, em qualquer mancha, e n'ella permanecerem vigilantes até ao fim da batida d'essa mancha, sem fazerem o mais pequeno barulho. E quando se presuma que na mancha ha rezes, devem as portas collocar-se de maneira que, pela frente, que é d'onde a caça ha-de vir, estejam bem tapadas por moitas ou resguardos de matto, porque as rezes teem uma vista finissima.

Se os caçadores estiverem mal tapados ou se mexerem quando as rezes avançam para as portas, certamente serão vistos ou presentidos, e derepente as rezes se voltam e, ou vão sahir a outra porta, ou desapparecem sem que possam ser atiradas.

Os batedores teem que atravessar — cada um na direcção que lhe é indicada ou que elle já sabe por conhecer o sitio — a mancha que se bate, fazendo com que os cães percorram os sitios mais proprios dos *encamadoiros* da caça, animando-os com vozes de incitamento, e atirando pedras para onde pareça que o matto póde abrigar alguma caça.

Todos os demais costumes e condições, a que os caçadores devem sujeitar-se, variam pouco de localidade para localidade, e são os que naturalmente se impõem por justiça e razão.

O Snr. José Paulo de Mira apresenta, no seu já citado folheto, uns estatutos que elle elaborou para serem observados nas frequentes caçadas que o mesmo Snr. fazia por sua conta.

Aqui em Serpa, alem do que já mencionei, só ha a notar o costume, estabelecido desde sempre, de que a cabeça do javali, e a cabeça e a pelle do gado cervum, pertencem ao caçador que primeiro feriu a caça com bala, seja ou não mortal o ferimento.

Quando a caçada é promovida em commum pelos caçadores que n'ella tomam parte, o producto — tiradas, como já disse, a cabeça e a pelle — é dividido em quinhões, que se repartem á sorte entre todos, inclusivè o matador.

Tambem os cães teem seu quinhão.

O matador gosa da regalia de nada fazer no trabalho da musgação [1] e esfolamento da caça morta.

(Continúa.)

A. de MELLO BREYNER.

[1] *Musgação*, subs. deriv. de *musgar.* Este verbo é muito usado aqui para designar a acção de queimar e depois rapar o cabello do porco, quer bravo quer manso.

NECROLOGIA

FALLECEU Manuel Lopes d'Ascensão Piçarra.

O Lopes, o Manuel Lopes, como nós o tratavamos na franca intimidade de velhos amigos e excondiscipulos, expirou quasi repentinamente na sua casa de Brinches, pelo meio dia de 30 de junho ultimo, victimado—segundo a opinião de abalisados clinicos—por um aneurisma da aorta abdominal.

O desventurado moço, a quem os mais aprimorados dotes de coração e de espirito radiosamente exornavam, foi perfazer á sepultura 32 annos de edade, pois nasceu em 7 de julho de 1868.

*

Lopes Piçarra estudou preparatorios no lyceu de Beja, com muita distincção e aproveitamento desde outubro de 1881 até egual mez de 87. E logo depois, tendo resolvido seguir a carreira de engenharia civil, para a qual manifestava uma vocação decidida, deu ingresso na Escola Polytechnica, onde realisou os estudos de que carecia, á excepção da cadeira de physica, que foi cursar ao Porto, na Academia Polytechnica.



Concluidos todos os preparatorios, matriculou-se o Manuel Lopes, em 1896, na Escola do Exercito, de Lisbôa. Mas, infelizmente, a terrivel doença a que elle havia de succumbir, e que determinára já largas interrupções nos seus preparatorios superiores, aggravou-se então de modo assustador; e o pobre amigo, exhausto de energias, sem forças nem alentos para o trabalho intellectual, viu-se obrigado, pouco tempo após a matricula, a recolher ao seio da familia, abandonando—Deus sabe com que magua!—as lides escolares.

Ha cerca de quatro annos que o mallogrado rapaz residia em Brinches—duplamente torturado pela enfermidade que o consumia de instante para instante, e pela funda nostalgia dos grandes centros, por cuja vida buliçosa e alegre elle era sobremaneira apaixonado.

*

No anno preterito, quando fundámos aqui esta revista, o Doutor Ladislau Piçarra e quem subscreve estas linhas, convidámos o Manuel Lopes a dispensar-nos o apreciavel concurso da sua collaboração. Apezar de doente, bastante doente mesmo, o desditoso amigo accedeu da melhor bôa vontade ao nosso convite, enviando-nos dois excellentes artigos, que a *Tradição* estampou a pag. 24 e 55 da primeira série, sob a epigraphe de *Habitação, mobiliario* e *utensilios domesticos*. Sómente da *habitação* elle poude occupar-se; o seu estado de saude, melindroso em extremo, não lhe permittiu proseguir nas interessantes investigações que tão distinctamente iniciára.

*

A *Tradição*, publicando hoje o retrato de Lopes Piçarra, e as singellissimas notas que o acompanham, presta sentida homenagem á memoria do saudoso extincto, o primeiro dos nossos collaboradores que a morte arrebatou e tão prematuramente.

M. DIAS NUNES.

BULLETIN POUR L'ÉTRANGER

LA TRADITION

Revue mensuelle illustrée d'ethnographie portugaise

DIRECTEURS

Ladislau Piçarra et Dias Nunes

REDACTION ET ADMINISTRATION

À SERPA (PORTUGAL)

Sommaire du présent numéro de la Tradition

Texte :—Notes historiques sur Serpa : Serpa dans le califat de Cordoue et dans le royaume de Séville, par le *Comte de Ficalho;*

Monsieur Sept (suite), par *Trindade Coelho* (Dr.) ;

Chansons, refrains de l'Alemtejo : Les couleuvrettes d'eau, par *M. Dias Nunes;*

Les proverbes et la médecine (suite), par *Alberto Pimentel,* filho (Dr.).

Setubal — Croyances, superstitions et usages : Amulettes, par *Arronches Junqueiro ;*

La chasse dans le district de Serpa (suite,) par *A. de Mello Breyner ;*

Nécrologie : Lopes Piçarra, par *M. Dias Nunes.*

Illustrations :—Galerie de costumes populaires : Chasseur rustique.

Recueil de chansons : Les couleuvrettes d'eau (dance).

Nécrologie : Lopes Piçarra.

R.

BULLETIN FOR ABROAD

THE TRADITION

Monthly illustrated review of portuguese ethnography

DIRECTORS

Ladislau Piçarra and Dias Nunes

OFFICES

SERPA (PORTUGAL)

Summary of the present number of the Tradition

Text :—Historical notes about Serpa : Serpa in the caliphate of Cordova and in the realm of Seville, by *Conde de Ficalho ;*

Mister Seven (continuation), by *Trindade Coelho* (Dr.) ;

Songs and the refrains from the Alemtejo : The water little snakes, by *M. Dias Nunes;*

The proverbs and the medicine (continuation), by *Alberto Pimentel*, filho (Dr.).

Setubal — Legends, superstitions and traditional usages : Amulets, by *Arronches Junqueiro ;*

The shooting in the Serpa district (continuation), by *A. de Mello Breyner ;*

Necrology : Lopes Piçarra, by *M. Dias Nunes.*

Illustrations :— Gallery of popular costumes : Rustic hunter.

Musical collection : The water little snakes (dance).

Necrology : Lopes Piçarra.

R.

Anno II — N.º 9 Volume II

SERPA, Setembro de 1900

A TRADIÇÃO

Revista mensal d'ethnographia portugueza, illustrada

«A TRADIÇÃO, de Serpa, pelo programma que se impoz e pela discreta diligencia com que procura desempenhar esse programma, representa, a meu vêr, o mais bello exemplo patriotico de educação publica exercida pela imprensa».

Ramalho Ortigão.

DIRECTORES:

Ladislau Piçarra

e M. Dias Nunes

Collaborador musical

F. VILLAS-BOAS

Collaborador artistico

M. BAPTISTA SALTA

CLICHÉS DE:

A. de Mello Breyner,
F. Monteiro, F. Villas-Boas,
J. Monteiro
e J. V. Pessoa

SUMMARIO:

TEXTO

ILLUSTRAÇÕES

PREÇO DA ASSIGNATURA:

(Pagamento adeantado)

Em Portugal (continente), série de 12 numeros

1$200 réis

Para o ultramar e estrangeiro accresce o porte do correio

Numero avulso

100 réis

Toda a correspondencia deve ser dirigida à redacção e administração de

"A TRADIÇÃO"

SERPA (Portugal)

Venda avulso d'esta revista.

LISBOA, Galeria Monaco, Rocio.

PORTO, Livraria Moreira, Praça de D. Pedro, 42 e 44.

COIMBRA, Livraria França Amado.

A TRADIÇÃO

PRIMEIRO ANNO

1899

(2.ª EDIÇÃO)

Um esplendido volume de mais de duzentas paginas, in-4.º, impresso em excellente papel e profusamente adornado de bellas gravuras de typos populares e canções musicaes.

INDICE DAS MATERIAS:

Anno II — N.º 9 SERPA, Setembro de 1900 **Volume II**

Editor-administrador, *José Jeronymo da Costa Bravo de Negreiros*, Rua Larga, 2 e 4 — SERPA
Typ. de *Adolpho de Mendonça*, Rua do Corpo Santo, 46 e 48 — LISBOA

A TRADIÇÃO

Revista mensal d'Ethnographia Portugueza, Illustrada

Directores: — LADISLAU PIÇARRA e M. DIAS NUNES

O MERCADO DE GRILLOS [1]

Mr. Laisnel de la Salle refere no seu livro *Les croyances et légendes du centre de la France* [2] que se vendem grillos nos mercados de Portugal.

A' primeira vista sentir-nos-iamos inclinados a classificar este uso como curiosidade de costumes, como facto interessante que merece bem um logar nos cadernos dos enthusiastas dedicados á collecção de notas inuteis, mas que nunca poderá servir de base a uma hypothese scientifica. Para o folklore, entretanto, são muitas vezes os factos inexplicaveis, por assim dizer, que teem o maior valor.

Podem explicar-se de modo differente os factos já conhecidos; mas são em geral os factos novos que servem para revolucionar as idéas acceitas.

Para estudar o folklore ha dois methodos de investigação ao nosso dispor. Podemos encarar os factos historicamente, comparando um uso, tal como elle existe em nossos dias, com o mesmo uso tal como existia na epocha em que nós o encontrâmos descripto pela primeira vez. Na applicação d'este methodo — o methodo historico — precisâmos limitarnos aos paizes em que se constata uma relação de parentesco entre as diversas fórmas do uso; por outras palavras, não é preciso examinar os phenomenos senão nos paizes em que a transmissão condicionou a extensão do uso. E' um trabalho indispensavel, vistas as innumeraveis mudanças a que teem sido submettidos os usos populares atravez dos seculos; mas os resultados teem apenas um valor limitado. Em geral os restos d'um culto são tão fragmentarios que não permittem expol-o d'uma fórma minuciosa; por toda a parte encontrâmos lacunas, e tantas mais quanto mais affastada é a epocha em que esse culto era ainda uma força viva.

O segundo methodo que se offerece para a investigação dos usos, e egualmente das crenças, é o methodo ethnologico. Uma vez estabelecidos os factos para uma nação e suas dependencias, uma vez precisadas as idéas fundamentaes, nós procurâmos factos analogos nos povos extrangeiros sem nos importar dos limites ethnographicos.

Os phenomenos psychologicos submettem-se ao imperio da lei, do mesmo modo que os phenomenos biolo-

[1] Este interessante e substancioso artigo, devido á penna do sabio ethnologo Mr. N. W. Thomas, foi escripto expressamente para a nossa revista, e aqui traduzido para lingua portugueza.—N. da R.
[2] Pag. 251.

gicos; comparando as crenças e os usos dos pelles-vermelhas com as crenças e os usos dos povos europeus, o methodo de que nos servimos é tão scientifico como o do naturalista que compara os mammiferos do novo mundo com os mammiferos do mundo antigo. Tanto n'um como n'outro caso, trata se de coisas comparaveis.

Voltemos agora aos grillos.

E' muito inverosimil que haja factos analogos em Portugal; não é provavel que a venda dos grillos tenha deixado vestigios na historia; nada ha que nos leve a crer que o uso tenha sido imitado d'um outro paiz ou tenha passado por imitação a outros povos.

O methodo historico nada tem a offerecer-nos n'este caso.

Entretanto, se nós procurâmos factos analogos nos outros povos da Europa, elles não faltam.

Em muitas cidades da Allemanha vende-se o grillo por tres alfinetes (?) na primavera [1]; em Florença vendem-se grillos, e segundo uma outra narração, grillos e escaravelhos, no no dia d'Ascensão. Como explicar este costume?

E' evidente que se trata d'uma superstição. D'outro modo seria inexplicavel que o mesmo pequeno animal se vendesse nos mercados de paizes tão distantes; o que não póde ser uma questão de capricho.

Em primeiro logar é preciso reconhecer a possibilidade de se haver celebrado a volta da primavera festejando o primeiro animal de cada especie, que se via. No primeiro de Maio, em Schleswis, andavam com o besoiro em volta da cidade; e ainda hoje se faz o mesmo na Alsacia. E' possivel que tenhamos alli uma celebração da mesma ordem que o costume russo de coser bolos em fórma de calhandra, em 25 de março—uso que só póde ser interpretado como celebração primaveral. Ha todavia razões que deixam suspeitar o pertencerem antes as procissões do grillo a uma outra classe de costumes.

Em toda a Europa encontrâmos um costume de fórma assaz primitiva, o qual consiste em matar o primeiro animal de cada especie, que se vê na primavera; e ao animal assim morto são attribuidos poderes magicos. Encontram-se tambem outras fórmas d'este costume, que entretanto não citarei aqui para evitar a necessidade de discutir um assumpto assaz vasto. Basta dizer que, segundo todas as apparencias, se trata d'um culto dos animaes reduzido agora ao estado de «sobrevivencia». Ao lado d'este uso podemos collocar um outro, segundo o qual o animal caçado ou sacrificado uma vez por anno deve ser distribuido de maneira que todas as casas recebam uma parte d'elle.

Estes factos sómente em parte são analogos aos factos portuguezes e italianos. Podemos comparal os tambem com o costume allemão de guardar em casa uma ave, o «bico-cruzado» por exemplo, para ter sorte. Compram-se talvez os grillos para se guardarem em casa como demonios da felicidade.

Pela analogia dos factos italianos é provavel que se vendam os grillos em Portugal tambem uma vez por anno. Está n'isso um laço com os costumes annuaes já citados, confirmando a opinião de que a venda dos grillos não era um puro capricho.

Ha entretanto uma outra possibilidade, que mostra egualmente relações com os costumes primitivos. Outr'ora nos mercados de Paris compravam-se andorinhas para serem postas em liberdade [1]. Por falta de informações mais definidas sobre o mercado de grillos não podêmos rejeitar esta explicação. Encontrâmos um facto analogo entre os Malagaches. Este povo professa um respeito supersticioso por

---

[1] Grimm: D. Myth., pag. 577.

[1] Rolland: *Faune pop.*, I—321.

GALERIA DE TYPOS POPULARES



Velho herbanario (Serpa)

certos animaes, crendo que n'elles tenham entrado as almas de seus antepassados; e existe lá o costume de comprar os animaes captivos para os pôr em liberdade [1]. Ha n'isto, provavelmente, um resto de tolemismo, que de certo foi outr'ora exercido entre o povo, a julgar pelos factos que nos referiu o Rev. Sibrec [2].

Tenho exposto em poucas palavras as relações que póde ter o mercado de grillos em Portugal com os costumes d'outras nações. Os factos não nos permittem decidir-nos por uma ou por outra explicação. E' mesmo possivel que não se trate d'um costume supersticioso; no emtanto verifica-se uma similhança frisante com os costumes primitivos, a qual se explica melhor pela hypothese de que se trata aqui d'uma «survival», que não d'um puro capricho.

N. W. THOMAS.



JOGOS PORTUGUEZES

Se a imaginação do homem se tem mostrado extraordinariamente fertil é na abundancia de jogos, que tem inventado para seu recreio, passatempo e até como excitante das suas paixões. Com um simples baralho de cartas que serie indefinida de combinações engenhosas! Parece que a materia já deveria estar exgotada, mas todos os dias apparecem novos jogos.

Ultimamente é o *bridge* quem triumpha, tendo substituido o ephemero reinado de *bluff*. Ambos são, como o seu nome o indica, de origem britannica.

Não haverá entre todos estes jogos de sala, já de cartas, já de outra especie, algum que seja de origem portugueza ou modificado ao menos por nós? não gosariamos sequer a honra de ser os auctores da *delambida* ou *bisca de tres*, do *diabrete* ou do *furta-montinho*, tão simples e tão ingenuos, que se diriam lucubrações infantis?

O que é certo é que a maior parte dos jogos como o *Whist*, o *Boston*, e o *Ecarté* revelam claramente pelo nome a sua procedencia extrangeira, pois nem sequer mudaram de etiqueta, ao transpor as fronteiras, corrompendo-se na linguagem familiar portugueza. Uma prova, talvez convincente, do limitado contingente que a nossa actividade cerebral tem produzido n'este genero é a mesquinha bibliographia que podemos apresentar. Contribue efficazmente para avultar esta pobresa franciscana a nossa falta de curiosidade e o nosso desleixo, pois deixamos perder e olvidar muita cousa dominados por esta desconsoladora maxima, aliás tão vulgar e tão enraizada, do *não vale a pena*. Ainda assim conviria fazer o inventario do que existe e do que se conhece, porque assim como *grão a grão enche a gallinha o papo*, da mesma maneira tambem pouco a pouco, bocadinho d'ali, bocadinho d'acolá, investigação sobre investigação, se viesse a formar uma lista rasoavel, e que até nos surprehendesse, convencendo-nos de que não era tão mesquinho o patrimonio que suppunhamos possuir. Tudo está no começar, e para inicio de similhante bibliographia aqui offerecemos um numero que é inedito e que nos parece interessante. Ha tempos (1898) vimos em poder do sr. Alberto Silva, official da Bibliotheca Nacional de Lisboa, um manuscripto em 4.º, pouco volumoso e bem conservado e cujo titulo é o seguinte.

Methodo breve e claro de jogar a bilharda, Pião e Conca. Dedicado e offerecido ao Serenissimo Sr. D. José de Bragança, Arcebispo e Senhor de Braga pello Padre Francisco Monteiro, do Collegio da

[1] *Globas*, XLIV—344.
[2] *Folklore*, I—336.

Companhia da mesma cidade. Braga, anno de 1742. Com todas as licenças necessarias, e Privilegio Real.

Um tractado de jogo de pião escripto por um padre e dedicado a um arcebispo, que era ao mesmo tempo principe seculár da egreja, não deixa de offerecer certa originalidade. Parece que está a gente a ouvir o jesuita — *ora apanhe lá este pião na unha, senhor arcebispo!*

O manuscripto, depois das preliminares, tem uma estampa colorida com os instrumentos dos diversos jogos. Algumas estampinhas coloridas, desenhadas com pouco esmero, representam as varias phases dos jogos, de que tracta.

Pelo titulo se vê que a obra estava prompta para entrar no prélo não chegando, que saibamos, a imprimir-se. Innocencio, no seu *diccionario*, não dá noticia do autor, que, segundo elle proprio declara, fôra mestre de artes e sciencias de S. A. e que por elle fôra chamado de Roma.

N'um inventario das joias da rainha D. Catharina, mulher de D. João III e sob o titulo geral de *Peças de mestura*, encontramos uma verba curiosa referente ás peças de um jogo, chamado *malachadillo* e que, pelo nome, parece de procedencia hespanhola. Diz assim esta verba:

«Item vinte nove peças de prata de lei do Reino a maneira de campainhas, que chamam jogo do malachadilho, que todas pesão cinco onças e cinco oitavas em huma bolsa de veludo cremesim, em que se mete.»

Outra verba falla em *cadeados de pensamentos*, talvez outro jogo:

«Item dois cadeados de pensamentos de prata de lei do Reino cada um com todas suas peças, que um pesa seis onças e duas oitavas e meia.

«E o outro pesa uma onça e seis oitavas e meia.

Ainda outra verba referente ao jogo do xadrez:

«Item vinte e nove peças de prata de jogo de enjadrez-s-as catorzé douradas e as quinze brancas e falta para comprimento do jogo enteyro o Rei e dama das peças douradas e das peças brancas falece a dama, que todas as ditas 29 peças juntamente pesão um marco e quatro onças e quatro oitavas.» [1]

Uma prova evidente de que o xadrez devia ser naturalmente jogo predilecto da côrte portugueza encontra-se n'uma passagem da *chronica* de D. João II. Enfermando, na doença que o havia de conduzir inexoravelmente á morte, costumavam-lhe dar umas somnolencias, que os medicos procuravam combater aconselhando therapeutica moral, um exercicio em que o espirito dispertasse. O remedio foi o xadrez. Indo de caminho para o Algarve, na esperança de encontrar allivio nas Caldas de Monchique, em certo ponto da jornada, em que descançou, quiz usar do passatempo costumado, mas se appareceu o saco dos trebelhos, faltava o taboleiro. Garcia de Resende, o engenhoso cortesão, suppriu a falta, debuxando-o n'um papel. Seja elle quem pela sua propria bôca, nos narra o episodio:

«Quado el-Rei hia para o Algarve, no tempo de seu fallecimento, diziãolhe os fizicos que se guardasse de dormir de dia; e elle, por não dormir, jogou sempre na sexta o enxadrez: e no caminho já na serra do Algarve foi jantar a um ribeiro de muito bôa agua debaixo de huas sovereiras grandes e depois de comer quisera jogar o enxadrez, como sempre fazia, para não dormir, e a bolsa com os trebelhos estava ahi, e o taboleiro era adiante com a cama por esquecimento e elle ouve disso desprazer, e disse muitas mas palavras ao moço da guarda-roupa e bem agastado. E eu vendo como estava assi

---

1 T. do Tomb, Inventario das joias da rainha D. Catherina, fl. 313, 325.

apaixonado, ajuntey duas folhas de papel, e com tinta debuxei nellas hum taboleiro, e com uma pouca de cera vermelha fuy logo e disse-lhe:

«Senhor, agora trago tabuleiro, e apegueilho na mesa com a cera: ficou tão ledo e folgou tanto como se fora huma grande cousa e fez-me tanto favor, gabando-me muito, e disse perante todos: Pera que he trazer taboleiro nem trazer nenhuma couza senam trazer somente Resende.[1]»

Este Resende era effectivamente prestimoso, serviçal, e sem duvida adulador, como convinha ao exercicio das suas funcções junto da pessoa do rei. Cortesão sem a curvatura da lisonja é raro. Dos seus serviços palacianos resta hoje a suspeitosa lembrança na commemoração que elle proprio um pouco vaidosamente faz dos seus merecimentos e nos diplomas das mercês com que a munificencia regia o agraciou.

Ha todavia um serviço relevante que perpetua honrosamente o seu nome e pelo qual a litteratura portugueza lhe deve ser muito grata, tendo ainda em aberto a sua divida de reconhecimento. Foi a recopilação e publicação do *Cancioneiro geral*, em que archivou, como n'um vasto thesouro poetico, grande numero de producções dos trovadores da segunda metade do seculo XV e dos primeiros annos do seculo XVI. O sentimento lyrico da alta sociedade portugueza d'aquella epoca acha-se ali estampado, posto que menos ingenuamente, como a sentimentalidade portugueza do seculo XIV se acha estampada nos cancioneiros do tempo de D. Diniz.

Garcia de Resende não se limitou ao simples papel de collector e editor; collaborou tambem largamente n'aquelle importante monumento litterario. Ahi vem umas trovas que elle escreveu por mandado d'el-rei (não diz qual, mas talvez D. Manuel), para um jogo de cartas, que se usava ao serão. Em cada uma das 48 cartas do baralho estava escripta uma copla, ora de louvor, ora de troça, metade dirigida ás damas, outra metade aos cavalheiros. A pessoa a quem tocava a carta de motejo era apupada por toda a companhia, succedendo o contrario áquella a quem a sorte destinava a carta de louvor. Para se fazer ideia d'este jogo, damos aqui o titulo que encabeça as coplas:

Estas corenta e oito trovas fez Garcia de Resende por mandado del-rei nosso senhor para um jogo de cartas de jogar no serão, d'esta maneira. Em cada carta sua trova escrita, e sam vinte e quatro de damas e vinte e quatro d'omees — s — doze de louvor e doze de deslouvor. E baralhadas todas hamde tirar uma carta em nome de João ou foão, e entan lel-a alto, e quem acertar louvor hirá a bem e quem tomar a do mal, riram dele.

Agora para amostra do espirito que dominava n'este passatempo, daremos duas trovas de deslouvor, uma com relação ás damas, outra aos cavalheiros.

De deslouvor das damas

Vós não sois muito manhosa
nem matais ninguem d'amores,
sois mais feia que formosa
tendes poucos servidores.
E o que tam enganado
for que lhe pareçais bem,
ha mistér desenganado
de vós mesma ou d'alguem.

*

Em deslouvor dos homens

Vós não no tomeis por vós,
mas vós sois tão desairoso
que fareis qualquer de nós
de semsabor gracioso.
De mula e de cavallo
no terreiro e no serão
sois tão fóra de feição
que eu já não posso calal-o.

E' natural que este jogo produzisse agradavel effeito no primeiro serão

[1] Garcia de Resende, *chronica de D. João II*, cap. CCI.

em que foi executado e ainda em alguns outros consecutivos, em que se recomendava pela novidade, mas se as coplas não fossem renovadas a meudo e se o poeta não fosse dotado de veia comica, havemos de concordar que a breve trecho se tornaria insipido e enfadonho.

(Continúa).

SOUSA VITERBO.



O SENHOR SETE

(Continuado de pag. 120)

— *Sete, Diabo te espete!*

Talvez assim:

Sete!
Diabo te espete.

E' uma locução rimada, como ha tantas. Por exemplo:

Tres,
Conta que Deus fez.

Os rapazes é que sabem d'isto no jogo do *Eixo:*

SALTOS

1 — perum (peru).
2 — 2 bois.
3 — 3 pulinhos hollandez.
4 — sapato, ou — bello arroz se faz do pato.
5 — Maria do Brinco.
6 — Maria dos Reis.
7 — escarrapachete, vae p'r'o diabo que te espete, na ponta do canivete.
8 — biscoito.
9 — dá dez réis ao pobre.

11 — os sinos de Mafra são de bronze.
12 — rebaldoze, sete e sete são quatorze.
13 — tainhas, minha mãe queria coser e não tinha linhas.
14 — gaivotas, minha mãe queria ir á missa e não tinha botas.
15 — canas e caniços.
16 — agulhas e alfinetes.
17 — tira a folha ao canivete.

PALMADAS

1.ª — palmada.
2.ª — mais bem dada.
3.ª — repimpada.

Sôcos

1.º — sôco.
2.º — mais bem dado.
3.º — repimpado.
Ou:
1.º — a mão aberta e a mão fechada.
2.º — mais bem dado.
3.º — repimpado.
Ou ainda:
1.º — sôco de verruma.
2.º — mais bem dado.
3.º — repimpado.

O *sete, diabo te espete*, uzam-no os rapazes muito no jogo do *fito.* Quando a *cunca* vae direita ao *méco*, e o méco vae de cambalhota, prefazendo sete pontos o jogador, — o felizão accusa logo:

— Sete!

E' a vez de lhe replicar o parceiro:

— ... diabo te espete!

Sublinhei ahi acima a palavra *méco*, mas isso não quer dizer que ella seja dos meus sitios. *Méco*, fui encontral-o no Porto; e quer dizer, com effeito, aquelle pausinho que se põe de pé no jogo da *patella*, e que os parceiros porfiam em deitar abaixo. Mas no jogo do *fito*, que é o da minha terra, e que eu joguei muito, esse pausinho não apparece, nem as taes *patellas.* Em vez d'estas, que são uns discos de ferro do tamanho da palma da mão, marcados com *pontos* como os do dominó, para se differençarem uns dos outros, ha lá cima as *cuncas*, que são de pedra, afeiçoadas por cada um ao geito da mão; e o *méco*, lá cima, chama-se *vinte*, e é uma pedra qualquer, pequena, que

se põe de pé. *Vinte*, é, pois, o que eu devia ter escripto e sublinhado; e aquella expressão tão vulgar «*deu no vinte*», que é o mesmo que dizer «*acertou*», vem d'ahi com toda a certeza.

Mas porque se chama *vinte* a essa pedrinha é que eu não sei. Só se o jogo foi algum tempo só de vinte pontos. Mas agora não: agora é ás vezes aos trinta, e, entre bons jogadores, a mais. Se um jogador é mais fraco, o outro dá-lhe *partido;* e já nos *Meus amores*, jogando com a pastorita Rosaria, o Gonçalo, que está bem do vêr que jogava melhor, deu-lhe *partido:* vinte cinco ás quarenta. Trecho d'esse dialogo:

— «E o fito, ó Rosaria? sabes jogar o fito? No adro, aos domingos á tarde, bato-me com qualquer, sabias?

«E generoso:

«Mas a ti dou-te partido: vinte cinco ás quarenta!»

Mas vamos adeante.

*

— Sete é conta de mentiroso.

Pois está visto! Vem lá um que se põe a contar patranhas, e entre muitas mette mais esta: que já resistiu a uma alcateia de lobos!

— «Sete! Vi-os eu! Eram sete!»

— «Homem, vê lá isso... Estás bem certo?... Olha que sete é conta de mentiroso!»

A's vezes, era quando muito algum cão de fila, ou um jumento; — e o da patranha, em vez de resistir, accendera mas é um lume-prompto, ou pozera-se a bater uma na outra duas chaves, porque d'ambas as maneiras, diz-se, os lobos já não atacam...

Mas o medo é que lhe fizera crer que eram sete lobos, — e d'ahi, como escapára vivo da *alcateia*, o inventar que lhe fizera frente. Que lá por cima ha pastorsinho que podia contar a façanha sem mentir, porque os ha que se atiram a um lobo sem medo nenhum. De mais a mais, se conseguem matál-o, a apresentação da pelle perante a camara mette-lhes no bolso uma moeda, e por isso o *negocio* convida.[1]

Um já vi eu com uma ninhada de lobinhos n'uma cesta, e ás costas a pelle da loba. Valia aquillo uma epopeia, e seis moedas inda por cima! Afóra os abraços, já se vê, e o que rendia, pela villa e aldeias á roda, o peditorio.

Os cavallos, sim, esses é que não se enganam. Farejam lobo a uma grande distancia, entram a tremer, o pello a eriçar-se-lhes, e quando defrontam com esses vultos negros, sentados á beira do caminho, largam a fugir que nem uma bala.

Creem alguns cavalleiros que isso é peor, e, sofreiado o cavallo, obrigam-no a ir a passo. Dá-se então o caso de que os lobos o acompanham como dois rafeiros, aos estribos, e quando lhes parece deixam-no em paz — signal, é claro, de que não tinham fome...

Caso é, porém, que a visão d'um lobo aterra sempre, e os cabellos põem-se de pé, sem a gente querer.

---

[1] A isto se refere n'um conto meu a seguinte passagem:

—«O' compadre — disse o José Lorna para o barbeiro, depois de se lhe pôr a mirar a jaqueta com que fôra visitar o morgado, e que era a melhor da arca fateira. — Deixe que lhe não pintou nada mal a historia de matar o lobo! Deu-lhe a patente da Camara para essa jaqueta... e p'ra que mais, ó compadre?

—«Ora! Que é uma moeda?! fez com despreso o barbeiro·

—«Que é uma moeda?! — repetiu, espantado com a pergunta, o lavrador.

—«Uma libra com tres tostões, bem sei, continuou o barbeiro. São doze cruzados. Ponha lá que p'ra me dar para esta jaqueta, p'ra uma saíca barata p'r'a mulher, e p'ra um fato p'r'o rapaz, custou!

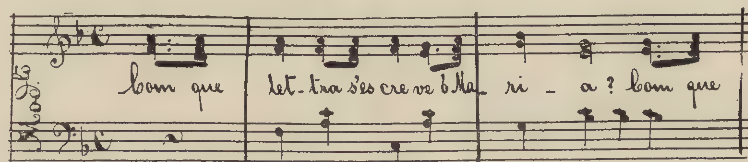
—«Esse pouco! admirou-se o José Lorna. E' bem melhor que rapar queixos e andar por esse mundo a receitar mésinhas! Pois digo-lhe eu que era bem melhor matar lobos que rapar queixos! insistiu o José Lorna, pondo-se outra vez a apalpar a fazenda.

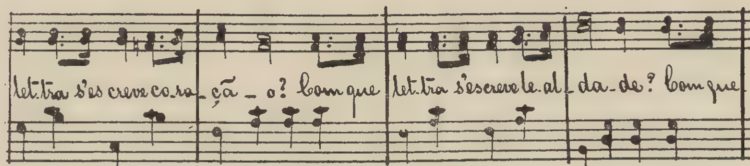
—«Mas se ha mais bodes que lobos, ó snr. José?! A gente que lhe ha-de fazer?!»

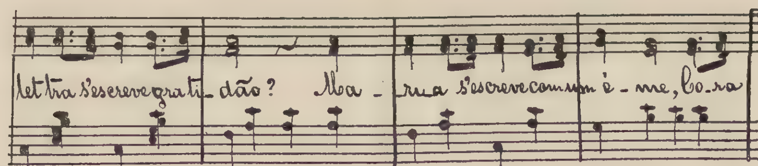
CANCIONEIRO MUSICAL

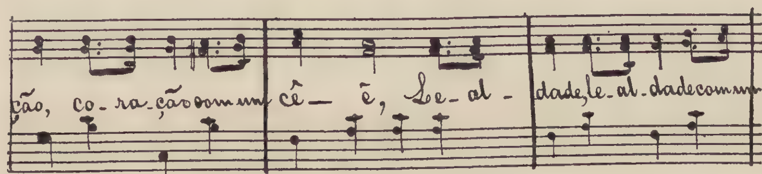
VIII

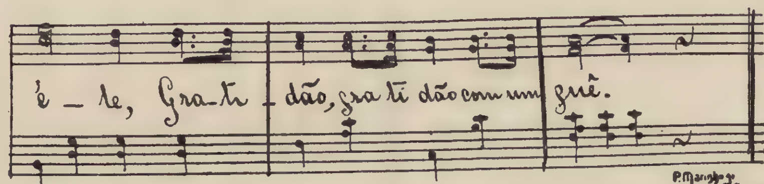
As Lettras











(DESCANTE)

D'ahi o dizer se de alguns rapazes, que por mal tratados andam com o pello todo eriçado, que *viram lobo*...

—«Homem! tu parece que viste algum lobo!»—Homem! o seu rapaz parece que viu lobo!»

Isto é corrente, lá cima.

(Continúa.)

TRINDADE COELHO.



VELHO HERBANARIO

Tenho o gosto de apresentar aos leitores d'*A Tradição* um herbanario muito popular n'estes sitios.

Vende elle differentes hervas, usadas em chá na medicina domestica, taes como: a salva brava, que se emprega para as dores de estomago; a sargacinha e as pastinhas, sudoriferos muito efficazes nas constipações; o *enfeite real*, excellente antifebrifugo que o povo adopta para combater as intermittentes, etc., etc.

Alem das plantas medicinaes, vende o herbanario, em tempo competente, os apreciados oregãos com que se temperam as saladas, os caldos de peixe, e nomeadamente a calda da azeitona de conserva.

Traz o pobre homem comsigo toda a fazenda que possue: um cobertor e varios trapos que lhe servem de cama, uma infusinha para agua, e a panella de barro onde guarda os sobejos das miseras refeições.

E' um vencido dos trabalhos agricolas, o nosso herbanario; labutou emquanto poude, e agora já velho e alquebrado, pede esmola de herdade em herdade, e faz por esse campo a colheita das hervas, que depois vende ou offerece ás pessôas que o esmolam.

Ha por aqui diversos herbanarios; este, porem, é de todos o mais sympathico: falla sempre com humildade e agrado, e aos freguezes explica minuciosamente as virtudes e applicações medicinaes das suas hervas.

Tal é o tio Favinha, assim chamado, que hoje vos apresento.

Serpa.

A. DE MELLO BREYNER



MODAS-ESTRIBILHOS ALEMTEJANAS

AS LETTRAS

—Com que lettra s'escreve ó Maria?
Com que lettra s'escreve coração?
Com que lettra s'escreve lealdade?
Com que lettra s'escreve gratidão?

—Maria s'escreve com um éme,
Coração, coração com um cê,
Lealdade, lealdade com um éle,
Gratidão, gratidão com um guê.

M. DIAS NUNES.



SETUBAL

Crenças, superstições e usos tradicionaes

III

AMULETOS

(Conclusão)

Nós de três quinas

Usa-se na algibeira para afastar as *bruxas*.

Leituario

Compõe-se este amuleto, de uma pedra piriforme, (geralmente opala) engastada em prata.

Tem a virtude de *chamar o leite* quando este falta.

Ferradura

A ferradura do pé esquerdo quando achada sem se procurar, dá felicidade a quem a guardar.

Costumam aqui pregal-a na parte interior da porta da rua.

O coração

De remotissima antiguidade, hoje é um simples adorno a que o povo não liga ideia alguma.

Simplesmente vêem um symbolo quando associado á ancora e á cruz, representando esta a fé, aquella a esperança, e o coração a caridade.

Vassoura

Comquanto não seja um amuleto, póde, em certas circumstancias, servir como tal.

Quando uma visita importuna se demora, força-se esta a sahir pondo a vassoura atraz da porta, com o cabo no chão e as palmas para cima (vassoura de pernas ao ar) (sic).

Eis os principaes amuletos que ainda vivem na crença popular d'estes sitios, e mesmo assim alguns d'elles teem passado ás modestas condições de simples berloques sem significação.

ARRONCHES JUNQUEIRO.



JOGOS POPULARES

A calha

ESTE jogo, embora d'antiquissima origem, ainda hoje constitue um dos passatempos mais predilectos da mocidade alemtejana. A epoca que os rapazes escolhem para o *jogo da calha*, é o inverno. E, na verdade têem elles muita razão em preferir o tempo frio para este genero de folguedos, porque o esforço muscular que taes exercicios demandam, é excessivamente violento para ser executado na estação calmosa.

Para realisar o supracitado jogo, procuram os rapazes um sitio plano, sobre o qual traçam uma figura geometrica de fórma rectangular, a que dão o nome de *calha*. A construcção d'esta figura é feita da seguinte maneira: risca-se no sólo um grande rectangulo, e em seguida divide-se esse rectangulo, no sentido do seu maior comprimento, em duas partes symetricas; traçam-se depois, perpendicularmente ao eixo de symetria, tres rectas parallelas entre si e equidistantes, de modo a subdividir o primitivo quadrilatero em oito pequenos rectangulos approximadamente eguaes. E assim nos fica desenhada a calha, por simples traços á mão, sem o auxilio de regua nem compasso.

Concluido o desenho da calha, os jogadores tomam uma falha de pedra e fazem-na percorrer os diversos rectangulos, conforme o processo abaixo descrito.

Vejâmos agora como as coisas se passam. Em primeiro logar, um dos jogadores, collocado em frente da calha e apontando succcessivamente para os seus differentes compartimentos, vai dizendo, seguindo sempre da direita para a esguerda: «calha, calhão — figuinho ou não — terra com terra — á marca pilão.» E' preciso que a palavra pilão venha a coincidir com o ultimo rectangulo da esquerda. Sem este preceito prévio, que serve para verificar se a calha está ou não bem dividida, não póde começar o exercicio.

Os jogadores costumam ser em numero de dois ou quatro, e n'este segundo caso, diz-se que jogam de parceirada.

Supponhâmos, pois, construida a calha e que estão combinados os parceiros. N'esta altura, um dos jogadores péga na falha com a mão direita e atira com ella para o interior do primeiro rectangulo, á sua direita, e, a seguir, o mesmo jogador, levantando um pé (geralmente o esquerdo), impelle com a ponta do outro, a falha, fazendo-a girar, de rectangulo em rectangulo, atravez de toda a calha. A falha realisa o seu percurso, cami-

nhando egualmente da direita para a esquerda.

E' de notar, que, durante o exercicio, o jogador não tem direito a poisar os dois pés senão no quinto rectangulo, situado no alto da calha, á esquerda. Se tenta descançar n'outro rectangulo, perde e tem de ceder a vez a outro jogador. Perde da da mesma maneira, se acontece ficar a falha *calhada*, isto é, collocada sobre qualquer dos riscos que dividem a calha. O jogador perde ainda, se, não sabendo graduar a força com que impulsiona a falha, a deixa saír para fóra da calha; e perde, finalmente, quando apaga com o pé uma porção de qualquer das linhas que limitam os rectangulos.

A calha joga-se ás partidas, e cada partida consta de quatro jogos. Quando um rapaz consegue ganhar quatro jogos a fio, n'este caso especial toma a partida a designação de *pente*.

A fórma da calha varía com as terras, e em cada terra, com as epocas. Em Brinches, por exemplo, lembro-me de se usar, n'outros tempos, a calha em espiral, vulgarmente chamada «calha de caracol». Actualmente a calha que ali adoptam tem a configuração de dois rectangulos unidos por um dos lados, sendo cada rectangulo dividido em quatro triangulos, por meio das suas duas diagonaes. D'esta fórma vem a calha a ser constituida por oito triangulos, symetricos dois a dois.

Quanto ao processo de jogar, é o mesmo, quer se trate d'uma figura, quer d'outra. E' sempre o jogador, andando «ao pé coxinho», a impellir a pedra por todas as divisões que compõem a calha.

*

O *jogo da calha*, pela enorme complexidade de movimentos que exige e pela agilidade com que esses movimentos são executados, representa, a nosso ver, um dos exercicios mais completos que a rapaziada pratíca. Desde o singello e gracioso traçado da calha, em que a vista e a mão se adestram, até aos variados e rijos movimentos que é necessario imprimir ao corpo, não esquecendo os innumeros episodios picarescos proprios da edade juvenil, tudo, emfim, n'este jogo, respira actividade. Póde-se dizer, que toda a machina humana entra aqui em vibração. Basta reparar na violenta attitude a que o jogador é obrigado, para se ver logo que a economia inteira toma parte em tão buliçoso divertimento.

E, para terminar, permittam-nos os rapazes, ou melhor os que superintendem na sua educação physica, uma pequena observação. O exercicio da calha, para ser verdeiramente util sob o ponto de vista hygienico, deve ser feito apoiando no sólo ora um pé, ora outro, porque do contrario — é obvio — ha uma grande asymetria nas contracções musculares e e excitações nervosas, o que não pódem deixar de reflectir-se por fórma nociva no funccionamento do organismo. Acrescentemos ainda, que, n'este jogo, devem os rapazes estar submettidos a cuidadosa vigilancia, sobretudo aquelles que possuem uma constituição fraca, ou são portadores d'alguma lesão organica.

Brinches.

LADISLAU PIÇARRA.



A caça no concelho de Serpa

(Continuado de pag. 126)

Em todas as caçadas, tanto de caça grossa como de caça miuda, e quando duradoiras, era costume nomear-se juiz da caçada logo na primeira noite em que o rancho se ajuntava. Esta nomeação, sempre feita por unanimidade, recahia — no caçador mais velho, no melhor, ou

então no director ou no promotor da caçada.

Competia ao juiz decidir sem appello, de todas as questões, que podessem surgir durante a caçada, e presidir á applicação das multas e penas impostas aos infractores dos costumes de longa observação e justa prática.

Parodiando as audiencias, com juiz, delegado e defensor, á noite discutiam-se e julgavam-se todas as faltas commettidas durante o dia pelos caçadores. Outras vezes passavam-se os serões em jogos de força e destreza, ou então memorando-se outras caçadas e factos concernentes. E quando as caçadas tinham logar em terras de Hespanha, não era raro bailar-se, com as moças serranas hespanholas, o *bolero*, as *seguidillas*, e o caracteristico e tradicional fandango.

Quantas vezes, á noite, nós ouvimos tambem as sempre repetidas historias do mestre Domingos Rijo: a de uns lobos que uma noite o perseguiram no centro da serra, a de umas trélas [1] que elle fizera com o cão do Côxo... E outros casos interessantes que elle contava a primor: da maneira por que em tempo mataram o Branco, que se havia tornado um ladrão perigoso; da fórma por que o tio Matheus de Valle-da-Casca assassinára 3 ou 4 francezes que lhe tinham insultado a familia; de como o malhadeiro da Cascalheira «fizéra as contas» a dois ladrões, de tres que o foram roubar, achando-se elle ausente da malhada, no tempo em que a serra era infestada por guerrilhas; etc., etc.

O que sempre havia n'esses serões assim tão bem passados era — n'uma ruidosa e franca alegria — muitos dictos de genuina graça, enganos de hilariante effeito, e tudo sem amús nem desavenças.

Almoçava-se e jantava-se na malhada ou no rancho, e levava-se a merenda na mochila. Comia se bem e bebia-se melhor.

Quando havia rezes na serra tambem se caçava de atalaia. De madrugada, um ou mais caçadores dos que conheciam bem o terreno sahiam a postar-se nos montes mais elevados e d'alli observavam ao amanhecer o movimento dos cervos e javalis, podendo assim calcular qual a mancha onde a caça iria encamar; e essa mancha, depois era cercada e batida por todos os caçadores.

No tempo da bolota os javalis veem comer aos montados, e então os coiteiros e caçadores do campo fazem-lhes esperas de noite e ao luar. Descoberto o rasto dos animaes junto d'alguma azinheira que seja a preferida, o caçador estabelece resguardo em logar contrario ao vento e ao sitio d'onde a caça costuma vir, e de lá atira aos javalis quando estes se chegam para comer.

Tenho conhecido alguns caçadores que, nas mais frias noites de inverno, se descalçam e vão sorrateiramente em busca dos javalis por veredas conhecidas, procurando não atravessar o vento na direcção do local onde suppõem estar a caça. D'este modo, oppostas as necessarias cautelas aos apuradissimos sentidos da vista e do olfacto que o javali possue, conseguem os caçadores, sem que sejam presentidos, approximar-se do animal á distancia precisa para bem o distinguir e apontar.

Tambem em noites de verão se fazem as mesmas esperas, quando as searas já estão maduras e os javalis veem alli comer o trigo e o centeio.

(Continúa.)

A. de MELLO BREYNER.



[1] *Tréla* e *cobra* se chama á procura, que se faz com um cão bom e amestrado, da caça ferida que não cahiu ao receber o tiro. *Tréla* é o termo consagrado na caça grossa, e *cobra* quando se trata de caça miuda.

LITURGIA POPULAR

Estas e outras similhantes jaculatorias, que sabe formar bem e sentir melhor a eloquencia do amor santo.

FR. GABRIEL DE BASTO

(Vida admiravel de S.ta Margarida)

Poeta por natureza e crente sobretudo, o povo, com essa faculdade extraordinaria de invenção, que se revela em todas as manifestações do seu espirito, creou tambem a sua liturgia, e muito encantadora que ella é. As composições religiosas do povo, as orações, os esconjuros, as jaculatorias, as ladainhas, teem até hoje, infelizmente, despertado pouco a attenção; pouquissimas são as fixadas, talvez pela quasi impossibilidade da sua colheita, dada a inexpugnavel tenacidade com que o povo as guarda, e o seu caracter intimo, que não occasiona revelações espontaneas, como por exemplo, a poesia.

Será pois muito pequeno, o peculio que posso offerecer aos leitores da linda «*Tradição*», mas «de vagar se vae ao longe», diz o adagio, e por isso oxalá que outros e mais competentemente, maior subsidio tragam.

Confissão de Nossa Senhora [1]

A Virgem se confessou
Pela manhã ao Domingo:
Não era por ter pecado
Nem por o ter comettido;
Só para cumprir preceito
Ao seu Santissimo Filho.
O ventre que ella levava,
Toda a terra alumiava.
O padre assim que a viu,
Pensamentos duvida —(*sic*)
Oh! meu padre da missa,
Vamos a remir peccados,
Quero ir para Belem,
Está o filho de Deus Padre
Em par de Deus todo o bem.
O primeiro que eu amei,
Foi a Deus Nosso Senhor,
Que o trago no meu ventre
Creado a meu favor.
O segundo que jurei,
Uma jura de continua — (*sic*)
A vinte e quatro de Março
Encarnou Verbo Divino.
O terceiro que eu tenho sido
Uma perfeita donzella
Filha de S. Joaquim,
Roubei o ceu e a terra.
Levanta-te pombinha branca,
Meu espelho cristallino,
Imperadora das almas,
Amaes o Verbo Divino.

(Da tradição oral, na Beira-Alta).

Oração de S. Gregorio

(*Contra as trovoadas*)

S. Gregorio se alevantou,
Seu cajadinho tomou,
Ao caminho se botou;
Encontrou Nossa Senhora,
Nossa Senhora lhe disse:
«Para onde vaes tu S. Gregorio?»
«Vou espalhar as trovoadas,
Sobre nós de mão armada».
«Espalha-as bem espalhadinhas,
Que não caia nem beira, nem leira,
Só em pedra d'aguçar
D'onde o demonio vá estoirar.» [1]

(Da tradição oral, Beira-Alta.)

ALVARES PINTO.

[1] Esta composição quasi dythirambica, pela sua forma arrevesada, revela um pensamento original, qual é o de fazer a Virgem confessar-se a um padre, como qualquer peccador e popular a valer; e suppõe já haver confissão antes de Christo.



CONTOS ALEMTEJANOS

O Diabo e a sogra

Era uma vez uma estalajadeira que tinha uma filha muito namoradeira, mas, desgraçadamente, para casar, ninguem a queria. Um bello dia, disse-lhe a mãe: «Ainda assim, tu não casarás, ainda que seja com o diabo?! Ora, o diabo sabendo d'isto, apresentou-se um dia na estalagem, fingindo que era negociante, e começou a namorar a rapariga, pedindo-a logo em casamento. Como a mãe lhe disse que sim, casaram d'ali a pouco tempo. Está claro que

[1] E' de frisar aqui, a crença verdadeiramente pagã, das trovoadas serem devidas ao espirito do mal.

o tratamento que elle dava á mulher, era como a pessoa (o diabo)! Effectivamente, quando elle saía a fazer alguma jornada, á volta, encerrava-se n'um quarto com a mulher, tirava a chave da porta, e lá vão estoiros para cima d'ella. Em vista d'este mau tratamento, desconfiou a mãe que a filha estava casada com o diabo. E um dia disse á filha:

— «Parece-me, filha, que tu estás casada com o diabo; e nós havemos de saber isso com certeza.»

Respondeu a filha:

— «Então como havemos nós de saber isso?»

— «Olha, pega n'este rosario de contas, e em elle se encerrando comtigo, que te comece a bater, atira-lhe com o rosario para cima, porque se for o diabo, foge com certeza; e deixa o resto por minha conta.»

Effectivamente, no outro dia, quando o diabo chegou a casa, encerrou-se logo n'um quarto com a mulher. Mas a sogra, que andava desconfiada, assim que elle fechou a porta, pegou n'uma garrafa e n'uma rôlha e poz a bôca da garrafa ao buraco da fechadura da porta, que era a unica saída que tinha o quarto.

A filha, como já estava avisada, assim que elle lhe deu a primeira pancada, atirou-lhe logo com o rosario para cima. Mas como o diabo só podia fugir pelo buraco da fechadura, entrou, sem querer, para dentro da garrafa.

A velha assim que o apanhou dentro da garrafa, rolhou-a muito bem e foi deitál-a para umas moitas. Já se vê, que o diabo, vendo-se preso, só o que fazia era gritar: «Quem me tira d'aqui, que o faço feliz! quem me tira d'aqui, que o faço feliz!...»

Perto das moitas onde estava a garrafa, havia um caminho por onde já ninguem passava, porque ouviam gritar, e não viam pessoa nenhuma. Por acaso veiu ali dar um soldado, que perguntou qual era o caminho mais curto para a terra aonde elle se dirigia. Todos lhe disseram que havia um caminho, assim, assim, que era mais perto, mas que ninguem ia por elle, porque estava lá um medo; e disseram-lhe que medo era. O soldado, ouvindo isto, disse: «pois é mesmo por esse caminho que eu hei d'ir». E marchou. Effectivamente, quando se approximou do tal logar, ouviu as taes vozes que lhe tinham dito, e foi-se chegando para ellas para ver o que era. Depois de buscar muito, encontrou dentro d'uma moita uma garrafa, d'onde saíam as vozes. Muito admirado, perguntou:

— «Então que diabo é isto que está aqui dentro?!»

— «O' camarada.» — responde o diabo — «sou eu; sou o diabo que estou aqui encerrado. Se me soltares, faço-te feliz.»

—«Então, quem diabo te engarrafou?» — perguntou o soldado, cada vez mais admirado.

—«Foi minha sogra.»

—«Então, de que maneira me hasde tu fazer feliz?

—«Olha, vou metter-me no corpo d'uma princeza, e só de lá sáio quando tu mandares; e como é uma princeza, com certeza que te hão de dar tudo quanto pedires. E se quizeres pódes ficar rico.»

O soldado, depois d'ouvir estas palavras, soltou o diabo, que lhe pediu muito que não dissesse nada á sogra.

Passados dias, o soldado ouviu dizer que a princeza estava muito doente, e que ninguem atinava com a molestia. E, lembrando-se da fala que tinha tido com o diabo, apresentou-se em palacio e disse:

— «Eu sou capaz de curar a princeza, mas para isso é preciso que me dêem cá uma certa continha.»

— «Dou-te o dobro do que tu pedes,» — respondeu o rei — «se fores capaz de a curar.»

— Bem, deixem-me só no quarto com ella, e d'aqui a um quarto d'hora, ou ainda menos, está curada.»

(Conclue).

(Da tradição oral—Brinches.)

ANTONIO ALEXANDRINO.

BULLETIN POUR L'ÉTRANGER

LA TRADITION

Revue mensuelle illustrée d'ethnographie portugaise

DIRECTEURS

Ladislau Piçarra et Dias Nunes

REDACTION ET ADMINISTRATION

À SERPA (PORTUGAL)

Sommaire du présent numéro de la Tradition

Texte : — Le marché aux grillons, par *N. W. Thomas;*

Jeux portugais, par *Souza Viterbo* (Dr.);

Monsieur Sept (suite), par *Trindade Coelho* (Dr.);

Vieux herboriste, par *A. de Mello Breyner;*

Chansons, refrains de l'Alemtejo: Les lettres, par *M. Dias Nunes;*

Setubal — Croyances, superstitions et usages: Amulettes (conclusion), par *Arronches Junqueiro;*

Jeux populaires: La «calha», par *Ladislau Piçarra* (Dr.).

La chasse dans le district de Serpa (suite), par *A. de Mello Breyner;*

Liturgie populaire, par *Alvares Pinto;*

Histoires de l'Alemtejo: Le diable et sa belle-mère, par *Antonio Alexandrino;*

Illustrations :—Galerie de costumes populaires: Vieux herboriste.

Recueil de chansons: Les lettres (musique).

R.

BULLETIN FOR ABROAD

THE TRADITION

Monthly illustrated review of portuguese ethnography

DIRECTORS

Ladislau Piçarra and Dias Nunes

OFFICES

SERPA (PORTUGAL)

Summary of the present number of the Tradition

Text: — The crikets-market, by *N. W. Thomas;*

Portuguese plays, by *Souza Viterbo* (Dr.);

Mister Seven (continuation), by *Trindade Coelho* (Dr.);

Old herborist, by *A. de Mello Breyner;*

Songs and the refrains from the Alemtejo: The letters, by *M. Dias Nunes;*

Setubal — Legends, superstitions and traditional usages: Amulets, by *Arronches Junqueiro;*

Popular plays: The «calha», by *Ladislau Piçarra* (Dr.);

The shooting in the Serpa district (continuation), by *A. de Mello Breyner;*

Popular liturgy, by *Alvares Pinto;*

Tales from the Alemtejo: The Devil and her mother in low, by *Antonio Atexandrino*;

Illustrations :— Gallery of popular costumes: Old herborist.

Musical collection: The letters (music.).

R.

Anno II — N.º 10 Volume II
SERPA, Outubro de 1900

A TRADIÇÃO

Revista mensal d'ethnographia portugueza, illustrada

«A TRADIÇÃO, de Serpa, pelo programma que se impoz e pela discreta diligencia com que procura desempenhar esse programma, representa, a meu vêr, o mais bello exemplo patriotico de educação publica exercida pela imprensa».

Ramalho Ortigão.

DIRECTORES:
Ladislau Piçarra
e M. Dias Nunes

Collaborador musical
F. VILLAS-BOAS

Collaborador artistico
M. BAPTISTA SALTA

CLICHÉS DE:
A. de Mello Breyner,
F. Monteiro, F. Villas-Boas,
J. Monteiro
e J. V. Pessoa

SUMMARIO:

TEXTO

ILLUSTRAÇÕES

PREÇO DA ASSIGNATURA:

(Pagamento adeantado)
Em Portugal (continente), série de 12 numeros

1$200 réis
Para o ultramar e estrangeiro accresce o porte do correio

Numero avulso
100 réis

Toda a correspondencia deve ser dirigida á redacção e administração de
“A TRADIÇÃO”
SERPA (Portugal)

Venda avulso d'esta revista
LISBOA, Galeria Monaco, Rocio
PORTO, Livraria Moreira, Praça de D. Pedro, 42 e 44.
COIMBRA, Livraria França Amado.

A TRADIÇÃO

PRIMEIRO ANNO

1899

(2.ª EDIÇÃO)

Um esplendido volume de mais de duzentas paginas, in-4.º, impresso em excellente papel e profusamente adornado de bellas gravuras de typos populares e canções musicaes.

INDICE DAS MATERIAS:

A Morte e o Inverno, pelo Doutor **Adolpho Coelho.**
Andar ás vozes, Tradição de um officio, por **Alberto Pimentel.**
O Imperador de Eiras, por **Alfredo de Pratt.**
Lendas, Em quarta-feira de cinzas, por **Alvaro de Castro.**
Novellas populares minhotas, por **Alvaro Pinheiro.**
As festas do Sacramento em Beja, por **Alves Tavares.**
Contos populares alemtejanos, por **Antonio Alexandrino.**
Contos algarvios, Therapeutica mystica, pelo Doutor **Athaide d'Oliveira.**
Adivinhas, Proverbios e dictos, por **Castor.**
O elemento arabe na linguagem dos pastores alemtejanos, pelo **Conde de Ficalho.**
Antiguidades portuguezas, por **C. Cabral.**
Natal, Anno-Bom e Reis, Danças populares do Baixo-Alemtejo, Modas-estribilhos alemtejanas, Na Quaresma, A festa da Guadalupe, A procissão do Corpo de Deus, O S. João em Serpa, As taboas de Moysés, Bibliographia, por **M. Dias Nunes.**
Vidigueira e as suas tradições, A serração da velha, O touro de S. Marcos, Penitencias nocturnas, por **Fazenda Junior.**
Bichos uterinos, Bruxas e feiticeiras, Bruxas e bruxedos, por **Filomatico.**
Rimas populares, pelo Doutor **João Varella.**
Jogos populares, O banho da alma, O carnaval, Therapeutica mystica, Medicina empirica, pelo Doutor **Ladislau Piçarra.**
Habitação, por **Lopes Piçarra.**
Estatinga-Estantiga?, por **D. Carolina Michaëlis de Vasconcellos** (Dr.ª)
A corrida da vacca das cordas em Ponte de Lima, por **Miguel de Lemos.**
Cancioneiro de musicas populares, Povos da Yberia, por **Paulo Osorio.**
Superstições dos criminosos, A festa de S. Marcos proximo de Serpa, por **Pedro A. d'Azevedo.**
Os virtuosos, por **Pedro Cóvas.**
A Tradição, por **Ramalho Ortigão.**
Botanica popular, por **D. Sophia da Silva** (Dr.ª)
O Doutor da mula ruça, pelo Doutor **Sousa Viterbo.**
Serração da velha, pelo Doutor **Theophilo Braga.**
Lendas & Romances, por **A. Thomaz Pires.**

Anno II — N.º 10 SERPA, Outubro de 1900 Volume II

Editor-administrador, *José Jeronymo da Costa Bravo de Negreiros*, Rua Larga, 2 e 4 — SERPA
Typ. de *Adolpho de Mendonça*, Rua do Corpo Santo, 46 e 48 — LISBOA

A TRADIÇÃO

Revista mensal d'Ethnographia Portugueza, Illustrada

Directores: — LADISLAU PIÇARRA e M. DIAS NUNES

NOTAS HISTORICAS ÁCERCA DE SERPA

VI

Serpa sob os Almoravides e os Almohades

Logo depois da batalha de Zallá-ca, Yucef-ibn-Tachefin retirou para Africa; mas voltou varias vezes á Hespanha[1]. e em breve os pequenos reis das Taifas perceberam, que tinham ido procurar um perigosissimo alliado.

Entre os moiros da Hespanha e os Almoravides não podia haver alliança duradoura — não se entendiam. Os moiros da Hespanha eram gente extremamente civilisada, pode-se bem dizer, da mais civilisada que por aquelles tempos havia. As côrtes do sul, sem herdarem o poder da côrte de Cordova, herdaram, no entanto, o seu brilho e os seus requintes. Os reis de Sevilha, de Murcia, de Valencia, mesmo de pequenissimos estados como Almeria, habitavam palacios magnificos, rodeados de jardins e pomares, de laranjaes e romeiraes, que eram verdadeiras maravilhas. Traziam em roda de si numerosos sequitos de artistas, de lettrados, de poetas alambicados, peritos em todas as complicações dos metros arabicos. Mussulmanos de nome, tinham quasi deixado de o ser de facto. O longo contacto com os christãos, as doutrinas da sua sciencia e da sua philosophia, reflexo da sciencia e da philosophia grega, haviam delido e apagado a sua fé religiosa. Ao zelo e á intolerancia dos primeiros tempos, succedera um scepticismo amavel de gente bem creada, tocando as raias da incredulidade.

Os Almoravides eram quasi selvagens. Entravam nos combates meios nus, cobertos apenas por algumas pelles de animaes, sem armas defensivas, levando nas mãos as lanças ou as grandes espadas, montados nos seus magros e activos cavallos do deserto. De resto, optimos soldados, duros, resistentes, afeitos a todas as privações. Ignorantissimos nas subtilezas da sua religião, sabendo pouco mais que invocar o nome de Deus e do Propheta, eram no emtanto devotos e fanaticos. Viam com um profundo desprezo a existencia molle e luxuosa dos andaluzes; e ao mesmo tempo, por uma contradicção natural, viam com uma insaciavel cubiça as suas deslumbrantes riquezas. Dadas estas disposições, e levando tambem em conta a ambição pessoal de Yucef-ibn-Tachefin, o resultado era de prever.

Effectivamente, passados poucos annos, os pequenos reinos mussul-

[1] Veja-se, por exemplo, Codera, *Dec. y desap. de los Almoravides*, p. 226.

manos da Hespanhn tinham desapparecido. Sob varios pretextos ou mesmo sem pretexto, o proprio Ibn-Tachefin, e, nas suas ausencias em Africa, o rude chefe berbére seu lugar-tenente, Sir-ibn-Abu-Bekr-ibn-Ureggut[1], haviam-nos pouco a pouco encorporado no imperio almoravide. O pobre Ibn-Abbad de Sevilha foi preso com todas as suas mulheres e todos os seus filhos, e levado para Africa, onde morreu no carcere. Ibn-al-Aftas de Badajoz foi morto com os seus dois filhos. Em breve, toda a Hespanha mussulmana acceitava o mando do grande Amir-al-Muslemin[2], e ficava unida á Africa septemtrional em um enorme, mas fragil imperio.

Esta occupação da Peninsula pelos Almoravides teve resultados importantes pelo que diz respeito á situação dos estados christãos, e tambem quanto á posição dos *mosarabes* que habitavam as terras dos moiros. Os estados christãos passaram a ter em frente de si um inimigo unido, aguerrido e duro, em lugar dos andaluzes, divididos e amollecidos por alguns seculos de civilisação e de prosperidade material. Os *mosarabes* passaram do dominio tolerante e brando dos mesmos andaluzes, para o de uma gente, que renovava ou ainda aggravava a intolerancia dos primeiros tempos. Os pequenos chefes almoravides eram soldados rudes e duros. E peores do que elles seriam os religiosos que os accompanhavam, marabuts ou alfaquis fanaticos, aos olhos de quem a mais simples tolerancia com os moiros degenerados da Hespanha, e sobretudo com os christãos malditos, constituia um grave crime. Os proprios moiros da Peninsula foram opprimidos por aquella gente, que nem os entendia[1]; e sobretudo os *mosarabes* ficaram em uma situação penosissima.

Varios factos historicos nos deixam ver, quanto foi intoleravel o jugo que sobre elles pesou. Assim, os christãos mosarabes de Granada, que eram numerosos, tinham conservado uma igreja aberta ás portas de Elvira, e ficaram quietos durante seculos, contentes com a sua sorte, ou pelo menos resignados a ella, revoltaram-se agora contra os Almoravides, e appelaram para o auxilio de Affonso o Batalhador, rei de Aragão. O resultado foi ficarem quasi exterminados, sendo mortos uns, desterrados outros para Africa, e submettidos os restantes á mais dura opressão, como gente habituada «ao desprezo e á humilhação[2]».

Se, pois, o curto governo dos Almoravides augmentou consideravelmente as forças militares da Hespanha mussulmana, unindo-a sob uma direcção unica e trazendo-lhe grandes reforços da Africa; é certo, por outro lado, que alterou as relações existentes entre as diversas classes e raças, dando um fundo golpe na sua civilisação e nas suas riquezas materiaes[3]. E devemos procurar até que

---

[1] Este general berbére foi bem conhecido dos chronistas christãos, que lhe chamavam o rei Cyro, *rex Cyrus*. E tinham razão para o conhecer, porque os almoravides conduziram uma guerra activa contra os christãos. Sir-ibn-Abu-Bekr tomou Santarem, que então era de D. Henrique, conde de Portugal. *Era* MCXLVIII *vel* MCXLVIIII (1110 ou 1111) *Rex Cyrus cepit Santarenam.*

[2] O chefe supremo dos almoravides não tomou o antigo titulo de Amir-al-Mumenin, *chefe dos crentes*: e sim o de Amir-al-Muslemin, *chefe dos mussulmanos.*

[1] Os primeiros berbéres entrados na Hespanha tinham adoptado havia muito a lingua arabica; mas uma parte d'stes almoravides só falava berbére, e desconhecia completamente o arabe.

[2] As ultimas palavras são do arabe Ibn-al-Khatib, o qual accrescenta, como bom mussulmano: «Deus queira dar no fim o triumpho aos seus servidores» (versão de Dozy, *Recherches*, I, 345 e seguintes, da 2.ª edição).

[3] Esta é a opinião corrente ácerca dos almoravides, partilhada por Dozy, o mais lucido historiador da Hespanha mussulmana. No emtanto em um livro recente, já muitas vezes citado, o Sr. F. Codera; affastando-se d'aquelle modo de ver, procurou até certo ponto defendel-os e rehabilital-os (l. c., p. 189).

GALERIA DE TYPOS POPULARES



Pregoeiro (de Serpa)

ponto aquella influencia se faria sentir n'esta nossa região do Alemtejo e do valle do Guadiana.

Os factos historicos geraes e bem conhecidos dizem nos simplesmente, que, destruidos os reinos de Sevilha e de Badajoz, todo o Gharb e toda a Andaluzia passaram a fazer parte do grande imperio africano; mas algumas indicações indirectas podem esclarecer um pouco mais a natureza da occupação almoravide; e devem ser examinadas com attenção, pois não foram ainda consideradas — que eu saiba — sob este ponto de vista e em relação á nossa região especial.

Quando D. Affonso Henriques veiu a Ourique no anno de 1139, todas as terras que hoje formam o sul de Portugal estavam ainda na posse dos Almoravides[1]. A batalha de Ourique — como já antes advirtimos — sem ter a enorme importancia que muito mais tarde lhe attribuiram, deve ter sido uma grande batalha, *lis magna* como lhe chama o Livro de Noa, contemporaneo ou quasi do successo. Os moiros assustaram-se com a entrada dos christãos até ao *coração das suas terras*; e, para lhes resistir, congregaram apressadamente todas as tropas disponiveia no Al-Caçr, no Al-Faghar, e na parte mais proxima da Andalusia, Serpa, Moura até Niebla. Quando falamos de tropas, não queremos dizer só as forças regulares, porque, no aperto do momento, se reuniria toda a gente valida, capaz de montar a cavallo e de pegar em uma arma. Juntou-se, pois, muita gente, que não seria, nem muito disciplinada, nem muito bem armada, mas que era muita — a *innumera barbara multitudine* de que fala a Vida de S. Theotonio, que Herculano admitte ser «um dos monumentos com mais certeza contemporaneos do successo». Ora, n'esta *barbara multitudine* vinham mulheres, como depois se reconheceu nos cadaveres de que o campo ficou juncado. E' o que diz a Chronica dos Godos, perfeitamente digna de fé: *femine sarracene* (sic) *in hoc prelio Amazonico ritu ac modo pugnarunt, et occise tales deprehense.*

Quem eram estas mulheres? Não podiam pertencer ás antigas familias, originarias da Arabia e da Syria, nem mesmo ás de raça berbére, vindas da Africa em seculos anteriores e amoldadas á maneira de viver dos andaluzes, porque isto não estava de modo algum nos habitos geraes da mulher mussulmana. Deviam ser unicamente das familias almoravides da raça de Lamtuna, fixadas na Peninsula nos ultimos trinta ou quarenta annos.

E' um facto bem conhecido, que as mulheres almoravides gosavam de grandes liberdades, e andavam sempre de cara descoberta[1]. A sua influencia era grande; e alguns rigidos mussulmanos chegaram a denunciar esta preponderancia da mulher como sendo funesta aquella gente almoravide[2]. Hoje mesmo, entre os Tuareg do Sahará, que devem conservar habitos similhantes aos da raça de Lamtuna, a mulher tem em geral mais instrucção que o homem, viaja só, dirige as transacções commerciaes, reprezenta o elemento mais activo da familia[3].

E o facto especial de as mulheres almoravides entrarem nos combates ao lado dos maridos e dos irmãos é tambem conhecido. Casiri já o men-

---

[1] Alexendre Herculano admitte, que talvez no anno de 1139 uma parte do Gharb já estivesse dividida entre chefes independentes (*Hist. de Port.*, I, 323); mas o Sr. Codera, em um livro dedicado ao estudo especial d'esta epoca como indica o seu titulo, *Dec. y desap. de los Almoravides en España*, mostra, que as revoltas n'este nosso lado só começaram tres ou quatro annos depois.

[1] Veja-se uma anecdota, contada por Ibn-Khaldun, *Hist. des Berbéres*, II, 167.
[2] Veja-se F. Codera (l. c., p. 368).
[3] Réclus, *Géogr. Universelle*, XI, 841.

ciona[1]. Na antiga *Cronica del Cid* de S. Pedro de Cardeña, e na *Cronica general* donde a primeira se deriva, diz-se, que no exercito almoravide, com que o rei Bucar[2] cercou o Cid Ruy Dias em Valencia, vinham na vanguarda duzentas mulheres, *moras negras*[3]. Portanto, o facto de as mulheres lamtunitas tomarem parte nos combates é seguro; d'ahi concluimos serem estas as que se encontravam nas tropas vencidas por D. Affonso Henriques. E da presença ali de numerosas mulheres — e deviam ser numerosas para assim chamarem a attenção—se segue, que muitas familias d'aquellas tribus africanas estavam então estabelecidas em Campo de Ourique, e em todo o nosso Alemtejo de um e outro lado do Guadiana.

Insisti sobre este facto, porque elle deve ter influido profundamente no estado interno de Serpa. Effectivamente, as revoluções de que antes falámos eram principalmente politicas. Que Serpa pertencesse ao khalifado de Cordova, ao reino de Sevilha, ou ao reino de Badajoz, isto pouco ou nada alterava as relações existentes entre as diversas classes ou raças da sua população. Haveria apenas uma mudança de alcaide. Mas agora, o caso era differente com a entrada d'esta gente selvagem, esfomeada, avida de gosar. Toda a influencia passou para as mãos dos berberes. Os nobres descendentes das antigas familias da Syria, gente culta, tolerante, vivendo em boa harmonia com o povo e com os christãos, como tinham vivido seus paes e avós, foram completamente postos de banda. A propriedade mudaria em parte de dónos; e os pobres *mosarabes* ficariam expostos a vexames de toda a natureza. A ordem interna de Serpa, a boa cultura dos seus campos, de que antes nos occupámos, deve ter soffrido por aquelles tempos uma grande quebra.

Como acabamos de vêr, no anno da batalha de Ourique os Almoravides ainda dominavam em toda a Hespanha; mas na Africa o seu imperio estava já fundamente minado pela revolta dos Almohades.

Entre as tribus berbéres do Atlas, tinha appareeido uma especie de propheta, ambicioso e velhaco, mas instruido; e naturalmente, como todos os prophetas mussulmanos, humilde, roto e mendicante. Chamava-se Ibn-Tumert, prégava a *unidade* de Deus, intitulou-se Mahdi[1], e deu aos numerosos partidarios que se lhe foram juntando o nome de al-Mowahedin, corrompido depois em almohades, e que significava *unitarios*. Ao morrer, deixou por herdeiro o seu principal discipulo Abd-al-Mumem, o qual em poucos annos, porque estas revoltas religiosas entre islamitas alastram como fogo de verão em pasto secco, se apoderou de quasi toda a Africa do norte.

Os moiros do Andalús, que supportavam com impaciencia o jugo duro dos Almoravides, logo que os viram fracos revoltaram-se contra

---

1 *Bibl. arabo-hispana*, II, 219. — Casiri faz, porém, uma confusão quanto ao véu ou *litham*, que elle suppõe ser usado sómente por aquellas mulheres, quando na realidade todos os homens o trazem.

2 Era o principe Abu-Bekr, neto de Ibn-Tachefin.

3 A *Cronica del Cid*, e mesmo a *Cronica general* n'esta parte, têem um caracter mais lendario que historico; mas isso pouco importa para o nosso caso, porque o facto de em uma lenda se alludir a uma circumstancia, se não prova que tal circumstancia se desse realmente, prova ao menos que correspondia a um habito conhecido.

1 Mahdi significa *dirigido*, quer dizer *dirigido por Deus;* e é uma especie de Messias mussulmano, já annunciado por Mafoma. De vez em quando apparece um Mahdi; e todos se lembram do que ha poucos annos appareceu no Sudan. Para ver como as coisas se repetem no mundo mussulmano, é curioso comparar a historia do Mahdi de 1880 (Slatin Pachá, *Fire and sword in the Sudan*, 1896) com a do Mahdi de 1120 (Ibn-Khaldun, *Hist. des Berbéres*, II, 161 e seguintes).

elles; e no anno de 1143 e seguintes sublevou-se uma parte do Gharb exactamente por este nosso lado [1]. Foi então que Ibn-Cassi se apoderou de Mertola e provavelmente de Serpa, Ibn-al-Móndir de Silves e parte do Algarve, e Seddrai-ibn-Uézir de Badajoz, Evora e Beja. E' n'este periodo, perturbado e confuso, que se colloca a alliança de D. Aflonso Henriques com Ahmed-ibn-Cassi, a que nós referimos logo na primeira d'estas Notas [2].

Todos aquelles pequenos chefes se submetteram, porém, dentro em pouco tempo ou voluntariamente ou forçados; e Abd-al-Mumen foi reconhecido imperador de toda a Africa do norte e de todo o Andalús, com o antigo titulo supremo de Khalifa e de Amir-al-Mumenin. Quando D. Affonso Henriques veiu tomar Serpa no anno de 1166, tomou-a aos Almohades, que então eram já havia alguns annos senhores de toda a Hespanha, e n'aquelle momento se achavam governados por Abu-Yacub, o filho e successor de Abd-al-Mumen [1].

[1] Outras revoltas se davam no oriente da Hespanha; mas não veem ao nossa caso

[2] As coisas devem-se, porém, ter passado de um modo diverso do que então dissémos A vinda do rei de Portugal ao Alemtejo — affirmada unicamenie por D. José Conde — fica muito duvidosa, como fica duvidosa a data de 1145, que elle fixou para a alliança. — O que parece mais provavel é o seguinte: Ibn-Cassi era um ambicioso e um indisciplinado, que depois de se revoltar contra os almoravides (1143 e 1144), e de chamar á Hespanha os almohades, se revoltou tambem contra estes, procurando então a alliança do Senhor de Coimbra, a quem mandou um enviado; D. Affonso Henriques recebeu-o bem, e deu-lhe um cavallo, um escudo e uma lança; os moiros, porém, indignaram-se com aquelles projectos de alliança, e mattaram Ibn-Cassi (agosto ou setembro de 1151), espetando a sua cabeça na propria lança mandada pelo rei christão. Isto é pouco mais ou menos o que conta o historiador arabe Ibn-al-Khatib (Codera, 1. c. p, 51), que merece muito mais credito do que Conde.

[1] Governava havia trez annos — Abd-al-Mumen morreu em maio ou junho do anno de 1163.

Embora os Almohades fossem berbéres como os Almoravides, e tivessem origem nas tribus mais selvagens do Atlas, como aquelles nas do Deserto, parece terem sido menos duros e fanaticos — pelo menos não ha tantas queixas a seu respeito. O imperio que elles formaram foi mais civilisado e mais humano; mas ao mesmo tempo mais forte. Estes Almohades interessam a nossa historia de um modo muito especial, porque foram os grandes inimigos do novo reino de Portugal; e — como vimos na segunda Nota — logo nos ultimos annos do reinado de D. Affonso Henriques, Abu-Yacub veiu duas vezes passar o Tejo e pôr cerco a Santarem.

Podemos agora, depois d'esta longa digressão pelo antigo tempo dos moiros, atar o fio interrompido e ver o que se passava em Serpa reinando D. Sancho I.

CONDE DE FICALHO.



JOGOS PORTUGUEZES

(Continuado de pag. 135)

Aqui está um jogo ou divertimento palaciano que suppomos portuguez, mas que parece não se ter generalisado ou perpetuado, embora o possamos classificar entre os *jogos de sortes*, que ainda hoje se usam e que tem alguns pontos de afinidade com elle. Este não é comtudo o unico jogo de invenção portugueza e podemos citar outro, do mesmo seculo, um pouco mais posterior e devido egualmente a um homem que occupa um logar distinctissimo na esphera da mentalidade portugueza. Referimo-nos a João de Barros, considerado geralmente como um dos principaes mestres da lingua e cuja capacidade litteraria se manifestou distinctamente sob mais de uma forma.

Historiador nas *Decadas*, profundamente instruido nas sciencias cosmographicas e geographicas, de que deu provas na mesma obra; romancista na *Historia do imperador Clarimundo*, grammatico, philosopho e moralista, João de Barros era sobretudo um pedagogo eminente. Se não foi elle quem inventou o methodo de leitura figurada — A arvore, B bésta, C cesto — antecipando-se tres seculos a Castilho, foi elle pelo menos quem o iniciou entre nós. Mas não foi somente na sua *Cartinha* que elle revelou as suas altas faculdades pedagogicas. Ainda ha pouco a Bibliotheca Nacional de Lisboa adquiriu um manuscripto d'elle em pergaminho, iluminado, que é nem mais nem menos que um methodo figurado da grammatica latina para uso da infanta D. Maria. Esta obra passara até agora completamente desconhecida dos nossos bibliophilos. Por aqui se vê que João de Barros, se não era o preceptor official da infanta, era pelo menos o seu Mentor, um dos seus conselheiros intellectuaes, Alem do tractado da gramatica latina, que acabamos de mencionar, João de Barros executou propositadamente para ella o *jogo dos preceitos moraes*, de que trata n'um opusculo publicado em 1540 sob o titulo de *Dialogo de João de Barros com dous filhos seus Antonio* e *Catherina)* sobre preceitos moraes em forma de jogo.

Como na grammatica latina, João de Barros debuxou tambem uma arvore, em cujo tronco estavam as virtudes que levavam á felicidade humana, tendo de cada lado, os defeitos em contrario, uns por excesso, outros por deficiencia. Na raiz residia o livre arbitrio, regulador da vontade. Esta arvore, que servia para auxiliar visualmente o ensino da moral, era transplantada depois para um taboleiro ou taboa, que representava a alma, segundo a difine Aristoteles — tabua raza. Este taboleiro tinha ao centro tres circulos com ponteiros, representando o movimento do livre arbitrio. Era dividido em tres partes, em cada uma das quaes os jogadores collocavam as suas pedras, que eram em numero de 24 para cada um e circulares como as que usamos no jogo das damas. Umas eram brancas, outras pretas; pertencendo as primeiras ao jogador contemplativo, e as outras ao activo. Tudo isto muito figurado, muito symbolico, muito philosophico e muito pouco perceptivel, porisso que o auctor não nos indica a marcha ou machinismo do jogo, que parece devia ser do mesmo genero que o da gloria e do assalto. Tendo-nos dado o desenho de cada uma das peças, que só se differençam entre sí pelas palavras que contém, esqueceu-se de nos dar o debuxo do taboleiro, por onde poderiamos seguir mais facilmente as phases do jogo.

O que diriam os frequentadores das batotas de Cascaes se João de Barros lá apparecesse agora com este seu taboleiro a fazer concorrencia á vertiginosa *roleta* e a moralisar os *pontos!*

Se elle não conseguiu moralisar os seus contemporaneos, que fructo poderia hoje colher, a não ser o do ridiculo?

Dissemos atraz que o jogo dos *Preceitos moraes* se poderia classificar entre os de sortes, como o da *gloria*, mas antes o devemos considerar como uma especie de *xadrez* ou de *jogo de damas*. Ha nas *Decadas* do eminente polygrapho uma passagem que é o mais elucidativo commentario ao seu *Dialogo*. Tratando da viagem de Diogo Lopes de Sequeira, refere-se a um livro persa e faz a historia do xadrez, em que sem duvida era peritissimo. E n'este ponto, por associação de ideias e pela relação de afinidade lembra o jogo que inventara e o proposito em que estava de reduzir ao mesmo systema a *Economica* e a *Politica* de Aristoteles, assim como fizera á *Ethica* mas desistiu do intento desanimado pelo resultado das suas engenhosas tentativas.

Aqui transcrevemos essa passagem que é deveras curiosa.

«Ao modo do qual philosopho Acuz Farlu, não por imitar a elle, porque ainda eu não tinha visto esta historia, mas porque, em modo de arte memorativa, a memoria podesse reter esta dotrina moral como usou o filosopho Cebetes na pintura da sua taboa, quiz introduzir a virtude e reprovar os vicios: assi por artificio de jogo de tavoas reduzia toda a ethica de Aristoteles, em que entravam todalas virtudes e vicios por excesso e por defeito. O qual tractado deregi á infanta D. Maria, que depois foi princesa de Castella, filha de el-rei D. João 3.º nosso senhor: com o qual ella jogava. E tendo eu proposito de poer a economica tambem em jogo de cartas e a politica nesta de enxadrez, por estes tres serem os mais communs jogos, ao menos por nelles aprenderem os homens o nome da virtude e como se devem haver no uso d'ella, já que não ha hi modo para deixarem de jogar, vi eu tão poucos devotos do primeiro, que não quiz trabalhar nos outros.» [1]

Xadrezista de nomeada e n'este ponto de maior reputação que João de Barros conhecemos apenas outro nosso compatriota, que viveu nos principios do seculo XVI e ainda anteriormente. Chamava-se Damião (Damiano, italianisado o nome) e diz Barbosa, não sabemos com que fundamento que fôra boticario em Odemira. Parece todavia mais natural que elle residisse no estrangeiro. Compoz um tratado do jogo de xadrez, de que hoje só se conhece o texto italiano, julgando nós todavia que elle deveria ter sido escripto originariamente em hespanhol. Innocencio da Silva, (Supplemento ao Diccionario. tom. 9.º) baseado n'um *Catalogo* de Trubner, cita uma edição de Roma de 1518 e outra immediata de 1534.

[1] — Decada 2.ª, Livro 4.º, cap. 4.º.

Em Brunet vem um artigo muito interessante e bastante desenvolvido sobre o nosso illustre xadrezista e nas bibliographias especiaes occupa um logar honroso. O sr. Antonio de Portugal de Faria, no seu livro *Portugal e Italia* (Livorno 1900) reproduz em *fac-simile* o frontispicio d'outra edição sem data, mas que se julga *cerca* de 1540. Eis o seu titulo por cima d'uma vinheta, represen tando dois jogadores:

LIBRO DIM-
PARARE GIOCHARE
A SCACHI, DE BLISSIMI PARTITI, REUISTÉ
& RECORETI, & CON SUMMA DILIGENTIA
DA MOLTÉ FAMOSISSIOMI GIOCATORI
EMENDATI. IN LINGUA SPAGNO-
LA, & TALIANA NOUAMENTE
SBAMPATO.

D'esta edição ha um exemplar na Bibliotheca Nacional de Lisboa, e possue outro o sr. Annibal Fernandes Thomaz. Nas colleções d'este distincto bibliographo existe tambem um opusculo, que suppomos bastante raro, assim intitulado:

Observações e regras sobre o jogo do Xadrez copiadas do tractado de A. D. Polydore, traduzidas e offerecidas ao ill.mo snr. A. J. Pascoalinho por seu amigo J. A. Ramos — Rennes, impresso por J. M. Vatard, 1831 in-32.º, 16 pag. numeradas.

Na Bibliotheca Nacional de Lisboa ha um manuscripto em 4.º contendo a traducção em portuguez do tractado composto em hespanhol por Lopo de Sigura. O frontispicio, desenhado, tem o seguinte titulo:

Arte do liberal ioguo do xadres cômpilada de varios auctores que sobre ella escreverao que pude alcançar. 1647. Do vso de Fr. Antonio das Neues pregador da Prouincia dos Algarues que a escreueo.

No verso do frontispicio é que declara que o auctor da obra se chamava Ruy Lopes de Sigura.

Damião não foi só um compilador apreciavel, foi tambem um tractadista muito distincto, como o provam as successivas edições do seu livro e as traducções que teve em outras

MUSICAS POPULARES

I

O fandango

Gaita
Tamboril
Modº
D.C. ao 𝄋
P. Marinho g.

(DANÇA)

linguas. Alguns lanços e regras parece que ainda conservam o seu nome.

Que em Portugal o jogo do xadrez foi sempre tido em grande conta verifica-se por uma passagem do proprio Damiano, em que diz: *cosi di vsa iu Spagni & in Portogallo donde touo ositi li graudi giocatori.*

Na carta de Pero Vaz Caminha, companheiro de Pedro Alvares Cabral, ao dar conta do descobrimento do Brasil e dos usos dos indigenas, falla dos ossos que elles traziam para adorno dos beiços furados e tem esta comparação: *e o que lhe fica entre o beiço e os dentes é feito como roque de enxadrez.*

Ha annos jogou-se um *match* de xadrez, que durou mezes, entre os socios do Club naval e os do Gremio Litterario, de que estes ultimos sahiram vencedores.

Lisboa 14 de abril de 1900.

SOUSA VITERBO.



O SENHOR SETE

(Continuado de pag. 138)

— *Estar nas suas sete quintas.*

E' o que se chama estar regalado! Mais feliz que um lagarto ao sol!

Mas a palavra *quinta*, lá cima, não significa o mesmo que cá para baixo. Cá para baixo, em um sujeito tendo um bocadinho de terra, quatro couves, uma nora e uma casita, já tem uma quinta. Lá, não. Se não tivesse mais nada, esse sujeito teria «uma propriedade». *Quinta*, lá cima, é um fragmento de uma freguezia. Em regra, as freguezias são povoações continuas inteiramente isoladas uma das outras, ás vezes por umas poucas de leguas. Não apparecem, como no Minho, casas isoladas, uma aqui e outra acolá. E' tudo junto, é tudo pegado, e chama-se *um povo.*—«Que povo é aquelle além?»

Mas ás vezes, porque o terreno é accidentado, e as relações do *povo* com certos logares seriam difficeis, criam-se n'esses logares nucleos de casas, pequenas povoações, que veem a ser, portanto, como que projecções ou fragmentos da freguezia. Lá teem tambem o seu orago, em regra, mas não são autonomas: pertencem á freguezia de tal, onde a população vae á missa todos os domingos, e á desobriga na quaresma, e chamam-se *quintas*: — a Quinta de S. Pedro, a Quinta da Roca, a Quinta de Santo André, onde teem propriedades, «o seu *casal*», pessoas de longe. *Casal* é pois o aggregado de propriedades pertencentes ao mesmo individuo; — *quinta*, um aggregado de casaes, de diversos; ou um nucleo de casas constituindo uma unidade inferior á aldeia.

Isoladamente, ao contrario do que acontece para aqui, cada predio tem o seu nome generico (e ás vezes um nome proprio) consoante o genero da sua cultura, o seu prestimo: — *quintal* ao pé de casa, mesmo que não seja contiguo: *horta*, maior e um pouco mais longe: ambos *para dar para a casa;* depois, uma *terra*, uma *cortinha,* um *chão*, um *olival*, uma *vinha* um *lameiro,* consoante...

Mas quer-me parecer que já estou a massar. Ponto.

*

— *Sete pobres n'um palheiro.*

E' signal de grande barulho! As mães, quando se vêem muito afflictas com o barulho dos filhos, dizem-lhes sempre assim: — «Calae-vos p'r' ahi, demontres! Fazeis mais barulho que sete pobres n'um palheiro!»

Explica-se. Lá cima, os pobres são uma especie de rhapsodos: andam de terra em terra, correndo, sem cessar, o seu fadario de miseria. Ninguem sabe quem são, nem d'onde veem. E como as estalagens são por lá muito raras, ha sempre um lavrador mais remediado, ou alguma alma

caritativa, que cede, para aposentadoria d'esses infelizes, um palheiro. Por virem de longe e cada um de sua banda, não se conhecerem, e encontrarem-se todos no mesmo *officio*, e portanto em correncia uns com os outros, ás duas por tres armam-se de questão, pegam-se á bulha, e não ha demonio que faça bom d'elles! Ferve bordoada de cego, os aleijados parecem escorreitos brandindo a muleta ligeira, — e quantas vezes tem de intervir o regedor, mandando pôr fóra do termo os arruaceios!

Isto não quer dizer que sejam todos assim. E nunca me ha de esquecer certa figura veneranda de patriarcha biblico, de grandes barbas, que d'annos a annos apparecia na minha terra, levando ao peito, suspenso do pescoço por uma correia, um pequenino oratorio de lata, onde havia um Menino Jesus de cera muito bonito, e figurinhas de cera a adorál-o. Era um *presepio!*

Chamavam-lhe o *pobre de Lonrouvra;* e lembro-me que a primeira vez que o vi, tão encantado fiquei da sua bondade, do seu bordão, da sua cabacinha, das suas barbas grisalhas, da sua falla doce e doces maneiras, que eu mesmo, inda pequenito, fiz na minha terra de seu *cicerone*. E que bem que nos souberam aos dois certas batatas guisadas que lhe deram em casa das *Senhoras Machadas*, e que nós comemos ambos á porta da rua, garfada elle, garfada eu!...

Coitadinho, quem sabe lá se morreria de fome, ou se morreria de frio n'algum caminho, — ao lado do seu lindo *presepio*, do seu bordão e da sua cabacinha! Quem sabe lá! quem sabe!...

*

— Os sete palmos de terra.

E' quanto, na immensidade, basta para cada um de nós depois de mortos! E' o tamanho da cova!

Pequeninos que nós somos em verdade!...

*

— O homem dos sete officios.

E' visinho e amigo do *homem dos sete instrumentos*, do *topa-a-tudo*, e dos que comem a varios carrinhos...

Diz-se do homem activo, que deita mão a quanto apparece, e ao qual, n'algumas terras, se chama tambem o *faz-tudo:* — compõe uma chocolateira e arranja um relogio; arma andores para as procissões e põe o panno n'uma peneira; faz o risco para um bordado, e enche de palha um albardão, etc., etc. Nas aldeias ha muito d'isto, e é o que vale. Eu tenho um tio que se entretem n'isso, mas que nunca na sua vida ganhou vintem. Faz tudo de graça! Mas por onde elle passa, passa Nosso Senhor: —é o «ai Jesus» das mulheres, e tem um *atelier* que é uma raridade, porque ha ali de tudo! Já fui dar com elle, uma vez, a fazer o caixãosinho para o neto, que se tinha morrido. Era uma pequenina obra-prima: um galeãosinho forrado de seda, com uma bandeirinha tambem de seda, á ré, pendente como se chorasse... E lá foi, para essa viagem do Infinito, o galeãosinho!

Pelo que respeita ao *homem dos sete instrumentos*, ha por lá d'isso, tambem. Nas philarmonicas, é raro o que toca apenas um instrumento, para se revezarem as figuras nos casos urgicos; e o *mestre*, esse em regra toca tudo: desde o figle até ao flautim, e desde os ferrinhos até ao bombo!

Isso deu logar talvez á creação de certos musicos ambulantes, que tocam com effeito, ao mesmo tempo, sete instrumentos. Um já eu vi que tendo os pratos em cima do chapeu, arranjou modo de os tocar com os pés, mediante uma especie de pedal, em espora, que lhe movia uma correia por traz das costas. Era phantastico; e levava at az d'elle, como Orpheu em pessoa, as proprias pedras!

No *Antonio Maria* ha um pintado,

— e pintado com aquelle poder de realidade com que Bordallo Pinheiro, o grande artista, põe vivas, diante de nós, as suas figuras.

*

— *Os sete filhos de Santa Felicidade*

Applica-se ás ninhadas de sete irmãos, como ha por lá muitas.

— «Então quantos? perguntam ás vezes a certas mães.

— «Os mesmos que Santa Felicidade!» respondem ellas.

E outras vezes, quando os levam á fonte adeante d'ellas, p'ra que não fiquem em casa a fazer diabruras, se encontram alguem que se admira dizem-lhe logo:

— «Sete! A conta de Santa Felicidade! Mas não sou santa, não, nem feliz...»

E a maior parte, não sabe a sorte dos filhos de Santa Felicidade, mas os seus não a teem melhor, coitados, principalmente se vão para soldados!

Da festa dos martyres filhos de Santa Felicidade, que se faz em julho, reza o breviario da seguinte maneira:

«Septem fratres, filii Sanctae Felicitatis, Romae in praesentiam Marci Aurelii Antonini a Publio Praefecto primum blanditiis, deinde terroribus tentati, ut Christo renunciantes, deos venerarentur, et sua virtute, et matre hortante, in fidei confessione perseverantes, varia necati sunt. Januarius plumbatis caesus: Felix et Philippus fustibus contusis; Silvanus ex altissimo loco praeceps dejectus est; Alexander, Vitalis et Martialis capita plectuntur. Mater eorum quarto post mense eandem martyrii palmam consecuta est: illi sexto Idus Julii spiritum Domini reddiderunt.»

A traducção é facil: que por não quererem renegar do christianismo, já porque tal era o seu animo, já porque sua mãe os exhortava a isso, foram mortos em Roma os sete filhos de Santa Felicidade, pelo Prefeito Publio, na presença de Marco Aurelio, sem que aos martyres fizessem abalo, primeiro, as blandicias com que os tentaram, depois, os terrores com que lhes metteram medo. Januario, foi morto profligado com balas; Felix e Filippe com tagantadas: Silvano, atiraram com elle de uma grande altura; Alexandre, Vital e Marcial, foram degolados.

Santa Felicidade era romana. As respostas que deu a Publio, quando o prefeito pretendia demovel-a do christianismo, e portanto poupál-a ao martyrio, são notabilissimas, e comovem pela firmeza.

A nada cedeu; e quando o prefeito lhe fallou nos filhos, ao menos para que os salvasse a elles, a viril matrona respondeu:

— «Não! Que morram comigo! Se renegassem, mortos ficariam elles para todo o sempre!»

Nas catacumbas, onde em 1856 foi encontrada a sepultura dos martyres, ha um fresco representando os sete irmãosinhos, de joelhos, e tendo deante d'elles, pelo chão, dois peixes e sete pães espalhados, e mais adeante, em fileira, sete pequeninos cestos cheios de ovos.

Os filhos de Santa Felicidade foram mortos em 10 de julho do anno 162, e a mãe em 23 de novembro. 10 de julho é o dia de Santa Felicidade.

*

— *Um bicho de sete cabeças.*

Metter, *fazer* um bicho de sete cabeças. — E' quando uma pessoa está atrapalhada com uma difficuldade, que ás vezes não vale nada!

— «Que diabo! está-te a metter isso um bicho de sete cabeças!»

A's vezes, na escola, quando os petizes *impeçam* (começam) a lêr e se põem ás turras a alguma syllaba, reguinga logo o sr. professor:

— «Ora vá lá! vá lá! Olha não seja algum bicho de sete cabeças!»

Mas d'onde virá isto? Provavelmente, o Senhor Sete ouviu a histo-

ria da hydra de Lerna, que tinha tambem sete cabeças, e que não era ninguem capaz de a matar, porque ao passo que lh'as cortavam, renasciam! Mas foi-se a ella o valentão do Hercules, e «era uma vez uma hydra», porque deu cabo d'ella! Por isso, de todos os seus «trabalhos» foi este o mais afamado, por matar bicha tão *vivedoura*, — e por a matar sem lhe custar nada, provavelmente...

*

— *Os sete filhos de Maria Mantella.*

São muito fallados, — á conta de certas mulheres (benza-as Deus!) que de cada vez que dão á luz é uma ninhada!

— O' mulher! tu és como a Maria Mantella! diz-se então a alguma d'essas.

Mas quem vinha a ser essa Maria Mantella? Eu já li algures que era uma mulher qualquer de Entre Douro e Minho, que exventrou d'um só parto sete filhos! Mas o melhor é que foram todos padres, — abbades de sete egrejas, que elles mesmos edificaram!

O que eu não sei é por que artes esta Maria Mantella foi enterrada na egreja de Chaves; mas caso é que lá está, — e na mesma sepultura os seus sete filhos, e por cima da sepultura uma pedra que diz assim:

Aqui jaz Maria Mantella
Com seus filhos arredor d'ella.

Sem tirar nem pôr, é isto o que lá está gravado! Não refere a lapide, como vêem, que os filhos da mulhersinha fossem *sete*, — mas certo é que para a tradição, o epitaphio passou assim, e é assim que o tenho visto:

Aqui jaz Maria Mantella
Com *sete* filhos arredor d'ella.

Por signal que n'um Almanach qualquer, que se me não engano era o de Castilho, a Maria Mantella figura n'uma gravura com a filharada; — mas vae a gente a contar a ninhada, e em vez de sete só encontra seis!

Commentario do Senhor Sete quando viu a gravura:

— E' que o outro tinha ido p'r'á escola!

(Continúa.)

TRINDADE COELHO.



O PREGOEIRO

Creio que em poucas partes os ha hoje. Conheci um no Barreiro, que apregoava a chegada do peixe, e informam-me da existencia d'outro, em Portalegre, que ao começar o pregão dizia sempre: «Louvado e adorado seja o Santissimo Sacramento.»

Aqui em Serpa, sempre tem havido pregoeiro, ou melhor porteiro, seu verdadeiro e primitivo nome.

Actualmente, o porteiro tem a missão de apregoar o que cada um quer vender ou comprar, e aquillo que se perdeu. E' um annuncio vivo e ambulante... mas sem estampilha — uma das raras excepções da lei do sello. O porteiro — qualquer estropeado do trabalho — ganha 50 réis por cada pregão, que é lançado em todas as encruzilhadas das ruas e na praça publica.

O porteiro de hoje é uma continuação do antigo official publico «geralmente dado por o concelho de alguma cidade, villa ou logar que jurisdicção tenha[1].»

O porteiro d'outr'ora era nomeado e ajuramentado pelo senado, e tinha as suas obrigações e regalias. Cumpria lhe publicar em voz alta e nos logares mais publicos os editaes de as differentes auctoridades do concelho, affixando-os depois nos «logares do costume»; mas tinha, em compensação, o privilegio de todos os

[1] *Ordenações do Reino*, titulo 1.º e § 1.º do livro 3.º

pregões, tanto nas arrematações e leilões officiaes, como nos de interesse particular, pelo que auferia os emolumentos que a lei lhe marcava. Eis o que sobre o assumpto encontrâmos nas *Ordenações Affonsinas:*

«E se estas pessoas forem citadas na Villa, fóra da Audiencia, leve o porteiro de cada pessoa dous soldos, salvo se forem herdeiros, e testamenteiro, que levará quatro porque som duas pessoas; e se o porteiro fôr a algum logar citar alguas pessoas na petiçam dalguem, per mandado do que he Juiz ou Corregedor, fora da Villa, e fora do Termo, leve de cada legoa quatro reaes e dous por a volta [1].»

*

Ainda conheci o porteiro official d'esta terra, o sr. Ricardo. Era já um velho, muito serio e muito zeloso das suas prerogativas. Accumulava o logar de porteiro com os de carcereiro e continuo do senado.

Quando era preciso vestia a sua casaca de larga golla e virados achumaçados, o seu calção e meias pretas, e assim acompanhava o senado em todas as occasiões, em que tinha de comparecer nas solemnidades publicas.

Nas arrematações officiaes, o sr. Ricardo — sempre em pé e de cabeça descoberta, conforme o prescripto nas *Ordenações do Réino* [2] — observava com toda a fidelidade a velha formula do pregão nacional:

— Quem dá tantos mil réis (os que eram) pela propriedade de tal, sita em tal parte, e com tal ou taes fóros?

«Affronto que mais não dão!

«Se mais me deram, mais tomára.

«Dou-lhe uma..., dou-lhe duas..., dou-lhe tres!» E então entregava um ramo de qualquer arbusto, ou uma flôr, a quem offerecera o maior lanço.

[1] Livro 1.º, § 2.º do titulo 19.
[2] Livro 3.º, § 8.º do titulo 19.

Ha cincoenta e tantos annos que isto era assim. Hoje restam apenas leves indicios d'estas praxes.

*

O velho cujo retrato apparece no presente numero da *Tradição*, é um dos muitos successores que tem tido o sr. Ricardo; é o porteiro actual, a que outros, certamente, succederão ainda.

Serpa.

A. DE MELLO BEYNER



Questionario sobre as crenças relativas aos animaes [1]

Respostas

I

1. — Na primavera, quando as andorinhas aqui veem estacionar, o povo recebe-as sempre com a mais sincera alegria. Chama-lhes *gallinhas do Senhor*, e nunca as maltrata. O ninho das andorinhas, que ordinariamente é feito no alto das chamines, na cimalha das janellas ou no beiral dos telhados, é por todos carinhosamente respeitado. E quando alguma d'estas avezinhas se deixa apanhar, ha o delicado habito d'enlaçar lhe o pescoço com uma fitinha de seda. Da mesma fita vê-se ás vezes pender um pequeno guizo, cujo toque vai alegremente annunciando a passagem da elegante andorinha. Outras vezes, — reza a tradição — em logar d'aquelle gracioso appendice, vem um papelinho, trazendo escrito qualquer pensamento.

Conta-se que certa andorinha, tendo levado para os seus paizes um papelinho contendo estes dois versos:

—Andorinha gloriosa,
Onde é a tua cidade?

de lá voltou a mesma andorinha, no anno

[1] Firmada por *um assignante*, recebemos, ha tempo, uma valiosa e bem redigida resposta a este questionario, a qual publicaremos de bom grado — na devida altura — desde que o nosso distincto *assignante* nos dispense uma dupla fineza: dizer-nos quem é e auctorisar que o seu nome subscreva o artigo.—*N. da R.*

seguinte, conduzindo outro escrito com a resposta assim expressa:

—Santa Clara de Saboia,
Em casa do Padre abbade.

—Apparece tambem n'esta região, e durante a primavera, uma outra ave, que dá felicidade, não a quem a vê, mas sim a quem a ouve. Referimo-nos ao engraçado passaro d'arribação, conhecido vulgarmente pelo nome de *cuco*. Segundo a crença, toda a pessoa que na estação da primavera logra ouvir cantar o cuco, já não morre esse anno. Manda até o preceito, que a gente se rebole pelo chão ao som do apreciado canto. E tantas vezes a pequena ave entoar o seu vibrante *cú-cú*, quantos annos viverá a pessoa que o escuta.

—Uma outra crença aqui em voga, e que nos parece devéras interessante e curiosa, é a seguinte: A pessoa que tiver a dita d'agarrar um lagarto de cauda bifurcada e o soltar sobre uma camada de pó fino, por exemplo, cinza peneirada, essa pessoa verá a sua sorte, boa ou má, escrita no dito pó pela cauda do prisioneiro reptil.

2.—As pessoas que em sua casa mantêem um animalzinho (canito, gatinho, etc.), estão livres de serem affectadas por um *ar* (ataque apoplectico) ou por outra desgraça qualquer.

— Quando uma *boanova* entra por uma casa dentro, como que vindo visitar a familia ali residente, crê-se geralmente que o referido insecto é portador d'uma boa noticia, e porisso ninguem pensa em prejudicá-lo. Isto no caso da boanova apresentar variadas côres, porque na hypothese d'ella ser preta, então a sua approximação é de mau agoiro.

Antigamente, e ainda hoje algumas pessoas, ao verem uma boanova, dizem: «Boa nova nos traga o divino Espirito Santo».

3.º — Os animaes que, na crença popular, presagíam a morte, são: o gallo, o cão, o gato, a garça, o corvo e a boanova. O gallo presagía a morte, vindo cantar á porta ou sobre o telhado da casa onde está um doente. Os cães e os gatos tambem presagíam a morte, fazendo grande barulho nas proximidades do predio habitado por uma pessoa doente. E' ainda um signal de morte, quando á noite os cães se põem a ladrar, imitando o uivar dos lobos.

A morte de qualquer doente é da mesma fórma presagiada, desde que a garça ou o corvo passe cantando por cima da casa que esse doente habita. Finalmente presagia a morte, a boanova preta que penetra de subito no interior d'uma casa. Nesta occasião, a negra borboleta zumbindo em volta d'uma pessoa, prenuncia a essa pessoa o fallecimento dum ente que lhe era querido.

4.º — Animaes que presagíem as colheitas, não conheço nestes sitios. Agora, que nos indiquem o preço por que ha de ser vendido o trigo, isso sim. Com effeito, existe aqui a crença de que a codorniz, na primavera, annuncia ao publico, por meio do seu canto, o preço que attingirá o trigo no decurso do anno. Quantas vezes a experta codorniz soltar o seu estridente canto, tantos tostões custará cada alqueire de trigo.

7.º — A côr dos animaes exerce grande influencia no espirito dos supersticiosos. E, para confirmar esta asserção, basta recordar o que dissémos a proposito da *boanova*.

Dum modo geral, podemos dizer que a côr negra dos animaes anda ligada a um mau presagio. Assim, os mortos podem voltar a este mundo revestindo a fórma dum cão preto, dum gato preto, etc. Estas mesmas entidades pódem representar a figura com que o Diabo se apresenta ao homem.

Parece que a côr negra gosa tambem de certas virtudes therapeuticas; pois não se explica doutro modo o facto dos *virtuosos* costumarem prescrever aos seus clientes a carne d'animaes escuros, taes como, o chibo preto, a gallinha preta, etc., etc.

8.º — Existem effectivamente aqui alguns animaes que parecem gosar duma certa santidade. Estão neste caso as andorinhas que, como vimos, são tratadas com o maior desvélo. No mesmo caso está o insecto a que o povo dá o nome de *louva-a-Deus*. Esta designação provém da curiosa attitude que tomam as antennas do alludido insecto, a qual faz lembrar uma pessoa de mãos postas, em oração.

Toda a gente dispensa ao *louva-a-Deus* um *carinhoso acolhimento*. E os rapazes, assim que avistam o reverente orthoptero, póem-se logo a entoar, e repetindo muitas vezes, o seguinte estribilho:

— Louva-a-Deus, louva-a-Deus,
Põe as mãos e Deus.

9.º — Nesta região ha o costume muito arreigado de se matar um borrego, pela festa da Paschoa Só quem se vê inteiramente privado de meios, é que não immola o seu innocente cordeiro.

Muita gente tambem adopta o sagrado preceito de saborear na quinta-feira d'Ascensão uma ave, por exemplo, um gallo, uma gallinha, um perú, etc. E dizem que uma tal iguaria, ingerida nesse dia solemne, livra de quaesquer desgraças, e nomeadamente de dores de cabeça.

11.º — De tempos a tempos, vêem-se certos homens andarem, pelas ruas, exhibindo pelles de lobo, e ás vezes tambem lobinhos vivos, para, em tróca dessa exhibição, receberem as respectivas esmólas. Em geral, todos contribuem com o seu donativo a fim de premiar uma acção tão benefica, como é a d'aniquilar a voraz raça dos lobos.

Não nos consta que tenham aqui logar outras exhibições do mesmo genero.

(SERPA)

LADISLAU PIÇARRA.

BULLETIN POUR L'ÉTRANGER

LA TRADITION

Revue mensuelle illustrée d'ethnographie portugaise

DIRECTEURS

Ladislau Piçarra et Dias Nunes

REDACTION ET ADMINISTRATION

À SERPA (PORTUGAL)

Sommaire du présent numéro de la Tradition

Texte :—Notes historiques sur Serpa : Serpa sous les Almoravides et Almohades, par le *Comte de Ficalho* ;

Jeux portugais, (conclusion), par *Souza Viterbo* (Dr.) ;

Monsieur Sept (suite), par *Trindade Coelho* (Dr.) ;

Le crieur public, par *A. de Mello Breyner ;*

Questionnaire sur les croyances relatives aux animaux : Réponses — I, par *Ladislau Piçarra* (Dr.).

Illustrations :—Galerie de costumes populaires : Crieur public.

Musiques populaires : Le fandango (danse).

R.

BULLETIN FOR ABROAD

THE TRADITION

Monthly illustrated review of portuguese ethnography

DIRECTORS

Ladislau Piçarra and Dias Nunes

OFFICES

SERPA (PORTUGAL)

Summary of the present number of the Tradition

Text :—Historical notes about Serpa : Serpa under Almoravides and Almohades, by *Conde de Ficalho* ;

Portuguese plays (conclusion), by *Souza Viterbo* (Dr.) ;

Mister Seven (continuation), by *Trindade Coelho* (Dr.) ;

The crier, by *A. de Mello Breyner ;*

Questionary about the beliefs relative to animals : Answers—I, by *Ladislau Piçarra* (Dr.).

Illustrations :— Gallery of popular costumes : Crier.

Popular musics : The fandango (dance).

R.

Anno II — N.º 11 Volume II

SRPA, Novembro de 1900

A TRADIÇÃO

Revista mensal d'ethnographia portugueza, illustrada

«A TRADIÇÃO, de Serpa, pelo programma que se impoz e pela discreta diligencia com que procura desempenhar esse programma, representa, a meu vêr, o mais bello exemplo patriotico de educação publica exercida pela imprensa».

Ramalho Ortigão.

DIRECTORES:

Ladislau Piçarra

e M. Dias Nunes

Collaborador musical

F. VILLAS-BOAS

Collaborador artistico

M. BAPTISTA SALTA

Clichés de:

A. de Mello Breyner,
F. Monteiro, F. Villas-Boas,
J. Monteiro
e J. V. Pessoa

SUMMARIO:

TEXTO

PREÇO DA ASSIGNATURA:

(Pagamento adeantado)

Em Portugal (continente), série de 12 numeros

1$200 réis

Para o ultramar e estrangeiro accresce o porte do correio

Numero avulso

100 réis

Toda a correspondencia deve ser dirigida á redacção e administração de

"A TRADIÇÃO"

(Portugal)

SERPA

Venda avulso d'esta revista.

LISBOA, Galeria Monaco, Rocio.

PORTO, Livraria Moreira, Praça de D. Pedro, 42 e 44.

COIMBRA, Livraria França Amado.

A TRADIÇÂO

PRIMEIRO ANNO

1899

(2.ª EDIÇÃO)

Um esplendido volume de mais de duzentas paginas, in-4.º, impresso em excellente papel e profusamente adornado de bellas gravuras de typos populares e canções musicaes.

INDICE DAS MATERIAS:

Anno II — N.º 11 SERPA, Novembro de 1900 Volume II

Editor-administrador, *Jose Jeronymo da Costa Bravo de Negreiros*, Rua Larga, 2 e 4 — SERPA
Typ. de *Adolpho de Mendonça*, Rua do Corpo Santo, 46 e 48 — LISBOA

A TRADIÇÃO

Revista mensal d'Ethnographia Portugueza, Illustrada

Directores: — LADISLAU PIÇARRA e M. DIAS NUNES

A instrucção em Serpa nos fins do sec XVI

No intuito de contribuir, na medida das minhas forças, para o estudo de tudo o que se liga ás antiguides de Serpa, dou agora noticia de dois mestres de grammatica, que nos fins do sec. XVI ensinavam á mocidade serpense a sua arte. São apenas dois os que posso destacar dos registos da chancellaria real depositada no Archivo Nacional de Lisboa, mas são os bastantes para provar o cuidado que o municipio tinha pela instrucção dos seus naturaes, afastando-os das preoccupações locaes.

E' provavel que mais tivesse havido antes e depois dos que aponto, mas ou pela defeituosidade dos indices ou por outra qualquer causa mechanica, limitam-se, como digo, a dois os representantes da instrucção classsica em Serpa. Foram ambos nomeados no reinado de D. Philippe I, o D. Quichote tragico do catholicismo hespanhol.

Estes dois mestres chamavam-se Lopo Gonçalves, nomeado em 1588 por tres annos, e Manuel Alves ou Alvares nomeado em 1598 sem limite de tempo. Recebiam 3000 reaes por anno, no tempo em que o real base ainda hoje do nosso numerario, não tinha passado á classe das velharias. Eram-lhes elles pagos á custa das rendas do concelho, resalvando, o diploma cautelosamente a terça que o rei recolhia.

O provedor da comarca de Beja, que incluia nas suas attribuições as que hoje competem ao governador civil, informou favoravelmente o pedido dos officiaes da camara, e n'essa conformidade foi-lhes concedida a auctorisação necessaria.

Por mestre de grammatica deve entender-se o que ensinava lingua latina. Ainda ha poucos annos havia, tanto em Serpa como n'outras povoações, professores isolados que ensinavam aquella lingua, os quaes foram cedendo o passo a gremios de professores collocados nas sédes dos districtos, tendo esses gremios o nome de lyceus.

Como esse ensino era ministrado não vem para aqui e só o seria pelo lado pittoresco dos costumes, e esse mesmo é ainda, por falta de colleccionadores, bastante restricto para ser exposto.

Não julguei preciso transcrever os diplomas na totalidade, extractei apenas o seguinte:

«auendo respeito a mo enviarem pedir per sua carta os officiaes da camara da villa de Serpa e a informação que acerqua disso se ouue pelo provedor da comarqua e provedoria da cidade de Beja ey por bem e me praz que elles possão dar das Rendas do concelho da dita villa não en-

trando nisso a minha terça tres mil reaes cada anno por tempo de tres annos a Lopo Gonçalvez por insinar gramatiqua na dita villa». De 20 de setembro de 1588. (Chancellaria de D. Phelippe I, Liv. 17 de Doações, fl. 221).

«auendo Respeito a mo enviarem pedir os officiaes da camara da villa de Serpa e vista a informação que disso se ouue pelo provedor da comarca da cidade de Beja ey por bem e me praz que elles possão dar cada anno a custa das Rendas do conce lho da dita villa não entrando nisso a minha terça tres mil reaes a Manuel Alves em quanto ensinar gramatica e tiuer escolla na dita villa e eu não mandar o contrario». De 11 de fevereiro de 1598. (Chancellaria de D. Philippe I, Liv. 31 de Doações, fl. 236 v.)

PEDRO A. d'AZEVEDO.



O SENHOR SETE

(Continuado de pag. 138)

— *Fome de sete rabos.*

Sim, a fome deve ser um bicho muito feio! Mas a de sete rabos, será talvez a fome canina... multiplicada por sete!

— «Tenho uma fome de rabo!»

— «E eu uma de sete rabos!»

Pois deve ser bem feia, a tal fome de sete rabos! Ha-de ter sido talvez a fome de Ugolino, descripta por Dante no canto 33.º do seu *Inferno!*

«... Padre, assai ci fia men dogiia,
Se tu mangi di noi: tu ne vestiti
Queste miseri carni, e tu le spoglia».

Quem se não lembra com horror!...

*

— *Fugir a sete pés.*

E' o que se chama «dar ás de Villa Diogo». Ou... *fugir ás sete partidas.*

Mas isto de «fugir ás sete partidas» fica para depois. O que eu desejava que me dissessem é onde fica a tal «Villa-Diogo», e a origem, se fosse possivel, d'essa expressão: «dar ás de Villa-Diogo». Isto deve ter talvez uma origem... feudal! Não sei. [1]

*

— *Os setemezinhos podem viver.*

Os *setemezinhos* são as creanças que nascem com sete mezes apenas de vida uterina. E que podem viver, e vivem, é um facto. Mas esta especie de *temporões* [2] dá muito que pensar ao Senhor Sete... Diz elle, por exemplo, que

— ...*se a creança nasce de sete mezes tem uma cruz no céo da bocca e o dom da adivinhação, mas não se deve saber isto antes dos sete annos.*

Conheço o typo! E por tal signal que n'um conto meu chamado *A' lareira*, a tia Maria Lorna acredita muito n'elle, mas o José Bernardo, barbeiro-sangrador, chama-lhe intrujão, («aldrabão», que na gyria de lá quer dizer o mesmo) e pergunta ás mulheres se já lhe viram a cruz... Diz o conto n'essa passagem:

---

[1] Em Hespanha ha a expressão equivalente: *Tomar las de Villadiego.*

[2] Eu creio que esta palavra *temporão*, significando «o que vem antes do seu tempo proprio» é geralmente conhecida; mas a palavra *tardégo*, que significa o contrario, vi outro dia que não era conhecida de pessoas de Serpa! Acontecerá o mesmo á primeira? Cá p'ra baixo parece que se diz *serodio* em vez de *tardégo*. Mas na minha terra, *serodio* é .. um cereal! E' o trigo que vem depois: finissimo, e mais caro do que o outro. Serve para misturar com o *temporão*, — e da mistura, depois de moido, amassado e cosido, saem uns taes *moletes* de pataco, que são de comer e chorar por mais, — principalmente quentes, e com manteiga! Lembro-me que o unico dinheiro que tirei a meu pae foi uma vez um pataco para um d'esses moletes — e isto porque a Emilia Gambôa, que morava defronte, cosia essa noite, e era um cheiro a pão por toda a rua, que até dava saude!

GALERIA DE TYPOS POPULARES



Marçano, ou aprendiz de tosquiador, no dia da sua festa

—«E como estará do erysipelão a Maria hespanhola?

— «Mal! P'los modos inda lá vae a benzedeira; mas aquillo está muito mal, coitada! E depois, aquella carga de filhos! A Monica sabe benzer, isso sabe. Mas vão lá saber se a mulher anda em graça de Deus...

—«A mulher, qual mulher?—perguntou o barbeiro.

— «Não é da tua conta! reprehendeu-o a Aniceta.—Metta-se lá no que está a fazer, e deixe conversar os mais á sua vontade.»

— «Bem ouvi. A Maria hespanhola... Essa está, mas é, na graça do grande diabo que a carregue! E' outra que tal como aquelle de Balsamão, que diz que tem uma cruz no céo da bocca. Eu já uma noite, no arraial, lhe pedi que m'a deixasse vêr, mas elle não cahiu n'essa...

—«Podéra! se é a sua virtude... — desculparam-no as mulheres.

—«Ao menos os dentes! inda lh'eu disse. Quero ver quantos annos tem!»

—«O' sr. José Bernardo!... reprehendeu-o a tia Maria Lorna.

—«O' minha comadre!...—disse-lhe o barbeiro no mesmo tom. — Se não houvesse tolos não havia aldrabões!»

Ainda é crença na provincia que

— *Uma creança que nasce antes dos sete mezes morre logo que complete os dias que faltavam para esses sete mezes.*

Tanto não sei eu, mas *é facil* (é provavel). Já os setemezinhos são uns dezréisinhos de gente muito somenos.

—O' mulher! o teu filho parece que maus olhos o viram, credo!

—Então que lhe queres! Se elle foi o que me nasceu antes do tempo!

—Isso então, emquanto não encher os nove nem elle medra!

—Fui ao *bento* co'elle: já me disse o mesmo! Tenho chorado mais lagrimas, que estrellas ha! Jesus me valha!

—Quem tem filhos tem cadilhos!

—Pois é verdade, é; e quem os não tem cadilhos tem!

Coitadas!

*

—*Quem tem sete filhas, a ultima é feiticeira; e quem tem sete filhos, o ultimo é lobishomem.*

Isto agora é preciso encolher a conversa, porque senão, onde iriamos nós, atraz do Senhor Sete e das feiticeiras!

Mas a verdade é aquella, com effeito. Se bem que tambem ha feiticeiras que são... morgadas! Não é a regra geral; mas não é tambem a regra ser só a setima feiticeira.

Os rapazes, esses é que do céu lhes venha o remedio! Porque bem se sabe que de sete filhos varões o ultimo é lobishomem por força!

Credo!

D'um sei eu a historia, que m'a contou um dia a propria mulher. Chamava-se elle Antonio Russo, e é o homem mais feio que tenho visto; — e como andasse morto por se vêr livre do seu terrivel *fado,* para o que bastava que lhe fizessem sangue quando alguma vez se transformasse em cão, uma noite, ao sahir de casa, volta-se para a mulher e diz-lhe assim:

— O' Maria! se cá te vier ter um cão a casa, ouves? espicaça-o bem espicaçado com o ferrão d'esta aguilhada! Mas não tenhas dó d'elle! Quanto mais sangue lhe fizeres, melhor!

E fôra-se o homem com Deus, — ou com o diabo, como se viu depois... Porque ainda bem não, eis que apparece á porta de casa um cachorro muito negro, que se põe a arremetter com a pobre mulher, e com tanta furia que parecia damnado!

— Vae eu, senhor, tive-lhe medo! — contava então a tia Maria — e como o não chucei como me disse o meu homem, o cão atirou-se-me ás

Productos da Ollaria Alemtejana



(SERPA)

pernas e fez-me em frangalhos o saiote, que era amarello! E lá se foi a correr, que parecia mesmo que levava o «demontre»!

— E depois, ó tia Maria?! mas depois?

— Depois veio o meu homem d'ahi a pedaço; e quando lhe contei o succedido, fartou-se de me ralhar e tornàr a ralhar, por eu não ter feito o que me tinha mandado!

E com os olhos que pareciam duas brazas:

— Mas encaro com elle, senhor, encaro com o meu Antonio, e que lh'hei de eu ver?! Trazia entalado nos dentes...

— O quê, ó mulher?!

— Os fios, senhor, os fios do baetão amarello do meu saiote!

— Oh, mas então...

— Então já vê o senhor! Era elle o cão negro! O meu Antonio era lobishomem!

E fechou a historia com este commentario, que vae mesmo pelas proprias palavras;

— Elle, coitado, bem queria que eu lhe acabasse com o fado, — mas eu fui uma asna!...

Historias como esta, sabem? são aos milhares!

Feiticeiras e lobishomens, áparte aquella differença de sexo, tambem fazem muita differença nas artimanhas e n'outros pontos.

Uma feiticeira não nasce feiticeira. Uma feiticeira aprende a *arte*, e dá *sete semanas* ao officio, contadas.

A's terças e sextas que são os dias aziagos, a *aprendiza* é levada pela *mestra* — uma feiticeira muito feia! — para ir dançar em certas encruzilhadas. (N'uma quinta chamada a Roca, ao pé da minha terra, era a tia Claudina!) Ainda que os paes fechem a filha a *sete chaves*, ella vae — porque sae pelo buraco da fechadura, e — «vôa, vôa, por cima de toda a folha»! E' serio. Ella lá vae levada...

Reunidas as mestras e as aprendizas, presididas, quando adréga, pelo proprio Diabo em carne e osso, dançam e aprendem as suas malas-artes, que são muitas.

Ao fim das sete semanas, ficam, pois, sabendo *deitar o olhado*, dar a beber um philtro, fazer esconjuros e toda a sorte de maleficios. Podem *passar as aguas do mar* quando lhes der na vontade, e vão muito ao Brazil, a Roma, etc., etc. Mas tudo isto, note-se, desde a meia noite ao cantar do gallo, que é ahi p'las duas.

O lobishomem, esse não aprende. Esse nasce já com aquelle *fado*. E' sempre um pobre diabo muito magro, muito escanzelado, amarello e guedelhudo, e sempre macambusio!

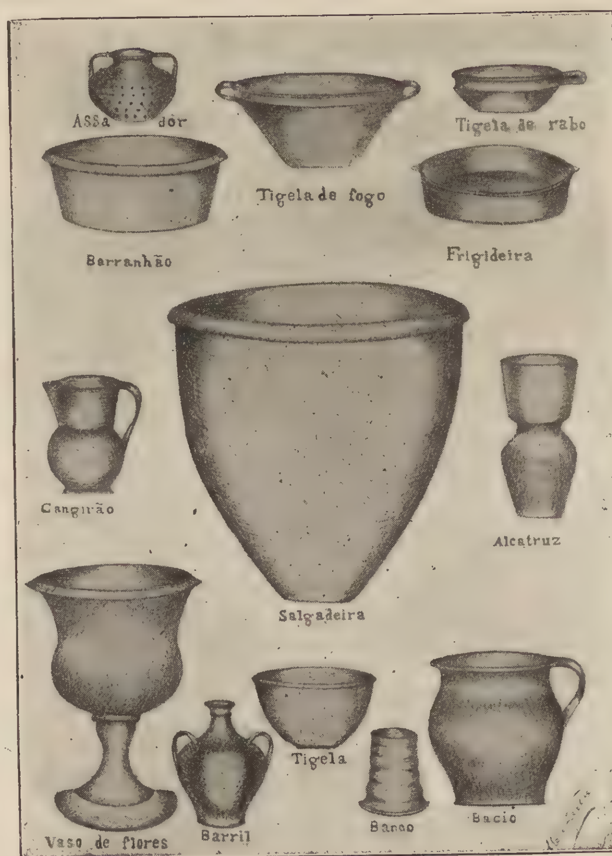
Emquanto creança, o *fado* não se lhe declara; mas no começo da adolescencia, uma bella noite, sente vontade, uma vontade de ferro, de se ir espojar: — espoja-se e fica... um jumento! Outras vezes, em vez de espojadouro, se acerta topar com um charco onde os bacoros se costumam revolver, catrapuz! mette-se no charco e fica um bacoro!

Se róça por um cão, ou por qualquer logar ou objecto por onde um cão se tenha roçado, faz-se logo n'um cão preto. E corre então furiosamente, da meia noite ao cantar do gallo, tal qual como as feiticeiras, *os sete montes*, *as sete fontes*, *as sete pontes*, *os sete portélos* e *as sete encruzilhaaas*, — emquanto ellas, as bruxas, na sua farandóla endemoninhada, — vôam, vôam, por cima de toda a folha...

Antes de fechar: — na minha terra, tambem se diz que o setimo filho é sabio, e que tem uma cruz no céo da bocca.

Para fechar, agora, uma explicação: — o lobishomem, ás vezes, não passa de algum malandro que altas horas se embrulha n'um lençol e vae p'r'o peccado ás escondidas, — quasi sempre desinquietar alguma rapariga, das que teem olhos feiticeiros... Mas a taes lobishomens, falsos lobishomens, tem acontecido

Productos da Ollaria Alemtejana



(SERPA)

quebrar-se-lhe o fadario á bordoada, e é bem feito p'ra que não brinquem...

Ai Senhor Sete, Senhor Sete, que lindas coisas vossemecê me recorda, sem ter sequer de pegar n'um livro! E os livros ensinam lá isto! Pois não ensinaste!...

(Continúa.)

TRINDADE COELHO.



Artes & industrias tradicionaes

A OLLARIA EM SERPA

(Continuado de pag. 9)

Mencionemos agora os objectos, que constituem a chamada «obra miuda» ou louçaria de uso commum e domestico.

Os olleiros dividem esses objectos em dois grupos: o dos vidrados e o dos não vidrados ou toscos. [1]

Pertencem ao primeiro:

A panella — a vetustissima *olla* dos romanos, d'onde se derivou para a nossa lingua a palavra *ollaria*, com que se designa a arte industrial de que tratâmos. (A panella trivial apresenta o fundo estreito e tem uma só aza; ha porém outro modelo, menos commum, de base larga e com duas azas: é a «panella de cigana», [2] assim denominada, por serem ciganas as principaes consumidoras d'esta vasilha.)

A tigela de fogo, a tigela de rabo, a tigela commum e a tigela de roupeiro [1] (de feitio egual á commum, mas de maiores dimensões).

O alguidarinho, ou prato de ganharia, onde come de rancho todo o pessoal dos montes.

A gamella, a gamellinha e a pellangana.

O pratinho para azeitonas; o prato chato, o prato para sopas, e o trivialissimo prato teigo, no qual a gente do povo come, de verão, as frescas vinagradas (gaspachos) e no inverno as substanciosas açordas ou calatróias.

A frigideira, a chocolateira, o tacho e a almotolia.

O azado, onde se prepara a coalhada, nas rouparias, [2] onde se deposita o leite nas vendas, e onde tambem se guardam os queijinhos e a saborosa carne ensaccada.

A bacia de mãos, a bacia de pés, o bacio e o cobridor.

O cantaro, geralmente usado para conduzir o mel, das malhadas, e o leite, do aprisco para a roupararia.

O funil, o defumador, o caço e o cangirão.

A jarra do leite, do almece e do mel.

A lamparina de lagar, e as antigas medidas para liquidos—canada, meia canada, quartilho, meio quartilho e uma medida.

O tinor, que serve para guardar o mel e a «manteiga de porco» (banha derretida).

A taberneira, ou tiborneira, o alcadéfe, e a parra, que se emprega na destillação, para receber o alcool ao sahir da caldeira.

E finalmente os bancos, já pouco usados, sobre os quaes nossos avós pousavam as grandes arcas ou caixões de pinho e de castanho.

---

[1] Convem advertir que, embora em pequena escala, tambem se fabricam em tosco diversas peças de louça, das que geralmente são vidradas. E vice-versa.

[2] De todos os objectos typicos a que nos referirmos—e n'este caso está a «panella de cigana» — estamparemos os respectivos desenhos, no logar competente.

[1] No Alemtejo, ao homem que fabríca o queijo chama-se «roupeiro»; e, por isso, á tigela de que este se serve para tirar o coalho, do azado para o cincho, dá-se o nome de «tigela de roupeiro».

[2] Roupari a é a casa do monte alemtejano, especialmente destinada para a fabricação do queijo.

MUSICAS POPULARES

II

PEDITORIO

Gaita

Tambor

Modᵒ

D.C. ao S.

Da louçaria tosca, notaremos, em primeiro logar, a decantada infuza, ou quarta, que as raparigas vão encher á fonte, muito aprumadas e sécias. E depois:

A meia quarta, a infusinha de 10 réis, ou alberto, (como lhe chamam n'algumas aldeias d'esta região) e a infusinha de 5 réis, ou albertinho.

O testo, o fogareiro, o barril para agua e o barril para aguardente.

A braseira, a torradeira, a floreira, e o poço, que se põe sobre o fogareiro para servir de supporte á panella.

O classico assador, onde vão ao lume as nutrientes bolotas, que tanto deliciam o paladar das familias alemtejanas nos longos serões de inverno.

A talha para agua e os vasos de flores, diversissimos no feitio e no tamanho.

O mealheiro, o bicheiro, o cano e o tento com que se equilibram as panellas postas ao lume.

O ferrado, ou tarro, a borracha para agua e o conhecido alcatruz das poeticas noras.

O barranhão, ou masseirão, usado pelos sapateiros, cheio d'agua, debaixo da banca do officio, para humedecerem o cerol e o cabedal com que trabalham; e tambem usado nos montes e nas hortas, para dar o alimento aos cevados e aos gallinaceos.

E ainda: o pucaro, a pucarinha e o apreciado cucharro, [1] que faz a agua saborosa e fresca.

*

O material de construcção — a telha e o tijolo — tal como a «obra grossa», de que fallámos já, constituem na ollaria local uma secção á parte.

Fabricam-se tijolos de varias dimensões e para varias obras.

Ha o tijolo d'alvenaria, o tijolo de abobadilha, o tijolo de tabique e o tijolo arrasoirado, que serve especialmente para cobrir o pavimento das casas.

Ha o tijolo conhecido aqui por lambaz (em Lisboa, tijolo burro), que se emprega nas alvenarias grossas e tambem nos tabiques. E ha mais a baldosa, a baldosinha e o adôbe (adóbe), que todos se usam para ladrilhar.

Balharim, se chamava um tijolo pequenino, que teve outr'ora um largo consumo, pois com elle se ladrilhavam as melhores salas das casas ricas de Serpa.

Só resta mencionar — a telha e o telhão ou telha grande de que se guarnecem as beiras dos telhados para desviar a agua das paredes.

(Conclue.)

M. DIAS NUNES.



A caça no concelho de Serpa

(Continuado de pag. 141)

Aos lobos sómente se caçava em grandes batidas, porque é raro elles deixarem-se atirar nas pequenas manchas. Realisavam-se essas batidas em vastas areas de terrenos mattagosos, e com o concurso das povoações ou freguezias proximas. Era a auctoridade administrativa quem promovia e planeava as mesmas batidas, vigiando por si e seus delegados o cumprimento das ordens que dava a fim de que tudo se fizesse com bom exito e sem desgraças a lamentar. O encerramento do circulo era sempre muito arriscado, se não se observavam cuidadosamente os preceitos aconselhados para evitar confusão e precipitação no atirar. O Sr. José Paulo de Mira, no seu já citado folheto, impresso em 1875, condemna estes cercos, por improficuos. Aqui, ha muitos annos já que não se fazem.

Aos gatos bravos ou lynces, raramente se atira nas portas das manchas; mas são atirados e mortos nas esperas dos coelhos, as quaes se fazem ao escurecer e ao amanhecer.

Não se caça expressamente ás ra-

[1] Do hespanhol *cuchara*, colhér.

posas com matilhas de podengos e a cavallo; matam-se tambem nas esperas dos coelhos ou quando ellas, muitas vezes, se deixam envolver pelas joldas da caça miuda. As raposas apparecem muito nas portas das manchas, quando se anda á caça grossa; mas, como é prohibido atirar-lhes, passam ellas sem que ninguem as incommode.

De como se caçava n'este concelho á caça grossa, deixo dito quanto sei de minha longa pratica. Caçou-se, porem, no Alemtejo, d'outras maneiras, e o Sr. Mira as descreveu já. Havia a caçada a cavallo, de noite, com cães, proprios para apresarem os javardos, que os cavalleiros matavam depois com suas lanças ou choupas. Para esta caçada, cuja origem me parece ser hespanhola, e chamar-se «caçada á recova», eram precisos bons cães e cavallos seguros. Ainda havia outra fórma de caçar o javali, atacando a féra corpo a corpo. Assim o caçou algumas vezes o Sr. João d'Azevedo (da casa dos morgados das Alcaçovas) e outros. Mas quem, sobre todos, na provincia do Alemtejo, cultivou esta caçada com mais esmero, com maior enthusiasmo, com vivo arrebatamento e cavalheirosa valentia, foi o Exmo Sr. Jacintho Paes Falcão. Este meu presadissimo amigo, com aturado estudo e superior proficiencia, apurára uma excellente raça de podengos, todos pretos. E possuia uma matilha de algumas dezenas de optimos cães, que perseguiam encarniçadamente os javalis até fazerem presa; e então, aquelle Sr., que seguia a montaria cavalgando um bom ginete, apeava-se prompto e, de faca em punho, saltava sobre a fera, matando-a rapidamente! Proprietario abastado, bom cavalleiro, homem rijo e valente, o Exmo Sr. Falcão matou d'este modo muitos javalis, — e dos machos, que são os que offerecem maior resistencia na lucta, da qual derivam as grandes emoções com que se embriaga o coração do caçador de raça.

*

Caça-se aos coelhos, ás perdizes e ás lebres, aqui do mesmo modo que em toda a parte, e ou só ou em jolda. Quando só, é preciso levar cão ou cães proprios, principalmente se ha a percorrer terrenos mattagosos. Em jolda, alguns caçadores aproveitam a caça levantada pelos cães que outros companheiros levam.

Como já disse, antigamente, em todos os sabbados se organisavam joldas, e ainda hoje se organisam nas semanas que antecedem, o Natal e o entrudo.

A's vezes, os caçadores combinam «caçar para a mochila», e, n'este caso, toda a caça morta é irmãmente dividida pelos associados, no fim do dia ou no fim da caçada; mas fóra de tal combinação, a caça morta pertence ao primeiro que a feriu.

O que deixo referido é assim quando se caça a toda a caça; ha porem modos especiaes e tempo proprio de caçar a cada um dos generos de caça.

Caça-se: aos coelhos, com furão; de espera, ao anoitecer e ao amanhecer; e a piado, o que se faz — nos mezes de Abril e Maio — imitando, com um piadeiro de lata ou uma folha de abrotea, o chiado dos coelhos novos, ao qual acodem as mães e os coelhos velhos. Tambem se caça aos coelhos a pasto, nos mezes de Julho e Agosto; e se então não chove, é uma das caçadas mais productivas. Por esse tempo já tem acabado a herva verde nas alturas da serra e por isso todos os coelhos descem e se concentram nos valles, onde o caçador, caminhando subtilmente pelo pasto, lhes atira, muitas vezes aos dois e aos tres. Mata-se d'esta forma muito coelho—se o vento está norte ou noroeste, porque se está do levante, a caça, muito presentida, não espera o caçador, sendo difficil atirar.

Caça-se ainda aos coelhos, com podengos; e esta caçada é uma das

mais bonitas, quando os cães são bons e bem ensinados. Conheci n'esta villa um cavalheiro, com quem algumas vezes cacei, o qual possuia uma matilha de podengos, o melhor ensinados que se póde imaginar; obedeciam rigorosamente á voz do tratador, executando todas as evoluções que elle lhes ordenava. D'essa matilha fazia parte um cão chefe, *quitador*, que sómente servia para ir tirar o coelho da bocca de qualquer dos outros cães que o tivesse apanhado, vindo immediatamente entregal o ao tratador.

A's perdizes, caça-se no tempo dos pares — Fevereiro e Março, — com bom perdigueiro que saiba *parar* bem. E' facil matal-as, n'esse tempo, em que se levantam aos pares, quando, *tocado* pelo caçador, o perdigueiro as pica. Se o caçador é bom, com a espingarda de dois canos matam-se as duas perdizes — faz-se *carambola*.

Não ha quem cace de proposito ás lebres; pois, como já disse, ninguem tem galgos só para esse fim. Alguns caçadores esperam-nas, de verão, nos caminhos onde ellas veem retoiçar-se ao anoitecer e ao amanhecer.

Antigamente não havia por aqui quem de proposito caçasse aos pombos; mas hoje ha varios amadores d'este genero de caça, que é na verdade muito interessante. Sobre a caçada aos pombos — já o referi — escreveu o Sr. Mira um folheto muito bom e util, no qual vem inserta uma carta do meu particular amigo, o Ex.mo Sr. José Groot Pombo.

São rarissimas, n'esta região, as codornizes, e por isso não se caçam de proposito; atira-se-lhes quando calha.

A's rolas no verão, e aos tordos no inverno, só caçam alguns principiantes — caçarretas, que não se aventuram a outra caçada.

(Conclue.)

A. de MELLO BREYNER.

CRENÇAS & SUPERSTIÇÕES

Almas do outro mundo

N'ESTA região, o povo acredita piamente em almas do outro mundo. Assim, quando alguem morre, é costume esvasiarem-se cantaros, infusas, alguidares e outras vasilhas mais que servem d'agua, por se crêr que n'ella vae banhar-se a alma do defuncto antes da sua partida para ignotas regiões.

Crê-se na alma que persegue os membros da propria familia até que elles se resolvam a mandar dizer alguma missa por seu descanço d'ella; e tambem se crê na alma penada, expulsa da mansão celeste, e sem entrada no inferno, que anda por esse mundo errando, a horas mortas, pela calada da noite, no cimo dos montes, na profundeza dos valles, ou por sobre as ruinas, cobertas de hera, illuminadas pelo luar.

A creatura a quem a alma apparece, geralmente alguma creança da familia do morto, costuma definhar a olhos vistos, com enorme terror de toda a gente da casa.

Ao effectuar-se a missa solemne, diz-se que a alma apparece agradecendo a sua proxima entrada no paraizo.

Do seguinte caso fui eu testemunha auricular:

N'uma das ruas da Vidigueira, onde n'outro tempo residi, uma visinha, accordada altas horas da noite pelos gritos de sua filha, suppoz que fôra o avô que apparecêra á creança, e n'essa persuasão, obrigou-a a proferir a phrase sacramental: — «Se és alma do outro mundo, da parte de Deus te requeiro! Dize o que queres!» Depois do que a creança ficou em socego até ao romper do dia.

Sobre as almas penadas, quando entre a gente do campo se manifesta a febre do medo que ellas inspiram, ninguem é senhor de avançar um passo, n'uma estrada ou n'uma encruzilhada, sem previamente se preparar com o signal da cruz, muitas vezes repetido.

FAZENDA JUNIOR.

LENDAS DE CIDADELHE

I

Lenda de Nossa Senhora

Quando Nossa Senhora fugiu a Herodes, para evitar que o Menino Jesus fosse degollado, passou ao pé d'uns lavradores que andavam semeando trigo. Perguntando N. Senhora a esses lavradores o que semeavam, um d'elles respondeu que semeava trigo, e o outro, que semeava pedras. «Pois ámanhã» — lhes disse N. Senhora — «vinde colher a vossa sementeira.» No outro dia, vieram os lavradores ao campo, e o primeiro viu que, no sitio da sua sementeira, já havia trigo nascido, crescido e fructificado, prompto a ser colhido. O lavrador, em vista d'isto, mandou cegar o dito trigo. Passando n'essa occasião por ali os judeus, que seguiam em perseguição de N. Senhora, perguntaram aos cegadores se tinham visto passar ali uma mulher montada n'uma burrinha. Os cegadores responderam que sim, que tinham visto passar essa mulher, quando elles andavam semeando o trigo que agora estavam cegando. Em face d'esta resposta, ficaram os judeus desanimados e voltaram para traz.

Vejâmos agora o que fez o lavrador que semeou as pedras. Este lavrador, vendo o seu visinho a cegar o trigo, tratou d'arranjar gente para tambem cegar a sua seara. Mas, approximando-se do seu campo, ficou abysmado por ver que elle estava coberto de penedos. Comprehendeu então que fôra castigo, por elle ter zombado com N. Senhora.

II

Lendas relativas a algumas aves

A Lavandisca (Motacilla alba)

Quando Nossa Senhora fugiu para o Egypto, a *lavandisca* ia logo, com os pés, a desfazer as pégádas da burrinha que conduzia N. Senhora. Em troca de tão bello serviço, prometteu N. Senhora á pequena ave, que poucos dariam com o seu ninho.

O Chasco (Pratincola rubetra) e o **Pisco** (Rubecula familiaris)

Diz a tradição que estas duas aves vieram em auxilio de Nossa Senhora, da seguinte fórma: o *chasco* caminhava adiante dos judeus e denunciava a sua passagem, cantando: «chás — chás — que por ahi bem vaes»; e o *pisco*, ao lado, ia tambem cantando: «pis — pis — que mentis».

Acerca do *pisco* corre ainda a seguinte lenda: Diz se que esta avezinha foi *moço de ferreiro*, e que o mestre, zangando-se com elle, lhe atirára com um ferro em brasa, batendo-lhe no peito. D'aqui resultou a mancha que o *pisco* ostenta em seu peito.

A Andorinha (Hirundo rustica)

Quando Jesus Christo foi crucificado, voava em volta d'elle uma andorinha, que pouco a pouco lhe foi arrancando os espinhos que estavam cravados na sua sacra cabeça.

Deus, em recompensa de tão benemerita acção, prometteu á andorinha, que ella seria amada e protegida pelos homens.

J. J. GONÇALVES PEREIRA.



CONTOS ALGARVIOS

AS TRES NUVENS

Era uma vez um homem muito rico e tinha tres filhos: dois — os mais velhos — eram especialmente estimados por seus pais; o mais novo era muito despresado e aborrecido. Emquanto os dois passeavam, sem trabalhar e muito bem vestidos, o mais novo era um moiro de trabalho e andava sempre mal arranjado.

Possuia o pae uma propriedade, onde apparecia um medo. Caseiro que entrava na propriedade tinha a morte certa; só lá vivia uma noite. Por esta razão ninguem queria ser caseiro de tal propriedade.

Em uma occasião foi o seu dono visital-a e veio de lá muito apoquentado; estava muito estragada, pois que os visinhos metteram alli os seus gados, certos da impunidade, visto não haver quem a vigiasse.

Em casa queixou-se á mulher do lastimoso estado da propriedade e combinaram mandar para lá o filho mais novo, pois que os mais velhos com certeza não acceitariam tal incumbencia. O mais novo — muito bom e obediente, logo que o pai lhe disse que deveria tomar conta da administração da propriedade, acceitou o encargo e humildemente disse ao pae que lhe mandasse logo, no dia seguinte, a tumba, pois não desejava que o seu cadaver ficasse por muito tempo insepulto.

Partiu pois o filho mais novo para a propriedade com muito medo. Era bom tocadôr de rabeca e por isso levou o seu instrumento favorito para lhe afugentar o somno. A casa da propriedade era muito bonita e muito limpa. No entanto o mancebo preparou a sua cama, não dentro da casa, mas sobre um parque atraz da casa, de onde se divisava um lindo panorama. Logo que começou a escurecer, o mancebo pegou na sua rebeca e tocou, tocou... até se deixar vencer insensivelmente do somno. Lá pela noite adiante sentiu como um grande peso que o abafava, acordou subitamente e com a rabeca fez um sarilho como se manejasse uma espada, dizendo:

—Que peso é o que sinto? Olhem que parto a cabeça a quem quer que fôr, e vai tudo pelos ares!

Então ouviu o mancebo uma voz:

—Não me mates, olha que eu sou a nuvem negra, e quando tiveres necessidade d'alguma cousa, chama por mim.

No dia seguinte, quando o rapaz se dirigiu para a casa da propriedade, viu muita gente com uma tumba.

— O que os traz por aqui, amigos? perguntou o rapaz.

— Seu pai mandou-nos com esta tumba para o levarmos ao cemiterio, respondeu um.

— Deem saudades a meu pae e digam-lhe que por hora não ha novidade.

Na noite seguinte repetiu-se a mesma scena, com a differença da resposta, que foi a seguinte:

— Não me mates, porque eu sou a nuvem parda, e quando queiras alguma cousa chama por mim e eu virei em teu auxilio.

Appareceu no dia seguinte a tumba, que retirou sem levar o cadaver do mancebo.

Na terceira noite repetiu-se a mesma scena das antecedentes noites e a resposta foi, que a não matasse pois era a nuvem branca, e quando o rapaz precisasse de alguma cousa, a chamasse e viria logo em seu auxilio; e accrescentou:

— Eu e as minhas irmans estavamos aqui encantadas e foste tu que nos desencantaste com os maviosos sons do teu instrumento. Assim como até hoje tens sido bom, daqui a pouco começarás a ser feliz.

E a nuvem branca desappareceu em um momento, como as outras nuvens tinham desapparecido nas outras noites.

Conservou-se o mancebo por alguns tempos na propriedade, sendo rarissimas vezes visitado pelo pai. Em um dia accordou com saudades da mãe e dos irmãos e resolveu-se ir estar com a familia. Logo que entrou na casa paterna viu muita gente a trabalhar em fatos de homem de um valôr fabuloso; soube então que o rei do paiz promettera sua filha em casamento ao mancebo que saisse vencedor em tres torneios, em tres dias consecutivos. Os seus dois irmãos preparavam-se a entrar nos torneios com riquissimas vestes, e por

isso a chegada do filho mais novo lhes passou despercebida. Extranhou o mancebo a fria recepção dos seus e saiu de casa depois de ali se conservar apenas algumas horas.

Voltou o mancebo para a propriedade e logo nessa noite resolveu-se entrar tambem nos torneios. Partiu para a côrte no dia seguinte, e no primeiro dia dos torneios, de manhã cedo, disse:

— Valha-me a nuvem preta.

(Continúa)

(Loulé.) **ATHAIDE d'OLIVEIRA.**



Questionario sobre as crenças relativas aos animaes

Respostas

II

1.º—Entre as aves que presagiam desgraça temos: Coruja, *Strix flammea e S. aluco.* Mocho, *Athene noctua.* Nilss. = Mocho grande, *Otus vulgaris.* Flem = Noitibó, *Caprimulgus europœus*, L. =

Entre as que annunciam felicidade ou alegria:

Cuco, *Cuculus canorus.* L. (Quem ouve o cuco já não morre n'esse anno.)

E entre os insectos: *Moro-sphinx*, Besouro negro, *Bombus muscorum* e Besouro louro, *Bombus terrestris*, são tidos como funestos. Annunciam *prendas* ou visitas:

Mosca varejeira, *Sarcophaga carnaria* Borboletas diversas do genero *Tinea*

2.º — Dão felicidade,

Entre as aves: Andorinha, *Hirundo rustica*, *H. Urbica*, Gorrião, *Cypselus apus* L. = Cegonha, *Ciconia ardea*.

Entre os insectos:

Barata, *Blattà communis.*

(Casa onde ha baratas, ha dinheiro. Este preconceito faz com que os repugnantes orthoptéros, invadam todas as casas; porque muitas pessoas conheço, que as não destroem, limitando-se a deital-as fóra no lixo! —)

3.º — Piando sobre o telhado annunciam morte: A coruja, *Strix aluco*, e S. *Flammea* o noitibó, *Caprimulgus europœus*, e o mocho, *athene noctua.* —

O uivo do cão é funesto presagio para os doentes.

Sobre os numeros 4.º — 5.º — 6.º — nada conheço aqui.

7.º — Geralmente os de côr escura são os que mais se impõem á superstição popular; sendo os negros de mais poderosas virtudes.

Quando querem frizar bem a força venenosa da vibora, da aranha, etc. dizem: *Era d'aquellas negras!* =

8.º — Andorinha, Hirundo rustica L.
Papalvo, Hirundo urbica. L.
Gorrião, Cypselus apus. L.

(Nada conheço sobre os n.os 9.º — 10.º — 11.º — 12.º—)

13.º — São usadas na medicina popular:

Cobra, *Coluber aesculapii* D. B. cujos caldos curam o rheumatismo.

Rã, *Rana temporaria*, D. B. aberta em vida e colocada sobre o panaricio, cura-o.

Lagarto, *Lacerta viridis*, D. B. cuja pelle torrada e pizada cura as dores de dentes.

O casulo do *louva-a-Deus*, *Mantis religiosa.* L. = achado sem se procurar, cura o *mal de azia.*

O gato preto cura as dores de cabeça fitando-o.

O gafanhoto verde, *Locusta viridissima* L. esmagado desfaz as verrugas.

Saram-se feridas deixando-as lamber por um cão. (*A lingua do cão é benta*) (sic).

A cabeça de vibora e o sapo, *Bufo vulgaris*, D. B. são empregados na magia. Ao sapo costumam as feiticeiras, crivar de alfinetes, e n'esse estado fica symbolisando a pessoa a quem se quer mal.

Sobre os n.os 14.º — 15.º nada encontro.

16.º — Aqui ha diferença entre *feiticeira e bruxa.*

A *feiticeira* exerce uma *sciencia*; a *bruxa* cumpre um *fado.*

Só a bruxa, portanto, se pode transformar; e quando tal acontece é sempre *n'uma coisa invisivel que entra pelo buraco da fechadura* (sic). Ainda não ouvi dizer aqui que se transformasse em animal.

Nada sei sobre os n.os 17.º—18.º—19.º—20.º—21.º—

22.º—Como catavento nos moinhos costumam collocar a figura de um galo cantando, (isto é, com o bico aberto), ou um peixe.

Do n.º 23.º nada sei.

24.º — Ha o jogo: Cabra-cega.

O que faz de Cabra-cega tem os olhos vendados.

Eis o que por emquanto tenho podido colher nas tradições d'estes sitios.

Setubal. **ARRONCHES JUNQUEIRO.**

BULLETIN POUR L'ÉTRANGER

LA TRADITION

Revue mensuelle illustrée d'ethnographie portugaise

DIRECTEURS

Ladislau Piçarra et Dias Nunes

REDACTION ET ADMINISTRATION

À SERPA (PORTUGAL)

Sommaire du présent numéro de la Tradition

Texte: L'instruction à la ville de Serpa aux fins du XVI siècle, par *Pedro A. d'Azevedo;*

Monsieur Sept (suite), par *Trindade Coelho* (Dr.);

Arts et industries traditionnelles: La poterie à Serpa (suite), par *M. Dias Nunes;*

La chasse dans le district de Serpa (suite), par *A. de Mello Breyner;*

Croyances et superstitions: Ames de l'autre monde, par *Fazenda Junior;*

Legendes de Cidadêlhe, par *J. J. Gonçalves Pereira;*

Histoires de l'Algarve: Les trois nuages, par *Athaíde d'Oliveira* (Dr.);

Questionnaire sur les croyances relatives aux animaux: Réponses — II, par *Arronches Junqueiro;*

Illustrations: Galerie de costumes populaires: Apprenti de tondeur au jour de sa fête. Produits de la poterie de l'Alemtejo (deux pages).

Musiques populaires: Quête.

R.

BULLETIN FOR ABROAD

THE TRADITION

Monthly illustrated review of portuguese ethnography

DIRECTORS

Ladislau Piçarra and Dias Nunes

OFFICES

SERPA (PORTUGAL)

Summary of the present number of the Tradition

Text: Learning in the town of Serpa concluding the XVI th. century, by *Pedro A. d'Azevedo*;

Mister Seven (continuation), by *Trindade Coelho* (Dr.);

Traditionnel arts and industries; The pottery in Serpa (continuation), by *M. Dias Nunes*;

The shooting in the Serpa district (continuation), by *A. de Mello Breyner;*

Beliefs and superstitions: Ghosts, by *Fazenda Junior*;

Legends of Cidadêlhe, by *J. J. Gonçalves Pereira*;

Tales from the Algarve: Three clouds, by *Athaíde d'Oliveira* (Dr.);

Questionary about the beliefs relative to animals: Answers — II, by *Arronches Junqueiro;*

Illustrations: Gallery of popular costumes: Shearer apprentice in his feast-day. Products from the pottery of Alemtejo (two pages).

Popular musics: Gathering.

R.

ADUBOS CHIMICOS

COMPANHIA UNIÃO FABRIL

SOCIEDADE ANONYMA DE RESPONSABILIDADE LIMITADA

Fundada em 1865

FORNECEDORA DA CASA REAL

Marca da fabrica registada

C. U. F. (PARA SACCAS)

Endereço telegraphico	**Numero telephonico**
Fabril-Lisboa	*501*

FABRICA DE ADUBOS CHIMICOS

Elementares, compostos e mixtos, purgueira e outros bagaços

BAGAÇOS MIXTOS

Adubos para todas as culturas e em harmonia com a qualidade das terras.
Riqueza garantida em azote,
acido phosphorico assimilavel, potassa e cal.

Pureza absoluta de corpos prejudiciaes ás plantas ou ás terras

Para garantir a maior efficacia no emprego dos adubos chimicos, e sempre que se trate de encommendas superiores a 100$000 réis, a COMPANHIA UNIÃO FABRIL, escolherá a pedido do comprador a forma especial do adubo que convenha á cultura a que a terra é destinada e á sua composição chimica quando lhe mandem uma amostra, levantada segundo as instrucções que fornece e sem que o lavrador tenha que dispender coisa alguma com este trabalho especial.

GRANDES FABRICAS

Largo das Fontainhas e Rua Vinte e Quatro de Julho, 940

LISBOA

PREÇOS OS MAIS REDUZIDOS DO MERCADO

MASSA DE MENDOBI
Para engorda e sustento de gado cavallar e vaccum

MASSA DE PALMISTE (Coconote)
Para engorda e sustento de gado suino e adubo de terras

MASSA DE LINHAÇA
Para engorda e sustento de gado cavallar e vaccum

MASSA DE PURGUEIRA
Para adubo das terras

Envia preços e catalogos a quem fizer o pedido á

COMPANHIA UNIÃO FABRIL

LISBOA

Anno II — N.º 12 Volume II

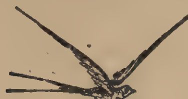
SERPA, Dezembro de 1900

A TRADIÇÃO

Revista mensal d'ethnographia portugueza, illustrada

«A TRADIÇÃO, de Serpa, pelo programma que se impoz e pela discreta diligencia com que procura desempenhar esse programma, representa, a meu vêr, o mais bello exemplo patriotico de educação publica exercida pela imprensa».

Ramalho Ortigão.



DIRECTORES:

Ladislau Piçarra

e M. Dias Nunes

Collaborador musical

F. VILLAS-BOAS

Collaborador artistico

M. BAPTISTA SALTA

CLICHÉS DE:

A. de Mello Breyner,
F. Monteiro, F. Villas-Boas,
J. Monteiro
e J. V. Pessoa

SUMMARIO:

TEXTO

ILLUSTRAÇÕES

PREÇO DA ASSIGNATURA

(Pagamento adeantado)

Em Portugal (continente), série de 12 numeros

1$200 réis

Para o ultramar e estrangeiro accresce o porte do correio

Numero avulso

100 réis

Toda a correspondencia deve ser dirigida á redacção e administração de

"A TRADIÇÃO"

(Portugal)

SERPA

Venda avulso d'esta revista.

LISBOA, Galeria Monaco, Rocio.

PORTO, Livraria Moreira, Praça de D. Pedro, 42 e 44.

COIMBRA, Livraria França Amado.

A TRADIÇÂO

PRIMEIRO ANNO

1899

(2.ª EDIÇÃO)

Um esplendido volume de mais de duzentas paginas, in-4.º, impresso em excellente papel e profusamente adornado de bellas gravuras de typos populares e canções musicaes.

INDICE DAS MATERIAS:

Anno II — N.º 12 SERPA, Dezembro de 1900 Volume II

Editor-administrador, *José Jeronymo da Costa Bravo de Negreiros*, Rua Larga, 2 e 4 — SERPA
Typ. de *Adolpho de Mendonça*, Rua do Corpo Santo, 46 e 48 — LISBOA

A TRADIÇÃO

Revista mensal d'Ethnographia Portugueza, Illustrada

Directores: — LADISLAU PIÇARRA e M. DIAS NUNES

NOTAS HISTORICAS ÁCERCA DE SERPA

VII

Serpa no reinado de D. Sancho I

Abrindo a *Monarchia Lusitana* [1] encontramos as seguintes noticias, que fr. Antonio Brandão dá em relação a Serpa:

— primeira, que D. Sancho I, depois de fazer uma entrada por terras de Andalusia, veiu pôr cerco a Serpa, facto que, «segundo os nossos historiadores», [2] teve logar pouco depois do principio do seu reinado:

— segunda, que não podendo a villa de Serpa ser ganhada n'aquella occasião em consequencia do mau tempo que sobreveiu foi depois conquistada pelo valor dos cavalleiros de Aviz. Esta ultima informação constava de um manuscripto de fr. Bernardo de Brito, que fr. Antonio Brandão tinha em seu poder [3].

Não faremos decerto uma grave injuria á memoria do douto fr. Bernardo de Brito, dizendo que as suas affirmações, despidas de provas, pouco valor podem ter. Dotado de um ardente patriotismo, querendo encontrar por toda a parte glorias de Portugal e dos seus reis, mas sem grande criterio e sem muitos escrupulos, aquelle nosso chronista mór está bem longe de ser seguro. Quem ler, ou simplesmente folhear, porque a leitura é difficil, a primeira parte da *Monarchia Lusitana*, e vir desfilar deante de si a fabulosa serie dos reis da Hespanha desde o principio do mundo, apresentada com tanta gravidade e segurança como se fossem personagens authenticamente reaes, poderá ficar com uma certa admiração pela viva phantasia e bom portuguez de Brito; mas fica tambem com uma fraca ideia da sua exactidão historica ou da sua boa fé. Assim, as suas affirmações quanto á tomada de Serpa não nos podem convencer; e esta foi claramente a impressão de fr. Antonio Brandão quando o citou.

Fr. Antonio Brandão era um escriptor serio, que poude errar varias vezes por falta de informações; mas absolutamente incapaz de inventar ou

(1) *Terceira parte*, Livro XII, cap. 11.º

(2) Um d'estes historiadores, allegados por Brandão, deve ser Ruy de Pina; fala explicitamente do cerco de Serpa e do tempo de invernia que obrigou a levantal-o; e põe o facto antes da empreza do Algarve, que colloca no anno de 1199, dez annos depois do que realmente foi. — Outro deve ser Duarte Nunes, o qual diz ter D. Sancho corrido e destruido as terras da fronteira da Andaluzia.

(3) Deve ser o manuscripto a que se refere — e não com muitos elogios, — no *Prologo* da Terceira e Quarta partes da *Monarchia Lusitana*.

deturpar um facto, ou de affirmar aquillo de que não estivesse bem convencido. Não podia, porém, ser um demolidor com toda a liberdade da critica moderna. Nem o tempo em que escrevia, nem a sua qualidade de religioso, nem o seu cargo de chronista mór lh'o permittiam, sobretudo quando se tratava de fr. Bernardo de Brito, seu predecessor e frade da mesma ordem. Ainda assim, elle sabia dizer, ou pelo menos deixar entrever a sua opinião. Falando das trez conquistas de Serpa: a primeira por D. Affonso Henriques: a segunda esta em tempo de seu filho D. Sancho: a terceira por D. Sancho II, accrescenta: «Eu com«tudo como d'esta segunda conquista «não vejo outras escripturas authen«ticas, nem memoria em nossos his«toriadores, não trato de a referir com «mais particularidade.» Isto, para quem conhece o modo de escrever de Brandão, significa simplesmente, que elle não acreditava nada, mas inteiramente nada, no facto. Quanto a Alexandre Herculano, esse nem faz a estas noticias a honra de as refutar—não as menciona. Effectivamente as duas noticias, a da tomada de Serpa, e mesmo a do cerco posto a Serpa, são pouco acceitaveis; e não é facil imaginarmos em que momento se poderiam collocar taes factos.

Quando D. Sancho I subiu ao throno (1185) Portugal estava na verdade um tanto desafogado quanto a novas invasões dos moiros. No anno anterior o khalifa Yucef-Abu-Yacub havia sido morto[1] sob os muros de Santarem, retirando o seu exercito apressadamente para Sevilha. E seu filho Yacub, depois chamado Al-Mansur, havia passado a Africa, onde se occupava em fazer reconhecer a sua auctoridade e suffocar várias revoltas. Isto dava algum desafogo aos christãos; mas apenas momentaneo, porque o poder dos Almohades ficava grande, e o governo da Hespanha mussulmana entregue a chefes experimentados. Alem d'isso, os territorios e villas perdidos nas ultimas invasões (1171 — 1184) não haviam sido recuperados; e comparando as fronteiras de Portugal no Alemtejo com o que foram quinze ou dezeseis annos atraz, vê-se quanto se perdera.

Alcacer pertencia a Portugal, como se prova pela doação, feita por D. Sancho I, d'aquelle castello, e dos de Palmella e Almada, á ordem de Santiago logo no anno de 1186; mas marcava o limite extremo dos nossos dominios por aquelle lado occidental. Ao centro ficava Evora, sentinella avançada, ás vezes isolada em terras de moiros, mantida pela fortaleza dos seus muros e castello, e pela firmeza dos cavalleiros de Evora que a guarneciam. Mais ao norte, era dos portuguezes o castello de Coruche, reedificado por D. Affonso Henriques; mas para cima de Coruche, o que hoje chamamos o Alto Alemtejo, então pouco povoado, pertencia todo aos moiros, solidamente estabelecidos em Elvas e Badajoz. O castello de Juromenha era tambem dos moiros, como prova claramente a phrase de D. Sancho I, o qual, doando-o aos cavalleiros de Evora em janeiro do anno de 1187, accrescenta: *si mihi eum Deus dederit* – quando o venha a conquistar.

Em taes condições, difficil se torna admittir, que D. Sancho I fosse passar o Guadiana e pôr um demorado cerco a Serpa; tanto mais quanto as correrias dos moiros recomeçaram com força logo no anno de 1188, e Serpa ficava relativamente perto de Sevilha, que foi sempre a terra predilecta dos Almohades e o ponto de partida das suas expedições militares. E mais difficil ainda será admit-

(1) Ou ferido, morrendo depois; veja-se Ibn-Khaldun, *Hist. des Berbéres*, II, 205; este acontecimento é contado dos modos os mais diversos; pode ver-se Herculano, *Hist. de Portugal*, I, 456 e seguintes. — Creio que este ponto foi esclarecido por Dozy, *Recherches*, 3.ª edição; mas não a tenho n'este momento á minha disposição.

GALERIA DE TYPOS POPULARES



Azagal (de Serpa)

tir a tomada de Serpa pelos cavalleiros de Aviz. [1]

No anno de 1189, as armas de D. Sancho I dirigiram-se para outro lado, e teve logar a memoravel expedição ao Algarve. Esta campanha é bem conhecida, foi admiravelmente narrada por Alexandre Herculano, e não vem ao nosso assumpto. Unicamente nos convem notar, que Silves com todo o occidente do Algarve até proximamente Messines, Paderne e Albufeira, ficou na posse momentanea dos portuguezes; mas a parte oriental, por Faro, Tavira, até á foz do Guadiana, e no interior até Mertola, quer dizer, tudo quanto demorava para este nosso lado, continuou a ser occupada pelos moiros.

Terminada com felicidade a empreza do Algarve, D. Sancho voltou com o seu exercito pelo Alemtejo, tomando no caminho Beja, se acaso a tomou, o que tenho por muito duvidoso. Poderia lembrar a collocação do cerco de Serpa n'esta retirada do Algarve; mas, estando de permeio o Guadiana, o commettimento era um tanto arriscado. Mal se comprehende aquelle movimento para leste, quando todo o Algarve oriental, incluindo o forte castello de Mertola, ficava em poder dos moiros. Demais as datas contrariam esta supposição. D. Sancho saiu do Algarve em meiado de setembro do anno de 1189; [2] e já em dezembro estava em Coimbra, onde doava o castello de Alvor ao mosteiro de Santa Cruz e passava outros documentos. Em pouco mais de dois mezes, mal poderia ter vindo de Silves a Coimbra, ter cercado e tomado Beja, [1] ter atravessado o Guadiana, e posto um demorado cerco a Serpa, que levantou por causa do máu tempo.

Nos dois annos seguintes desencadeou-se sobre Portugal uma tremenda tempestade. O khalifa Yacub-al-Mansur era um homem de espirito animoso e pouco soffredor, excedendo mesmo pelas qualidades de commando seu pae e seu avô. Sentiu-se profundámente com as ultimas conquistas dos portuguezes no Algarve, sobretudo com a perda da rica cidade de Silves, uma das joias da Hespanha mussulmana. Na primavera do anno de 1190 passou o Estreito com um grande exercito africano, juntou-lhe as tropas do Andalús, e foi a marchas forçadas pôr cerco a Silves. Como o cerco se demorasse, deixou ali parte das tropas, e desceu pelo Alemtejo com o grosso do exercito, que ainda

[1] Pode causar estranheza esta menção dos cavalleiros de Aviz, quando se não chamavam assim, nem existia Aviz, nem se conhecia tal nome. Podiam chamar-se de Calatrava, porque effectivamente derivavam d'aquella ordem hespanhola, ou querendo aportuguezal-os, de Evora, onde tinham a sua sede. Aviz fundou-se annos depois, e dizem que o nome resultou de se levantarem algumas aguias do sitio ermo, onde se foi escolher logar para o convento. — E' claro, que isto, por si só, não prova a falsidade da noticia, pois se entendia os cavalleiros *depois* chamados de Aviz; mas prova ao menos que foi dada com uma certa leviandade.

[2] Alexandre Herculano, *Hist. de Portugal*, II, 51.

[1] Herculano acceitou este facto (II, 51) por uma simples menção do Cartás *(Hist. dos Sober. mahometanos, 238)*, e outra de Conde (Parte III cap. 51). Estes dous testemunhos reduzem-se a um só, porque é facil reconhecer como Conde seguiu uma das copias manuscriptas, aliás numerosas, da obra depois traduzida por Moura. A narrativa arabe, em que os dois se fundaram, é n'esta parte extremamente incorrecta. Desloca para um anno mais tarde a expedição de D. Sancho I, e funde em uma unica as duas entradas do khalifa em Portugal, de que logo trataremos. Portanto não me parece merecer muito credito. Ibn-Khaldun só menciona a tomada de Silves (l. c. II, 212) e logares proximos; e a sua narrativa — de que hoje temos uma traducção muito superior á que Herculano possuia — é em geral concorde com as noticias dos portuguezes e com a do inglez Hoveden; e, a meu ver, muito mais segura. — Que Beja estivesse em poder dos moiros, como prova a ausencia de documentos a seu respeito pelos fins do seculo XII, é perfeitamente acceitavel; mas continuaria a ficar em poder dos moiros. D. Sancho, n'esta hypothese, teria vindo ao longo do mar em direcção a Alcacer, deixando Beja á direita; e em tal caso, ainda menos se pode pensar em collocar o cerco de Serpa n'aquella occasião.

Productos da Ollaria Alemtejana



(SERPA)

era muito grande. [1] Passou o Tejo acima de Santarem, onde estava D. Sancho I, que não se atreveu a sair-lhe a campo, e foi cercar o castello de Torres Novas, *Hiçn Torrech*, como diz Ibn Khaldun. Torres Novas rendeu-se; e, emquanto os seus cavalleiros corriam o paiz até Leiria ou talvez mesmo para o norte, o khalifa foi pôr cerco a Thomar. Era uma d'estas invasões mussulmanas até ao centro do nosso paiz, lembrando as dos peores tempos dos passados seculos. Em Thomar, porém, estava o celebre mestre do Templo, Gualdim Paes, que se defendeu como um velho leão que era. E o khalifa, ou que adoecesse repentinamente, como dizem alguns, ou que não julgasse a sua posição segura, estando as forças de D Sancho em Santarem, [2] ou que considerasse lavada a afronta recebida no Algarve, levantou o cerco de Thomar ao cabo de seis dias, e retirou para o sul, abandonando ao que parece Torres Novas.

Deu, porém, aos portuguezes apenas o tempo de respirar, porque logo na primavera seguinte voltou a Silves, que d'esta vez tomou com todos os outros logares do Algarve. E descendo agora pelo occidente do Alemtejo, veiu tomar Alcacer, Palmella e Almada. O pendão do Crescente fluctuava de novo mesmo em face de Lisboa, coisa que não succedia havia perto de meio seculo.

Ao norte do Tejo, D. Sancho I assistia immovel a estas gravissimas perdas, não que lhe faltasse o animo,

[1] Na inscripção de Thomar elevam-se as forças de Yacub a quatrocentos mil homens de cavallaria, e quinhentos mil de infanteria. O exaggero é flagrante; mas estes exercitos mussulmanos eram em geral numerosos.

[2] A guarnição de Santarem havia-se reforçado nos ultimos dias por uns quinhentos inglezes, pertencentes a uma esquadra de Cruzados d'aquella nação, que occasionalmente aportara ao Tejo. E Rogerio de Hoveden, como bom e orgulhoso inglez que era, attribue a retirada de Yacub ao temor que lhe inspirou este punhado dos seus compatriotas, o que é simplesmente absurdo.

porque nunca lhe faltou; mas unicamente porque lhe faltavam em absoluto forças com que tentar nem uma sombra de resistencia.

Recordámos rapidamente estes acontecimentos conhecidos, porque tornam bem evidente a impossibilidade de se ter realisado n'aquelles calamitosos annos qualquer expedição ás terras de alem Guadiana. E, no emtanto, é justamente no de 1190, o peor de todos, que um dos nossos antigos e bem reputados historiadores colloca muito seguro o cerco de Serpa, dando n'isso mais uma prova da sua habitual leviandade. [1]

A tranquillidade relativa dos tres annos seguintes foi apenas apparente, porque o poder dos Almohades ficava intacto e formidavel. Provou-o bem a celebre batalha de Alarcos (1195), na qual foi derrotado Affonso VIII com a flor dos cavalleiros castelhanos e muitos cavalleiros portuguezes, morrendo ali o nosso mestre dos freires de Evora, D. Gonçalo Veegas, e Rodrigo Sanches, o mesmo que uns quatro annos antes sustentara o cerco de Silves. E provou-o tambem claramente o facto de os reis christãos proporem ou pedirem treguas ao khalifa no anno de 1197, no que elle concordou. [2]

Todos estes factos, se tornam pouco provaveis comettimentos importantes no Alemtejo em annos anteriores, excluem completamente a ideia de que tivessem logar depois, quando as treguas estavam declaradas. [3] Sem nos referirmos, portanto ás guerras com Leão e outros successos que perturba-

[1] Manuel de Faria e Sousa, *Europa Portugueza*.

[2] Ibn Khaldun (1. c. p. 215) usa a seguinte phrase: «Cedeu ás sollicitações dos reis christãos, e concedeu-lhes uma tregua». Isto é um exaggero do orgulho arabe, que não era inferior ao hespanhol—Lucas de Tuy contenta-se com mencionar muito simplesmente a existencia da trégua.

[3] No emtanto as Chronicas collocam uma supposta tomada de Elvas no anno de 1200; mas vejam-se as sensatas reflexões que já a este respeito fez Brandão, *Mon Lus.*, XII, 28.

MUSICAS POPULARES [1]

III

A SANTOS

(Aria rustica)

[1] As musicas populares, bem como as canções musicaes publicadas na *Tradição*, todas foram recolhidas em Serpa.

ram o reinado pouco feliz de D. Sancho, o facto de estarem assentes treguas com os moiros, as quaes, segundo parece, foram longas e fielmente mantidas, [1] é sufficiente para não pensarmos mais em expededições militares nas terras de alem Guadiana.

Apenas devemos apontar muito rapidamente alguns factos, que de certo modo explicam as conquistas futuras para os nossos lados. D. Sancho I, como todos sabem, mereceu a honrosa alcunha do Povoador; e mereceu-a nas mais difficeis circumstancias. Pelos primeiros annos do seculo XIII, o paiz encontrava-se exhausto de forças e de gente. A's devastações dos moiros, haviam-se juntado as longas guerras com Leão, e calamidades de outra ordem.

Uma serie de annos chuvosos, em que os rios sairam dos leitos em grandes e repetidas cheias, alagando campos e valles, havia produzido uma serie tambem de colheitas escassas ou nullas. Os fracos depositos esgotaram-se; em transportes de longe não se podia então pensar; e declarou-se um d'estes temerosos periodos de fome, como já hoje se não podem dar na Europa, mas ainda se presenceiam na India e outras regiões. O escriptor, que recordou o facto no Livro de Noa, e evidentemente estava sob a pressão dolorosa do que vira ou ouvira contar a testemunhas de vista, diz que nunca tamanha calamidade se dera desde o principio do mundo; *magna fames... qualis non fuit ab initio mundi.* [2] A' fome juntou-se a doença, no terrivel trio da peste, fome e guerra; os homens e os animaes morreram aos milhares, tornando bem ardua a tarefa em que D. Sancho andava empenhado.

Das suas providencias, unicamente nos interessam as que dizem respeito á fronteira alemtejana. Foi uma d'ellas a doação aos templarios dos grandes territorios, chamados da Açafa. Vinham bater pelos lados da actual Villa velha do Rodam na margem norte do Tejo; mas estendiam-se tambem para o sul, ás terras onde hoje vemos Niza, Gavião e outras povoações. Entregues á ordem do Templo a mais forte das ordens militares, restringiam-se por aquelle lado as correrias dos moiros, definindo-se mais claramente a fronteira. Foi outra, o estabelecimento, pelos lados de Ponte de Sôr, de colonias de flamengos e outra gente vinda do norte. Apoiando-se a nordeste ás terras dos templarios, a sudoeste ao antigo castello de Coruche, estas colonias continuavam a delimitar por ali um pouco melhor o que era terra portugueza. A traz de Evora, levantou-se o castello de Monte Mór o Novo em terra já conquistada havia muito; mas tornando mais segura a posição de Evora antes perigosamente isolada. E para os lados do occidente, embora os moiros continuassem a occupar Alcacer, os cavalleiros de Santiago retomaram Palmella, e fundou-se uma colonia de estrangeiros em Cezimbra.

Assim, sem expedições distantes, sem rapidos alargamentos, em que nem era licito pensar, houve nos ultimos annos do reinado de D. Sancho uma consolidação da fronteira, como uma ligação de todos os seus pontos, que permittiu o alargamento em tempos mais prosperos, mas bastante posteriores.

Em resumo, a unica conclusão segura a que me parece podermos chegar, é que Serpa, com toda a margem esquerda do Guadiana, ficou na posse tranquilla dos moiros e sob o governo dos khalifas almohades, durante todo o reinado de D. Sancho I (1185-1211).

CONDE DE FICALHO

[1] Veja-se Alex. Herculano *Hist. de Port*, 101, 154.

[2] *Port. Mon. Historica, Scriptores*, 3 — A data do Livro de Noa está errada, como já se tem notado; mas deve referir-se aos annos de 1202 a 1207, que parece terem sido os peores. Os *Anales toledanos* dizem ainda no de 1207: «fué grand fambre en la tierra.» —O flagello foi geral na Europa, como provam as menções de varios *Chronicons*.

O SENHOR SETE

(Continuado de pag. 168)

—*Sete boccas tem a Fama.*

Terá. Ella diz que em cem. E para pessoa que fala tanto, e espalha as novidades por tão longe, e por tanta parte, cem ainda não são de mais. Mas quer o Senhor Sete que tenha a «sua conta», e vamos lá que já não são poucas...

Bouillet, porém, no seu *Diccionario Universal de Historia e Geographia*, que mette tambem mythologia, diz que as boccas da Fama eram cem, e outras tantas as suas orelhas! Que era tambem figurada a tocar trombeta (a *trombeta da Fama*, que foi á praça no espolio da Rhetorica, e rendeu pouco!) e que auctores havia que lhe attribuiam umas grandes azas, todas bordadas d'olhos: — (as azas da Fama, que eu já vi no Theatro Principe Real).

Mas já Monsieur Chompré, que tem tambem o seu *Diccionario da Fabula*, não lhe dá sete nem lhe dá cem, porque diz só isto: — «Fama: divindade poetica, mensageira de Jupiter. Dizem que tanto andava de noite como de dia; que trepava aos logares mais altos para publicar de lá toda a casta de novas, e que não podia nunca estar calada. Representam-na os poetas um monstro com azas, agigantada de figura, e horrivel: e com tantos olhos, orelhas, boccas e linguas, como tinha de pernas por todo o corpo.»—Devia ser linda! Mas a respeito de boccas, tres vezes nove vinte sete! Não diz ao certo, embora deixe presumir que eram bastantes. Mas sete já não eram poucas; e se o Senhor Sete a não conheceu, provavelmente informou-se com os filhos bastardos da tal divindade:— o *mexerico*, a *enzonice*, a *besbilhotice*, a *chocalhice*...

Correm de gatas, mas tambem correm, estes pygmeus; e sendo do tamanho de lagartixas, tambem andam muito lá p'la aldeia, e ha botica e loja de barbeiro onde até parece que nascem do chão! Amphibios, apparecem muitos nos lavadouros, e nas fontes, —e lembro-me que quando eu era pequeno, se acertava sahir-me alguma pela bocca fóra, o remedio lá de casa era já sabido: uma grande mão-cheia de pimento, bocca tapada um minuto, e prompto!

Mas nas mulheres não teem cura.

*

—*Leitões de sete semanas.*

São os melhores p'ra dar de meias; porque ao cabo de sete semanas, podem-se já apartar das mães, e passam sem leite.

Ordinariamente, dá-se de meias um porco e uma porca, pequeninos. A parceria dura sete mezes, e ao fim d'este tempo, fecha-se o contracto: vendem-se na feira e reparte-se o dinheiro,— metade para o mieiro, metade para o dono. Ou para a *mieira* e para a *dona*, porque isto, em regra, são contractos lá das mulheres.

N'um livro meu, enganei-me. Ha uma passagem, nos *Preludios de festa*, em que o Antonio Fagote, a pensar como ha-de ser o jantar, porque de mais a mais tem de sentar á meza o prégador, que «vem de longe que nem seiscentos diabos», e emfim, elle Antonio Fagote, além de brioso é o *juiz da festa*, e precisa de se despicar do José da Loja, que foi juiz o anno atraz,—vira-se para a mulher e diz-lhe assim:

— «Leitões, se os cá não houver, manda-se o Miguel á cata d'elles, por esses povos á roda. Querem-se dos de 7 semanas, tres p'lo menos.»

Ora o Antonio Fagote, alma generosa, era muito capaz de ter invertido os numeros: — «... de 3 semanas, 7 p'lo menos». Mas leitões de 7 semanas, é que elle não punha na meza ao prégador. Nem de tres, que elle bem sabe o dictado:

Leitão de mez,
Cabrito de tres.

Mas foi engano meu, que na 3.ª edição, qualquer dia, hei-de remediar se Deus quizer.

Sobre isto de porcos, quando publiquei, na minha *Revista Nova*, que no céo esteja, o conto chamado *A' lareira*, como eu falasse em *larégos* logo no principio, puxei ao fundo da columna a seguinte nota:

«A intenção d'esta *Revista* permitte-me fazer aqui o que não poderia fazer n'um livro: isto é, definir as palavras regionaes que vou empregando. Assim, direi que a palavra *larégo* significa *pôrco*. Mas o pôrco tem lá cima varios nomes, em regra consoante a edade: — *leitão* ou *leitôa*, emquanto pequeno; *larégo*, depois de leitão; *sevado*, já grande; *marrancho* e *réco*, genericos. *Marrã*, é suino acabado de matar. *Berrão*, pôrco ainda não castrado. — N'um romance que me não lembra agora, Camillo disse n'uma nota que não sabia a origem da palavra *réco*. E' palavra onomatopaica: o grunhir de certos porcos dá a palavra; e as proprias mulheres, quando se põem a chamar pelos porcos, chamam-nos assim:—*Réco*, *réco*, *réco*, *réco!* n'uma lenga lenga quasi pegada, que imita o grunhir. — Para chamar os porcos a distancia, o grito é outro:—*Garré*, *garré*, *garré!* que é tambem, como se vê, mais ou menos onomatopaico. E ainda, mas para perto, *q'rruche*, *q'rruche*, *q'rruche!* que dá tambem o grunhir, porque é muito guttural. E' como as mulheres fazem, quando levam os porcos á feira, atraz d'ellas, e os vão chamando assim, e botando-lhes grão...—*q'rruche*, *q'rruche*, *q'rruche!*

P'ra enxotar os porcos diz-se assim: *coch'qui*!

— Coch'qui, inimigos!

E sempre é bom explicar estas coisas, porque n'um livro já eu vi um auctor dizer *chó!* para fazer andar um burro, e dizer-lhe *arre!* para que parasse! Este conhecia a aldeia... de a vêr pintada nas caixas de phosphoros! Adeante.

*

—*Pera de sete cotovelos.*

E' rica, e são agora d'este tempo, inverniças! Melhor direi, de meio inverno. São bôas, portuguezas de lei, muito grandes, de carne muito fina, summarentas, e então muito engraçadas com as taes sete saliencias a coroál-as!

TRINDADE COELHO.



A SENHORA MESTRA

Eu não sei se todos teem pelo passado o culto quasi religioso que eu tenho... Principalmente pelo que acaba de passar em nossos dias, e de que ninguem póde fallar com mais piedade e mais amor do que nós, os que o vêmos sumir-se, apagar-se... vaporisar-se, por assim dizer.

De tantas figuras extinctas ultimamente, uma para mim das mais sympathicas, era a da Senhora Mestra— a Senhora Mestra, tal como eu a conheci n'uma das suas mais nobres encarnações, com a modesta escola installada ao rez-do-chão, n'uma casa espaçosa, ladrilhada, os ladrilhos cobertos por uma esteira de palma do Algarve, e as paredes muito brancas, muito caiadas... Nas cadeirinhas, alinhadas defronte do estrado de madeira onde a Senhora Mestra se assentava com o seu ar dôce de rainha-mãe, reunia-se o grupo alegre e vivo, mil vezes ao dia chamado á ordem pela comprida canna delgadinha e verde que ella com mais ou menos energia pousava na cabeça d'uma ou d'outra creança.

Não havia sciencia grande, n'esse tempo; o ensino limitava-se, em taes escolas abençoadas, a ler, escrever e contar: a fazer uma camisa, um lençol, um par de meias, o necessario, o preciso para o governo de vida d'uma mulher simples e boa... d'uma mulher sem nervos, d'uma d'essas

mulheres ideaes, que são ainda hoje, para mim, a perfeição!

Alli creava-se a senhora, a mãe de familia, a prudente, a resignada, a humilde,— a mulher que é tudo na sua casa e se sente feliz assim. Não havia sciencia, positivamente, que valesse aquella,—a de fazer felizes os seus. O seu trabalho era a sua vida: o arranjo da sua casa, a ordem, a economia, o aceio. E tudo isto a Senhora Mestra explicava e fazia sentir. O amor pela modestia no trajar, a caridade com as fraquezas alheias, a abnegação de si propria, eram virtudes apontadas e, por assim dizer, glorificadas a cada passo.

Todas as discipulas se esforçavam por equiparar-se em a nobreza de coração e na humildade christã. Conheciam a doutrina e applicavam-n'a. Até nos seus bordados incomparaveis, d'um trabalho prodigioso, se notava a direcção espiritual que ellas levavam! Quasi tudo era destinado á casa e á egreja. Para ellas... nada, —o trabalho!

E por isso eu venero ainda hoje essa legião de mulheres de bem, que nasceram no principio d'este seculo, e das quaes tantas eu tenho ido vendo adormecer... Tantas que me appetece tirar do esquecimento, levantal-as uma por uma como as contas soltas d'um rosario quebrado... Tantas!...

A Senhora Mestra, com o cabello branco penteado á rainha, a sua caixa de rapé, a sua meia e os seus oculos, —o *Relicario Angelico* ao alcance da mão,—lia e explicava, em voz alta, o *Thezouro das meninas*, umas vezes, outras vezes a *Biblia* ou as *Horas Mariannas*...

Que placidez, que serenidade, e que doçura! Uma doçura excelsa, que repassava as creanças para toda a sua vida, e não se desmentia... nem se desmente. Tantas d'essas que eu conheci e conheço! E como eu as venero e as invejo!...

Beja, 1900.

MARGARIDA DE SEQUEIRA.

Artes & industrias tradicionaes

A OLLARIA EM SERPA

(Continuado de pag. 170)

Os processos de fabrico usados na ollaria serpense são os mesmos, creio, que geralmente se adoptam n'esta industria, conhecida e universalisada desde a mais longiqua antiguidade.

A materia prima que entre nós se emprega—quasi toda procedente d'uma larga faixa de terreno que existe no sitio da Boiada, proximo d'esta villa,—é uma argilla impura, mais ou menos plastica, e de tres cores principalmente, que tiram a vermelho, a rôxo, e ao amarello escuro. Com este barro se fabrica a obra grossa e a louçaria miuda. A telha e o tijolo são feitos com outro barro mais inferior, que talvez possamos classificar de marga arenosa.

De modo muito simples e rudimentar procede o olleiro á preparação das pastas. Destorrôa e tritura o barro e lança-o, em determinada porção, para dentro d'uma balsa ou barreiro de pequena profundidade; e, depois de convenientemente molhada com bacias d'agua, alli fica a argilla a impregnar-se durante o espaço d'uma noite.

No dia immediato, tira-se a argilla para fóra da balsa, amassa-se á mão, no sólo, e divide-se acto contínuo em pequenas pellas, cada uma das quaes é novamente amassada antes de posta em obra.

A marga, destinada á fabricação da telha e do tijolo, apenas leva a primeira amassadura, que é feita com uma enxada. Esta pasta não se facciona: fica toda n'uma só pella, que o operario vae colhendo aos pedaços.

Preparadas as pastas, elaboram-se á mão, com moldes, e ao torno, consoante os objectos a que o olleiro se propõe dar fórma.

São trabalhadas á mão, com auxilio da palmatoria, as vasilhas de grande tomo, como potes e talhas e

quartos e salgadeiras cujo fundo, aliás, é tornejado.

As telhas e os tijolos fazem-se em moldes. (Gallapo, se chama o molde de madeira que dá á telha a fórma arqueada).

Ao torno se executa toda a louçaria commum, em que predominam as figuras curvilineas.

Como é sabido, compõe-se o torno d'um eixo vertical tendo na extremidade superior um prato de pedra, onde a pasta se apoia, e na parte inferior, um pouco levantada do sólo, uma roda de madeira, de largo diametro, á qual o operario imprime movimento com o pé.

Os olleiros de Serpa conhecem o torno pela denominação de—roda; designam o prato de pedra por—cabeça; ao eixo chamam fuso, e á roda inferior—estrado.

Trabalha o olleiro ao lado direito do torno, assentado n'uma prancha que corre horisontalmente ao longo d'uma parede. Para collocar os utensilios do officio, bem como os vasos que vae torneando, tem o operario na sua frente as «antequinas»—duas pranchas dispostas parallelamente á primeira e na mesma altura.

As tres pranchas assentam sobre duas barras de madeira (pontes) que penetram na parede por um dos extremos, apoiando-se o outro extremo n'um supporte ou pé direito cravado no chão.

Move-se o eixo, superiormente, entre uma das pontes e uma peça de madeira, curva, que denominam «cágueda»; e em baixo, o pião ou extremo inferior do eixo, gira dentro d'uma cavidade circular aberta na pedra «ralla».

Segurando a roda ao eixo, á guisa de porca, nota-se um pequeno parallelipipedo de madeira, grosso, chamado espelho.

O olleiro regula as dimensões dos objectos (quando precisa fazel-o) medindo-os com uma varinha; contorna-os com o auxilio d'um boccado de canna cortada longitudinalmente; e alisa-os servindo-se da «alpanatra», que não é mais do que uma simples tira de chapeo de lan.

*
* *

Após a elaboração vem o enxugo, que deve ser gradual e lento, e trata-se em seguida da cocção.

Os fornos de louça, quer grada quer miuda, são de systema circular, cobertos por uma abobada espherica; teem uma porta para a carga e descarga, e dois ou tres «olhaes» para a tiragem do fumo. Excavada no sólo, por debaixo da camara, está a fornalha ou caldeira cuja abobada, em grelhas de tijolo, constitue o lar.

Os fornos onde se cose a telha e o tijolo, são rectangulares e descobertos.

*
* *

Quanto a decoração, nada se faz por aqui que mereça tal nome.

Applicam o vidrado plumbeo em numerosas vasilhas, depois de cosidas, e d'ordinario interiormente, com o unico fim de as tornarem mais resistentes e menos porosas.

As vasilhas que hão-de servir de vinho, azeitonas ou carne salgada, são empesgadas, e enceradas as que se destinam para receber azeite ou aguardente.

*
* *

Como parte complementar d'esta ligeira descripção, damos adeante um mappa com as dimensões dos objectos typicos a que nos referimos. E' claro que, apenas tirámos as dimensões dos modelos observados; pois, medir todos os exemplares, maiores e menores, que do mesmo typo se fabríca, seria isso um trabalho insano, quasi impossivel de realisar.

M. DIAS NUNES.

MAPPA DE PRODUCTOS DA OLLARIÁ SERPENSE

Nome dos objectos	Diametro	Altura	Comprimento	Largura	Espessura
Talha (de 26 almudes)	0,^{m}98	1,^{m}33			
Quarto (de 9 almudes)	0,70		0,^{m}94		
Tino		0,60		0,^{m}47	
Salgadeira pequena	0,58	0,60			
Panella commum	0,23	0,21			
» de cigana	0,23	0,20			
Tigela de fogo	0,24	0,09			
Tigela de rabo	0,20	0,06			
Tigela commum	0,08	0,15			
Alguidarinho	0,41	0,14			
Alguidar (de 4 alqueires)	0,81	0,25			
Gamella	0,33	0,10			
Pellangana	0,23	0,06			
Pratinho para azeitonas	0,17	0,04			
Prato chato	0,19	0,04			
Prato para sopas	0,21	0,07			
Prato teigo	0,33	0,09			
Frigideira	0,30	0,07			
Chocolateira	0,18	0,28			
Tacho	0,26	0,07			
Almotolia (de canada)	0,16	0,27			
Azado pequeno	0,31	0,34			
Bacia de mãos	0,30	0,12			
Bacia de pés	0,45	0,13			
Bacio	0,20	0,18			
Çobridor	0,29	0,09			
Cantaro	0,36	0,51			
Funil	0,31	0,19			
Defumador	0,10	0,16			
Caço	0,10	0,14			
Cangirão (de meia canada)	0,11	0,15			
Jarra	0,14	0,22			
Lamparina	0,11	0,045			
Meia canada (medida)	0,12	0,14			
Tinor	0,18	0,23			
Tiborneira	0,25	0,09			

Nome dos objectos	Diametro	Altura	Comprimento	Largura	Espessura
Alcadéfe	0^m,25	0^m,09			
Parra	0,30	0,25			
Banco	0,14	0,17			
Infusa	0,25	0,34			
Meia quarta	0,27	0,42			
Alberto	0,17	0,24			
Albertinho	0,12	0,19			
Testo	0,14	0,03			
Fogareiro	0,25	0,19			
Barril para agua	0,33	0,26			
Braseira	0,41	0,08			
Torradeira	0,26	0,05			
Floreira	0	0,34			
Poço	0,19	0,09			
Assador	0,19	0,16			
Talha para agua	0,43	0,74			
Vaso de flores	0,29	0,41			
Mealheiro	0,12	0,14			
Bicheiro	0,17	0,19			
Cano	0,15		0^m,51		
Tento			0,13		0,^{m}07
Tarro	0,42	0,26			
Borracha		0,27		0,07	
Alcatruz	0,13	0,18			
Barranhão	0.35	0,14			
Pucaro	0,10	0,14			
Pucarinha	0,09	0,11			
Cucharro (com pé)		0,10	0,14	0,10	
Cucharro (sem pé)		0,08	0,14	0,10	
Barrica	0,33	0,52			
Pingadeira		0,06	0,27	0,13	
Tijolo commum			0,31	0,16	0,035
Baldosa			0,27	0,27	0,03
Telha			0,41	0,18	
Lambaz			0,32	0,16	0,07

M. DIAS NUNES.

A caça no concelho de Serpa

(Continuado de pag. 172)

JÁ o disse, e repito-o: a principal causa de diminuição da caça n'este concelho, é a fórma por que se destroem grandes extensões de mattagaes, queimando-os a eito. Quantos milhares de coelhos e de perdizes não morrem n'estas queimadas, que assolam tudo na extensão de muitos kilometros!... E que immensidade de sobreiros e asinheiras não são destruidos por tão condemnavel vandalismo! Quando haverá quem queira ver e remediar similhantes selvagerias?...

Alem das queimas, avulta a tolerancia protectora de differentes armadilhas, que passo a descrever muito resumidamente.

Para os coelhos, e além das piadeiras, de que já fallei, ha as ratoeiras e os arames. A ratoeira é uma armação de ferro, que desanda ao contacto do animal, por effeito d'uma mola, apanhando-o entre dois semicirculos. Os arames, como o nome indica, são laços feitos com arame, muito delgado, conhecido mesmo por arame de coelhos. Estes laços, em que os coelhos ficam enforcados, teem o nome particular de *abuizes* e armam-se nas *seitas*—veredas quasi imperceptiveis por onde os coelhos passam.

Para as perdizes ha muitas armações e chamarizes. No tempo em que as femeas chocam, chamam-se os perdigões com o reclamo ou com a perdiz engaiolada; e chamam-se os bandos, em todo o tempo, com o perdigão amestrado. (Alguns d'estes perdigões amestrados são comprados por doze a vinte mil réis.) É, a meu vêr, a fórma de caçar mais prejudicial ás perdizes.

Os laços são feitos de fio; armam-se, d'uma maneira muito engenhosa, de espaço a espaço, nos mattagaes, pondo-se entre elles uns pequenos bardos de matto para obrigar as perdizes a passarem pelo sitio desejado.

As eixós ou *ixós* constam d'uns quadrados de madeira, com duas meias portas de madeira tambem, muito delgadas e leves, que fecham por meio d'uma mola feita de cordão de cabello ou crina. Estes quadrados, sobrepostos a covas abertas no chão, em redor das sementeiras, são muito bem disfarçados com alguma terra e pasto secco; e levando bardos de matto nos intervallos, vêem-se as perdizes obrigadas a passar por cima das armações, que cedem facilmente ao peso: e lá vae a ave para dentro da cova, onde fica encerrada. A's vezes cáe mais d'uma perdiz no mesmo sitio.

No verão, quando as aguas são poucas, principalmente na grande serra, o caçador tapa com ramos de matto qualquer fonte ou pégo, deixando apenas a descoberto uma parte da agua em feitio de regueira; e na distancia conveniente faz a choça ou resguardo para aguardar, escondido, que os bandos de perdizes venham beber. Quando estas teem chegado e estão juntas no regato, o caçador dispara, matando grande numero d'um só tiro.

O mesmo acontece, tambem de verão, nas eiras. Na serra, as eiras são feitas no outeiro mais proximo da malhada, em sitio ermo; e após o recolhimento da seara sempre lá ficam, de mistura com alguns grãos de trigo e de centeio, restos de palha a cobrir o solo. O caçador, então, estende os restos de palha com uniformidade, e abre alli umas regueiras convergentes á choça ou resguardo feito, nas quaes deita uma porção de centeio para servir de engôdo ás perdizes. Espera depois a caça, occulto no resguardo, atirando-lhe de modo que ás vezes chega a matar um bando todo com um só tiro!

*

* *

Não me permitte o pequeno espaço

de que disponho alargar-me em considerações sobre as posturas municipaes d'este concelho, no que diz respeito a caça; limitar-me-hei a mencional-as.

No codigo datado de 1862, art. 139, pohibe-se caçar lebres e coelhos nos mezes de Fevereiro, Março e Abril, e tambem se prohibe—art. 140—caçar perdizes em Março, Abril e Maio. Em 1898 o senado elaborou novas posturas, em que o periodo do defeso é fixado de quarta-feira de cinzas até Junho 30, e em que se determina—que não se cace com reclamos ou quaesquer outros chamarizes, nem tão pouco com laços, furões, ratoeiras, eixós ou outras emboscadas.

Outras posturas, de 1899, consignam—além da prohibição de laços, armadilhas, reclamos, etc.—que é vedado caçar desde o 1.º de Março até 14 d'Agosto. Isto, porém, foi alterado em Maio do mesmo anno, e o defeso ficou comprehendido entre o 1.º de Março e 30 de Junho.

A. DE MELLO BREYNER.



Contos alemtejanos

O Diabo e a sogra

(Continuado da pag. 143)

EM vista da promessa do soldado, consentiram em que elle ficasse só com a princeza. Assim que o soldado se viu só, disse: «O' amigo! aqui estou a ver se cumpres a tua palavra.»

O diabo saiu immediatamente do corpo da princeza, e esta apresentou-se logo curada, ficando todos pasmados do que viam.

O diabo foi dali metter-se no corpo doutra princeza, e o soldado, carregado de dinheiro, foi gosar dois meses de licença.

A segunda princeza, assim que o diabo lhe entrou no corpo, sentiu se logo, é claro, muito doente; e como constasse, que no reino de tal havia um homem que já tinha curado uma princeza da mesma molestia, pediram ao rei dessa nação que lhes mandasse esse homem.

O rei mandou logo chamar o soldado e contou-lhe o que havia. O soldado não queria ir, mas o rei ordenou-lhe que marchasse, sob pena de morte.

O soldado, então não teve outro remedio senão marchar. Chegado a palacio, foi logo ao quarto da princeza, e, ficando só com ella, tratou de pedir ao diabo que saisse. O diabo, depois de muito instado, respondeu: «Eu não sáio porque não quero.» O soldado, ouvindo esta resposta, lembrou-se da sogra e disse ao rei: «Vossa Real Magestade ha de ordenar que ámanhã, pela manhã, repiquem todos os sinos, se puchem todos os foguetes que estiverem feitos, e salve toda a artilheria da cidade.»

No outro dia, ao romper da manhã, o diabo, ouvindo tantos repiques, tantos foguetes e tantos tiros d'artilharia, perguntou:

—«O' soldado, então que novidades ha hoje na côrte?»

—«O que ha de ser...»—respondeu o soldado—«é a tua sogra que vem chegando ao palacio.» O diabo, apenas ouviu falar na sogra, safou-se logo, dizendo ao soldado; «Olha, amigo; arranja-te cá com ella, como puderes, que eu vou-me embora para onde nunca mais oiça falar em tal mulher.»

(Da tradição oral-Brinches)

ANTONIO ALEXANDRINO.



CONTOS ALGARVIOS

AS TRES NUVENS

(Continuado de pag. 135)

Appareceu immediatamente uma nuvem preta e della desceu uma jovem.

—O que me queres? perguntou a jovem.

— Ir aos torneios e sair victorioso.

Nisto, a jovem levantou uma pequena vara, disse umas palavras e appareceu um cavallo todo preto, trazendo uma mala cheia de fatos pretos e armas de cavalleiro, bordados a ouro. Vestiu os fatos, montou no cavallo, empunhou as armas e entrou no circo, onde o rei e a rainha em throno de marfim, acompanhados da princesa, assistiram ás festas.

O mancebo fez profunda reverencia aos reis e á princesa e entrou tão valorosamente na lucta e com tanta galhardia, que se saiu della victorioso e aclamado. Immediatamente saiu da cidade, desapparecendo-lhe as vestes, armas e cavallo.

No dia seguinte, de manhã disse:

—Valha-me a nuvem parda.

De uma nuvem parda saiu uma jovem que perguntou ao mancebo o que queria.

— Entrar no torneio e sair vencedor.

A jovem levantou a pequena vara que trazia na mão, disse uma palavra e logo appareceu um cavallo pardo, trazendo em pequena mala vestes de cavalleiro, armas, tudo de côr parda. Vestiu-se, armou-se, montou no cavallo e partiu para a cidade, entrando no circo, onde foi galhardamente recebido.

Feitas as cerimonias do costume, entrou na lucta e saiu vencedor. Fóra da cidade, desappareceram armas, vestes e o cavallo.

No terceiro dia, ao chamamento do mancebo appareceu a nuvem branca, saindo d'ella uma jovem.

— O que me queres?

— Entrar no torneio e sair vencedor.

— Sim, serás vencedor, e casarás com a princesa, pois que és bom.

E ao mesmo tempo ergueu a varinha do condão e appareceu um cavallo branco, armas de cavalleiro, e vestes brancas. Entrou no torneio e saiu egualmente vencedor. Saiu do torneio, e desappareceu-lhe o cavallo, ficando, porem com as vestes e as armas.

A este tempo viu-se o mancebo cercado de muitos fidalgos e cavalleiros que o levaram á presença dos reis e da princeza. Quando o mancebo na presença das pessoas reaes tirou a viseira e os foi comprimentar foi conhecido pelos irmãos, que se comiam de inveja.

O rei, pegando na mão da princeza, dirigiu-se para o mancebo e disse:

— Ganhaste a mão de minha filha, agora t'a entrego por mulher.

Todos aclamaram o mancebo, com excepção dos seus dois irmãos, um dos quaes se atirou da janella do palacio para a rua, esmigalhando a cabeça no chão, e o outro atravessou-se no seu proprio alfange.

Quando o pai do ditoso mancebo soube da sorte do seu filho mais novo, correu ao palacio a pedir-lhe perdão. O mancebo abraçou o pai, que assistiu ao seu casamento e ficou vivendo em palacio.

Deste casamento nasceram muitos principes, todos muito bons.

Bemdito e louvado
Meu conto celebrado.

(Loulé.) **ATHAIDE d'OLIVEIRA.**



INDICE



ILLUSTRAÇÕES

Galeria de Typos Populares

Cancioneiro Musical

Musicas Populares





